O dever : coragem, paciencia e resignação / por Samuel Smiles.

Contributors

Smiles, Samuel, 1812-1904.

Publication/Creation

Rio de Janeiro : Garnier, [1880]

Persistent URL

https://wellcomecollection.org/works/my46hay2

License and attribution

This work has been identified as being free of known restrictions under copyright law, including all related and neighbouring rights and is being made available under the Creative Commons, Public Domain Mark.

You can copy, modify, distribute and perform the work, even for commercial purposes, without asking permission.

Wellcome Collection
183 Euston Road
London NW1 2BE UK
T +44 (0)20 7611 8722
E library@wellcomecollection.org
https://wellcomecollection.org

SAMUEL SMILES

O DEVER

LIVRARIA GARNIER
RIO DE JANEIRO


22102384451

Med
K40822

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/b28081365

O DEVER

CORAGEM PACIENCIA E RESIGNAÇÃO

POR

SAMUEL SMILES

Mais d'uma vez na historia da nossa Ilha,... a senda do dever abriu o caminho da gloria.

TENNYSON.

A voz do Dever abrem-se os livros do destino... o céos que tu desejas, o inferno de que tremes,... e que um e outro só de ti dependem.

T. G. WHITTIER.

LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO OUVIDOR, 109 — RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6 — PARIS

Ficam reservados todos os direitos de propriedade.

1880

32931730

WELLCOME INSTITUTE LIBRARY

Coll.	welMOmec
Call No.	WM

PREFACIO

Ha vinte e quatro annos escrevi « Ajuda-te », que foi publicado tres annos depois, em 1859. Uma circumstancia apparentemente futil deu motivo a que eu escrevesse esse livro. Fizera em Leeds algumas conferencias n'um local que antes servira de hospital provisorio de cholericos. N'ellas procurei convencer o meu joven auditorio de que a sua felicidade na vida dependia sobretudo dos proprios esforços — da cultura do espirito, da rigidez dos costumes, do dominio sobre elles mesmos; e acima de tudo do cumprimento estricto e leal do dever de cada um, que essa é a gloria principal do homem.

Os resultados d'estas conferencias excederam quanto eu ousára esperar. Alguns dos jovens que me escutaram foram mais tarde destinados a desempenhar cargos de confiança e responsabilidade, e d'elles alguns houve que attribuiram o adiantamento na sua carreira a terem-se deixado penetrar da verdade dos conselhos ouvidos.

D'esta maneira fui levado a preparar as bases d'um livro sobre o mesmo assumpto; porque alcançam mais os livros do que as palavras. Dediquei a esse trabalho os meus serões, findas as occupações do dia, e intitulei o meu livro « Ajuda-te a ti proprio » não tendo encontrado outra melhor expressão, posto que « Auxilio mutuo » parecesse talvez merecer a preferencia.

Terminada a obra, levei o manuscripto a um editor de Londres, que o devolveu com agradecimentos. Estava-se se então em plena guerra de Criméa; os livros não tinham venda; e foi só depois da publicação da « Vida de Jorge Stephenson » que pude dar á luz o « Ajuda-te » auxiliado por M. Murray.

Este meu livro recebeu o mais lisongeiro acolhimento, e devo á imprensa a mais viva gratidão, esperando que a sua apreciação não fosse exagerada. Afóra raras excepções, todos os escriptores me tributaram louvores em demasia. E comtudo não nos conheciamos.

« Ajuda-te » foi traduzido e publicado em quasi todos os idiomas da Europa e tambem em varias linguas, ou n'alguns dialectos da India, e do Japão. Na America teve maior extracção do que na Grã Bretanha, porém o autor inglez nunca chega a conhecer bem a sorte dos seus livros na America. A

contrafacção dos livros inglezes é protegida pelas leis americanas e o editor honrado de Nova-York tem de soffrer a concurrencía do editor pouco probo de Chicago. Não acerto a comprehender porque hão de ser menos honradas as leis americanas do que são os governos da França, da Allemaha e da Italia. Em todos estes paizes os direitos de autor são rigorosamente respeitados.

Passados treze annos durante os quaes me dediquei a outros trabalhos, escrevi e publiquei « O caracter », obra em que puz em relevo as mais nobres e generosas qualidades do homem e da mulher, e na qual citei numerosos exemplos copiados das vidas mais edificantes de todos os tempos, afigurando-se-me ser essa a melhor maneira de incutcar bons sentimentos no animo da gente moça. « Alguns ha que pedem », disse Isaac Disraeli, « as obras d'um autor e não as anecdotas da sua vida; mas eu sempre tive por mais interessantes as anecdotas do que as obras. » Esta tem sido a norma da minha vida litteraria. « Não é nos feitos mais heroicos », diz Plutarco, « que melhor se descobrem os vicios ou as virtudes do homem, mas antes n'uma acção de pequena importancia, n'um dito, n'um gracejo. Estes actos, na apparencia insignificantes, dão melhor a saber o verdadeiro caracter do individuo do que

uma grande batalha ou outra qualquer façanha. »

Decorridos cinco annos, publiquei « A Economia », obra em que engrandeci a dignidade do trabalho e em que preconisei a economia como meio seguro de adquirir independencia; o gasto moderado tendo em vista o futuro da familia; as vantagens d'uma vida honesta, sóbria e viril; em que patenteei os horrores da embriaguez, que arrasta comsigo tantas miserias, e inculquei o amor da virtude, da moralidade e da religião. Creio que d'esse meu livro resultarão grandes bens. D'então para cá têm-se fundado muitas instituições em vista da Economia Nacional e creado Caixas Economicas em lugares aonde antes não existiam.

Passaram outros cinco annos, e hoje publico « O Dever », ultimo livro d'esta serie. Tenho fé que será de utilidade igual á das obras que o precederam. Eu, pela, minha parte, apurei o ultimo facho do meu entendimento para colher esse appetecido resultado.

O leitor encontrará n'estas paginas a recopilação de muitos factos heroicos de que póde fazer espelho para a sua vida no futuro.

Os grandes exemplos são grandes legados que produzem avantajados beneficios. Do que consta o homem ter feito, deduzimos o que elle póde fazer.

Não ha vida bem vivida em que se não dispendesse uma grande somma de energia.

O homem perfeitamente zeloso do cumprimento do seu dever, qualquer que seja a esphera em que se agite, deve ser igualado ás individualidades de maior conta.

Resplandece o Dever no céo recamado de estrellas... E as obras de misericordia, palavras, dons que consolam... são flôres com que amenisamos o caminho es cabroso da vida.

Londres. Novembro de 1880.

SUMMARIO

Capitulo primeiro.

O Dever. — A Consciencia.

A esphera do Dever. — O soldado de Pompeia. — O *Birkenhead*. — Um legislador Americano. — Bases do Dever. — A Liberdade. — A consciencia. — A força de vontade. — A religião. — O dominio sobre si mesmo. — O melhor governo. — Considerações de Pascal sobre a vida. — A doutrina de Socrates. — Platão. — O ideal do Novo Testamento. — O Dr Macleod. — A reputação..... Pagina 1

Capitulo II.

O Dever em acção.

O Dever em casa. — A direcção da vontade. — Homens sem caracter. — Considerações de Locke sobre a vontade. — O ensino e a moralidade das escolas. — A liberdade do homem. — O trabalho que ennobrece. — Os obstaculos. — A preguiça. — Um desatino. — Resolução e valor. — O professor Wilson. — Vacillações. — Os pessimistas. — Milagres do genio. — A cultura. — A apathia cultivada. — A indifferença. — Goethe. — A capacidade intellectual. — Considerações de Lady Verney sobre a litteratura. — A educação no lar domestico. — Reflexões do Barão Stoffel sobre a educação. — O « Diluvio »..... Pagina 28

Capitulo III.

A Honradez. — A Verdade.

A mentira. — A mentira leve. — Regulo, o Romano. — Considerações de Platão e de Marco Aurelio sobre a verdade. — A honradez nos negocios. — A decadencia das fabricas. — Os Chinezes. — Os Americanos. — A advertencia do Barão Dupin. — A competencia. — A qualidade da obra. — A mentira no fornecimento da obra. — A opinião de Socrates sobre a perfeição da obra. — Wedgwood. — Thomas Brassey. — As *gréves* e os tempos difficeis. — Mr. Holyoake. — Modo de enriquecer na America. — A America sem aprendizes. — A decadencia do commercio. — As fraudes do commercio. — A fallencia dos Bancos. — O banqueiro de Tipperary. — Reflexões do Bispo de Peterborough sobre a adoração das riquezas. — A falta de probidade da Pensylvania. — A integridade do Illinois — Honradez d'um camponio allemão..... Pagina 59

Capitulo IV.

Homens que não se vendem.

A gente que não tem principios. — O charlatanismo francez. — As commissões illicitas. — A falta de homens honrados. — A corrupção no estrangeiro. — Os Americanos. — Os homens justos. — Aristides e Phocion. — Demosthenes. — Diocleciano. — Outros homens que não se vendem. — André Marvell. — Ben Johnson. — Goldsmith. — O guineu de Pultney. — O Conde de Chatham. — William Pitt. — Chamillard. — Sir Arthur Wellesley. — O Marquez de Wellesley. — Sir Charles Napier, — Sir James Outram. — Lord Lawrence. — Sir Humphrey Davy. — Faraday. — A casa Rothschild. — Macaulay..... Pagina 89

Capitulo V.

Valor. — Resignação.

O valor e a cobardia. — Sir Philip Sydney. — Homens pacientes. — O valor do martyrio. — São Pancracio. — Os christãos primiti-

vos. — As carnificinas em Roma. — A coragem de Telemach. — A decadencia de Roma e da Grecia, — Os effeitos do Christianismo. — A perseguição pelo dogma. — A Hespanha. — Philippe II. A perseguição em França. — A carnificina de Sã-Bartholomeu. — A revogação do Edicto de Nantes. — A vasta área do martyrio. — O distinctivo do caracter dos Huguenotes. — Os martyres de Inglaterra e Escocia. — A origem da tolerancia. — William Penn. — A apologia de Jeremias Taylor. — Os homens de sciencia, Bruno, Copernico, Galilêo, Kepler, Colombo. — Victorias e derrotas. — Leonidas, Judas Macchabêo. — Arnaldo de Winkelfried. — As mulheres Suissas de Partigäu. — Wallace, Bruce. — Excommunhão de Bruce. — Cerco de Orleans. — Joanna d'Arc..... Pagina 117

Capitulo VI.

Constancia. — Savonarola.

Arnaldo de Brescia. — Dante. — O seu exilio. — Estado da Italia — Savonarola despede-se da sua casa. — Os seus sermões. — A sua ida para Florença. — Lourenço de Medicis. — Savonarola, Prior de São Marcos. — Sermões no Duomo. — A sua influencia. — Morte de Lourenço. — Pedro de Medicis. — Os francezes invadem a Italia. — A republica proclamada em Florença. — Reforma dos costumes. — Savonarola ameaçado de morte. — Offerece-se-lhe o barrete cardinalicio. — O papa excommunga-o. — Ataque ao convento de São Marcos. — Savonarola rende-se. — Ultima exhortação. — O seu martyrio, a pena de exautoração, e a morte. — Cousas interessantes a visitar em Florença..... Pagina 161

Capitulo VII.

O Marinheiro.

O valor dos marinheiros. — Educação que recebem no mar. — O mar abre novas vias ao commercio. — Sir Samuel Baker. — Os marinheiros descobridores. — Navegantes Portuguezes, Hollandezes e Inglezes. — Uma grande raça de marinheiros. — A Armada Invencivel. — Sir Francis Drake. — Drake ataca a Hespanha. — Força de Armada. — Approximação da costa. — Com-

bate pelo canal acima. — A Armada parte para Calais. — Investidas. — Destruição da Armada. — Sir Ricardo Grenville. — A força e o commercio maritimos. — Napoleão e Nelson. — O Capitão Riou. — O Capitão Knowles do *Northfleet*. — O *Londres*. — M. Plimsoll. — O Capitão Freemantle do *Invencivel*. — O Capitão Sharp e João M' Intosh. — João Maynard no Lago Erie. — Os *Sarah Sands*. — Os pharôes. — O Smalls. — O Eddystone. — O Skerryvore. — O primeiro salva-vidas. — Gente soccorrida pelos salva-vidas. — O *Van-Kook*. — Acto de coragem em Fraserburgh. — Dedicação no Great Yarmouth ..... Pagina 192

Capitulo VIII

O Soldado.

A Vida de Dever. — Henrique IV. — Turenne. — Von Moltke. — O cavalleiro d'Assaz. — Grandes homens que foram soldados; Socrates, Eschyles, Sophocles, Xenophon, Cesar, Horacio, Dante, Pedro o Eremita. — Chaucer, Buchanan, Ben Johnson, Philippe Sydney, Algernon Sydney, Davenant, Lovelace, Withers, Bunyan, Otway, Farquhar, Steele, Coleridge, Sotheby, Cobbett, Lee, Murchison. — Os grandes soldados de Hespanha: Lope de Vega, Cervantes, Calderon, Mendoza de Santillana, e outros. — O poeta Camões. — Loyola, Descartes, Maupertuis, Malus, Niepce, Droz, Lamarck, La Rochefoucauld, P. L. Courrier. — O cavalleiro Bayard. — O general Washington. — O Duque de Wellington. — A sua opinião sobre o Dever. — A sua obediencia, coragem, paciencia; a sua longa resignação. — Estorvos que encontrou em Portugal e Hespanha. — A sua benevolencia, imparcialidade, justiça e veracidade. — Wellington e Napoleão. — Von Stein na Prussia. — Carlos Alberto e Victor Manoel na Italia. — Os Russos na Turquia. — Horrores da guerra..... Pagina 236

Capitulo IX

Heroismo na pratica do bem

A virtude e o valor. — O sacrificio de si mesmo. — O infortunio. — As occasiões de fazer o bem. — A peste. — Epimenides. — O cardeal Borromêo. — A primeira escola do Domingo. — A peste em Londres. — O bispo Moston em York. — O Dr Hodges

e a peste. — O Rev. W. Mompesson em Eyam. — Os typhos em Leeds. — Morte de alguns homens de bem. — Os cirurgiões no campo de batalha. — Larrey. — Salsdorf. — O Dr Thompson em Alma. — O Dr Kay em Benares. — Os officiaes no Derbyshire e Hopper em Moultam. — O frade em Cadix. — A heroina de Matagorda. — O tratamento dos enfermos em tempo de guerra. — Miss Nightingale em Scutari. — Miss Stanley em Therapia. — Miss Florence Lees junto a Metz. — Hospitaes de sangue. — Miss Carpenter. — Miss Chisholm. — Gracia Vernon Bussell. — Helena Petri das Shetlands. — Gracia Darling... Pagina 282

Capitulo X

A Sympathia.

São João e as crianças. — Vantagens da sympathia. — A sympathia e a philantropia. — Apreço exagerado do dinheiro. — Goethe e o soffrimento. — O bispo Wilberforce. — O Dr Norman Macleod. — A parte leste de Londres. — Eduardo Denison. — José de Maistre. — Reflexões do juiz Talford sobre a sympathia. — Os patrões e os empregados. — O serviço domestico. — Annie Mackay. — O desleixo. — A economia politica e o contracto entre o amo e o servo. — Os Utilitarios. — Opinião de Burns sobre a riqueza. — O criado de Miguel Angelo. — O desvelo e a bondade. — Os venezianos. — A familia. — A paciencia. — Faraday. — Carlos Lamb e a irmã. — Lady Watson e o seu esposo. — Uma mulher nunca esquecida. — Uma festa de caridade methodista. — Considerações de Mr Collyer sobre a força da sympathia. — O Dr Martineau e o Christianismo. — Os pobres. — Roberto Raikes e as escolas dos Domingos. — José Lancaster. — Maria Anna Clough, a rapariga da feitoria. — A associação dos rapazes da fundição de Glasgow.... Pagina 322

Capitulo XI

A Philantropia.

A força physica. — A força da brandura. — Heine e os leprosos. — São Vicente de Paula. — João Howard. — As condições dos presidios. — Mrs Fry. — Mrs Tatmall. — Mrs Edmonds em Sing-

sing. — O capitão Pillsburg. — Thomas Wright em Manchester — Rehabilitação dos condemnados. — José Hume e a abertura dos lugares publicos. — A Exposição universal. — A confiança nas massas populares..... Pagina 359

Capitulo XII

O Heroismo nas missões.

Opinião do Duque de Wellington sobre as missões. — A carreira do missionario. — A missão de Agostinho na Inglaterra. — O paganismo no Norte da Inglaterra. — Conversões devidas a Paulino. — O discurso d'um guerreiro. — Os missionarios na Europa, na China e na Africa. — São Francisco Xavier. — Las Casas nas Indias Occidentaes. — Conversão dos Indigenas. — O Dr Moffat em Africa. — O Dr Livingstone. — As Ilhas da Polynesia. — João Williams. — A associação dos Missionarios em Londres. — O ensino da industria. — A construcção d'um barco. — Gatos e ratos. — John Williams volta a Inglaterra. — O martyr de Erromanga. — O bispo Selwyn. — O bispo Patteson. — As suas viagens. — Os seus trabalhos. — A sua morte em Nakapu. — Commodore Goodenough. — Jonathan Edwards ..... Pagina 397

Capitulo XIII

A Caridade para com os animaes.

A crueldade. — As touradas. — A acção de Ricardo Martin. — Os passaros em Hirlingham. — As azas dos passaros. — Protecção dispensada ás aves bravas. — Os alcyões na India. — A volateria em Norway. — A captura das calhandras. — Protecção dada ás calhandras em Aberdeen. — Leonardo de Vinci. — Os antigos anachoretas. — São Francisco. — A caridade com os passaros. — As batidas de caça. — Napier e Outram. — Alberto de Senna. — A destruição dos passaros em França. — A crueldade dos collegiaes. — O burro. — O raciocinio do cão. — A sua consciencia. — Os seus affectos. — O cão Bobby. — Sir Walter Scott e o cão. — Cães notaveis. — Os cães de Pompeia e de Herculanum. — Melhores os brutos do que os homens. — Androcles e o leão. — Considerações de Voltaire. — O velho

Tabby. — Thoreau e os animaes. — Theodoro Parker. — O « Cruiser ». — Mr Rarey. — Non é Cristiano. — Cousas que se vêm em Napoles. — Os cavallos em Londres. Miss Lisetta Rest. — A crueldade para com os cavallos. — O cavallo de guerra..... Pagina 437

Capitulo XIV

Humanidade com os cavallos. — E. F. Flower.

A escravidão do cavallo. — O cavallo em França. — O bridão. — O missionario dos cavallos. — A camara dos tormentos. — Reflexões de Mr Flower sobre *ponies* e cavallos. — Partida para a America. — O desembarque em Nova York e Philadelphia. — Preparos de expedição. — Jornada para o poente. — Os montes Alleghanys. — Pittsburg. — Jangadas sobre o Ohio. — Cincinnati. — Lexington. — Mr. Henry Clay. — Os escravos. — Os Rappitas. — Os prados. — A vivenda no remoto occidente. — A falta de viveres. — O Wabash atravessado a nado. — O Warrington, Albion. — A educação de Eduardo. — A caça ao veado. — O urso. — Augmento da colonia. — Os negros. — Conflictos com os negreiros. — Aventuras. — Os negreiros conseguem assassinar Flower. — O resultado. — Partida para Inglaterra. — *Little Penn*. — Educação em NewLamark e Londres. — Eduardo entra no commercio, casa-se, e prospera. — Esforços para combater o uso de atormentar os cavallos. — O freio e o bridão. — A moda e a caridade. — Resultados dos trabalhos de Mr. Flower..... Pagina 469

Capitulo XV

A Responsabilidade.

O dever e a vida. — O auxilio mutuo. — O exemplo. — A negação. — A sciencia na fé. — O homem inutil. — Influencia do caracter. — Perthes. — O adolescente. — A eternidade das palavras e dos exemplos. — O bem e o mal. — Os mão livros. — A responsabilidade dos autores. — O livro pernicioso. — A novella damninha. — O livro escarnecedor. — Os romances de Scott. — Carlos Dickens. — O livro é uma voz que não se apaga. — Palavras de Wordsworth. — A fabula de Kriloff, « O Escriptor e o Ladrão.»..... Pagina 499

Capitulo XVI

O Fim.

A juventude e a velhice. — A invisivel mensageira. — Wilkie no Escorial. — Frederico o Grande. — O Grande Cyro. — Xerxes. — Periclse. — Mahmoud, o Ghizneride, — O fabricante de Manchester. — Carlos IX. — Sydney Smith no castello Howard. — O Cardeal Mazarino. — Sir Harry Vane. — Sir Walter Raleigh. — O marechal francez. — Sir John Moore. — Sir Walter Scott. — Kant á hora da morte. — Considerações de Jeremias Taylor sobre a vida. — A verdadeira vida do homem — São Francisco de Assis. — Ultimas palavras de Sir Walter Raleigh.. Pagina 513

O DEVER

CAPITULO PRIMEIRO

O Dever — A Consciencia.

« Caminhava escoltado par um valoroso campeão... — A Consciencia. » — Milton.

« Póde variar a lingua,..., variar a raça tambem..... porém o Dever é immutavel... brilha sempre diante dos teus olhos... com luz constante que allumia as trévas,..... e dá realce aos dias claros da vida. » — A. Ode da vida.

« Porque calumnias o mundo? O mundo é bello aos olhos da perfeita razão, e se a ti te apparece impuro e máo, é por seres máo e impuro n'um mundo bom. — Marcilio Ficino.

O homem não vive só para si. Vive tanto para proveito dos mais como para proveito proprio. Todos têm deveres a cumprir — tanto o rico como o pobre. Para alguns a vida é um gozo, para outros é uma dôr. Porém os homens melhores não vivem para gozar nem para ganhar fama. O que os move é a esperança de serem uteis a uma boa causa.

Hierocles diz que cada um de nós é um centro circumscripto por muitos circulos concentricos. O primeiro circulo comprehende pais, esposa e filhos.

O segundo abrange os parentes e amigos; vêm depois os concidadãos; e emfim toda a raça humana.

O cumprimento do nosso dever para com Deos e para como o homem d'uma maneira consequente e constante requer a cultura de todas as faculdades que recebemos de Deos. É d'Elle que recebemos tudo. Elle é a Vontade suprema que instrúe e rege a nossa vontade. É o conhecimento do bem e do mal, do que é justo e do que é injusto, que hoje nos torna responsaveis perante a sociedade e amanhã perante Deos.

A esphera do Dever é infinita. Existe em todas as estações da vida. Não nos é concedido escolher o sermos ricos ou pobres, felizes ou desgraçados, mas pertence-nos cumprir o dever que encontramos a cada passo. Aceitar o cumprimento do dever a troco de qualquer sacrificio é a essencia da mais acrisolada civilisação. Devemos como nos passados tempos consagrar o nosso trabalho, as nossas esperanças, a nossa vida á execução de alevantados feitos.

Muitas vezes comparamos a ideia do Dever com a responsabilidade do soldado. Recordamos a sentinella pagã de Pompeía que morreu no seu posto em quanto a cidade se sepultava nas cinzas de Vesuvio, ha mil e oitocentos annos. Fugiram todos, e ella conservou-se no seu posto. Cumprio o seu dever. Haviam-na encarregado de vigiar a praça, e não vacillou. Suffocaram-na os vapores sulfúreos das cinzas ardentes que resvalavam. O corpo tornou-se-he em pó, mas a sua memoria sobrevive O escudo, a

lança, o peito d'armas que elle usava, vêm-se ainda no Museu Borbonico em Napoles.

Este soldado era obediente e fiel á disciplina. Cumprio a sua missão. Quem quer obrar bem, deve aprender a obedecer aos pais, aos mestres, aos superiores. A infancia deveria começar por aprender a obedecer Porém a idade não dispensa da obediencia. Devemos ser obedientes até ao fim. O Dever na ua mais pura accepção é de tal maneira determinado e peremptorio, que no seu cumprimento nunca pensamos em nós mesmos. Tal é o Dever. Tem de ser cumprido sem ideia de sacrificio.

Invoquemos uma data muito mais recente do que a do soldado em Pompeia. — Logo depois de chegar a Inglaterra a noticia de que o *Birkenhead* fôra a pique nas costas d'Africa, e de que os seus bravos marinheiros davam uma salva ao tempo que se submergiam nas ondas, fôra o Duque de Wellington assistir a um banquete da Real Academia. Macaulay exprime-se do seguinte modo : — « Notei que o Duque tecendo o elogio dos infelizes naufragos nunca se referia ao seu valor, senão á sua obediencia e disciplina; e tantas vezes o repetiu, que conclui que para elle a coragem é uma consequencia natural da subordinação. »

O Dever é dedicado. Não é só destemido. O gladiador que com coragem de leão luctava com a fera, sentia-se estimulado pelo enthusiasmo dos espectadores, e não se esquecia de si, nem das promettidas recompensas. Pizarro foi um destemido; porém no

meio das suas duras provas, o amor do lucro não deixava de o mover. « Desejais ser grandes? » pergunta Santo Agostinho. « Começai por ser pequenos. Desejais construir um edificio vasto e elevado? Pensai primeiro nas bases da humildade. Quanto mais levantada fôr a construcção, mais fundos devem ser os alicerces. A corôa da formosura é a modestia. A melhor parte do dever cumpre-se em segredo, longe dos olhos dos homens. Trabalha-se a sós com dedicação e nobreza. Não se segue a rotina da moralidade mundana. Não se faz fallar de si. Adopta-se uma crença mais dilatada, um codigo mais amplo, ao qual se obedece considerando todas as acções, e toda a vida do homem como uma obrigação contrahida para com a humanidade. As nossas acções mais indifferentes são dividas que tarde ou cedo a humanidade tem de pagar.

Mas, como se aprende a satisfazer ao nosso dever? Primeiramente, ha o sentimento persistente e constante do nosso dever para com Deos. Seguem depois outros: o dever para com o proximo, os deveres dos amos a respeito dos servos, os dos servos a respeito dos amos; deveres para com os nossos iguaes, deveres para com o Estado, que tem tambem deveres a satisfazer a respeito do cidadão.

Muitos d'estes deveres são cumpridos privadamente. A nossa vida publica póde ser conhecida de todos, mas ha na vida privada aquillo que occultamos a todas as vistas — a vida intima da nossa alma e do nosso pensamento. Podemos optar por

viver digna ou indignamente. Nada póde anniquilar a nossa alma, que só perece pelo voluntario suicidio. Se conseguirmos tornar-nos a nós mesmos e ao proximo um pouco melhores, um pouco mais santos, teremos feito talvez o maximo que estava ao nosso alcance.

Eis a maneira pela qual um legislador Americano se conservou fiel no seu posto.

Poude observar-se, haverá pouco mais ou menos um seculo, um eclipse de sol na Nova Inglaterra. Obscureceram-se os céos por tal fórma que muitos julgaram chegado o dia do Juizo.

Succedeu que se estava celebrando uma sessão na Camara de Connecticut, e ao cerrar-se a escuridão, um dos membros propoz o adiamento da sessão. Ergueu-se então promptamente um antigo deputado Puritano, Davenport, da Escossia, dizendo que se era effeitivamente chegado o ultimo dia, desejava permanecer no seu posto e no seu dever, e por esse motivo propunha que acudissem com luzes para facilitar o proseguimento do trabalho. Conservar-se no cumprimento do Dever, era a divisa d'esse homem sabio cuja proposta prevaleceu.

Havia outro homem de compleição fraca que dedicava uma grande parte do seu tempo a obras philantropicas. Visitava os enfermos, acompanhava-os nos seus casebres, cuidava-os, ajudava-os de diversos modos. Os seus amigos censuravam-n'o por abandonar os seus negocios, e ameaçavam-n'o com a doença que elle contrahiria por certo pelo con-

tacto com os doentes, e moribundos ; mas elle respondeu-lhes com simplicidade e firmeza : « Olho pelos meus negocios por amor da minha mulher e dos meus filhos ; mas considero que o dever do homem para com a sociedade, requer que cuidemos dos que são para nós estranhos. »

Taes eram as palavras d'um cumpridor dedicado do dever. Não é o homem que dá o seu dinheiro que é o verdadeiro bemfeitor do seu semelhante, mas o homem que se dá a *si proprio*. Celebra-se o homem que reparte o seu capital, ama-se aquelle que reparte o seu tempo, as suas forças, a sua vida. O primeiro póde ficar lembrado, e o segundo ser esquecido: mas o bom grão que este semeou, cresce, e perpetua-se.

Em que base se funda o Dever ? Jules Simon escreveu uma obra valiosa *Le Devoir*, na qual faz depender o dever da liberdade. O homem deve ser livre para cumprir as suas obrigações, e assentar os principios do caracter que o individualisa. Tem a liberdade de pensamento ; deve ter a liberdade de acção. Ao mesmo tempo a liberdade póde ser empregada para fazer mal de preferencia ao bem. A tyrannia de muitos é peior do que a tyrannia d'um só. Thoreau, o Americano, diz que a liberdade moderna é unicamente a troca da escravidão do feudalismo pela escravidão da opinião.

A liberdade, igual para todos, é de moderna invenção[1]. Nas epocas remotas, os homens considerados

1. Crer que o trabalho não é honrosa occupação, é uma reminiscencia dos velhos tempos pagãos e feudaes, em que se abandonava a charrua aos escravos e em que

« livres » gozavam do direito de serem servidos por escravos. Existia a escravidão no Estado, e tambem na familia. Existia tanto nas republicas como nas monarchias. Catão o Maior, e primeiro politico da Republica Romana, poz em vigor o expediente de desembaraçar a Republica dos escravos velhos para evitar os gastos que originavam ao Estado. Por isso os escravos doentes ou impossibilitados eram exportados para a Ilha de Esculapio, no Tibre, aonde os deixavam succumbir á molestia ou perecer á mingua. Na Roma Imperial, o Populus Romanus vivia da caridade publica. Em Inglaterra tambem, quando se aboliu a escravatura e os pobres ja não eram sustentados pela generosidade dos mosteiros, estabeleceu-se uma lei que era apenas uma compensação do detrimento da liberdade.

Ha uma palavra mais eloquente do que essa de Liberdade — é a palavra Consciencia. A sua força tem sido apregoada desde os principios da civilisação. Menandro, o poeta grego que vivia trezentos annos antes de Jesus Christo, todos os dias o declarava. —

só os villãos lavravam a terra. Vejamos a definição que davam os Romanos da nobreza : *gentem habent soli cujus parentes nemini servierunt*. São nobres sómente aquelles cujos ascendentes nunca serviram. A ideia que prevalece na Republica da America do Norte de que o sangue d'escravo contamina mesmo a afastada distancia de parentesco, é decidamente de origem romana. « Cara plebe allemã, dizia Hêine, » ide á America. Ali não encontrareis principes nem nobreza, todos os homens são iguaes, á excepção, é verdade, d'alguns milhões d'individuos de côr negra, ou cobriça, que esses são tratados como cães. Aquelle que tiver a mais remota mistura de raça negra, que já na côr se lhe não distingue mas no particular das feições, esse terá de sujeitar-se ás mais duras humilhações..... Haverá sem duvida muitos corações generosos que lamentem em silencio esse egoismo, e essa injustiça, mas se pretendessem reagir contra taes preconceitos, arriscar-se-hiam a tormentos de que não ha idéa na Europa. »

« Dentro em nós », dizia, « existe um deos — a Consciencia. » Dizia ainda : « Viver só para si, não é viver. Quando obrares bem, mostra-te satisfeito, certo de que Deos é a favor de todo o animo justo. A riqueza de coração é a unica de que o homem carece. »

A consciencia é aquella faculdade da alma que se póde chamar o instincto religioso. Revela-se em primeiro lugar quando nos apercebemos da lucta que em nós existe entre a parte superior e a parte inferior de nós mesmos — da lucta do espirito contra a carne — do bem querendo esmagar o mal. Olhemos indifferentemente ao redor de nós, ou dentro ou fóra da igreja, é a mesma guerra sempre — lucta de vida ou morte; homens e mulheres estorcendo-se na agonia de amar o bem sem conseguir alcançal-o.

A Religião nasceu d'essa experiencia — lei sublime que nos conduz áquelle que a lei da Consciencia representa. « Toda religião, diz o Conego Morley, é fundada sobre o conhecimento profundo do nosso sêr. O homem reconcentrando-se, observando os combates que n'elle travam desencontradas paixões, d'ess'arte aprende a conhecer-se a si proprio e d'ahi passa a conhecer a Deos. » O homem está pois habilitado a distinguir o bem do mal. Póde escolher entre os dous. E porque tem a liberdade da escolha, assume d'ella a responsabilidade.

Qualquer que seja a theoria que o homem professa, é certo que nenhum sente que as suas acções se lhe impõem necessaria e inevitavelmente. Não existe

pressão sobre a nossa vontade. Sabemos que não ha força magica que nos constranja a obedecer. « Sentimos », diz João Stuart Mill, « que podiamos, se quizessemos, provar que temos força sufficiente para resistir ao impulso que nos move; e pensar d'outro modo humilharia o nosso orgulho, e tolheria as nossas aspirações. »

As nossas acções são susceptiveis de direcção; se o não fossem, para que haveria as leis que por todas partes se prescrevem? Prescrevem-se para que se lhes dê cumprimento, por ser crença universal e facto tambem universal que os homens lhes prestam ou não obediencia conforme lhes apraz. Conhecemos todos nós que os nossos habitos e as nossas tentações não nos governam, mas que nós os governamos. Cedemos-lhes, mas com a consciencia de poder resistir-lhes, e de que se quizessemos libertar-nos d'ellas completamente, não careceriamos d'um desejo superior áquelle de que nos sentimos capazes.

Para gozar de mais completa liberdade espiritual, carece o espirito de ser esclarecido pelo saber. A responsabilidade do homem augmenta com a illustração do entendimento e com o vigor da consciencia. Elle proprio se submette ao influxo da Vontade Suprema e obra n'essa conformidade — não por constrangimento, mas com alegria; e a lei que o rege é uma lei de amor. A consciencia do seu ser toma amplitude n'esse acto de fé que implica conhecimento e confiança. Comprehende que, pelo seu

livre arbitrio, deposita a sua confiança na Divina Vontade, obra na conformidade d'essa fé, e d'esse modo pratica o bem e segura para o futuro o melhor dos bens.

« O homem que não tem religião », diz o Arcediago Hare, « não resiste ás circumstancias; — mas a religião, que lhes é superior, colloca o homem acima dos azares da vida. » — E Thomaz Lynch no seu Theophilus Frinal diz : « Para sermos livres temos primeiro de crear raizes. A bolota tem de persistir na terra para que d'ella saia o carvalho. O homem crente é aquelle que lançou raizes — em Deos; as nossas obras dão testemunho do nosso coração posto em Deos. » Lemos no Novo Testamento : « Aonde está o Espirito do Senhor, está a liberdade. » E Comper escreveu :

« É livre aquelle que a verdade liberta. — E todos os mais são escravos. »

Aonde não existe reconhecimento da lei divina, o homem obedece aos sentidos, á paixão, ao egoismo. Sabe que faz mal acariciando uma propensão viciosa. A consciencia reprova-o. A lei da natureza brada contra elle. Reconhece ter commettido o peccado com deliberação. Porém a força de resistencia diminuiu. Já para o futuro, quando sobrevenha a tentação, é menor o combate. O habito fica adquirido. E o peior que resulta do delicto commettido, é que se propaga, e para novos delictos.

Porém a consciencia não acabou. Não se lhe póde abrir uma cova e dar sepultura.

Podemos calcal-a aos pés, mas ella sobrevive.

Todo o peccado ou crime tem no momento de ser perpetrado, um anjo disposto a tomar d'elle vingança. Não podemos fechar os olhos para o não vermos, nem cerrar os ouvidos para o não ouvirmos. « D'ahi vem que todos nós somos tementes á nossa consciencia. » Chega o dia do juizo em que, mesmo n'este mundo, ella se levanta para nos reprehender, e advertir que tornemos ao caminho do bem.

A consciencia é permanente e universal. É a essencia do caracter individual. Fornece ao homem os meios de se dominar a si proprio — a força para resistir ás tentações e desafial-as. Nós todos somos obrigados a desenvolver a nossa individualidade, a trabalhar para encontrar o bom caminho, e a seguil-o. Temos a possibilidade de o fazer, de sermos independentes, e não o echo d'outras individualidades, nem o reflexo de condições inferiores, nem o espirito das convenções do momento. A dignidade humana consiste no dominio sobre si proprio — na sujeição das forças inferiores ás forças superiores do nosso sêr.

Só pelo influxo da consciencia — no sentido do dever cumprido — é que podemos obter o habito de nos analysarmos e dominarmos a nós mesmos. A consciencia é a unica que rehabilita o homem e o livra da força das suas paixões e tendencias. Proporciona-lhe os seus melhores interesses. É sómente no cumprimento do dever que póde ser encontrada a verdadeira felicidade que vem mitigar as fadigas do trabalho, e coroar o bem que fizemos.

Na sua significação mais dilatada, a consciencia ordena ao homem que faça aquillo que lhe origina maior felicidade, e prohibe-lhe fazer o que o arrasta á desventura. « Ha entre a gente civilisada pouca ou nenhuma », diz Herbert Spencer, « que combata a idéa de que obrar bem é ir de accordo com a Vontade Divina. Esta doutrina é ensinada por todos os mestres de ensino religioso; é admittida por todos os moralistas; podemos, pois, consideral-a como uma verdade reconhecida. »

Afóra a consciencia, não existe para o homem outro motor de acção além do prazer. Faz o que mais lhe apraz — movido pela sensualidade ou pelo sentimento deleitoso do gozo intellectual. Não viemos a este mundo para seguir as nossas inclinações, para nos comprazermos tão sómente na realisação dos nossos desejos. A natureza inteira brada contra tal opinião. O espirito nunca deve estar sujeito á parte inferior de nós mesmos. Não haveria dedicação, abnegação ou dominio sobre si proprio — excepto no que contribuisse a evitar as consequencias da lei humana.

Uma raça d'estas condições com a intelligencia e as paixões que constituem o homem, e privada da superior influencia da consciencia para governar as suas acções, cahiria na mais desconcertada anarchia, e terminaria por destruir-se entre si. Já vimos alguns d'esses resultados na louca barafunda dos recentes acontecimentos dos Nihilistas na Allemanha e na Russia, nos incendios e na destruição de Paris

pela Communa. Principios d'essa natureza, a prevalecerem na sociedade, não podem conduzir senão á completa desmoralisação — do individuo, da sociedade, e da nação.

Não resta senão incitar o homem ao cumprimento do Dever. Coube aos nossos antepassados conquistar o direito a nós compete ensinar e propagar o dever. Inculcai tambem a justiça — esse reflexo da virtude, e a benevolencia, sua companheira. Existe nos Evangelhos uma sentença que nos vem sempre á memoria, e que devia ser inscripta em todo o livro de moral :

« Faze ao proximo como queres que te façam, e não lhe faças o que não queres que te façam ».

Vale a pena observar que na vida, diz Guilherme von Humboldt, « quando não temos em demasiado apreço a felicidade, ou não receamos com excesso a desventura, mas nos entregamos completamente á estricta e ininterrompida execução do dever, espalha-se sobre a nossa vida uma felicidade tranquilla que surge mesmo d'entre trabalhos, anciedades e privações ».

« Que dever é o teu? » pergunta Gœthe. — « Levar a cabo o trabalho que tens de fazer hoje. » Este é, porém, um conceito em demasia limitado. « Que fórma de governo é a melhor? » pergunta elle tambem. « Aquella que nos ensina a governar-nos por nós mesmos. » Plutarco disse ao Imperador Trajano : « Começai por governar-vos a vós mesmo, e assentai as bases da vossa administração no dominio

sobre as vossas paixões. » Quadram aqui bem as palavras, dominio sobre si proprio, dever, e consciencia. » Virá tempo », dizia o Bispo Hooker, « em que tres palavras proferidas com caridade e doçura, colherão muito maior recompensa do que tres mil tomos escriptos com desdenhosa agudeza do espirito. »

É proveitoso para a nossa alma o pormos a mira em acções executadas por amor, e não por egoista interesse, mas por dever, caridade e amor do proximo. Muitas cousas ha que o amor emprehende, e que valem mil vezes mais do que as que o interesse inspira. Essas incitam ao heroismo, e á abnegação. Estas acabam com o ganho. O dever comprado vale pouco. « Considero acima da riqueza, da honra, e mesmo da saude, diz o Dr. Arnold, o affecto devido ás almas boas; porque o sermos um com quem é bom, generoso e verdadeiro, é d'algum modo sermos bons, generosos e verdadeiros tambem. »

Todos nós temos serviços a prestar a nós mesmos ndividualmente e aos que nos rodeiam. Vale com effeito para bem pouco a vida, se a não sanctificamos pela pratica do dever. « Põe á prova essas qualidades », disse Marco Aurelio Antonino, « que tens ao teu dispôr — sinceridade, seriedade, constancia no trabalho, afastamento dos prazeres, contentamento com a tua sorte e com poucos haveres, benevolencia, franqueza e magnanimidade. »

Póde existir a mais bella intelligencia sem uma parcella de magnanimidade. Esta procede da força

mais superior que existe no homem — a consciencia, e da sua mais elevada faculdade — a razão, e a capacidade de crêr — com a qual o homem póde abranger mais do que apprehende com os sentidos. Isto é o que torna o homem uma creatura racional — superior aos outros animaes. Mr Darwin disse com acerto « que a acção da consciencia, com respeito ao arrependimento e ao sentimento do dever, é a maior differença que existe entre o homem e o irracional [1] ».

Incitam-nos a acreditar na omnipotencia da materia, a crer sómente n'aquillo que vemos com os nossos olhos, e apalpamos com as nossas mãos. Não devemos dar fé ás cousas que não comprehendemos. Mas que poucas são as cousas que devéras conhecemos e comprehendemos! Vemos d'ellas apenas a superficie como n'um espelho confuso. Como póde a materia auxiliar-nos no conhecimento dos mysterios da vida? Não sabemos absolutamente nada sobre as causas da vontade, das impressões que a alma recebe, e da acção mental. Reconhecemos a sua existencia, mas não as podemos comprehender.

A um joven que declarava ao Dr. Parr que não acreditava em cousa que não comprehendesse, « Será então a sua profissão de fé, respondeu o Dr. « a mais breve de quantas conheço. » Sydney Smith disse ainda cousa de mais espirito. A um jantar na Casa Hollandeza assistia um estrangeiro que declarou ser materialista. Pouco depois Sydney Smith

1. *Origem do Homem*, vol. I, cap. II.

observou : « Que bom está este *soufflé*[1] ! » E o materialista replicou : « Está na verdade, excellente! » « A proposito, redarguiu Smith com a sua habitual mordacidade, permitte-me o senhor que lhe pergunte se por ventura crê em cosinheiros? »

Temos de acreditar em mil cousas que não comprehendemos. A materia e as suas combinações são mysterios que igualam o mysterio da Vida. Observemos esses mundos innumeraveis e distantes que giram magestosamente na sua orbita; ou a terra em que vivemos, executando o seu movimento diario de rotação sobre o seu eixo, ao passo que effectua a sua volta annual ao redor do sol. Conhecemos acaso as causas d'esses movimentos? E poderemos jámais conhecer d'elles outra cousa além da sua existencia?

« O circuito do sol, » diz Pascal, « tão vasto como é, é apenas um ponto no espaço, comparado com o ambito muito mais extenso das estrellas. Para além do horizonte que a nossa vista abraça, o universo não é mais do que uma mancha no amplo seio da natureza. Podemos apenas imaginar atomos comparados á realidade, que é uma esphera infinita, cujo centro está em toda a parte e a circunferencia não está em parte alguma. Que é o homem no meio d'este infinito? Existe todavia outro mysterio não menos assombroso. O mysterio do infinitamente pequeno. Analysemos um dos mais pequenos seres

1. Palavra franceza que significa um doce de cosinha feito com ovos, leite, farinha e assucar. — Nota do traductor.

viventes que nos fere a vista — um gusano. Tem membros, veias, sangue que n'ellas circula, globulos n'esse sangue, humores e serosidade. Este atomo revela-nos não só o visivel universo, mas tambem a immensidade da Natureza. Quem se entrega a pensamentos d'esta ordem, estremece ao ver como a Natureza o collocou — suspenso, a bem dizer, entre o infinito e o nada. O autor d'estas maravilhas comprehende-as, e Elle só, mais ninguem.

Confucio ensinava aos seus discipulos que tres quartas partes da vida dependem de boa regra de conducta. « Medita a justiça e pratica a virtude. O saber, a magnanimidade, e a energia são igualmente obrigatorias. A seriedade, a generosidade d'alma, a sinceridade, o ardor do bem e a benevolencia constituem a perfeição da virtude. » Chegam-nos estas palavras como os echos distantes d'um grande moralista de ha dez mil annos, a quem os seus discipulos chamavam o santo e inspirado sabio Confucio.

Todas estas virtudes têm por base a consciencia. Todas as leis de bom procedimento derivam d'esse principio. Ella é que prohibe que obremos mal e ordena que obremos bem. N'uma palavra, induz-nos a contribuir para a felicidade do proximo, e prohibe-nos que ajudemos á sua desgraça. O que devemos aprender em primeiro lugar, e acima de tudo, é que o homem tem de esforçar-se a cumprir com o seu dever, e a obrar bem, fazendo consistir a ventura e a paz interior n'aquillo de que o não pódem privar. É na consciencia que

existe a lucta pela qual conseguimos dominar e vencer as nossas propensões. É um trabalho que se faz em silencio no intimo peito do homem e em que este põe em acção a força e a liberdade que recebeo á semelhança de Deos.

Podemos tambem aprender dos nobres e antigos Gregos alguma cousa com respeito ao dever. Socrates é considerado por alguns como fundador da philosophia grega. Julgava-se especialmente destinado pela Divindade para despertar nos homens o sentimento moral. Nascera em Athenas no anno 468 antes de Christo, e recebera a mais perfeita educação que então se dava na terra da sua naturalidade. Deu-se primeiro á arte da esculptura na qual chegou a criar alguma fama.

Depois serviu a patria como soldado, em conformidade da lei a que estavam sujeitos todos os cidadãos d'Athenas, e prestou como todos os outros mancebos o seguinte juramento: « Não farei acção que deshonre as armas sagradas que a minha patria me confia, nem tão pouco desampararei o posto que houver de defender. »

Deu prova de esforçado e valente em todas as expedições nas quaes tomou parte. N'uma acção que teve lugar em frente de Potidœa, Alcibiades ferido cahiu entre os inimigos. Socrates acudiu em seu auxilio, e conseguiu leval-o a elle e ás suas armas. Por feito tão arrojado foi Socrates galardoado com a corôa civica — premio de valor — a Cruz da Rainha Victoria d'aquelles dias. Distinguiu-se igual-

mente na sua segunda campanha. Salvou a vida a Xenophonte na desastrosa batalha de Delio, carregando com elle do campo de batalha ás costas, tendo ao mesmo tempo de luctar para abrir passagem por entre as fileiras do inimigo. Fez uma terceira campanha, finda a qual dedicou-se a servir a patria como politico.

Foi senador de brios iguaes aos que demonstrára como soldado. Possuia aquella elevada força moral que affronta o perigo da morte e arrosta impavido com as contrarias opiniões. Desafiava um só tyranno, como desafiaria uma tyranna multidão Accusados os almirantes depois da batalha de Argenusa por não terem protegido os cadaveres, Socrates foi o unico que defendeu a sua causa. A turba agitava-se furiosa. Socrates foi demittido do Conselho, e os almirantes foram sentenciados.

Entregou-se então ao ensino. Comparecia nos mercados, entrava nas casas de commercio, visitava as escolas com o fim de inculcar no povo as suas ideias no que respeitava á liberdade e ao valor do exame e da acção. Durante algum tempo pareceu querer propagar o mais completo scepticismo. Procurava afastar os homens das suas especulações metaphysicas, que os haviam levado ás intrincadas confusões e duvidas. « Vale a pena viver? » era uma pergunta que trazia n'aquelles tempos os espiritos tão preoccupados como os traz nos nossos dias. Socrates ensinou-lhes que se observassem a si proprios. Ao passo que outros procuravam ter os deoses

propicios, elle insistia na sua boa conducta moral como sendo a base da felicidade n'esta e na outra vida.

Socrates continuava ensinando, seguido por homens doutos e muitos discipulos. Aristippo offereceu-lhe uma avultada quantia de dinheiro que elle rejeitou immediatamente. Socrates não ensinava por dinheiro, senão para formar o entendimento. Declarava que o seu mais estimado galardão seria ver a humanidade tirar proveito dos seus trabalhos.

Não ensinava pelos livros; argumentava. « Os livros, » dizia, « não pódem ser interrogados, não respondem; logo, não pódem ensinar. D'elles não aprendêmos cousa que já não soubessemos. » Fazia por reduzir todas as cousas á sua primeira expressão, e para elle a certeza era o emblema da verdade. Acreditava na unidade da virtude, certificando que podia ser ensinada scientificamente. Era d'opinião que só tinha merito a philosophia que nos ensina os nossos deveres moraes, e as nossas esperanças religiosas. Aborrecia a injustiça e a fatuidade sem perder occasião de critical-as. Expressava o desdem que tributava á capacidade do governo entregue a quaesquer homens sem distincção. Julgava que os homens dignos de governar eram sómente os de provado discernimento, e esses erão raros.

Foi chamado a juizo quando contava setenta e dous annos. A accusação era formulada n'estes termos: « Socrates subleva e corrompe a mocidade; não reconhece os deoses do Estado, e introduz no-

vas divindades. Sobre estas incriminações recahiu a sentença, e foi pronunciada a condemnação á morte. Encarcerado durante trinta dias, ali conversava e discutia com os seus amigos sobre os themas da sua predilecção. Crito proporcionou-lhe meios de fugir; elle porém recusou aproveitar-se da occasião offerecida. Falava largamente da immortalidade da alma[1], da coragem, da virtude, da sobriedade, da formosura e do bem em absoluto da sua mulher, e dos seus filhos.

Procurava consolar os seus amigos e reprehendia-os com doçura por accusarem a sentença de iniqua. Ia morrer. Queixar-se, porque? Ia já avançado em annos. Se esperassem um pouco, não tardaria a natureza em completar por si propria a sua obra. Jámais houve quem com fé mais viva encarasse a morte como berço para uma eternidade de maior ventura. Chegada a hora em que o carcereiro lhe apresentou uma taça de cicuta, bebeu-a com valor, e morreu na mais completa tranquillidade d'animo. « Tal foi o fim do nosso amigo, » disse Phœdo, « que eu justamente considero como o homem mais sabio, mais recto, e melhor de quantos hei conhecido. »

« Mais tarde, os seculos acataram a sua memoria e veneraram a sua morte, diz M. Lewes; mas sem tirar grande utilidade do seu exemplo, ou aprender

1. « Se fosse a morte o fim de tudo », dizia, « seria o supremo bem para os máos, que a um mesmo tempo se despem do corpo, se livram do mal e se despedem da alma. Mas, como a alma é seguramente immortal, não existe possibilidade de escapar ao castigo senão praticando a mais sublimada virtude e dando prova da mais conceituada discrição.

no espelho da sua vida a ser tolerantes. O seu nome tornou-se a these moral das escolas e da rhetorica.

« Oxalá se tornasse uma Influencia Moral[1]! »

Socrates não deixou livro escripto. Quasi tudo quanto conhecemos com respeito a este grande homem é por intermedio dos seus dous illustres discipulos, Platão e Xenophonte, que conservaram religiosamente a memoria das suas acções, dos seus discursos, das injustiças e da morte que soffreu. Platão viveu junto d'elle dez annos, e depois deu publicidade ás suas doutrinas nos famosos « Dialogos »; mas n'estes dialogos é difficil distinguir qual seja Platão e qual Socrates. Separados pela morte, Platão emprehendeu aos quarenta annos uma viagem na Sicilia, aonde travou conhecimento cóm Dionysio I, o Tyranno de Syracusa, que ameaçou tirar-lhe a vida porque Platão, em divergencia com elle sobre politica, expunha com demasiada ousadia e franqueza as suas doutrinas com respeito á liberdade. Dyão, irmão de Dionysio, intercedeu em favor de Platão, e logrou salvar-lhe a vida, sendo porém vendido como escravo. Um amigo comprou-o, dando-lhe immediatamente carta de alforria.

Platão voltou a Athenas e começou a leccionar, como o seu mestre, sem dinheiro nem remuneração. Não necessitamos relatar-lhe por miudo a vida. Basta dizer que se dedicou a inculcar o amor da verdade, da moral e do dever. Dividiu as quatro virtudes cardeaes da seguinte fórma: em primeiro lugar a

1. Historia Biographica da philosophia, 1, 213 (1ª edição).

prudencia e a discrição; em segundo a coragem, a constancia, e a fortaleza; em terceiro a temperança, a circumspecção, e o dominio sobre si mesmo; e emfim a justiça e a rectidão. Attribuia a esta divisão da virtude a base da philosophia moral. « Cumpram os homens de todas as classes, dizia-elle bem ou mal succedidos, vencedores ou vencidos, com o seu dever, e deixai-os que descansem satisfeitos. » Que lição n'estas palavras para os seculos futuros!

Platão viveu os ultimos tempos da sua existencia no retiro pacifico da sua Academia. A composição dos « Dialogos » que têm feito a admiração dos tempos posteriores, serviu-lhe de recreio e conforto, especialmente no declinar da sua vida. Chamaram-lhe o Divino Platão. A sua alma suspirava pela verdade. « Ella só, dizia, merecia ser o alvo das aspirações do homem. » Á imitação do seu mestre, concedia á Suprema Intelligencia os attributos da bondade, da justiça, do discernimento, e uma intervenção directa nos acontecimentos humanos. Odiava a poesia, como Carlyle. [1]

1. Carlyle diz : « Se tendes alguma cousa de proveito a communicar ao homem porque o haveis *de cantar*? Que o homem tenha de manifestar o seu talento com palavras, e não com *acções*, unicas capazes de traduzir o seu pensamento, não é já pequeno infortunio. Um dos meus constantes pezares é que os homens da presente geração, a quem os deoses gratificaram com talento (que, ou significa uma luz de intelligencia de valor, e virilidade, ou não tem, significação alguma) teimem com tamanha insistencia em dar á expressão d'esse dom Divino a forma de *verso*, que hoje não ha quem leia com verdadeiro interesse. » Por outro lado M. Mathew Arnold, no seu Prefacio dos « Poetas Inglezes » diz que a nossa raça encontrará sempre no andar dos tempos apoio e alento na *Poesia*. Não ha crença que não soffra abalo, não ha dogma que se não possa contestar, nem admittida tradição que não ameace ruina. A nossa religião tem-se materializado de facto; n'essa supposição fez consistir na materia a sua virtude, e agora a materia decompõe-se. Pelo que toca á poesia, tudo consiste na idéa; o resto é um mundo de illusão de illusão divina. »

A unica poesia que aprecia é a poesia moral que é, de facto, uma philosophia versificada. Observemos que vivia quatrocentos annos antes de Christo. Coleridge cita-o como o propheta genuino da Era Christã; e o Conde de Maistre costumava dizer: « Não nos pronunciemos nunca sobre uma questão d'importancia sem havermos consultado Platão. »

O Novo Testamento inculca uma idéa elevadissima do que póde ser a vida do homem; mas muito terá que labutar quem traga fixa no pensamento a realisação d'esse ideal. Muitas vezes deixariamos os deveres que nos incumbem para darmos a preferencia a outros que se nos afiguram superiores; porém o verdadeiro dever, aquelle que nos compete, tem de ser executado, e não admitte hesitações nem delongas. Quanta philosophia de salubridade moral e de ventura encerra este mandamento — « Faze o melhor possivel tudo quanto tenhas de fazer. » Quem obra o melhor que póde, qualquer que seja o seu destino, deve estar certo que trilha as vias da virtude e do aperfeiçoamento.

Conta-se que alguem, no auge da esperança, exclamava: « Não vale a pena ser bom, porque não podemos ser bons, e mesmo que tal podessemos para nada nos aproveitaria. » Só a falta de verdade, de fé, e d'esperança, póde induzir a fallar n'estes termos da excellencia do trabalho e da palavra. Todos nós podemos fazer algum bem na nossa esphera; e se o podemos fazer, somos obrigados a fazel-o. Não nos é mais licito sermos

inuteis do que dispômos da propria existencia de truindo-a.

Devemos ser fieis tanto nas cousas pequenas como nas grandes; utilisar igualmente bem um só talento que possuamos como os muitos talentos com que a natureza poderá ter-nos dotado. Podemos seguir os dictames da consciencia, e caminhar a sós na estrada do dever. Temos de ser honrados, verdadeiros, diligentes, embora só por causa do respeito a nós mesmos. Temos de ser fieis até o fim. Quem não admira a resposta d'aquelle escravo a quem perguntava um comprador : « E tu guardar-me-has fé se te comprar? « De certo, respondeu o escravo, quer o senhor me compre, quer não. »

Lê-se na analyse d'um sermão prégado ás classes operarias pelo Dr Macleod n'uma igreja de Glasgow, propriedade d'um barão, que elle exaltára muito o gozo d'uma boa reputação insistindo em que todos os nossos esforços devem tender para esse fim qualquer que seja a posição que occupemos na sociedade. Disse que a boa fama era o que o principe Alberto deixára de maior apreço. Sabia que muita gente pobre julgava impossivel criar um bom nome, mas que era uma idéa erronea que elle não podia admittir. Não havia no seu conceito homem ou mulher, por pobre que fosse, a quem faltasse a possibilidade, com a graça de Deus, de deixar após si a mais excellente das heranças — um bom nome, que permittisse a seus filhos levantarem-se e darem graças ao Senhor por terem tido por mãi uma mulher de

bons costumes ou por pai um homem de sã moral e probidade.

O caracter e a boa reputação formam-se de pequenos deveres cumpridos com fidelidade, de abnegação, de sacrificios, de actos de generosidade. É no lar domestico que se forma o caracter, e se assentam as bases da reputação; e quer sejam boas ou más as propensões naturaes, é á influencia da familia que a maior parte das vezes se deve o seu desenvolvimento. « Aquelle que guarda fidelidade nas pequenas cousas, guardal-a-ha tambem nas grandes, e aquelle que desattende o cumprimento dos pequenos deveres desattenderá tambem o cumprimento dos deveres importantes. » A benevolencia attráe a benevolencia, e a confiança e a verdade colhem igualmente fructos de verdade e confiança. Ha muitos actos triviaes de benevolencia que nos dão melhor a conhecer o caracter d'um homem do que muitas phrases vagas. São faceis de praticar, e produzem effeitos que permanecem muito além d'esta curta vida.

Não ha bem que para sempre desappareça. Nada se acaba, nem mesmo a vida, que se despe d'uma fórma só para revestir fórma differente. Não ha boa acção ou bom exemplo que se perca. Vive para sempre nas successivas gerações. — O molde desfaz-se e some-se; a obra fica, e imprime o seu caracter indelevel no pensar e na vontade das gerações futuras. Não se mede uma acção pelo tempo. Basta um só rasgo de virtude para crear uma aldeia, uma

cidade, uma nação. « O momento presente, disse Gœthe, tem um prestigio divino. » O que o homem produz mais excellente são aquelles pensamentos afortunados e santos que, formados e postos em pratica, estendem a sua fertilisadora influencia até aos seculos vindouros. D'uma pequenissima semente nascem os fructos mais exquisitos; e é dos dictames da consciencia e da inspirada noção do dever que se tem formado os mais bellos caracteres conhecidos. Nordsworth celebra o dever n'estas palavras :

« Legislador severo ! que sois ao mesmo tempo..., a graça mais benigna que a Divindade nos concede... Não ha sorriso que mais prenda do que o teu sorriso... As flôres riem para ti nos seus canteiros... e perfumam as veredas que tu trilhas... Livras as estrellas de todo o mal..., e o teu poder remoça e renova os velhos céos. »

CAPITULO II

O Dever em acção

« Põe em Deos a tua confiança..... trilha a senda do Dever.....põe o sentido nas Suas Promessas..... e cumpre assim a tua missão — LUTHERO.

« O Bem, não basta sonhado um dia inteiro... urge cumpril-o; e d'ess'arte se tornam a vida, a morte e a eternidade n'um canto harmonioso e sem fim.— CHARLES KINGSLEY.

O explorador do mundo cujo braço vence a força e reprime o mal... joven marinheiro, soldado, estudante, lavrador... quer remes, forjes, ou lavres, és sempre rei... onde quer que estejas..... atravez do curso da vida... guardas, afagas, occultas mananciaes de força : — a virtude creadora... a flôr, o fructo e o germen, a potencia da vida. » — A ODE DA VIDA.

Quem tiver considerado bem qual seja o seu dever, promptamente porá em pratica as suas convicções. São as nossas acções as unicas cousas que dependem da nossa vontade. Constitúem, afóra os nossos habitos, tambem o nosso caracter.

Porém nem sempre corre facil a estrada do dever; e n'ella se nos deparam amiudadas vezes resistencias e tropeços. Podemos ter sufficiente entendimento para comprehender, ao passo que nos falta firmeza no proposito de executar. Contra os irresolutos surgem muitas féras no caminho. Pensam, sonham, discorrem, mas não obram. « Ha pouco que ver », dizia um eximio trabalhador, « e pouco que fazer; o caso é *fazer-se* esse pouco. »

Não devemos sómente vencer as nossas repugnancias, e as nossas preferencias, mas tambem, — o que é mais custoso, — devemos tornar-nos superiores á opinião alheia. Aquelle cujo primeiro cuidado, depois de commetter uma boa acção, é perguntar: « Que se dirá? » não é homem com o qual se possa contar.

Porém se formular esta outra pergunta: « Cumpri com o meu dever? póde proceder no seu armamento moral, prompto a desafiar a censura publica, e até a arrostar com as suas zombarias.

« Tenhamos fé no bem », disse M. de Lacretelle, « e reservemos a duvida e a incredulidade para o mal. Antes soffrer engano do que perder a fé ».

O dever aprende-se em primeiro lugar na casa paterna. A criança nasce inhabil e dependente no que respeita á saude, ao sustento, ao desenvolvimento physico e moral. Por fim a criança absorve uma certa quantidade d'ideias; sob influencias adequadas aprende a obedecer, a tornar-se amavel, a cumprir com os seus deveres, e a ser feliz. Tem uma vontade propria. Depende, porém, muito dos pais que essa vontade se incline ao bem ou ao mal.

Ao habito de querer, chama-se proposito, e de quanto fica dito deprehende-se facilmente a importancia de formar um proposito avisado logo no principio da vida. « O caracter, diz Novalis, é uma vontade perfeitamente educada » ; e a vontade, uma vez educada, póde persistir firme e constante por toda a vida. Quando o homem verdadeiramente inclinado

ao bem mantém o seu proposito, tem em pouca conta as recompensas ou as lisonjas do mundo; o seu melhor galardão é o applauso da sua consciencia e a certeza de ter obrado como devia.

A vontade, afóra a sua direcção, consiste apenas na constancia, na firmeza, e na perseverança. É obvio porém que, de não ser boa a direcção dada ao caracter, essa vontade firme e tenaz torna-se simplemente em força para o mal.

Torna os grandes tyrannos em demonios, e opprime sem restricção. Avassalla milhões de subditos, excita as suas paixões, provoca-os á revolução militar, e ceva-se tão sómente nas conquistas, na destruição, e na crueldade. A vontade sem freio produz um Alexandre ou um Napoleão. Alexandre lamentava não ter mais reinos a conquistar; e Bonaparte, depois de percorrer a Europa, conduziu as suas tropas á perdição nos gelos da Russia.

« Devo o que sou ás conquistas e victorias, » dizia-elle, « e só por ellas me sustentarei. »

Mas Napoleão era um homem sem principios moraes; e, terminada a sua obra de assolação, a Europa o repudiou.

Uma vontade energica, unida a justas intenções, attrahe tantas bençãos quantas o contrario attrahe de maldições. O homem propenso ao bem, move e estimula os animos e as consciencias alheias. Infunde-lhes as suas opiniões a respeito do dever arrasta-os comsigo nos seus esforços para uma causa digna, e inclina a opinião a favor da suppressão do mal e

do estabelecimento da justiça. O homem de vontade energica imprime ás suas acções um cunho de esforçada virilidade. A energia da sua perseverança torna-se habitual.

Dá o tom na sociedade em que vive, nas companhias que frequenta, e mesmo na terra em que nasceu. É a alegria dos timidos, e a censura constante dos ociosos. Infunde alento áquelles, dando-lhes esperanças; e póde ainda induzir estes a praticarem boas acções, pela influencia do exemplo que lhes dá. Tennyson põe o dedo na chaga com estas palavras:

« Ó vontade viva, que permanecerás... quando tudo ao redor de nós succumbir.... move, penetra, purifica as nossas acções... para que d'este pó levantemos um grito que atravez dos tempos... chegue Áquelle que nos ouve e defende... com a convicção que procede da fé profunda n'aquellas verdades que só pódem ser provadas depois de quebrados os vinculos que nos prendem á nossa origem e ás nossas affeições. »

Além dos homens de vontade energica para o mal, e de vontade energica para o bem, ha muitos mais que têm vontade debil ou falta absoluta de vontade. Esses não têm caracter. Nem se sentem inclinados ao vicio nem á virtude. São os passivos recipientes de impressões que não exercem influencia alguma sobre elles. Nem avançam, nem recuam. Movem-se conforme sopra o vento, e quando este muda, mudam elles tambem. Qualquer cousa influe sobre estes espiritos, qualquer vontade os domina. Não

professam amor sincero por nenhuma verdade e desconhecem a energia da paixão. Esses individuos constituem em todas as partes a maioria nas sociedades : — indolentes, desleixados, passivos, frouxos, flegmaticos, indifferentes.

É portanto da maxima importancia que se concentre a maior attenção no aperfeiçoamento e no fortalecimento da vontade; porque d'outra fórma, nem existe independencia, nem firmeza, nem individualidade de caracter. Á falta d'esse aperfeiçoamento nem podemos dar á verdade a sua propria força, nem á moral a sua conveniente direcção, e nem escapamos de ser como umas machinas nas mãos d'homens indignos, e impostores. A cultura intellectual não dá decisão ao caracter. Os philosophos discutem; os homens decididos, obram. « Não resolver », diz Bacon, *é já* uma resolução » — isto é, a resolução de não fazer nada.

« A epoca propria para educar a vontade », diz Locke, é a da juventude. Ha um periodo durante o qual o nosso entendimento póde ser ampliado e adquirir uma porção extensa de conhecimentos uteis; durante o qual as paixões pódem facilmente sujeitar-se á razão ; e de tal maneira se pódem arraigar no animo os sãos principios, que estes venham a influir em todas as acções importantes da nossa vida. Mas esse periodo não se estende a toda a duração da nossa existencia, nem mesmo a uma parte importante d'ella. Limita-se a poucos annos da nossa vida, e se durante esse periodo omit-

timos esse trabalho, é provavel que a ignorancia e os erros nos acompanhem para sempre. A nossa vontade torna-se lei; e os nossos caprichos revestem-se d'uma força contra a qual inutilmente procuraremos mais tarde reagir.

O primeiro Lord Shaftesbury, n'uma conversação com Locke, esboçou uma theoria de caracter e de conducta que foi como a revelação de si proprio. Disse que o bom senso reside no coração e não na cabeça, que não é á falta de conhecimentos senão á perversidade da vontade que se deve a insensatez das acções do homem e o desconcerto da sua vida. A illustração não dá só por si força ao caracter. Póde um homem raciocinar demasiado. Póde pesar mil probabilidades d'um e d'outro lado, e não chegar a conclusão alguma. A illustração póde, pois, ser um estorvo á acção. A vontade deve obrar em plena luz do espirito e do entendimento, surgindo então a alma cheia de vigor e actividade.

Não tem na verdade o conhecimento de lettras, palavras, e sentenças a importancia que muitos lhe attribuem. A illustração não dá a felicidade, nem a bondade. Póde destruir a humildade e dar lugar ao orgulho. Os principaes guias da humanidade foram pouco dados á litteratura. Os litteratos alcançaram muitas vezes uma grandeza de pensamento que tem exercido influencia nos homens em todos os tempos, porém raras vezes alcançaram a grandeza moral da acção.

A humanidade não póde ser levantada em massa

como foram as montanhas nos primitivos tempos geologicos. Deve ser elevada individualmente; porque é sómente pela elevação dos individuos que poderá ser alcançada com segurança a elevação das massas. Os professores e os prégadores podem ter influencia n'estas, porém será um influxo externo; a acção principal, essa nasce do nosso fôro interno. Cada individuo deve esforçar-se por si proprio, e ajudar-se a si mesmo, em vez de tirar proveito do auxilio extranho. « Assim como os habitos pertencentes ao corpo, diz o Dr. Butler, são a producção d'actos externos, assim os habitos do espirito são a producção do proposito interno pratico — pondo-os em acção, ou actuando sobre elles — dos principios de obediencia, de verdade, de justiça, e de caridade.

Fallando de Butler, Stephen no seu ultimo trabalho diz: « A sua attitude impressiona sómente pelo lado moral; porém a sua grandeza n'esse ponto é incontestavel. Tanto na « Analogia » como nos Sermões, a deificação da consciencia é o principio, o centro e o fim da doutrina de Butler. O dever é a sua ultima palavra. Quaesquer que sejam as duvidas e agitações que o atormentem, agarra-se á firme convicção de que o segredo do universo só póde ser revelado — relativamente — pela moralidade. »

Ha pouca ou nenhuma relação entre o ensino do collegio e a moralidade. A simples cultura da intelligencia raras vezes influe no comportamento. Crenças sobrepostas não bastam para desarreigar tendencias viciosas. A intelligencia é ape-

nas um instrumento movido por forças que o impellem pelas emoções, pelo dominio sobre si proprio, pela abnegação, pela imaginação, pelo enthusiasmo e por tudo quanto dá força e energia ao caracter. Quasi todos estes principios são inculcados no centro da familia e não no collegio. Quando na casa paterna reina a miseria, a falta de dignidade e de principios — lugar em taes circumstancias mais para ser evitado do que procurado — então só na escola se póde aprender obediencia e disciplina. A casa paterna é tambem o verdadeiro terreno em que cresce a virtude. Os acontecimentos que succedem em casa sensibilisam-nos mais do que aquelles que sobrevêm na escola ou no collegio. É da observação do que se passa nos lares domesticos que se póde formar ideia do que valem as esperanças, e os caracteres da época.

Cuidar d'esse lar, pertence aos velhos; obedecer aos pais e crescer em juizo, pertence á juventude. A educação é um trabalho de autoridade, por um lado, e de respeito pelo outro.

O christianismo — segundo diz Guizot — é no mundo a escola mais completa de respeito que se tem presenceado. A instrucção religiosa é a unica que infunde o espirito de sacrificio, das grandes virtudes, e dos pensamentos elevados. Penetra a consciencia e torna a vida supportavel sem um murmurio contra o mysterio da condição humana.

« O grande fim da educação », diz um grande escriptor, « é a liberdade, e quanto mais depressa

conseguirdes que uma criança se dirija a si propria, mais depressa fareis d'ella um homem. »

« Acatarei a liberdade humana na criança da mais tenra idade », disse Monsenhor Dupanloup, « ainda com maior escrupulo do que n'um homem, porque este póde defendel-a, e a outra não. Nunca farei a uma criança a injuria de consideral-a como uma massa liquida disposta a ser lançada n'um molde para sahir d'elle estampada com o sello da minha vontade. »

A autoridade paterna e a independencia da familia são um dominio sagrado; e se por vezes os tempos tumultuosos o obscurecem, protesta o sentimento christão e resiste até que elle recupere a sua força. Mas não é só pela liberdade que devemos luctar; devemos aspirar principalmente a sermos obedientes, a termos dominio sobre nós mesmos, e a sabermos renunciar á propria vontade. Esta abnegação de si proprio é o fim essencial da educação. Não se obtem pelo ensino, senão pelo exemplo. A primeira instrucção da mocidade, diz Bonald, consiste em habitos, não em raciocinios; em exemplos, de preferencia a lições directas. O exemplo prega melhor do que o preceito, e é muito mais difficultoso. As melhores influencias operam lentamente, e correspondem gradualmente ás necessidades humanas.

Obrar com acerto, é pois a valvula de segurança da nossa natureza moral. A boa vontade não basta; nem sempre produz boas obras. A acção perseverante consegue mais. A diligencia e o trabalho in-

culcam no espectador uma força cujo alcance não podemos calcular. O Rev. Conego Liddon no seu discurso á mocidade, proferido na cathedral de São Paulo, fez uma eloquente allusão ao trabalho como sendo o verdadeiro fim da nossa vida.

« A existencia do homem », dizia elle, « compõe-se de actos e de soffrimentos ; e a vida é tanto mais util, quanto mais se emprega em acções nobres e em paciente perseverança. Não são, porém, unicos e verdadeiros trabalhadores aquelles que trabalham materialmente. Os que trabalham intellectualmente fazem do mesmo modo parte d'essa cathegoria, porque o pensamento é verdadeiramente uma acção não demonstrada... Passar a vida na indolencia, n'um estado comatoso, é degradante, porque só a ennobrece o trabalho.

Um trabalho nobre é o verdadeiro educador. A ociosidade é um perfeito desmoralizador do corpo, da alma, e da consciencia. Nove decimas partes dos vicios e das miserias do mundo são consequencias da ociosidade. Sem trabalho não póde haver progresso activo no bem-estar do homem. Não se póde imaginar maior tormento do que aquelle que resultaria do desfructe de privilegios especiaes. Supponhamos um homem ocioso condemnado a uma perpetua juventude em quanto ao redor d'elle tudo decáe e morre. Como ancearia pela morte como por uma mão libertadora! « O sêr vivente mais inferior », diz Carlyle, « póde, concentrando as suas forças n'um objecto unico, conseguir alguma

cousa; em quanto que o sêr mais superior, dispersando a sua energia, póde não conseguir cousa alguma. »

Temos difficuldades a vencer? Trabalhemos por derrubal-as. Não ha exorcismo que valha o trabalho. A ociosidade do corpo e do espirito é como a ferrugem. Destroe e gasta mais do que o trabalho.

« Prefiro trabalhar a enferrujar-me, » disse um trabalhador distincto. Schiller dizia que a maior felicidade da vida consiste no cumprimento d'um dever mecanico. Pensava tambem que o sentimento da formosura não impellia á observancia d'um unico dever. » O sêr mais elevado é aquelle que se esquece de ver para resolver, e de sentir para executar.

A maior difficuldade existe muitas vezes aonde não a esperamos. As adversidades que nos acommettem talvez não sejam senão provações. Se persistirmos firmes na hora da tentação, a firmeza infunde serenidade no animo, que sempre experimenta satisfação em obrar na conformidade do dever. « As luctas do deserto, diz Norman Macleod, são as luctas penosas de cada dia. Os seus gigantes são os gigantes contra os quaes temos de combater, os seus trabalhos são os trabalhos pelos quaes temos de passar, as suas derrotas significam as nossas derrotas, as suas victorias são os nossos triumphos.

Luctar frente a frente com as difficuldades, é o meio mais seguro de as vencer. A determinação de conseguir um objecto é a convicção moral de podel-o alcançar, e de vir a alcançal-o. A necessidade aguça

o engenho, e o individuo sáe ao encontro das difficuldades, que se lhe apresentam no caminho, para as debellar.

A enumeração dos homens que desperdiçaram a occasião opportuna constituiria um volume pouco alegre, porém digno de apreço, e instructivo. Diz Ebenezer Elliott que nenhum homem bem equilibrado póde ser menosprezado, se fôr sincero. Seria de proveito para a gente moça conhecer ao certo o numero de pessoas verdadeiramente resolvidas a trabalhar com acerto, que falharam nos seus intentos.

Não creio que exceda um por cento.

Os que acabam por triumphar, não triumpham senão depois d'uma longa serie de decepções. Falham uma, duas e mais vezes, mas por fim vencem as difficuldades, e cantam victoria.

O desejo de possuir, sem a fadiga do trabalho para adquirir essa posse, é um signal de fraqueza e de preguiça. Nada do que vale ser alcançado, póde ser obtido sem o prazer do trabalho. N'isto consiste o grande segredo da força pratica. « Póde-se muito sinceramente preferir a industria á indolencia, o benefico exercicio de todas as nossas faculdades a deixal-as inutilisadas n'um entorpecimento estupido. No decurso da nossa vida chegaremos provavelmente ao convencimento de que, do proprio facto de pôr essas nossas faculdades em acção, resultou para nós uma felicidade mais pura do que da mesma posse d'aquillo que buscavamos adquirir pelo nosso trabalho.

Disse-se d'um grande magistrado que nunca desprezára uma occasião opportuna, porém que tambem nunca se aproveitára d'uma opportunidade illegal. Durante a sua vida inteira, dedicára-se d'alma e coração a tudo o que emprehendia. Se por ventura se mallogravam os seus intentos, não podia culpar-se, pois sempre tinha procurado acertar com o que fosse melhor.

Devemos trabalhar na fé de que algumas das sementes que espalhamos lançarão raizes, crescerão, e fructificarão. O que o homem começa para si, acaba-o Deos para outros. Nós, na verdade, nada podemos concluir. Outros começam aonde nós interrompêmos o trabalho e aperfeiçoam a obra que encetamos. Devemos legar aos que nos succedem um pensamento nobre e digno d'imitação. Ter obrado bem no passado, obrar bem no presente, e obrar bem no futuro são condições inseparaveis que persistem em todos os tempos.

Poucos são os individuos cuja existencia podemos considerar totalmente inutil. O facto de existirem implica a necessidade da sua existencia. Têm o mundo diante de si. Têm a livre escolha entre o bem e o mal, entre o ocio e a utilidade. Que fizeram do seu tempo, das suas forças? Provaram ao mundo que a sua existencia tem sido d'algum modo vantajosa? Terá alguem aproveitado d'ella? ou terá essa existencia sido uma carreira toda de egoismo, de inacção, de ocio, de indifferença? Terão vivido á procura de prazeres? O prazer foge da preguiça. A ventura está fóra do alcance

do preguiçoso. O prazer e a ventura são fructos do trabalho, e nunca do desleixo nem da indifferença.

Um infeliz mancebo, que considerava a sua vida como inteiramente inutil, resolveu pôr-lhe fim publicamente. Deu-se esse caso em Capron, no Illinois, nos Estados-Unidos. O joven tinha a intelligencia cultivada, e nada mais. Ignorava que cousa é o dever, a virtude, e a religião; e, sendo materialista, não temia a vida futura. Annunciou que daria uma *conferencia* finda a qual faria saltar os miolos com um tiro. Pagaram-se as entradas a um dollar (1:000 reis) por cabeça para assistir ao desfecho promettido. O producto devia ser em parte empregado no pagamento do funeral, e o remanescente applicado á compra das obras de tres materialistas de Londres para serem collocadas na bibliotheca da cidade. A sala encheu-se. Realisou-se uma quantia consideravel. Concluido o discurso, o mancebo tomou o seu revolwer e varou os miolos conforme havia promettido. Que remate d'uma vida humana! Lançar-se na presença de Deos com as mãos ensanguentadas! O facto deu-se no mez de Agosto de 1868.

Este horrivel successo talvez fosse uma consequencia da vaidade, ou fosse motivado pelo desejo de causar sensação. A imprensa publicaria o seu nome. Todos louvariam o seu valor. Porém não foi valor, foi cobardia. Deve ter sido filho d'uma vaidade despeitada. Sheridan disse : « A avareza, a luxuria e a ambição são tidas por grandes paixões. É um engano : são paixões de pouca monta. A vai-

dade é a paixão dominante. Conduz aos actos mais heroicos, e impelle aos crimes mais tremendos. Libertai-me d'essa paixão, e darei as mais por vencidas. São pygmeus; esta só é gigante. »

Uma vontade resoluta é necessaria não sómente para o cumprimento dos deveres difficeis, mas tambem para obrar com promptidão, energia e dominio sobre si proprio, nos mil embaraços que se encontram inopinadamente na estrada da vida. É, pois, necessaria tanta força como integridade para cumprirmos com o nosso dever. Póde parecer pouca a energia precisa para luctar com cada um d'esses obstaculos isolados, mas luctar com a accumulação de difficuldades sem nunca ser colhido de improviso, sem nunca sahir fóra de si, é um dos gráos mais subidos do aperfeiçoamento humano.

Cada geração tem os seus trabalhos especiaes, os seus perigos a vencer, as suas numerosas tribulações. Estamos diariamente expostos a tentações da ociosidade, da tolerancia das nossas inclinações ou dos vicios. O sentimento do dever e a força de animo têm de resistir a estes ataques a troco de qualquer sacrificio. Quando a virtude se tiver tornado para nós n'um habito de todos os dias, estaremos então de posse d'um caracter individual e preparados a realisar em grande parte o fim para que fomos creados.

Quanto se perde por falta d'um pouco de valor! Temos vontade de executar os nossos propositos, porém não os executamos. Taes são as condições da sociedade, e tanto ha que dependa da acção, que

tudo parece bradar ao homem : « Faze alguma cousa, faze. » O cura da aldeia combatendo na sua parochia contra o mal, contra a injustiça e a iniquidade tem idéas mais elevadas a respeito do dever do que nunca teve Alexandre Magno. Ha homens que se satisfazem apenas com preconisar o trabalho, embora pretendam pôr hombros á obra com energia. Ficam na praia temerosos, sem valor para entrar pelas aguas dentro. Todos os dias baixam á sepultura homens que viveram na obscuridade, e que teriam provavelmente feito grandes progressos no bem se lhes não tivesse faltado o animo para começar. O professor Wilson, de Edimburgo, ensinando os seus alumnos, collocava sempre em primeiro lugar o sentimento do dever, principalmente do dever em acção. Os seus discursos influiam muito no animo dos seus ouvintes. Instigava-os a combaterem com valentia na grande batalha da vida, como o velho heroe dinamarquez « a serem intrepidos, energicos na resolução, a nunca tropeçar na senda do dever. » Esse era o seu dogma [1]. Produz no mundo muita desordem a falta de coragem. Quando Luthero disse a Erasmo : « Quereis pisar ovos sem partil-os, e andar por cima de vidros sem quebral-os», respondeu o hesitante e pusillanime Erasmo : « Quero conservar-me fiel á causa de Christo conforme os tempos permittam. »

1. Quando estava sollicitando o voto dos membros do Conselho de Edimburgo, disse-lhe um d'elles : « Boamente lhe daria o meu voto, Senhor Wilson, mas dizem de vossa Senhoria que não espera a salvação da graça de Deos. » Sei pouco d'isso, Bailie, porém se não me salvo pela graça de Deos, não serão de certo as minhas obras que me salvarão. — « Pois se tal é, conte vossa Senhoria com o meu voto. »

Luthero era de differente tempera. « Irei a Worms, muito embora conspirem contra mim tantos diabos como telhas houver nas casas. »

Ou São Paulo: « Estou disposto a perder a liberdade e mesmo a vida em Jerusalem. »

Sir Alexandre Burns disse: « Uma das particularidades do meu caracter é a perfeita seriedade. Não enceto cousa alguma com indifferença. Effectivamente, se me proponho emprehender qualquer cousa, já me não póde ser indifferente. » N'isto consiste a differença entre um homem forte e um fraco. Os bravos morrem na peleja, os falladores são desprezados, e os mediocres fogem. As obras provam o que nós somos; as palavras provam só o que deveriamos ser. Cada momento d'uma vida activa póde assignalar uma victoria.

Os pessimistas dizem que o trabalho ou a necessidade do trabalho é o inimigo do homem. Por outro lado, M. Caro diz. « Um instincto irresistivel impelle o homem para a acção, seguida d'um prazer inesperado, ou d'uma anhelada ventura, ou do cumprimento d'um dever imposto. Este instincto irresistivel é o proprio instincto da vida; explica-a, e resume-a. Mede o valor da existencia, ao passo que desenvolve em nós a sensação d'essa mesma existencia... Existem alegrias puras, que consistem n'uma longa lucta frente a frente com os obstaculos, alcançando-se por fim um triumpho; n'uma energia que primeiro se domina a si propria e depois domina a vida, ora subjugando as más inclinações dos homens, ora

vencendo as difficuldades que a sciencia offerece, ou as resistencias que a arte apresenta; no trabalho, finalmente, o verdadeiro amigo e consolador do homem, que o eleva acima de todas as fraquezas, o purifica e ennobrece, o livra de tentações vulgares e o ajuda a levar a sua cruz nos dias de amargura, e perante o qual cedem por algum tempo as dôres mais fundas, depois de vencido o aborrecimento ou debellada a repugnancia que o trabalho póde inspirar ao principio. O trabalho é por si proprio, afóra os seus resultados, um dos mais vivos prazeres. Têl-o por inimigo, á maneira dos pessimitas, é desconhecer a essencia da felicidade. Para o homem laborioso, esta consiste em ver prosperar o trabalho da sua mão ou de seu pensamento, em identificar-se com elle, como dizia Aristoteles (Etic. IV, 7), quer seja o lavrador na sua colheita, o architecto no seu edificio, o esculptor na sua estatua, — quer seja n'um poema ou n'um livro, pouco importa.

« A alegria de produzir compensa largamente a dôr de gerar, e assim como a lucta consciente contra obstaculos exteriores é a primeira alegria da vida que desperta, assim o aperfeiçoamento do trabalho é o mais intenso dos prazeres : desenvolve em nós o pleno sentimento da nossa personalidade, e confirma o nosso triumpho sobre a natureza, embora momentaneo e relativo. Tal é o verdadeiro caracter do esforço ou da vontade em acção [1]. »

1. O Pessimismo no seculo XIX. E. Caro, Paris 1877.

Um individuo torna-se em genio prodigioso, por ter sido um prodigio de labor. A força domina as circumstancias. Tão grande é a virtude do principio da acção, que não ha circumstancias que lhe resistam. Abre, aclara o caminho, eleva-se acima de tudo, acima da ventura e da desventura, acima do bem e do mal. Nas alegrias que por vezes se nos deparam, devemos buscar forças para resistir a alguma calamidade que nos espera. A sabedoria do homem prova-se nas suas acções; porque todo homem é filho das suas obras. Richter diz que as boas acções vibram nos céos como o argentino tanger de um sino.

O contacto activo e sympathico com o homem nas transacções diarias da vida, é melhor preparação para a acção robusta e sã do que o encerramento, ou quaesquer largas meditações. Parece razoavel e exacto o que diz Swedenborg sobre o votar-se o homem á pobreza, e o retirar-se do mundo com o fim de viver mais para o céo. « A vida que conduz ao céo, » diz elle « não é a vida de afastamento do mundo, mas a de *actividade no mundo*. Uma vida de caridade, que consiste em obrar sincera e justamente em todos os prazeres, e em todos os trabalhos, em obedecer á lei de Deos, não é difficultosa; porém uma vida só de devoção é difficil, e *afasta* tanto do céo quanto se pensa geralmente que para elle conduz ».

Para muitos, a religião é apenas uma questão de palavras. A julgar pelas nossas palavras, obramos com acerto. Mas as palavras conduzem raras vezes

ás obras, aos pensamentos, á pureza, á bondade e á honradez. Ha demasiada hypocrisia religiosa e pouco enthusiasmo pelo trabalho sério. Ha muita leitura sobre religião; mas a verdadeira religião incarnada em acções e em principios é mais instructiva do que mil volumes de doutrina. Se um homem não possue uma vontade firme que o conduza para o bem, torna-se um joguete de desejos sensuaes, ou leva uma vida de vergonhosa indolencia.

Um dos maiores perigos que hoje corre a mocidade em Inglaterra é esse da ociosidade. O que se chama « cultura » de pouco serve. Póde combinar-se com o caracter moral mais baixo, com um abjecto servilismo em favor d'aquelles que occupam situações importantes e tratam com arrogancia os pobres e humildes. A mocidade *á moda* e ociosa, em nada crê, nada respeita, nada espera, nem mesmo o triumpho final do bem nos corações humanos. Ha muitos M. Tootses no mundo que dizem : « Que importa? Tudo é o mesmo. » Tudo não é hoje o mesmo, nem será o mesmo d'aqui a cem annos. A vida de cada individuo influe na vida d'uma sociedade inteira. Cada um tem o seu dever especial a cumprir, o seu trabalho particular a executar. Se o não cumpre, soffre elle, e faz soffrer. A sua ociosidade communica-se, o seu máo exemplo propaga-se. Uma vida inutil é apenas uma morte anticipada.

Hoje falla-se demais. A gente moça em vez de pôr-se a executar aquillo que sonhou, emprega-se em contendas e lamentos que a nada conduzem.

Este defeito foi notado pelo Dr Channing, que deplorava serem tantos dos nossos jovens educados na escola do desespero. Vale a pena viver? De certo que não, se é para viver ociosamente. A leitura mesmo é muitas vezes considerada como uma dissipação mental. É apenas uma apathia cultivada. D'ahi provêm tantos mancebos, queixosos ou indifferentes, cujo entendimento recebeu como um verniz de agudeza e habilidade, e que se intromettem a criticar os actos do proximo, não fazendo elles proprios cousa nenhuma. Zombam dos caracteres sérios. A mais completa indifferença é o apanagio d'estes indolentes. As suas almas, se têm consciencia d'ellas, mudam com o vento, como quaesquer ventoinhas. Entendem e não crêem. Os pensamentos que esses entendimentos concebem, não produzem actos. Não têm principios nem convicções. Desconhecem o elemento religioso. A sua crença é o nada, de que nada resulta; nem anceiam por uma vida superior; não aspiram a idéas nobres, ou a um caracter mais elevado.

E todavia, não é a intelligencia, senão a fé; não são os conhecimentos senão o bom senso, não é a cultura senão a bondade, que nos faltam. Uma nação póde ter uma civilisação requintada e nada mais. A illustração e o bom senso, longe de serem uma e mesma cousa, não têm muitas vezes relação entre si. É permittido duvidar se a erudição conduz ao bom senso e á bondade. Fénelon diz que é preferivel ser um bom livro a amar os bons livros.

Uma leitura muito variada póde agradar, mas não alimenta o espirito. Santo Anselmo diz que « Deos consegue muitas vezes mais com a vida d'um analphabeto procurando as cousas de Deos, do que com a habilidade d'um erudito procurando as suas proprias cousas ».

Eis o retrato que um grande escriptor francez fez dos seus contemporaneos : — « Que outra cousa vêdes que não seja uma profunda indifferença a respeito das crenças e dos deveres, junta a um vivo ardor pelos prazeres e pelo ouro, porque esse póde dar-vos quanto ambicionais? Tudo póde ser comprado — consciencia, honra, religião, opiniões, dignidades, poder, consideração, respeito mesmo: vasto naufragio de verdades e virtudes! Todas as doutrinas philosophicas, todas as doutrinas d'impiedade se desfizeram no systema devorador da indifferença, sepultura do entendimento á qual este baixa só, nú, despido tanto dos erros como das verdades: sepulchro vasio aonde nem ossos podem ser encontrados. »

Devemos, porém, esperar a regeneração pela « cultura », palavra nova [1] de origem allemã.

Muitos adoram a « cultura ». E a sua unica religião. É o cynismo e o scepticismo intellectuaes enco-

1. Outra palavra rara e moderna é a de *Philistêo*. Leslie Stephen diz que é um termo offensivo com que os impertinentes e fátuos se designam reciprocamente. Shopenhauer dá outra definição. « Um Philistêo é aquelle que não conhece necessidades espirituaes, e que por conseguinte não póde ter gozos espirituaes, segundo o dictado : *Il n'est de vrais plaisirs qu'avec de vrais besoins.* Nenhum prazer artistico póde animar a sua monotona existencia. Os seus gozos são apenas sensuaes. Anhela unicamente por augmentar os seus confortos physicos. »

bertos com uma tintura de elegancia exquisita. Os que professam esse culto vivem n'uma atmosphera de superioridade refinada semelhante áquella que Molière descreveu nas « Preciosas ridiculas ». *Nil admirari* é a sua divisa. Escarnecem as antigas virtudes da industria, da abnegação, da energia e do esforço proprio.

Compõe-se o symbolo da sua fé de frias negações que não deixam lugar á admiração nem á esperança. São scepticos em tudo, — não fazem cousa alguma e negam o trabalho alheio.

Em nada crêem, excepto em si proprios. São os seus proprios deoses.

Goethe foi o inventor do Geist ou cultura. Todavia os poemas de Gœthe não produzem fructos como os de Schiller. As obras de Gœthe são estereis. Era um homem que commerciava com o amor das mulheres — d'aquellas que elle attrahia, e fascinava. Quando não trazia uma mulher no pensamento, diz o ultimo autor que escreveu a sua biographia, assemelhava-se a um cirurgião operador, sem paciente em quem opere. Dizia de Balzac que cada um dos seus melhores romances parecia extrahido do coração dolorido d'uma mulher. Balzac podia retribuir-lhe o cumprimento. Referindo-se ao seu amor prematuro pela historia natural, dizia Gœthe : «Lembra-me que na minha meninice destruia as flôres com o fim de examinar como eram as pétalas inseridas nos calices, e depennava os passarinhos no intuito de observar a maneira pela qual estavam seguras as

suas azas. » Bettina communicou a Lord Houghton que elle d'igual fórma usava com as mulheres. Todos os seus amores, quer fossem na classe alta, quer na classe baixa, eram submettidos a uma analyse semelhante. Insigne na virtude de fascinar, se a arte requeria a ostentação de ferventes emoções, atiçava a paixão sem escrupulo nem remorsos... Tal o artista que, pintando o Christo na Cruz, atravessára o lado do seu modelo com uma lança para reproduzir a desejada expressão de agonia physica. A capacidade de analysar assim minuciosamente em taes circumstancias, denota uma frieza relativa, e podemos imaginar a Gœthe, á imitação do heróe no « *Homme blasé* » verificando com o pulso entre os dedos o gráo da excitação exigida, e fazendo-a parar de subito depois de chegada ao maior auge..... Gœthe confessa francamente que tirava partido de todas as suas aventuras amorosas, e que considerava estheticamente quanto lhe succedia nas suas relações femininas, declarando que o melhor curativo para sarar d'um desapontamento ou d'um desgosto, consistia em analysal-o por escripto[1].

Oh! vã fatuidade da habilidade intellectual! como é vil e desprezivel comparada com as riquezas do coração! Que vale, que é o entendimento d'este resistente e resequido conjunto de musculos e cerebro? Um esqueleto de opiniões, um punhado de ossos apenas, se lhes falta a alma para dar-lhes ali-

1. Goethe por A. Haymard, Q. C.

mento e vida, substancia e realidade, verdade e alegria. Quem ha que não recorde as modestas palavras de Newton — o homem talvez mais grande que jamais existisse — o descobridor do calculo differencial, da theoria do centro de gravidade, da decomposição da luz, — comparando-se a uma criança brincando na praia em quanto a seus pés se estende um oceano immenso de verdades por explorar! Porventura existem hoje philosophos que façam igual declaração?

Diz o conde de Maistre: « Existem verdades que só podem ser alcançadas com o entendimento do coração. Um homem bom estranha muitas vezes encontrar-se com pessoas de grande habilidade incapazes de comprehenderem realidades que se lhe afiguram tão faceis. Essas pessoas são incompletas, falta-lhes uma faculdade: só assim isso se explica. Se o homem mais habil carece de sentimento religioso, é certo que nem o podemos convencer, nem mesmo conseguimos que elle nos entenda. » Sir Humphrey Davy tambem disse: « A razão torna-se frequentemente um peso inutil; destroe o sentimento e substitue-o pelo calculo e pela desconfiança. »

Porém a área mais ampla do dever existe além do campo da litteratura e dos livros. Os homens são entes sociaes, antes de serem creaturas intellectuaes. A melhor parte da educação deriva do contacto social, a saber: a cortezia, a dignidade propria, a tolerancia reciproca, e o sacrificio de si mesmo em proveito do proximo. A experiencia do homem é

mais extensa do que a litteratura. A vida é um livro que perdura no curso inteiro da nossa existencia, e cujas paginas difficeis só podem ser comprehendidas por um espirito claro e são.

« Hoje em dia, diz Lady Verney, « liga-se quasi inevitavelmente a ideia da educação á ideia de saber ler e escrever. Presentemente dá prova de ignorancia crassa ou de estupidez quem desconhece essas duas artes. Ha, porém, cincoenta annos que, excepto n'um pequeno circulo d'instrucção mui esmerada, eram os livros uma excepção, e muitos homens e mulheres intelligentes aprendiam a pensar por si sós, sem quasi outro auxilio do que a Biblia. Mesmo nas classes mais elevadas, era a leitura pouco commum entre mulheres. « Minha avó soletrava com difficuldade o que ella escrevia, e lia apenas no seu *livro de Resas* », disse um Francez habilitado para dar a sua opinião; era apezar d'isso muito mais sensata e digna do que as mulheres de hoje são.»

Antigamente apresentava-se á mocidade o dever como um estimulo. Errar o seu intento, era desgraçar-se. Ser bem succedido, era apenas ter cumprido um dever.

« Em quanto á utopia de imaginar », diz Hugh Miller, « que a educação engrandecerá a totalidade da raça humana, não é mais do que uma allucinação propria da epoca — que equivale ao expediente chimico hoje usado de converter as moedas de cobre em moedas d'ouro pela simple raspadura. »

En resumo, a melhor escola de disciplina é a casa

paterna. A vida de familia é o methodo que Deos destinou á educação da juventude; e os centros domesticos são na maior parte o que as mulheres os fazem.

« A esperança da França, dizia o fallecido Bispo de Orleans, está nas mães de familia. » Assim é tambem em Inglaterra. Estamos, porém, desgraçadamente perseguidos pelos clamores das mulheres que protestam contra a sua qualidade de mulher, e se esforçam por desataviar-se dos seus mais apreciaveis caracteristicos. Querem o poder — o poder politico, e todavia o mundo depende inteiramente da influencia d'ellas no lar domestico. Crêem na possibilidade de votar, e querem forrar-se da sua escravidão. Imaginam que porventura a sociedade valeria mais do que hoje vale, se lhes fôsse outorgado o privilegio de votar uma vez em tres ou cinco annos em favor d'um representante no parlamento? São Paulo louvava a mulher que se entretem nos trabalhos caseiros, porque reconhecia que o lar domestico é o espelho da sociedade, e que o amor e o dever da familia são a mais perfeita segurança das nossas mais caras affeições.

Um escriptor moderno, descrevendo as qualidades que devem caracterizar a natureza da mulher, accrescenta: « Observando como as mulheres de hoje correm apressadas após qualquer crença nova, ou qualquer moderna invenção, é licito suppôr que se sentem mais distantes do céo do que se sentiam suas mães ou avós; que a religião de agora já não tem a

força d'outro tempo, que os seus corações já não abrigam a mesma segura confiança e provada fé na benevolencia de Deos. » — E foi uma mulher quem formou este conceito.

Anteriormente á guerra franco-prussiana, fôra o Barão Stoffel commissionado para estudar e redigir uma informação ácêrca da moralidade e do pensar da Prussia comparada com a França. No decurso das suas observações diz : « A disciplina do exercito depende da disciplina da sociedade e da familia. A mocidade na Prussia aprende a obedecer, a respeitar a autoridade, e acima de tudo a cumprir com o seu dever. Porém como póde haver disciplina no exercito francez, quando a não ha na familia em França? Prosigamos, vejamos além do circulo da familia, os lyceus, as escolas, os collegios, etc. trata-se porventura de desenvolver nos alumnos o respeito aos pais, o amor pelo dever, a obedencia á autoridade e á lei, e mórmente a crença em Deos? Nada, ou quasi nada. D'onde resulta que todos os annos fornecemos ao exercito um contingente de moços faltos, pela maior parte, de principios religiosos, e de sã moralidade, os quaes têm sido desde a sua infancia acostumados a não obedecer a pessoa alguma, a discutir todas as cousas, e a nada respeitar. E existe não obstante quem pense que podemos de chofre, mal se alistam no exercito, acostumar á regra militar jovens por tal fórma indisciplinados e sem principios. Os que assim pensam, ignoram que a disciplina no exercito é apenas a disciplina

na vida particular — isto é — o conhecimento do dever, a sujeição aos superiores, o respeito aos principios de autoridade e ás instituições... A disciplina artificial póde durar algum tempo sob a pressão das circumstancias, mas seguramente desvanece-se logo que se ponha verdadeiramente em prova. » É inutil accrescentar que o Barão Stoffel foi propheta.

Será possivel que estejamos em Inglaterra atravessando analogas circumstancias, e que a onda sempre crescente da democracia esteja derrubando os melhores fructos da disciplina domestica e do caracter moral? Somos uma nação muito orgulhosa. Gabamo-nos de ricos, de poderosos, de possuirmos grandes recursos, de sermos senhores de forças importantes militares e navaes, de nos assignalarmos no commercio. Mas tudo isto póde desapparecer, e podemos em poucos annos ficar reduzidos, como a Hollanda, a uma nação rica, mas relativamente impotente. A nação depende dos individuos que a compõem, e não ha nação que possa distinguir-se em moralidade no cumprimento do dever, no acatamento dos preceitos de honradez e de justiça, cujos cidadãos individual e collectivamente não possuam essas qualidades.

Fallou da seguinte fórma lord Derby n'um dos seus ultimos discursos:

« Disse-me ha pouco um nobre de distincção que notára em Inglaterra, desde a batalha de Waterloo, um decrescimento progressivo das qualidades em

que então consistia a força e a superioridade do caracter nacional; e embora elle o não traduzisse em palavras, deduzi da sua maneira e do tom com que fallava, que na sua opinião era passada a epoca de dar remedio a tão grande mal, que o diluvio ameaçava estar já proximo, e que felizes eram aquelles que iam chegando ao fim dos seus dias e já não presenceariam a grande catastrophe. »

É muito possivel que succeda tal cataclysmo, e, dadas certas condições, é mesmo certo que ha-de succeder.

Esta é uma advertencia de caracter muito sério. Estará effeitivamente proximo um diluvio como sobreveio em França ha cem annos? O fallecido Dr Norman Macleod disse:

« A perturbação que hoje existe, que teve principio logo depois da guerra de 1815, e que na importancia póde ser comparada á Reforma, é sobremaneira afflictiva. Por um lado ha um rompimento total com a antiga maneira de pensar sobre a sociedade, a politica, a sciencia, a philosophia e a theologia. Não obstante a mui louca vaidade e jactancia d'aquelles que estão á frente da obra do desmonoramento das antigas muralhas, existe em muitos mais, por outro lado, o sentimento de grandissima importancia da verdade e do dever, o qual bem considerado seria tão sómente a expressão da fé em Deos que está sempre do lado da verdade... Em quanto á Escossia, não é ali que está a igreja futura. Desconhecemos questões de vital importancia. Disputamo-

nos como quaesquer regateiras sobre o valor da arraia ou do rodovalho!

Haverá mais triste espectaculo do que este de homens e mesmo de mulheres, que passam a vida a discutir e analysar os grandes principios em que seus avós acreditaram piamente, assegurando d'essa fórma á sua prole os grandes beneficios da fé, da bondade, e da satisfação do dever cumprido? Ha dous pensamentos que, uma vez admittidos, mudam completamente o curso da vida — a crença de que este mundo é apenas a antecamara d'um estado immortal, e a lembrança d'Aquelle em quem o homem vive no tempo, e vivirá na eternidade. Todos temos a faculdade de escolher entre o bem ou o mal. Quem nos dirá qual ha-de triumphar?

De nós depende — da nossa consciencia estimulada, e do esclarecimento da nossa vontade. Podemos no cumprimento dos nossos deveres encontrar trabalhos e pezares. Não devemos, porém, deixar de os cumprir, e gostosamente, porque n'elles vemos a vontade de Deos. As boas acções são uma força para nós mesmos, e inculcam no proximo o amor das boas obras. São thesouros que accumulamos para a hora da colheita.

Fortaleçamos pois o nosso entendimento, apparelhemos a nossa alma, e preparemos o nosso coração para o futuro. Trata-se da Vida eterna!

CAPITULO III

A Honradez. — A Verdade.

Trabalhar muito e bem... pouco ha quem... » — Chaucer.

« Resvala o ouro pelas mãos, deixa-as immaculadas; pega-se a ellas, causa ferida profunda. » — George Herbert.

« Por pobre que seja o homem honrado... é sempre rei. — Burns.

« Nunca desampares o caminho da honra e do dever; só assim serás ditoso. » — Buffon.

A honradez e a verdade correm parelhas. A honradez é a verdade, e a verdade é a honradez. Não basta a verdade por si só para engrandecer o homem, mas é o elemento mais importante para servir de base a um grande caracter. É uma garantia para quem se utiliza dos seus serviços, ao passo que inspira confiança áquelles que lhe estão sujeitos. A verdade é a essencia dos sãos principios, da integridade e da independencia. É a primeira necessidade absoluta, mais necessaria hoje do que em qualquer outro periodo da nossa historia.

A mentira tão commum, muito embora, é denunciada pelo proprio mentiroso, que protesta fallar verdade por saber que a verdade é universalmente respeitada, e a mentira universalmente despresada. Mentir não é só atropelar a honra, é tambem uma cobardia. « Tem valor de ser verdadeiro, disse Jorge

Herbert, nada ha que valha a fraqueza d'uma mentira. » Os peores mentirosos são os que se conservam á beira da verdade. Falta-lhes o valor para dizerem o que é, giram em torno da verdade, e acabam por dizer o que não é. A mentira que é uma meia-verdade, é a peor das mentiras.

Existe uma dobrez na maneira de viver que iguala em iniquidade a mentira por palavras. Mente a acção como mente o conceito que a voz articula. O homem de sentimentos baixos mente á sua profissão. Foge á verdade que professa crer. É homem de duas caras. Falta-lhe a verdade e a sinceridade.

Porém o homem que é verdadeiramente franco, falla conforme pensa, crê á semelhança d'aquillo que professa crêr, obra segundo professa obrar, e cumpre quanto offerece.

« Existem outras fórmas de contradicção pratica », diz Spurgeon; « ha alguns que são intolerantes na defesa da liberdade, outros que advogam a paz com termos violentos, ou que se destemperam contra a intemperança. Conhecemos miseraveis que defendem a generosidade. Sabemos de apologistas insignes « da verdade » —, o que para elles significa uma determinada fórma de doutrina — e que não fazem escrupulo de ser exactos no comprar ou vender, ou no que respeita a reputação do proximo, ou nos incidentes da vida domestica. [1] »

Mentir é um dos vicios mais communs e mais admittidos. Prevalece n'aquillo a que chamamos « So-

1. A Biblia e a Gazeta, 1878.

ciedade ». *Não estar em casa* é a phrase á moda para afastar qualquer visita. Mentir suppõe-se tão necessario para a marcha dos negocios humanos, que se lhe outorga um consentimento tacito. Póde considerar-se inoffensiva uma mentira, leve aquella outra, e não intencionada a terceira. Usa-se muito o mentir de leve. Embora tolerada, não deixa a mentira de ser molesta a qualquer homem ou mulher d'espirito recto. « A mentira diz, Ruskin, póde ser leve e accidental; é, porém, a fuligem que o fumo deixa após si, e vale mais cuidarmos de ter os corações limpos do que o trabalho de analysarmos qual seja a fuligem mais negra ou mais densa. »

« Mentir pela patria » costumava ser uma maxima diplomatica. Todavia o homem deve preferir a sua palavra á propria vida. Regulo foi enviado a Roma pelos Carthaginezes de quem era prisioneiro, com uma escolta de embaixadores, no intuito de negociar a paz, e sob a condição de tornar-se á prisão se a paz se não effectuasse, havendo prestado juramento de voltar.

Chegado a Roma, instou com os senadores para que proseguissem na guerra e não concordassem na troca de prisioneiros, o que significava ter elle de voltar ao captiveiro. Senadores e sacerdotes eram de parecer que elle não podia dar-se por obrigado a cumprir a palavra arrancada pela violencia. « Insistís pela minha deshonra? disse Regulo. Não desconheço as torturas e a morte que me esperam; porém essas, o que valem comparadas com a vergonha d'uma acção infame, ou o

castigo d'uma consciencia que remorde? Captivo sou de Carthago, porém conservo alma de Romano. Jurei voltar. Devo cumprir. Velarão os deoses pelas consequencias. »

Voltou effectivamente Regulo ao captiveiro, e ali expirou nos tormentos.

Siga o caminho da verdade aquelle que cubiça prazeres, disse Platão, « pois só então terá mingoa de penas. » Citemos tambem uma passagem do imperador Marco Aurelio : « Obra com impiedade aquelle que obra com injustiça. Pois se a natureza creou animaes racionaes para se auxiliarem reciprocamente segundo as suas necessidades e não para se offenderem, é obvio que quem erra contra a sua lei, pecca pela impiedade contra mais alta deidade. Igualmente, aquelle que mente pecca contra a mesma divindade, segundo a lei universal de quanto existe; e tudo que existe está relacionado com tudo quanto ha-de existir.

Além d'isso, esta natureza universal intitula-se verdade, e é a cousa primordial de todas a cousas que são. Aquelle, pois, que mente intencionalmente obra com impiedade em tanto que obra injustamente enganando; e bem assim aquelle que mente sem intenção, em tanto que está em desaccordo com a natureza, e que destroe a ordem indo d'encontro ás leis que regem o universo; porque vai d'encontro a ella quem se inclina contra a verdade, tendo desperdiçado as forças recebidas, com as quaes teria podido distinguir a verdade da mentira.

Com effeito, pecca como impio quem cobiça o prazer como um bem, e foge do pezar como d'um mal[1].

A verdade e a honradez têm diversas manifestações. Caracterisam o homem de justo proceder, o homem leal no trato mercantil, o homem incapaz de enganar em proveito proprio. A honradez é a manifestação mais singela e modesta do principio da verdade. Medir exactamente, pezar legalmente, não illudir na qualidade das amostras, servir com perfeição, observar rigorosamente os compromissos são qualidades indispensaveis do homem de caracter.

Vejamos um exemplo trivial. Sam Foote queixava-se, e com razão, da escassez de cerveja que lhe serviam; e chamando o taverneiro perguntou-lhe: « Quantas medidas de cerveja tiras por mez? » Dez, Senhor, » respondeu o dono da taverna. — « E não quererias tirar onze se podesses? » — « Certamente. » — « Pois *enche bem a tua medida!* »

Deploramos os pesos mal medidos e a falsificação dos generos. Julgamos comprar uma cousa e resulta ser outra. Mas os generos têm de ser vendidos, e quanto maior fôr o lucro, melhor. Se o freguez descobre a fraude, muda de estabelecimento. M. Le Play, que visitou a Inglaterra ha annos, louvou a probidade mercantil das fabricas inglezas. « São », « dizia elle,d'uma escrupulosa exactidão no peso, na medida, e na qualidade dos generos que exportam. »

1. *Pensamentos de Marco Aurelio Antonino.* Traducção de Jorge Long. M. A, pp. 144-5.

Diria hoje o mesmo? Não ouvimos porventura arguir publicamente de fraudulentas as nossas fabricas, censurar os nossos tecidos d'algodão lustrados com alvaiade, amido, magnesia e zinco? Examinámos a mistura, fallamos portanto com conhecimento de causa. O panno mofa-se, perde a côr, torna-se incapaz. A nigella é um cogumelo que se desenvolve com a humidade, e cresce no amido. A China era um dos mercados aonde tinham maior sahida os pannos preparados em Inglaterra. Porém, appareceu a nigella ou bolor, e acabou-se o commercio.

Existe um proverbio chinez que diz: « Não engana o prestidigitador com o seu reclamo. » O Chinez é tão embusteiro como o Europeu. Mistura limalha no chá, e agua na seda. Desconfia pois das fraudes alheias. « E a consequencia, » diz o consul britannico em Cheefoo, « é serem depreciados os nossos generos e substituidos pelos generos americanos. O cotim americano, embora quarenta por cento mais caro do que o cotim inglez, tem agora todas as preferencias. Já não inspiramos confiança. A marca ingleza era tida e garantida como boa e certa. Já o não é.

Succede o mesmo na India. O panno d'algodão inglez não se lava. Quando perde o cré e o amido faz-se n'um trapo. Os Indios têm plantações d'algodão. São intelligentes, engenhosos e habeis. Fiam um fio tão fino como as fiandeiras de Manchester. Têm-se accumulado capitaes na India, têm-se construido fabricas; e os Indios fabricam hoje para si.

Tudo isto é bem conhecido do mundo da industria. Discute-se nos *meetings* publicos. Lustrar o panno d'algodão com amido e cré é processo que ninguem ignora. Mr. Mellor denunciou a illusão dos fabricantes falsificadores. Dir-se-hia que tinham por estupidos a todos os habitantes do globo.

Mencionou o caso d'um engenheiro que ao atravessar o mar das Indias adornára o turbante com cambraia.

« É ingleza essa cambraia? » perguntaram-lhe. « Não; é suissa. A cambraia ingleza agarra-se-me aos dedos. Tem gomma. » Assim é que perdemos o nosso commercio. Assim é que nós estamos preparando máos tempos pelas nossas mãos.

Os tecidos d'algodão americanos têm muita venda em Londres, Manchester e outras partes. O panno da India tem venda na China e na Abyssinia, embora o fio torcido de Bombaim seja vendido mais caro do que o fio dobrado inglez. O fabrico de tecidos d'algodão da India é igual ao consumo de Manchester e á sua exportação. Não é esse um facto singular e caracterisco? Estamos dando aos nossos operarios uma educação technica. De que valerá a educação technica contra a fraude e a mentira no trato mercantil? Uma jóven compra uma meada d'algodão que marca 250 jardas. Doba-a com trabalho, e percebe que contém apenas 175 jardas. Que opinião lhes merecerá a honradez dos seus patricios?

O decahimento dos homens publicos, da moral publica, e dos principios politicos é innegavel. Quando

o fallecido Barão Dupin visitou a Inglaterra, notou com admiração o valor, a intelligencia e a actividade dos nossos commerciantes. « Não é só o valor, a intelligencia, a actividade do fabricante ou do mercador que mantém a superioridade dos productos e do commercio do seu paiz: é muito mais a sensatez, a economia, e *especialmente a probidade*. Se faltassem jámais estas qualidades aos prestantes cidadãos das Ilhas Britannicas, podemos estar certos que tanto a Inglaterra como qualquer outra nação, não obstante a protecção da marinha mais formidavel, a perspicacia e actividade da mais acreditada diplomacia, e a arte politica mais aperfeiçoada, veria os seus navios, agentes d'um trafego degenerado, rejeitados de todos os portos, e promptamente desapparecerem d'aquelles mares que hoje sulcam cobrindo-lhes a superficie com os productos do mundo inteiro offerecidos como productos da industria dos « Tres Reinos Unidos [1] ».

Não ha duvida que existe desculpa na agudeza da concurrencia e nos obstaculos que cria o Governo á liberdade do commercio. As leis restrictivas atam o fabricante de pés e mãos. Algumas ha excellentes, taes como a lei que prohibe á mulher e á criança o trabalho das minas de carvão, e a que diminue as horas de trabalho. Parece, porém, que essas leis peccam por exageradas. Mr. Kilson declarou ultimamente em Leeds que algumas das industrias da localidade devem a sua quasi completa ruina á acção das ditas leis. A Belgica estava introduzindo entre nós a

1. *A força mercantil da Grã-Bretanha.* Vol. 1 Int. p. 11.

fabricação de pequenos varões de ferro e aço na qual se podia empregar adolescentes. Todas as machinas em ponto pequeno, que antes constituiam um ramo importante do commercio inglez, são agora construidas em França ou na Belgica. Dizia, pois, que por esta fórma o Parlamento destruia muitas industrias em Inglaterra e accrescia a essa calamidade a injustiça de lhes fazer pagar o custo da sua propria extincção. Outro orador declarou que a sua casa importava da Belgica todos os objectos fundidos, porque sahiam por menor preço que os que se fundiam em Inglaterra, não obstante ter á mão os productos de todas as fabricas do Lancashire.

Os patrões ou donos das manufacturas não só luctam com os impedimentos das leis, senão tambem com os estorvos de maior consideração que lhes causam as *grèves*. Quando os negocios parecem entrar em melhor caminho, logo os operarios se amotinam e requerem salarios mais altos. Fecham-se as fabricas, apagam-se os fornos, suspendem-se as construcções, immobilisa-se tudo. Desperdiçamos as nossas forças, desaproveitamos as occasiões, e os estrangeiros utilizam-se da nossa incuria. Não é sómente uma calamidade, — é uma ruina, — que os operarios considerem assim os patrões como inimigos.

E que diremos ácerca do trabalho executado por esses operarios? Vai já longe o tempo em que elles tomavam a peito o seu labor, em que faziam gloria de sua perfeição, d'aquillo que Chaucer descreve no começo d'este capitulo como devendo ser « execu-

tado com vagar e excellencia ». E que temos hoje? Um trabalho concluido á ligeira, sem habilidade, sem consciencia, sem arte. E d'ahi resulta desabarem os tunneis, abrirem as pontes, e desmoronarem-se os edificios. Deixam-se casas por concluir, canos de esgoto abertos, espalhando assim a infecção. Oh! operario britannico, hoje tão descuidado! A quantos roubaste a vida! A quantas familias levaste a desolação!

Importa-te só dar fim ao trabalho; que esteja *bem* ou *mal* acabado, isso importa-te pouco. A tua alma é completamente alheia á tua obra. Esta é executada de qualquer modo; basta só que t'a admittam. Tudo isto redunda em deshonra. Ah! pobre operario Britannico! Toda a culpa não é tua. Foste criado sem educação. Foste criado sem carinho. Julgaste que o mundo te odiava, quando quasi sempre te compadecia.

Todo trabalho mal feito é mentira, é fraude. Paga-se para ter uma obra bem executada. Se a execução deixa a desejar, é fraudulenta. Póde ser envernizada a superficie. Póde não ser descoberto o logro a tempo. Seguindo as cousas assim, não vem ao caso referencias á dignidade do trabalho ou ao valor social dos chamados operarios.

Não póde existir merito no trabalho em que não existe verdade. « O merito não consiste em cousasôcas e armadas no ar, senão em cousas solidas e de duração. Se o trabalho d'hoje apresenta pouco corpo e pouca resistencia comparado com o dos nossos an-

tepassados, qual é a causa? Buscai-a na avidez do lucro, nas rivalidades, na pressa de enriquecer [1].

Até os Polynesios já descobriram as nossas artimanhas. Quando o Bispo Patteson fez viagem pelas Ilhas do Mar do Sul com um fim caritativo, teve a surpresa de vêr os nossos generos rejeitados pelos indigenas que se negavam a compral-os.

« Toda quinquilharia », disse, « que não offereça probabilidade de duração, é de nenhum valor aos seus olhos. Qualquer cousa que se lhes dê, seja cara ou barata, custe embora um shilling apenas, tem de ser de boa qualidade no seu genero. Por exemplo, estimam uma navalha de cabo rustico e d'uma só folha que possa ter custado um shilling ; ao passo que não fazem o menor apreço de outra de muitas folhas que se lhes offereça por igual preço. » E o Dr Livingstone tambem conta que os Africanos recusavam comprar o ferro inglez, o qual tinham por *podre*.

Socrates explicava quão util e excellente seria que todo homem se esforçasse por ser perfeito na sua esphera, — de modo que, sendo carpinteiro, fosse o melhor dos carpinteiros, ou sendo estadista, fosse o mais insigne dos estadistas. Essa seria a maneira d'alcançar grandes triumphos. Um tal carpinteiro, disse ainda Socrates, ganharia a corôa destinada a premiar a arte da carpintaria, fosse embora tecida com aparas.

Vejamos Wedgwood, a quem movia o espirito do verdadeiro obreiro. Posto que fóra de concurso, não

1. T. R. Conder. C. F. *Boas Palavras.*

se tinha por satisfeito senão quando realisava os sonhados esforços. Olhava escrupulosamente para a qualidade da obra, a utilidade que teria, e a apreciação que mereceria. Essa foi a origem da sua superioridade e da sua gloria. Não perdoava uma imperfeição no seu trabalho. Se não correspondia ao afagado pensamento, tomava uma vara, partia o barro, arremeçava-o longe de si dizendo : « Não é obra de Josiah Wedgwood! »

Cuidava conscienciosamente da perfeição das proporções geometricas, do brilho, da fórma, e do ornato. Deitava abaixo forno sobre forno, para effectuar algum necessario progresso, e com essas repetidas experiencias foi alcançando a perfeição. Inventou ou aperfeiçoou quasi todos os instrumentos de que fazia uso. Passava largas horas junto dos seus operarios instruindo-os um por um. E provam bem as suas obras qual foi o resultado de tão minuciosa exactidão.

Outro exemplo podemos citar de verdadeira honradez e de merito real no caso do grande contratador, Thomaz Brassey, o qual não obstante a geral corrupção se conservou sempre fiel ao seu trabalho e á sua palavra. Ia perto de concluido o aqueducto de Barentim, composto de vinte sete arcos, quando após grossas chuvas, abateu na sua totalidade, causando um prejuizo avaliado em £ 30,000. Ao contratador não se podia arguir de responsabilidade moral nem legal. Tinha protestado frequentes vezes contra o material empregado na construcção, e

os juizes francezes opinaram que o seu protesto o desobrigava de toda culpa. M. Brassey, porém, foi de contrario parecer. Tinha-se compromettido, disse, a construir um aqueducto duradouro, e não havia lei que lhe tolhesse o cumprimento da sua palavra. Reedificou, pois, a obra á propria custa. A sua vida offerece um dos mais nobres exemplos que se podem citar e aconselhar á geração presente. Levamos de vencida tempos bons e máos; mas o resultado é sempre identico. Meditamos pouco no futuro. Economisamos tão sómente quando já escasseia o dinheiro para despender em satisfações egoistas. Um commerciante de Bradford disse ha pouco: — Haverá cinco ou seis annos, estavamos em plena prosperidade. As classes commerciantes estavam quasi fóra de si. Edificavam-se fortunas com tal rapidez, e tanta era a tendencia a accumular capitaes, que pareciam crêr na eternidade de tal pujança. As classes operarias, que participavam da mesma prosperidade, perderam igualmente o norte, exigiram augmento de salario, e obtiveram-n'o. Limitaram a producção, adduzindo que, ao passo que diminuissem as horas de trabalho, maiores seriam os lucros, e mais lhes aproveitaria. Chegou, porém, a hora da rejeição e não houve syndicatos ou *gréves* que podessem afastal-a. Insisti com os operarios observando-lhes que para tornar aos tempos mais fartos, deviam cumprir o seu dever honradamente e deixar de trabalhar sem tento nem diligencia, com o unico intuito de ganhar dinheiro com o menor trabalho possivel.

N'uma reunião de operarios em Edimburgo, um dos oradores advogou a vantagem das *grèves*. « A minha theoria », disse, « é a seguinte. Trabalhai o menos que poderdes, e fazei por sêrdes pagos o mais possivel. » Esta theoria posta em pratica, seria a completa desmoralisação do trabalho, tornal-o-hia frouxo, inefficaz, desleal. Outro orador fallou em sentido contrario. Disse, « que a existencia de associações com o proposito de excitar as *grèves* era em extremo immoral. »

Contou que dias antes, seguindo por uma das ruas de Edimburgo, encontrára um homem que caminhava compassadamente e regalado.

Passava um rapaz que lhe disse :

— « Vai hoje muito descansado. »

« Este tempo que hoje perco é do patrão », respondeu o homem que tinha sem duvida affincado na mente que o prejuizo que resultava ao patrão das repetidas *grèves* redundava em proveito seu : e a consequencia de todo esse systema era o não ser possivel encontrar uma *obra bem feita*.

Seria bom que os operarios comprehendessem a sua actual situação. Trabalham á porfia com todos os operarios do Continente e da America. Outr'ora julgava-se que a superioridade da mão d'obra ingleza desafiava toda concurrencia estrangeira. Fosse assim muito embora n'outros tempos, hoje já não é. Os estrangeiros têm todas as vantagens das nossas machinas com os ultimos aperfeiçoamentos. Agora constroem elles mesmos as suas machinas. Aprenderam

a trabalhar com diligencia e perfeição iguaes ás do operario inglez. Trabalham ao sabbado e ao domingo. Em França trabalham 72 horas por semana, ao passo que em Inglaterra consiste apenas o trabalho em 56 horas por semana. E os salarios dos operarios estrangeiros regulam quasi 25 0/0 menos que os d'Inglaterra. A obra ingleza que se exporta é menos perfeita do que a obra franceza. Em presença de taes factos como podemos nós desafiar a competencia? Os tecidos d'algodão francezes e allemães entram em Inglaterra livres de direitos ao passo que os nossos não têm entrada nos portos allemães ou francezes sem pagarem elevados impostos. Perdêmos o monopolio do commercio, que d'antes era nosso, e não é provavel que o tornemos a haver.

O nosso commercio de pannos d'algodão virá a limitar-se ao abastecimento do nosso paiz, e se os productos não forem bons e baratos serão supplantados pelos artigos francezes e allemães, succedendo o mesmo com todos os mais productos.

M. Holyoake falou com acerto, censurando os erros das associações, e expressou a sua opinião — sem duvida a da *flôr* das classes operarias — ácerca dos laços de sympathia e sinceridade que devem unir o operario ao patrão. «Appellando,» disse, «para a minha experiencia de quatorze annos de vida de operario, declaro que, estivesse eu certo de oito horas de trabalho por dia, cuja remuneração me permittiria reunir economias antes de chegar ao declinio da existencia, e tivesse eu liberdade para trabalhar o melhor

que soubesse, de modo a concentrar na minha arte o meu orgulho, o meu gozo, e toda a minha habilidade, ao passo que se me offerecesse segurança de continuar no meu officio em quanto cumprisse com exactidão os meus deveres, daria á profissão de operario preferencia sobre qualquer outra. Tornar-me-hia o amigo do meu patrão. Gozaria do seu credito, desfructaria os seus lucros. Para elle os cuidados e os lucros que os primeiros merecem; para mim o tempo e a satisfação para estudar e aprender. »

O nosso paiz possue sem duvida os melhores elementos para alcançar os melhores resultados. Temos gente desejosa de trabalhar, e habil. Porém não são obras feitas á ligeira que nós queremos, mas obras executadas com primor. Temos manifestações contra os salarios baixos, mas não as temos contra as obras mal acabadas. Não pedimos mais horas de trabalho, senão mais aperfeiçoamento na execução. É a obra ordinaria e fraudulenta que desacredita os artigos inglezes em todos os mercados do mundo. « O trabalho, » diz ainda M. Holyoake, « se não proporciona gozo, é porque não se lhe toma gosto.

Deveria não ser possivel encontrar operarios que fizessem um trabalho mal acabado. É uma especie de crime contra a honradez da industria, uma fraude por connivencia contra o comprador. Nada põe mais patente o estado de honradez da industria do que o facto de existirem varias associações para

protegerem o homem que recusa ser mal pago, ao passo que não existe uma só que proteja o operario que recusa fazer uma obra mal feita. Continuando um tal systema, não ha escolas d'artes ou de sciencias que possam conservar á Inglaterra a sua prosperidade commercial.

Chega-nos igual lamento da America: « Não ha Deos além do Missouri », diz o proverbio, com evidente acerto. O dinheiro omnipotente é a verdadeira divindade, e o seu culto é universal. Um jornal de Sacramento diz que o povo americano ama o dinheiro e cria-o. Não tem rainha nem aristocracia que o governe; o ouro é ali a aristocracia. O amor da riqueza sobreleva-se a tudo mais. O dolo no commercio é a regra, e não a excepção. Envenenamos os nossos productos com os nossas falsificações. Envenenamos até as productos pharmaceuticos com generos mais baratos. Vendemos frisa por lã, obra de fancaria por obra maciça. Construimos abrigos pessimos com ladrilhos, cal, areia de má qualidade, madeira verde, e chamamos-lhes casas. Roubamos e enganamos a todos, em todas as transacções, e estamos tão sofregos de ganho que nem tempo temos de protestar contra a fraude mais cabal, e consolamo-nos com a esperança de enganar a outrem um pouco mais tarde.

Pagamos muito caro a nossa idiosyncrasia. Estamos destruindo rapidamente o nosso sentimento nacional de honradez e integridade. N'essas terras d'escravidão e ignorancia regidas por monarchas,

consegue-se viver muito mais barato e melhor do que entre nós. Ali o dolo é tido por crime, e o impostor — se o colhem — é punido severamente. Essas terras são, porém, havidas por barbaras e estupidas e como nada entendendo de liberdade. Nem têm dias de gala, nem ruas de luxo, nem fumos de aristocracia. Não admittem que o direito á vida e á liberdade, assim como a ancia de gosar (que significa avidez do lucro) permitta o dolo, tolhendo a um mesmo tempo a justiça. »

Embora pareça estranho, é certo que os Americanos começam a attribuir em parte a má qualidade da obra e a má vontade do operario ao systema escolar. Todos são tão educados, que se consideram acima do trabalho manual. Já não ha aprendizes, nem criados na America. Fallamos devidamente autorizados. Um redactor do jornal *Scribner's Monthly* diz que os Americanos divinisam o seu systema escolar. Critical-o é um crime. Tem-se por inimigo da educação qualquer que ouse duvidar das suas vantagens. Podemos não obstante affirmar que, para preparar o homem ao trabalho, especialmente ao trabalho manual, esse systema é um estorvo e um erro São apparencias, futilidades, e nada mais.

O mesmo redactor diz que o antigo systema de aprendizes cahiu quasi de todo em desuso. A mocidade segue os estudos escolares e não póde aprender um officio ; d'onde resulta que o trabalho manual está quasi todo entregue em mãos d'estrangeiros. O alumno cujos exercicios preparatorios foram bri-

lhantes, não acaricia a idéa de ganhar a vida com o trabalho manual ordinario. Perdeu o gosto pelo labor physico. Busca um pequeno emprego ou lucta para viver a expensas do trabalho do entendimento[1].

« Á sombra d'um frondoso castanheiro... vê-se a forja da aldeia, » descreveu Longfellow. A forja já lá não está. Quando o General Armstrong percorreu o Norte á procura de ferreiros, não encontrou um só que fosse Americano. Todo ferreiro era Irlandez. E os Irlandezes da proxima geração serão todos tão instruidos, que não haverá um só que se dedique ás artes mecanicas. Um ministro protestante de Nova York, chefe de numerosa familia, recentemente declarou no pulpito (com o intuito de corrigir tão fatal propensão) seu proposito de dar a cada um dos seus filhos um officio que se lhe tornasse meio de subsistencia em caso opportuno. Ricos e pobres deviam igualmente aprender uma arte mecanica, e a tra-

1. Se nos perguntarem porque se não reunem os esforços universaes para restaurar o antigo systema dos aprendizes a operarios, responderemos que é terrivel o inimigo com que se teria de luctar. Um fabricante de pianos queixava-se da falta de braços para acudir aos encargos do seu officio, e dava como razão d'essa carencia o facto dos seus obreiros pertencerem todos a uma sociedade que regulava o numero de aprendizes a quem elle podia industriar na sua arte. Limitado esse numero a um só aprendiz, tornava-se obviamente impossivel dar vasão ao trabalho, ao passo que se baldavam todos os seus esforços de resistencia; e restava-lhe tão sómente o alvitre de chamar do estrangeiro operarios já cabalmente amestrados. Em summa, existe em todo o paiz uma sociedade que conspira em afastar os jovens americanos dos officios mecanicos, com oppressão injusta da industria, e contra a qual devia obrar a mão severa da lei. Resulta, pois, que ao passo que a escola desvia naturalmente a maioria dos alumnos das artes mecanicas, os que dão mostra evidente de tendencia para essa qualidade de trabalho não têm a faculdade de eleger a profissão que lhes apraz, porque um enxame de socios estão de sentinella, tolhem a liberdade do mestre, e atropellam o direito do aprendiz. » *Jornal mensal illustrado de Scribner*. — Março 1880.

balhar n'ella com perfeição, sendo possivel, pois tão provavel nos parece hoje que cáia o rico na indigencia, como que alguns d'entre os pobres subam a saborear riquezas; e de pouco vale a educação que não prepara o homem a abastar-se a si proprio, e a acudir ás necessidades dos seus filhos.

Deploramos de algum tempo a esta parte a falta de commercio; não terá por ventura sido nossa a culpa? Na arithmetica dos traficantes nem sempre dous e dous são quatro. A quantos expedientes se não recorre — dos quaes a honestidade está proscripta — com a mira em lucros mais rapidos! Não basta trabalhar com paciencia para adquirir um modesto conforto; a maioria pretende enriquecer de repente. O espirito da epoca tende mais para os azares do jogo, do que para o labutar do negociante. A carreira é tão rapida que não tolera que nos detenhamos a informar-nos d'aquelles que cahiram prostrados no caminho. Corremos cada vez mais apressados. Ganha o premio quem se avantaja na corrida. Só temos fé no dinheiro. Não carecemos de ser prophetas para apontar a relação que existe entre a nossa desastrosa situação e o vicio do jogo de astucia e embuste no commercio, entre a extravagancia e a vaidade sociaes, e a desolação e miseria que lavram por todos os lados.

« Filho », disse um pai acautelado, « estás entrado na vida. É provavel que apontem contra ti os embustes e ardís dos que te quizerem burlar. Sê cauto: antes enganar do que ser enganado. » E outro: Se poderes, cria uma fortuna honestamente; se to-

davia tal não podes, arranja-a de qualquer modo. »

Disse um terceiro: « Vale mais a honra do que a deshonra ; de ambas tenho a experiencia. » É obvio que citamos estas phrases como a antithese da verdade e da honradez. Não obstante, licito é duvidar se prevalecem principios mais elevados em muitas das classes commerciantes. Enceta um mancebo a vida de negociante. Vai com pausa e acerto. Podem ser escassos os ganhos, porém são limpos. » Choverão bençãos sobre o homem probo ; mas tem de perder a innocencia aquelle que cobiçar rapidos haveres ; perde a lucidez da vista e não cogita que um dia póde cahir em pobreza. »

Deslumbra o entendimento dos jovens o luxo que ostentam os principaes negociantes das primeiras cidades mercantís. São tidos por immensamente ricos. Todas as portas se lhes franqueiam. Occupam os primeiros postos na sociedade. Dão bailes, saraus, e festins. Nas suas casas abundam pinturas d'artistas famosos, nas suas adegas nota-se a affluencia de vinhos exquisitissimos. A sua conversação é pouco variada, reduz-se quasi a fallar de vinhos, cavallos, e do preço do mercado. Parece que nadam no mar de rosas dos seus accumulados capitaes.

A gente moça deixa-se muitas vezes seduzir por taes modelos. Se lhe falta firmeza e valor, arrisca se a seguir-lhes os passos. A primeira especulação póde ser feliz. A esse primeiro lucro pódem seguir-se outros lucros, e deixam-se arrastar por esse engodo fatal da ideia do ganho. Perde o escrupulo e a

dignidade. Começam a circular numerosas as suas letras; e ao passo que diminuem os recursos, multiplicam-se as compras de pinturas, e até as larguezas e caridades, porque isso faz falta para a conservação do credito ameaçado. Outr'ora, quem cobiçava injustamente as cousas alheias, d'ellas se apossava com violencia. Hoje obtêm-se com combinações fraudulentas. Outr'ora, qualquer tentativa era patente, hoje tudo é subrepticio, até vir um ultimo acontecimento pôr bem manifestos todos os artificios. O negociante quebra, a sua firma para nada vale; vendem-lhe os quadros, e elle foge para esquivar-se ás maldições dos crédores.

Deu-se um caso de bancarota em que os livros acreditavam para mais de 39,000 libras esterlinas repartidas por estabelecimentos pios, e outras obras philantropicas! « Declaro sob a autoridade do verificador de contas », disse um orador n'uma reunião de crédores, « que esta casa se occupou durante quatro ou cinco annos em compras importantissimas com que abastecia os mercados do oriente, quando já era havida por insolvente, proseguindo em loucas e culpaveis transacções com o fito unico de auxiliar os seus intentos financeiros, ou para bem dizer, no intuito de levantar maiores creditos. » A magnificencia caritativa d'uma casa insolvente afigura-se-me astucia horrenda, e traz-me á lembrança uma observação do nosso bispo, que diz existirem alguns individuos que constroem igrejas com uma parte dos seus ganhos mal ha-

vidos, talvez com o intento de aplanarem o caminho pelo qual hão-de subir ao céo. »

Quem haverá que desconheça as quebras de certos bancos, originadas em especulações e paradas fraudulentas, compromettendo ou arruinando as fortunas e desbaratando as economias da maior parte dos accionistas ? Dizia Schiller : « Demonstra denodo quem se appropria de um milhão, porém quasi que dá prova de desusado valor quem rouba uma moeda d'ouro, de tal maneira parece a culpa diminuir ao passo que o delicto cresce em gravidade. » Todavia a appropriação de milhões não tem sido considerada extraordinaria n'estes ultimos annos. Têm-se distrahido quantias dos bancos para a compra d'acções de caminhos de ferro ou de terrenos em longinquas paragens, redundando muitas vezes os sonhados lucros em desastrosa ruina. Depois, segue-se a quebra do banco, arrastando na sua queda os haveres de milhares de familias que se vêem reduzidas á penuria e á desolação. Tem-se visto homens cujo desespero conduz á perda da razão, e mulheres preferir a tamanha desgraça o sacrificio da propria existencia.

« Misericordia, Senhor ! cinco irmãs somos... tres vezes vinte annos conta a mais joven de nós todas... cinco mulheres abatidas com pavor e tristeza... Feliz da nossa irmã viuva, que já não existe !... Por que não esperaram?... curta será já a nossa vida... tão pouco nos bastava para vivermos com decencia e alégria... Mas deixar a casa amiga aonde abun-

dam as recordações... por um asylo! antes a paz da sepultura [1]! »

Homens ricos, ambicionando maiores haveres, lançam-se em especulações loucas com o fito exclusivo de adquirirem maiores capitaes com a maior celeridade, resultando-lhes não raras vezes a bancarota fatal. Muitos exemplos o comprovam. Um banqueiro rico de Tipperara — radical e demagogo — conseguiu fazer parte do Parlamento, e algum tempo depois, para conservar a sua dedicação, foi nomeado Thesoureiro da Corôa. A miragem d'um brazão nobiliario já parecia deslumbrar-lhe a vista, baldou-se porém tal expectação. Tinha arriscado e perdido avultadas quantias nos caminhos de ferro americanos e hespanhoes. Começou a espalhar letras e cheques no valor de milhões de libras. Falharam os seus lanços habeis mas não estribados nos principios da sã moral; soffreram protesto as

1. O Dr Walter C. Smith, autor d'estas linhas compareceu n'uma reunião em Edimburgo dizendo que recebera um grande numero de cartas relativas á quebra do banco, e que uma parte dos correspondentes perguntava como podia ser elle « convertido » e ao mesmo tempo levantar tanta bulha por causa de lucros torpes. Infelizmente a presente calamidade envolvia muitas desgraças para os seus patricios, e pela sua parte sympathisava medianamente com uma religião cujos membros pouco se condoiam dos males dos seus irmãos. Subia-lhe o pejo ás faces considerando que taes desafóros haviam sido commettidos por homens que antes se apontavam como dignos, mas não perdia a esperança de que a sua amada patria sahiria do conflicto tenebroso com a honra immaculada e encetaria uma carreira de activa industria n'uma atmosphera menos impura e insalubre. Tinha-se lhe perguntado se era exacto o caso de cinco irmãs idosas, que havia sido publicado. Sim; o facto era verdadeiro e jámais esqueceria a hora em que vira aquellas cinco senhoras nove dias de pois da quebra do banco. Durante esse tempo nem uma unica vez se havia cosinhado n'aquella casa, nem as infelizes haviam despido a roupa que usavam, nem seus corpos haviam buscado alivio no descanso da cama. Tomadas de pavor, e quobrantado o animo, abrigavam vagamente a esperança de que o seu bom Deos baixaria a livral-as do lugubr futuro que se lhes apresentava.

suas letras, a ruina era imminente. Alta noute, foi ao seu escriptorio do qual levou um pequeno frasco d'acido prussico. Seguiu viagem para Humpstead Heath, e bebendo o veneno, poz fim aos seus dias.

Quantas scenas se presencearam nas ruas de Thurles e Tipperary ao espalhar-se a noticia da sua morte! Velhos gemendo e chorando a perda total dos seus haveres; viuvas ajoelhando e perguntando ao Senhor se podia ser verdade que tinham de andar a mendigar por portas? Exhausto o ultimo ceitil do seu banco, o banqueiro e thesoureiro não hesitou em accumular fraude sobre fraude para recuperar o perdido, do que apenas resultou espalhar maior desolação e mais completa miseria em torno de si.

Umas das suas ultimas cartas dirigida a um seu primo, dizia assim : « A que infamias tenho eu chegado passo a passo, amontoando crime sobre crime! Arrastei milhares de familias á desgraça e á ruina. Oh! quanto lamento as victimas de tamanhos desastres! Se me falassem de penitencias, todas aceitaria contricto; assistir porém ás angustias d'esses sêres, é tormento insupportavel. Antes morrer. Oxalá nunca sahisse d'Irlanda! Oxalá não condescendesse com os que me arrastaram ás primeiras especulações! Têr-me-hia conservado como era então, probo, e verdadeiro. Hoje choro, mas de que serve? »

Ha nações e estados falsarios, como ha individuos embusteiros. Mede-se-lhes a probidade pelo valor do

seu 3 0/0. A Hespanha, a Grecia e a Turquia estão desacreditadas. Foi o excesso da riqueza que arrastou a Hespanha á decadencia. O ouro que das colonias Americanas desembarcava em Hespanha tornou o povo indolente e ocioso. Hoje o hespanhol, que se considera humilhado por ter de trabalhar, não duvida entregar-se á mendicidade. A Grecia ha muito que nega as suas dividas. Á Turquia faltam os meios de soldar o seu debito. Todas as industrias d'esses paizes estão em mãos d'estrangeiros.

De Philadelphia e outros Estados americanos havia direito a esperar outra cousa que não fosse o negarem-se a cumprir os seus compromissos. Eram Estados ricos, e as sommas que de fóra entravam, augmentavam-lhes as riquezas. Com ellas

1. « O ignobil amor do luxo e dos prazeres » disse o Bispo de Peterborough, « a vil adoração das riquezas, as fraudes e acções deshonestas que traz comsigo a ambição de adquirir; os gastos extravagantes que resultam da posse dos cobiçados haveres; o descaro do vicio que, orgulhoso e farto, já nem mesmo o tributo da hypocrisia paga á virtude; o cynismo que escarnece os mais nobres pensamentos e as miras mais elevadas que são como o amago da vida nacional; a lucta aberta pelos interesses, a guerra entre as diversas classes que dia a dia toma maior incremento, ao passo que o egoismo invejoso da pobreza reage naturalmente contra o egoismo que a riqueza ostenta; o odio feroz em que se compraz o necessitado contra toda a organisação da sociedade que se lhe afigura uma vasta e oppressora conspiração; os loucos sonhos revolucionarios no intuito de espalhar por todos a igualdade, sem trabalho e sem privações, raro gozo de que poucos fruem e tanto e com tamanha amargura appetecido por tantos; — taes são alguns germens de mal que cultivamos pelas nossas proprias mãos nas nossas terras e que pódem um dia tomar tanto incremento, que sejam hostes mais para temer do que qualquer invasão estrangeira. O deslumbramento da nossa hodierna civilisação póde dissimular por algum tempo estes perigos; podemos deixar de notar como alguns dos mais preciosos elementos da nossa grandeza nacional vão perdendo o viço na atmosphera abrasada da vida de que vivemos; ou não observar os males que vão sazonando á sombra do progresso; mas elles alli estão, e se d'elles nos descuidarmos, tempo virá de lamentarmos que a cruel e proveitosa experiencia da guerra — quiçá as humilhações e os pezares da derrota — nos não visitassem a tempo de nos livrar das calamidades fomentadas pelas nossas culpas em tempos de paz e prosperidade »

construiam estradas, e abriam canaes para utilidade publica. O Rev. Sydney Smith — que emprestou o seu dinheiro — « as economias d'uma vida inteira á custa de trabalhos e privações, » fez publica manifestação da sua perda. Dirigiu uma queixa ao congresso de Washington e publicou-a

« É certo, dizia, que os Americanos, que se ufanam de aperfeiçoar as instituições do Velho Mundo, correm parelhas com os Europêos no que respeita aos crimes. Uma grande nação, calcando aos pés todas as instituições, commette o maior abuso que jámais se tem attribuido ao peor monarca da terra mais aviltada. »

O Estado de Illinois, embora pobre, obrou com fidalguia. Tinha, como o de Philadelphia, levantado creditos com o proposito de acudir a melhoramentos no interior. Quando os ricos Philadelphos abriram o exemplo de negar as suas dividas, muitos dos Estados mais pobres desejaram portar-se d'igual modo; e como todo accionista tinha voto, era facil, dando de barato a probidade, concordar em desmentir o ajustado. Reuniu-se uma assembléa em Springfield, capital do Illinois, e foi proposta a recusa do pagamento. Estava a ponto de ser aceita, quando um homem honrado suspendeu a deliberação. Estevão A. Douglas (consinta-se que publique o seu nome) achava-se de cama enfermo n'um hotel, quando insistiu para que o levassem á Convenção. Tolhia-lhe o andar a grande debilidade, e conduziram-n'o sobre um colchão. Deitado, pois, escreveu a resolução se-

guinte que substituiu á proposta — apresentada em primeiro logar: — *Resolve-se* que o Illinois se *conserve probo*, muito embora não pague um centimo. Tal decisão moveu os animos de todos os membros da assembléa que a adoptaram com enthusiasmo. Matou d'um golpe o systema de negar os debitos. As obrigrações dos Canaes subiram immediatamente. Affluiram capitaes, e affluiram emigrantes concorrendo para tornar o Illinois um dos mais prosperos Estados da America, como hoje é. Contém maior numero de kilometros de vias ferreas do que nenhum dos outros Estados. As suas vastas planicies são um immenso celleiro, d'onde se destaca um sem numero de vivendas alegres e pacificas. Tanto póde a honradez!

A verdade é que nos temos tornado demasiado egoistas. A nossa individualidade occupa-nos mais do que tudo. Quanto mais nos importam os prazeres, menos cuidado nos merece o nosso proximo. Os egoistas não reparam nos males d'outrem. Revestem-se como d'uma armadura que rebate as estocadas da miseria ou da necessidade, e dão accesso tão sómente áquellas de que lhes póde resultar beneficio.

« Ha homens, diz São João Chrysostomo, que mostram não terem vindo ao mundo para outro mister que não seja o de engordar e regalar o corpo.. Ante festins tão copiosos, os anjos despedem-se, — offende-se a Deos — folga o demonio —escandalizam-se os virtuosos e até os servos zombam e riem.... Os homens justos d'outros tempos deixavam os banque-

tes sumptuosos para os tyrannos e os homens enriquecidos no crime, para esses que foram o flagello da humanidade. »

Já não sabemos viver com pouco. Qualquer homem não dispensa o luxo ao redor de si. E todavia a vida não consiste na abundancia dos bens; deve-se viver honradamente, embora com pobreza. Privar-nos do superfluo, privar-nos mesmo do relativamente necessario, é o caminho que conduz ao desprendimento christão, assim como á força de caracter das passadas eras.

Faltam-nos hoje homens com meios para satisfazer todo desejo licito, e ao mesmo tempo com forças para contentarem-se com pouco. « Um coração grande, n'uma choça pequena, » disse Lacordaire, « é de todas as cousas, a que mais me sensibiliza. Feliz aquelle que semeia a verdade e o bem. Farta seára colherá! »

Eis aqui um bello exemplo d'um pobre camponez allemão. Bernardino de Saint-Pierre relatou o facto nos seus *Estudos da Natureza*. Servia como engenheiro ás ordens do Conde de Saint-Germain durante a campanha de Hesse em 1760. Presenceou pela primeira vez os horrores da guerra. Todos as dias atravessava aldeias saqueadas, campos e casaes arrazados. Homens, mulheres, crianças fugiam chorando. Homens armados destruiam por todos os lados os fructos do seu labor, fazendo consistir n'essas brutalidades uma parte da sua gloria. Todavia, Bernardino de Saint-Pierre teve a satisfação de presencear no

meio de tanta selvajeria um rasgo sublime em que se manifestou até á evidencia a grandeza do caracter d'um pobre homem cujo casal e terra se achavam no caminho do exercito invasor.

Sahira um capitão de dragões com os seus homens a forragear. Chegados a uma choça bateram á porta; apparecendo-lhes um ancião de barba branca, disse-lhe « Conduze-me aonde encontre forragem para as tropas. » Promptamente, senhor, » respondeu o velho. E pondo-se á frente dos invasores, subiu a encosta. Passada meia hora avistaram um extenso campo de cevada. « Isto basta, » tornou o capitão. « Não, redarguia o ancião, sigamos um pouco mais para diante.» Continuaram a andar, encontrando-se finalmente com outra terra de cevada. Apearam-se as tropas, ceifaram a seara, ataram-n'a em feixes, e carregaram os cavallos. « Amigo, perguntou o official porque nos trouxeste tão longe? Ter-nos-hia bastado o primeiro campo que vimos. » « Sem duvida, senhor, porém *aquella terra não era a minha.* »

CAPITULO IV

Homens que não se vendem.

« Se pretendes inculcar a verdade... sê brioso... vive honradamente.... e a tua vida será uma profissão de fé digna e elevada.

. . . . . .

« Para dar, emprestar, e gastar... é boa a vida.. mas para pedir ou existir á custa alheia... não ha nada peor. — Bulwer Lytton.

« O bom nome do homem, a boa reputação da mulher... são, meu senhor, a joia mais preciosa das suas almas... Quem rouba a minha bolsa.. rouba escoria: « pouco ou nada »... o que hontem era meu, hoje é d'elle..... foi já de muitos;... mas quem me rouba o credito, não enriquece, e empobrece-me. » — Shakespeare.

« Val mais a honra que o dinheiro. » — Proverbio Francez.

Em primeiro logar, ha homens que *podem* ser comprados. Ha patifes, e não poucos, dispostos a venderem corpo e alma por dinheiro e bedida.

Quem ignora que ha eleições annuladas por corrompidas com dadivas e promessas? Não é esta a fórma de gosar da liberdade ou de conserval-a. Os homens que se vendem, escravisam-se; aquelles que os compram não têm honradez nem principios. A liberdade tem tambem os seus impostores. « Estou pizando a terra da liberdade, » disse um orador. « Não ha tal », replicou um sapateiro quo estava entre os ouvintes. « O senhor está pizando umas botas que nunca me pagou. »

O homem propende para acompanhar a maioria. « Maioria? » disse Schiller, « que quer isso dizer? Os avisados foram sempre poucos. Os votos não deviam contar-se, mas pezar-se. Está destinada a perecer a nação aonde a maioria impera, e a ignorancia decide. »

Quando teve lugar a separação de Igreja da Escossia, dizia Norman Macleod que era bem contrario á natureza o ir com a minoria, e conservar-se fiel á linha de conducta traçada pela consciencia. Por toda parte o recebiam com risos e apupadas. « Vi hoje, » escrevia elle n'uma carta, « uma campa na capella de Holyrood, cuja inscripção dizia : « Aqui jaz um homem de bem! » Desejo apenas viver de modo a merecer um dia igual *elogio*. »

Os ignorantes e descuidados estão á mercê dos que não têm principios; e comtudo hoje os ignorantes são a maioria. A um charlatão francez chamado a comparecer perante o tribunal correccional por obstruir a passagem no Pont-Neuf, disse o magistrado : « E como faz vocemecê para reunir tanta gente ao redor de si, e extrahir tanto dinheiro com a venda da sua droga *infallivel?*

« Senhor Juiz, » replicou o charlatão, « quantas pessoas suppõe Vossa Senhoria que cruzam o Pont-Neuf n'uma hora? » « Não faço idéa », respondeu o magistrado. « Eu digo a Vossa Senhoria. — Passam umas dez mil pessoas, e d'essas, quantas terá Vossa Senhoria por sensatas? » « Quem sabe! Talvez cem! » « Isso é muito; porém deixo a Vossa Senhoria

essas cem pessoas, e das restantes faço nove mil e novecentos freguezes! »

Por todos os lados ha quem corrompa por peita. Não existe o espirito de probidade, de dignidade, de respeito por si proprio. Se o houvesse, desdenhariase de qualquer tentativa de corrupção. Os empregados do governo são gratificados para dar entrada a generos capazes ou incapazes para consumo. Resulta que o calçado mal cortido dos soldados abre á primeira marcha; que as fardas de ruim panno esfarrapam-se; que os mantimentos apodrecem nas latas. Triste relação foi a do Capitão Nares ácerca dos viveres dos seus marinheiros nas regiões arcticas. Tudo isto é a consequencia da corrupção e fraude dos empregos civís subalternos.

Usam-se muito as commissões illicitas. Faz-se chegar um cheque a um determinado empregado que o paga. Assim muitos enriquecem com pouco trabalho. Depois d'uma fraude importante praticada por um empregado d'uma sociedade publica, collocou-se á porta do escriptorio esta inscripção. « É prohibido aos empregados d'esta sociedade receberem gratificações. » O cozinheiro é gratificado por quem fornece os viveres; o despenseiro entende-se secretamente com o negociante de vinhos.

« Estas commissões illicitas », diz o *Times* « contribuem muito para envenenar as relações commerciaes Se, porém, tal vicio fosse chamado a sahir do mercado ou da cozinha e a invadir qualquer repartição publica,

seria a ruina da influencia dos empregados publicos, e a completa destruição da confiança que até hoje se lhes tem tributado. É da maxima importancia que o serviço publico se conserve immaculado, e que não recaia a minima suspeita em nenhum empregado em posto de confiança. Seria um dia horrendo esse em que se tornasse publica a suspeita de que os empregados do governo aceitam luvas ou gratificações. »

Um inventor achou o systema de registar o numero de pessoas que entram n'um omnibus, mas não foi possivel conservar o seu uso. « Não é isso que nos faz falta, » disse o Secretario da Companhia, « aquillo de que carecemos, é d'um systema que faça dos nossos empregados homens honrados, e esse, duvido que o encontremos. » Necessitamos de gente honrada! é o grito que se ouve de todos os lados. Demasiadas vezes os tribunaes nos revelam furtos e maroteiras commettidas por homens, a quem estimavamos e que passam da estima ao opprobrio. Carecemos de caracteres elevados. Taes caracteres inspiram fé; dão pelos seus actos prova de que merecem estima e confiança.

Nos outros paizes succede o mesmo, e com especialidade na Russia, no Egypto e em Hespanha. Na Russia é muita a prevaricação, mesmo entre os funccionarios de postos elevados. O ouro a todos abre caminho. Todos peitam — incluindo os fornecedores e os empregados destinados a exercerem vigilancia sobre elles, assim como os que distribuem os generos dire-

ctamente. É um facto innegavel. Desculpam-se com a má retribuição dos empregados. A linha ferrea de Moscou a São Petersburgo custou sommas enormes. Foram pagas a engenheiros e operarios grossas quantias que desappareceram nas mãos dos directores e inspectores. O Principe Mentchikoff acompanhava o seu soberano n'uma excursão que tinha por fim fazer as honras da capital ao Embaixador da Persia. Este olhava para as cupulas douradas, as columnas de granito, e a larga extensão de lojas que reluziam, com indifferença verdadeiramente oriental. Por fim o Imperador, vexado, disse em voz baixa ao seu favorito : « Não haverá cousa que desperte a admiração d'este sujeito? » « Mostre-lhe Vossa Magestade as contas da via ferrea de Moscou a São Petersburgo! » replicou o Principe.

Em Alexandria, no Egypto, são extraordinarias as quantias assim dissipadas, o que só a peso d'ouro se evita. Nos portos d'Hespanha não entra um barco sem gratificar os empregados das alfandegas. Desculpam-se á semelhança dos Russos; os empregados do governo não têm salarios sufficientes para viver.

Mesmo nas republicas, encontram-se homens desejosos de se venderem. O dinheiro vence muitas difficuldades; resolve muitos problemas. Na America, flôr das republicas, negocia-se a prevaricação. Os emolumentos d'um empregado são insufficientes. Os proprios funccionarios de categoria mais elevada são gratificados com presentes de carruagens, cavallos e tambem com metal sonante. Os mais perspicazes e

honrados homens d'Estado americanos conhecem que a prevaricação e a agiotagem estão minando a administração e rebaixando o nivel da moral publica.[1]

Assim tem sido por todas as partes, — qualquer que seja a governo — monarchico, aristocratico, ou republicano. Não depende da fórma do governo, senão dos homens que governam. A influencia politica usada com egoismo é uma maldição; usada com intelligencia e imparcialidade, póde ser uma fonte de beneficios. Se o egoismo tende a prevalecer nas classes administrativas, ai do paiz que ellas administram! O mal espalha-se, desce, abrange todas as classes, mesmo as mais pobres. A batalha pela vida torna-se a batalha pelas riquezas e pela causa propria. Abandonam-se os principios. A virtude da honradez esquece. Morre a fé, e a sociedade torna-se uma lucta constante por honras e haveres.

Tem, porém, existido em todos os tempos homens

1. Vêr a *Revista norte-americana* de Janeiro 1871. M. Jacob D. Cox diz que se tem generalisado por todos os Estados a degradante importunidade dos que buscam lugares e dinheiro do governo. Não existe sitio tão recondito que tenha escapado a esse fatal contagio. Quando um dos partidos vence, opera-se uma completa revolução desde os cargos mais importantes e melhor remunerados até os lugares mais modestos de amanuenses, á voz de: « Lugar para os vencedores! « Confessamos envergonhados, » diz M. Cox, que a essa voz succede pilhagem igual á d'um exercito invadindo uma cidade; e de tal fórma estavamos acostumados a escandalosas desavenças para utilidade propria, que hoje nos admira a nossa apathia e começamos a considerar a consciencia publica ao menos em parte endurecida » (p. 89). Durante a administração de M. Johnson « a prevaricação igualava as epocas de mais profunda corrupção que relata a historia de todos os outros paizes. » A hypocrisia, a adulação, o conluio e todo o registo de vicios politicos tomam maiores proporções á medida que baixamos até chegarmos ao velhaco que trafica com os votos da urna, e faz redundar em proveito proprio o dinheiro recebido por algum candidato para « gratificar os eleitores independentes que se vendem por um decilitro d'aguardente. » (p. 92)

que se negam a ser comprados. Mesmo entre os mais pobres, contam-se homens que, guiados pelo dever, recusam vender-se por lucro. Os Indios da America consideram a cobiça das riquezas como indigna d'um homem bravo, — de fórma que o chefe é muitas vezes o mais pobre da tribu que governa. Foram pobres os maiores bemfeitores da sua patria, entre os Israelitas, os Gregos e os Romanos. Andava Elisêo á charrua quando foi escolhido para propheta, e Cincinnato trabalhava no campo quando o chamaram e collocaram á frente das tropas romanas. Socrates e Epaminondas contavam entre os mais pobres da Grecia. Assim foram igualmente os pescadores da Galiléa, fundadores da nossa fé.

A rectidão inabalavel de Aristides mereceu-lhe o cognome de Justo. O seu amor pela justiça era sem macula e o seu desinteresse perfeito. Combateu em Marathon, e Salamina, e commandou a batalha de Platéa. Não obstante ter ocupado os cargos mais importantes do Estado, morreu pobre. Não havia peita que o seduzisse; não havia cousa que o apartasse do caminho do dever. Refere a historia que os Athenienses cresceram em virtudes com tão brilhante exemplo. Durante a representação d'uma das tragedias d'Eschylo, os espectadores ouvindo pronunciar uma sentença em louvor da moralidade, desviaram os olhos do actor, cravando-os em Aristides.

Phocio, general Atheniense, homem sagaz e bravo, foi cognominado « O Bom. » Alexandre Magno, percorrendo a Grecia, tentou afastal-o da sua perfeita

lealdade. Offereceu-lhe riquezas, e a facilidade de escolher entre quatro cidades da Asia. Da resposta de Phocio, deduz-se o caracter do homem. « Se Alexandre me tem devéras em estimação », disse, « não tentará a minha honra. »

Porém Demosthenes, o eloquente, poude ser corrompido. Quando Harpalo, um dos chefes d'Alexandre, veiu a Athenas, todos os oradores, incluindo Demosthenes, tinham a mira posta nos seus favores. A eloquencia, porém, de que vale sem honestidade? Visitando Demosthenes a Harpalo, este observou que uma das taças mais ricamente lavradas do rei attrahia fortemente a attenção de Demosthenes, e insistiu para que este lhe tomasse o peso. « Quanto poderá valer? » perguntou o *principe dos oradores gregos*. « Vinte talentos, » respondeu Harpalo, e n'aquella mesma noute enviou a taça a Demosthenes, a qual levava dentro vinte talentos. A offerta foi aceita, dando principio á desgraça do orador que pouco depois se envenenou.

Cicero havia, pelo contrario, rejeitado todas as dadivas, quer fossem dos amigos, quer dos inimigos da patria. Decorrido pouco tempo depois de ser assassinado Cicero, encontrou Cesar Augusto o seu neto lendo um tomo das obras do grande homem. O menino tentou dissimular; porém Cesar tomou-lhe o livro das mãos, e depois de o passar pelos olhos, fez d'elle entrega ao joven, dizendo: « Este, filho, era um patriota eloquente e amante da sua patria ». Bias, a quem perguntavam porque, á imitação dos seus patri-

cios, não punha a salvo os seus haveres quando tinha de fugir, respondeu: « É infundado o vosso espanto. Os meus thesouros levo-os eu commigo. »

Tinha Diocleciano, havia pouco tempo, resignado a purpura imperial, quando Maximiliano o convidou a reassumir as redeas do governo. Respondeu Diocleciano: « Se podesseis ver as couves que plantei com a minha propria mão em Sagunto, os gostosos melões que crescem na minha horta, e as plantações que rodeiam a minha casa de campo, deixarieis d'insistir para que eu renuncie á verdadeira felicidade e volte aos embates do poder ».

Gozava o fructo do seu labor e das suas penas. Tinha inculcado o espirito da industria que incita o operario á perseverança, o guerreiro á intrepidez, o estadista á constancia. O trabalho fecha as portas á deshonra, abre um vasto caminho ao talento, avigora o cumprimento de todo dever religioso e social. E por isso os Romanos queriam chamar Diocleciano novamente ao poder.

O contentamento vale mais do que o luxo ou a grandeza: póde considerar-se uma riqueza natural. Maria, irmã d'Isabel, lamentava frequentes vezes o não ter nascido n'uma queijeira de preferencia a nascer nos paços reaes. Teria escapado ao tormento d'um amor mal retribuido, e a assistir ao avitalmento da corôa pelos seus ministros. Numerosos martyres teriam igualmente escapado á fogueira.

Não trabalha com a mira em honras ou riquezas quem se preza de valente e honrado. Socrates, quando

preferiu a morte a separar-se das suas opiniões ácerca da justa moralidade, Las Cases quando tentou alliviar as torturas dos pobres Indios, não aspiravam a gloria ou recompensa. Miravam só a ennobrecer o pensamento humano, e a diminuir os alheios soffrimentos.

Quando Miguel Angelo foi pelo Papa encarregado da direcção dos trabalhos da basilica de São Pedro, aceitou a proposta sob a condição de não receber salario e de trabalhar sómente « pelo amor de Deos ». « Guarda o teu dinheiro » dizia Wiertz de Bruxellas a alguem que mostrava empenho em comprar um dos seus quadros; « o ouro é a destruição da arte ». Forçoso é, porém, confessar que Wiertz tocava na exageração.

Exerce demasiada influencia na politica a avidez das honras e cabedaes. A pasta de ministro, quando não é ganha com serviços publicos, prova muitas vezes a corrupção. Substitue-se a uma escolha patriotica uma preferencia menos digna; e quando provém de favoritismo, rebaixa a politica e avilta o caracter.

André Marvell era um patriota á maneira dos antigos Romanos. Vivera em tempos agitados. Nascido em Hull, no principio do reinado de Carlos I, passára quatro annos da sua mocidade no collegio da Trindade em Cambridge. Depois viajára pela Europa. Encontrára-se com Milton em Italia, e ali travaram uma amizade que nunca esmoreceu. De volta a Inglaterra, embora defensor e promotor da liberdade, não parece que tomasse parte no conflicto. Em 1660

foi eleito deputado pelo circulo da terra da sua naturalidade, e durante a sua legislatura escrevia ao administrador do seu concelho e aos seus eleitores por quasi todos os correios, pondo-os ao facto das discussões do Parlamento.

Marvell não sympathisava com as tendencias antimonarchicas de Milton. Diz a sua biographia que elle era « o amante da Inglaterra, da Liberdade, e da Magna Carta Constitucional ». Não era opposto a uma monarchia justamente governada, e portanto favorecia a Restauração. O povo anciava pelo regresso de Carlos II, e n'elle fundava esperanças de paz e lealdade: no que muito se enganava. Marvell foi escolhido para acompanhar lord Carlisle n'uma embaixada á Russia, no que provou não ser inimigo da realeza. Durante a sua ausencia o mal tinha progredido muito. O monarcha restaurado soffria constantes faltas de meios, e suppria-as vendendo empregos e creando monopolios. Marvell escrevia a um dos seus eleitores. « A côrte chegou ao ultimo gráo da penuria, e ao mais subido auge do luxo. O povo está descontentissimo. » N'um processo contra dous Quakers, Penn e Mead, em Old Bailey, o Procurador pediu a Inquisição Hespanhola, dizendo « que só cousa parecida podia trazer a salvação. »

O rei continuava a levantar dinheiro sem escrupulo, por intervenção dos seus cortesãos e falsos patriotas. Comprava-os com peitas de muitas mil libras. Porém Marvell não se vendia. Publicou as suas satiras contra a côrte e os seus parasitas, que

foram lidas por todos, desde o rei até o pequeno commerciante. O monarcha decidiu subornal-o. Adulações, ameaças, carinhos, espionagem, ciladas, requebros, tudo foi empregado. Não houve apezar d'isso Dalila que descobrisse o segredo da sua força. A sua integridade resistia aos perigos e á corrupção. Contra ameaças e soborno não ha senão a estimação propria, estribada nos sãos principios. N'uma côrte, em que não havia homem honrado nem mulher honesta, cultivava-se com esmero essa arte de prevaricar; mas Marvell resistia com firmeza a todas as seducções.

Conta-se que o Thesoureiro lord Danby, julgando corromper o seu antigo companheiro de collegio, foi visitar Marvell na agua furtada em que vivia. Á despedida lord Danby metteu-lhe discretamente na mão um cheque de 1.000 libras, e logo entrou para a carruagem. Marvell, examinando o papel, chamou pelo Thesoureiro : « Senhor, permitti-me um instante. » Subiram ambos novamente á agua furtada, aonde foi chamado Jack o moço de recados. « Jack, dize lá o que tive eu hontem para jantar? » V. S. não se lembra? Foi uma costelleta de carneiro que me mandou buscar a uma vendedeira no mercado » — « Tens razão. E que tenho eu para jantar hoje? — Não se recorda V.S. que me mandou pôr o osso da costelleta a cozer? » « Dizes muito bem, rapaz, vai-te embora. » « Ouviu V. S? perguntou Marvell dirigindo-se ao Thesoureiro. André Marvell tem com que jantar. Leve V. S. o seu papel. Não me faz falta. Sei o que V. S. pre-

tendia. Estou n'esta cidade para serviço dos meus eleitores; o Ministerio que busque por outro lado quem sirva os seus propositos; e commigo não conte. »

Marvell nunca se desviou do caminho da honra. O seu caracter conservou-se immaculado. Foi o verdadeiro representante dos seus eleitores. Não era pobre; vivia sem embargo com simplicidade e economia. Em Julho de 1678 visitou os seus eleitores pela ultima vez. Pouco depois de regressar a Londres, sem prévia enfermidade, nem enfraquecimento notavel, expirou. Alguns julgaram-n'o envenenado. Talvez se enganassem. Certo é, porém, que morreu honrado. Foi sempre integro. Puniu sempre pela justiça. Foi « querido dos bons; temido dos maus, imitado por poucos; e igualado por nenhuns ». — Estas são as palavras inscriptas sobre a sua campa em Hull.

Ben Johnson, era, á semelhança de Marvell, brusco e aspero nas suas palavras. Quando Carlos I mandou áquelle valente poeta uma gratificação modica e tardia para alliviar a sua pobreza durante a enfermidade que o prostrára, Ben recusou a offerta dizendo: « Gratifica-me sem duvida por eu viver n'um becco: dizei-lhe que a sua alma tambem n'um becco é que vive. »

Goldsmith tambem era homem que resistia á corrupção. Tinha conhecido as angustias da pobreza. Atravessára a Europa, vivendo de tocar flauta, dormindo em celleiros, ou ao ar livre. Fez d'actor,

de mestre d'escola, de medico, e estava sempre morrendo á fome. Fez-se então escriptor, e passou a ser um cavalheiro. Nunca conseguiu, porém, escapar de todo ás garras da pobreza. Elle mesmo diz « que vivia n'uma agua furtada, escrevendo para comer, e na expectativa de soffrer vexame por não estar habilitado a pagar uma conta de leite ».

Uma vez, o Doutor Johnson recebeu um recado de Goldsmith que se encontrava no maior embaraço. O Doutor apressou-se em ir vel-o. Era a proprietaria que lhe fizera penhora por atrazo na renda da agua furtada. Como unico bem de que podesse dispor, tinha Goldsmith um manuscripto. Johnson passou-o pelos olhos : era o *Vigario de Wakefield.* Convencido do seu merito foi vendel-o a um livreiro por sessenta libras [1].

Pobre como era então, e pobre como foi até o fim da sua vida — pois morreu endividado — Goldsmith não se vendia. Recusou prestar o seu concurso a uma politica sordida. Sir Roberto Walpole pagava a esse tempo perto de 50.000 £ annualmente por serviços secretos. Subornavam-se escreventes para registrar diariamente os actos do governo e os dos seus adversarios. Ignobeis libellos inundavam e desgraçavam o paiz. Resolveu-se subornar Goldsmith para que tomasse parte na lucta. O Doutor Scott, capellão de

1. Goethe refere o immenso bem que resultou para elle d'essa leitura. Aos oitenta e um annos, á beira da sepultura, confiou a um amigo que no momento decisivo do seu desenvolvimento intellectual, o *Vigario de Wakefield* tinha formado a sua educação, e que ainda havia pouco tornára a ler aquelle livro delicioso, do principio ao fim, vivamente impressionado pela recordação de quanto lhe devia.

Lord Sandwich, foi mandado para tratar da negociação com elle.

« Encontrei-o, » diz o Doutor Scott, « n'uns quartos detestaveis no Templo. Disse-lhe a que vinha. Disse-lhe que estava autorizado a pagar-lhe o seu trabalho; e, quem tal hade crer? tão desordenado traz o espirito que me respondeu: «Posso ganhar quanto necessito para viver, sem escrever para partido algum; é pois inutil a vossa assistencia. » E assim o deixei na sua mansarda. »

O pobre e cavalheiroso Goldsmith despresava, pois, a peita da injustiça! Preferia empregar a sua penna em escrever a famosa historia de *Dous velhos sapatos*, para divertir crianças, a tornar-se o pamphletario comprado pela prostituição politica.

Pulteney, o « leader » ou chefe da opposição na Camara, tendo feito uma citação latina n'um dos seus discursos, recebeu de Sir Roberto Walpole um quináo, offerecendo-se este a apostar um guineu sobre a inexactidão do trecho citado. A aposta foi acceita, consultaram-se os classicos, e viu-se que Pulteney tinha razão. O ministro atirou um guineu sobre a meza, e Pultney levantando-o, tomou a Camara por testemunha de que era aquelle o primeiro guineu do Estado que mettia no bolso! Essa moeda mesma, perdida e ganha como referimos, mostra-se hoje em dia no Musêo Britannico como « o guineu de Pulteney ».

Quando Pitt, Conde de Chatham, foi nomeado Pagador das Tropas, recusou aceitar um real além do que

a lei destinava a esse cargo. Em tempo de paz, o thesoureiro estava authorisado a levantar um credito que subia talvez a centos de mil libras, e podia appropriar-se os juros d'essa quantia. Porém Chatham rejeitou todas essas vantagens. Recusou tambem as gratificações ou luvas offerecidas por principes estrangeiros tributarios d'Inglaterra e que perfaziam annualmente uma somma importante. Tanto tinha o seu caracter de desinteresse e honestidade, quanto eram escrupulosas as suas transacções.

William Pitt, o grande Deputado, foi igualmente brioso. Tinha o dinheiro como lodo comparado com o interesse da nação, e a estimação publica. Era limpo de mãos. Succedeu vagar o lugar d'escrevente do Registo Publico no auge da contenda entre elle, e a opposição no tempo de Fox. Era um emprego vitalicio de nenhum trabalho e de tres mil libras por anno. Conhecida de todos a pobreza de Pitt, todos pensaram que elle se proporia, nem haveria quem tal censurasse. Estava isso nos usos. Porém elle deu tão appetecido lugar ao Coronel Barré, pobre amigo cego; e assim economisou a prestação annual que o ministerio anterior a este havia conferido.

O desinteresse de Pitt era reconhecido por todos; o que não obstou a que fosse injuriado, maltratado, e enganado. Embora passassem milhões pelas suas mãos, não houve quem ousasse accusal-o de ganhos illicitos.

Ao passo que os mais ricos do paiz sollicitavam d'elle titulos de duque, de marquez, e commendas

da Jarreteira, Pitt afastava-os do seu caminho com desprezo.

Olhava para o dinheiro e a consideração que se tributa á riqueza, quasi com supremo desdem. Pitt era o homem magnanimo que Aristoteles tão finamente descreve nos « Ethicos », o qual se julgava digno de grandes honras porque devéras as merecia. Nada dava maior realce ao seu caracter do que a sua nobre pobreza.

Conta-se que o grande advogado francez, Chamillard, fôra mal succedido n'uma causa que advogára, por falta d'um documento d'importancia. A sentença do juiz foi communicada ao Parlamento, que a confirmou, o que cortára a possibilidade do recurso. O pleiteante queixou-se a Chamillard da perda da sua fortuna. Tinha averiguado que devia a perda do processo a não ter Chamillard feito referencia a um importante documento que era a base do litigio. O advogado negava ter visto o papel. O cliente insistia em que o tinha enviado com outros. Por fim Chamillard procurou na sua carteira e encontrou o documento. Convenceu-se de que a causa teria sido ganha se o tivesse apresentado e lido; mas já não havia remedio.

O advogado tomou immediatamente uma resolução. Pediu ao seu constituinte que voltasse no dia seguinte a vêl-o. Reuniu todo o seu dinheiro, e entregou-o ao seu cliente a troco de ficar reduzido á miseria. Assim entendia e praticava o respeito de si proprio. Assim cumpria o seu

dever, não obstante custar-lhe tão caro. E como isso lhe parecesse insufficiente, acudiu ao Presidente do Tribunal pedindo-lhe que não lhe désse mais relatorios a apresentar na Camara, porque se tinha por « incapaz » depois d'aquella grande falta, embora tão nobremente reparada.

O primeiro ministro da Côrte de Hyderabad offereceu uma avultada quantia de dinheiro a Sir Arthur Wellesley (depois duque de Wellington) com o proposito de averiguar que vantagens estavam assignaladas ao seu principe depois da batalha de Assaya. Sir Arthur olhou para elle por espaço de alguns segundos e disse depois: « Devo inferir d'ahi que o senhor é capaz de guardar um segredo? » — « Perfeitamente. » « E eu tambem, » replicou o general inglez. Recusou a offerta e despediu o ministro com um cumprimento. Mais tarde, o rajah de Kittoor propoz-lhe pelo seu ministro uma peita de 10.000 pagodes para obter alguns proveitos. A peita foi recusada com indignação. « Saiba o rajah, » disse o general, « que eu e todos os officiaes britannicos consideramos injuriosas taes offertas, sem distincção de quem as propõe. »

Um seu nobre parente, o marquez de Wellesley rejeitou d'igual maneira uma gratificação de 100.000 £ offerecida pelos directores da Companhia da India oriental. Nada poude convencel-o a aceital-a. « É inutil, disse, que eu alluda á independencia do meu caracter, e ao respeito que devo ao posto que occupo... O nosso exercito é a minha unica preoccu-

pação. Pesar-me-hia muito se contribuisse a diminuir o quinhão d'esses valentes soldados. » Sir Charles Napier deu o mesmo exemplo de desinteresse durante a sua estancia na India. « É certo, » disse elle, « que poderia ter recebido 30.000 £ desde que cheguei a Scinde, mas ainda hoje as minhas mãos não carecem de ser lavadas. A espada do nosso chorado pai continúa immaculada. »

Sir James Outram era generoso e desinteressado. Capitão de fresca data na India, foi-lhe offerecido o commando das tropas que deviam marchar contra os insurrectos de Máhi Kánta. Renunciou essa honra em favor d'um amigo muito mais antigo no serviço militar. Julgou dever lembrar que a escolha d'um official de nomeação podia despertar ciumes entre pessoas que deviam viver na maior harmonia. O mais antigo official que ali havia era um dos capitães mais antigos do exercito. Sir James disse : « Os meritos d'aquelle official sobrelevam muito aos meus. Unidos ambos no cumprimento do dever, a elle reverteriam as honras da victoria, a mim as culpas da derrota, em qualquer plano por mim concebido e executado. » Mas o commandante em chefe não cedeu a taes razões. A offerta foi novamente proposta, e acceita por fim. Quando foi repartido o premio de Scinde pelos officiaes e soldados, Outram recusou aceitar 3.000 £ a que tinha direito como major ; dizendo que se negava a admittir uma rupia, só que fosse, do espolio adquirido pela politica a que elle fazia opposição. Distribuiu toda essa quantia por

instituições de caridade, entre ellas as escolas de missionarios indios do Dr Duff, e a Escola Asylo de Hill em Kussowle, que gratificou com 800 £, o que lhe valeu de Lady Lawrence estas palavras : « A vossa munificencia não é menos apreciada por ter visos de condemnar as decisões que julgamos justas e avisadas. »

A mira nos seus interesses proprios é que Sir James Outram nunca trazia; e o dinheiro valia unicamente no seu conceito quando podia empregal-o em serviço d'outrem. Homem de costumes mais singelos e mais despido de egoismo não póde ter existido. Quanto mais estudamos por miudo a sua vida, melhor vemos como elle se tinha creado um habito de preferir os outros a si proprio, de cuidar menos do seu do que do alheio. A sua caridade era effeitivamente sem limites. Era esta caridade, esta faculdade de vêr pelos olhos d'outrem, de sentir com alheios corações, — faculdade que faltava aos nossos chefes principaes, e cuja falta nos levou aos maiores desastres na India — que tornava Outram tão rigorosamente opposto a todas as fórmas da injustiça *.

Diz-se que durante umas negociações de grande importancia para um joven rajah indio, este tentou metter por baixo da meza um sacco de rupias nas mãos do grande Lord Lawrence. « Maior offensa, » disse Lawrence, » não podieis fazer a um Inglez; e só aos vossos poucos annos póde ser attribuida. Seja

1. Vêde *Vida de Outram* por Sir F. J. Goldsmith.

pois por esta vez dissimulada, mas advirto que não torneis a commetter igual affronta, porque um Inglez jamais a perdoaria. »

Devemos ao valor e á honradez de taes homens a conservação do Imperio da India. Luctaram, muitas vezes com risco da propria vida, pelo cumprimento do seu dever. Quando foi a revolta dos Indios, muitos homens até então comparativamente desconhecidos, crearam fama d'um golpe — Havelock, Neil, Nicholson, Outram, Clyde, Inglis, Edwardes, e Lawrence. O nome de Lawrence impunha-se nas Provincias do Noroeste, tão subida era a fama dos dous irmãos.

O mais velho, João, — João de Ferro, como lhe chamavam — e o segundo, Henrique, ambos se faziam querer de quantos os cercavam. Dizia-se do primeiro que o seu caracter valia um exercito. O coronel Edwards dizia d'ambos os irmãos: — « Crearam uma fé e uma escola que hoje em dia ainda existem. »

Era Sir John governador do Punjaubo quando rebentou a revolução na India. A provincia que elle governava acabava de ser conquistada pelos Inglezes. Governou-a avisada e judiciosamente. Fez confiança nos indigenas, que lhe tributaram verdadeira amizade, e obrou d'uma fórma talvez sem exemplo na historia. Enviou todas as tropas indigenas do Punjaubo em auxilio do exercito inglez em Delhi, ficando sem forças que o protegessem. Os resultados deram-lhe razão. Os Sikhs e Punjaubos mostraram-se fieis. Tomou-se Delhi e salvou-se a India. Tudo isto dependeu do caracter particular de João

Lawrence. As palavras que seu irmão escolheu para serem gravadas sobre a sua propria campa, descrevem modestamente a sua vida e o seu caracter. — « Aqui jaz Henrique Lawrence, que se esforçou por cumprir os seus deveres! » Tem-se visto igual desprendimento em homens de sciencia. Quando Sir Humphrey Davy, depois de aturado trabalho, inventou a sua lampada de segurança com o intuito de diminuir o perigo dos mineiros que trabalham com gazes inflammaveis, não quiz outorgar-se o privilegio do invento, e cedeu-o ao publico. Um amigo disse-lhe: « Podieis ter reclamado o privilegio d'esta invenção, e receber cinco a dez mil libras por anno. » — « Não », respondeu Davy. « Nunca tal me veio á idéa; os meus esforços tinham por unico objecto servir o meu proximo. Tenho meios bastantes com que satisfazer as minhas ambições. Maiores riquezas talvez me distrahissem das minhas occupações predilectas. Nem engrandeceriam o meu nome, nem augmentariam a minha felicidade. Proporcionavam-me sem duvida a facilidade de metter quatro cavallos ao meu trem; mas que proveito tiraria eu de que se dissesse que sir Humphrey andava puxado a quatro?

Succedeu o mesmo com Faraday. Trabalhava unicamente por amor da sciencia. O seu engenho igualava o seu saber. Todo problema que a sua intelligencia resolvia, tornava-se um centro de grandes mysterios. Não era materialista. A sua philosophia era ao mesmo tempo um protesto contra o dogma na sciencia, e as seitas na religião. Humil-

de no seu saber, trabalhava á maneira d'uma criança — admirado da luz que se fazia no seu espirito.— « Esse ozone, esse oxygenio, dizia, que pesa mais do que metade do mundo, que admiravel cousa não é! todavia julgo que começamos apenas a conhecer as suas maravilhosas propriedades. »

Faraday contentava-se com ser pobre relativamente. Não trabalhava por dinheiro. Se tal fizesse teria accumulado um importante cabedal. Não pedia concessões, entregava ao publico todas as suas descobertas. Resistiu com grandeza d'animo á tentação de ajuntar dinheiro — embora no seu caso não se lhe podesse chamar tentação — preferindo não se afastar do caminho da sciencia. Descortinava verdades que o assombravam. « Estas cousas, » dizia « são hoje inexplicaveis. Provam-nos que conhecemos ainda pouco de quanto mais tarde se poderá vir a conhecer. »

Estas palavras lembram algumas das ultimas que se attribuem a Isaac Newton.

N'uma assembléa recente da Instituição Real, no momento em que o professor Tyndall offerecia ao Dr Hoffmann a medalha de Faraday — a mais alta prova de reconhecimento que jamais concede a Sociedade — referiu um exemplo tocante da benevolencia de Faraday. Um joven estudante de Edimburgo (Samuel Brown, mais tarde medico) que estava engolfado n'um complicado estudo de atomos e materia, submetteu as suas duvidas ao maior chimico do seu tempo. Não obstante Faraday se achar então sobre-

carregado de trabalho, não descuidou de responder ao desconhecido moço, com complacencia, e sem lisonja : — « Não duvido aconselhar-lhe que prosiga nas suas experiencias em conformidade com as suas supposições, pois quer as veja confirmadas, quer não, não deixará de resultar algum bem das suas tentativas. Pelo que toca ás conjecturas que expõe só tenho a dizer que têm utilidade, por quanto incitam o animo a fazer pesquizas. Uma breve consideração sobre o progresso da philosophia experimental provar-lhe ha como este repulsa as theorias preconcebidas. Tenho ponderado minuciosamente as theorias da attracção e dos atomos e particulas da materia, e quanto mais as considero, de accordo com as experiencias, mais me parecem confusas as hypotheses sobre a natureza do atomo ou particula. »

Tornando a outro assumpto — o de accumular capitaes, — a fortuna da casa Rotschild teve origem na honestidade do seu fundador — Meyer Amschel ou Anselmo. Nascera em Frankfort-sobre-o-Mein em 1743, de pais Judêos. Quanto não se poderia escrever das perseguições, das torturas, dos martyrios impostos aos Judêos na Idade Média, e ainda nos nossos tempos [1] ! Em Frankfort, como nas outras cidades de Allemanha, tinham os Judêos de recolher ao seu bairro a uma determinada hora, sob pena de

1. As ultimas perseguições contra os Judêos, de que temos conhecimento, são as da Rumania e Bulgaria. Recente a propria alforria, recusam n'a aos Judêos a quem trazem ainda opprimidos e affligidos. Os Rumanos e Bulgaros não merecem liberdade. Têm força, mas falta-lhes justiça. Essa falta recahirá sobre elles. « Quem cospe no ar, na cara lhe cáe. »

morte. Á noite fechavam-se sobre os Judêos as chaves das portas da Judengasse ou Rua dos Judêos. Napoleão demoliu essas portas a tiros de canhão, o que se póde reputar uma das suas melhores proezas; entretanto as perseguições contra os Judêos continuaram.

O joven Anselmo perdeu seus pais aos onze annos d'idade, e viu-se obrigado a luctar com a vida sem outro auxilio mais do que o das proprias forças. Os Judêos — sempre promptos a ajudarem-se mutuamente — conseguiram dar-lhe alguma educação — e deparou-se em seguida ao moço a sorte d'entrar como continuo em casa d'um pequeno banqueiro e cambista do Hanover. Voltou para Frankfort em 1722 aonde se estabeleceu vendendo objectos antigos, e emprestando dinheiro. Como insignia, collocou á porta do seu estabelecimento um escudo vermelho — traduzindo por essa fórma a palavra allemã Rothschild.

Reuniu uma collecção de moedas raras, e contava entre os amadores que frequentavam a sua loja o Landgrave Guilherme, depois Eleitor de Hesse.

Quando Napoleão percorreu a Europa, Guilherme de Hesse foi expulso dos seus Estados, e deixou todo o dinheiro que poude reunir entregue nas mãos de Anselmo, seu principal agente. Subia a 250.000 libras. Anselmo concentrou todos os seus esforços em fazer fructificar esse dinheiro. N'esses dias podia-se obter facilmente doze ou vinte por cento bem garantidos. Continuava a guerra, Napoleão invadia a Russia e ficava-lhe uma grande parte do exercito sepultado

nos gelos. Dava-se a batalha de Leipzig, e Napoleão era impellido com as suas tropas para aquem do Rheno. Então voltára o Landgrave de Hesse aos seus Estados. Poucos dias depois apresentava-se na Côrte o filho mais velho de Meyer, Anselmo, a entregar ao Landgrave os tres milhões de florins que haviam sido postos em poder de seu pai, o que foi para Guilherme de Hesse motivo da maior e mais inesperada alegria. Tal foi o seu enthusiasmo, que o promoveu immediatamente a gentil-homem. « Não havia exemplo, dizia Sua Alteza, de tão perfeita honradez. » No congresso de Vienna, que teve lugar pouco depois, citava com frequencia a probidade dos Rothschilds. Anselmo tinha uma numerosa familia que o tomou por modelo, e foi assim que os Rothschilds se tornaram os primeiros banqueiros do mundo [1].

Póde dizer-se que o fallecido Lord Macaulay era um homem incorruptivel. Creado com Wilberforce, Henrique Thornton, e Zacharias Macaulay, não podia deixar de ser um desinteressado patriota. Ainda ganhava apenas 200 libras por anno com o trabalho da sua penna, e já dizia d'elle o Rev. Sydney Smith [2] o qual não era useiro em adulações: — « Tenho Macaulay por incorruptivel. Não ha fitas, cruzes, riquezas, ou titulos que o tentem. Ama a sua patria com amor sincero e honesto, e não ha peita que o induza a descuidar os interesses d'ella. »

1. Este facto é relatado com minuciosidade por Frederico Martin na sua *Historia de Bancos e Banqueiros*.

2. Sydney Smith declarou um dia que sempre abria a sua correspondencia com animo sereno. Era profundamente conscienciosо. A ninguem tinha causado pre-

Macaulay de tal fórma tinha as suas occupações reguladas, que lhe serviam de agradavel entretenimento, e não de mortificação, nem enfado. Eram singelissimas as suas maximas economicas: capitalizar os seus lucros litterarios e officiaes, e pagar qualquer genero de dividas nas vinte quatro horas. « Considero », dizia, que pagar promptamente é um dever moral, conhecendo, como eu conheço, as angustias de taes demoras. » Tambem dizia: « Não ha dito de maior acerto do que o do pobre Ricardo. A nossa vaidade impõe-nos o dobro dos tributos que nos impõe o Estado. » Tinha contrahido desde longos annos o habito de distribuir com methodo o producto das suas rendas, como se n'essa regularidade estribasse a sua reputação de integridade na vida publica e na particular, assim como a manutenção d'uma honesta independencia.

Entretanto, era bem modica a sua fortuna; e escrevia o seguinte a Lord Lansdowne, que lhe offerecia um assento no Conselho da India: — « Cada dia que vou vivendo me faz aborrecer mais as riquezas. Porém cada dia apalpo mais a necessidade de ter um pequeno rendimento, sem o qual não é facil que o homem seja honrado e é quasi impossivel que o tenham por tal. Eu tenho forçosamente de viver ou d'um emprego, ou da minha penna... Horrorisa-me a idéa de pôr-me ás ordens d'um editor, de não escrever para desafogar o espirito mas para

juizos. Se havia perdido dinheiro na bancarota do Estado de Pensylvania, a culpa não era sua, senão dos seus crédores.

alliviar a penuria da bolsa; de aguilhoar a imaginação para entregal-a a um trabalho que lhe repugna; de encher folhas de papel com palavras, unicamente porque é necessario apresentar essas folhas cheias; e de supportar dos editores e livreiros o que Dryden supportou de Thomson, e que eu sei supportou tambem Mackintosh de Lardner. E comtudo a isso me veria obrigado se me faltasse outro officio. No emtanto, aceitar um cargo sem outra mira do que a dos emolumentos, horrorisa-me ainda mais. »

O resultado foi obter Macaulay um cargo honroso na India, que desempenhou com integridade, e voltar com um rendimento que lhe permittiu escrever a sua notavel *Historia d'Inglaterra*.

CAPITULO V

Valor — Resignação

« Arrecear-se de commetter o mal..... é ser valente;... supportal-o ;... tambem é valor. » — Ben Jonson.

« Não me deis,ó meu Deos... intelligencia que não me sirva... para auxilio do proximo... nem forças que não contribuam ao aperfeiçoamento do homem. » — George Elliot.

« Não é sómente quando desliza tranquilla a vida..- que resplandece a força e brilha a verdade;... senão quando varía o destino... em conjuncturas insolitas,... quando o corpo á molestia se rende... á fome, ás vigias, ao cansaço, ao langor... — nas proximidades da morte — no perigo, na soberana ventura, ou na desgraça suprema». — Robert Browning.

A coragem é á qualidade á qual todos prestam mais gostosa homenagem. É ella que nos fortalece para todos os azares da vida. É a vontade firme que nada consegue abalar. É ella ainda que incute vigor no peito humano, e o dispõe a sacrificar a vida pelo Dever. Quem ha que preze a pusillanimidade? Por ventura não a condemnam todas as consciencias? O ente pusillanime é mesquinho e fraco. Não tem a coragem das suas opiniões. Qualquer força o escravisa. « Perde o homem metade do seu valor », dizia Homero, « quando se sujeita a ser escravo »; e « a outra metade », ajuntou o Dr Arnold, « perde-a, quando se liberta da escravidão. »

E porém necessario ter coragem para fazer frente a um cobarde. Um joven imprudente que moveu uma questão com sir Philippe Sydney e tentou leval-o a que o desafiasse, excedeu-se ao ponto de cuspir-lhe na cara. « Se fosse para mim tão facil lavar o vosso sangue na minha consciencia como me é facil limpar do rosto este insulto, » respondeu sir Philippe « dispunha da vossa vida sem um momento de reparo. » Eis uma nobre coragem : a maneira de ser paciente e clemente a um tempo.

O homem corajoso serve d'exemplo ao temerario. A sua influencia magnetisa. Desenvolve ao redor de si uma emulação de generosidade quasi epidemica. Ha quem o siga até a morte. Nem sempre são os homens que vencem, que tem direito a maior estimação. Os homens que morrem, por algum tempo continuam exercendo poderosa influencia sobre a sua raça. Póde perecer subindo á brecha o chefe d'uma expedição; serve porém o seu cadaver de ponte para os victoriosos entrarem na cidadella.

Póde o martyr perder a vida; não deixa porém a verdade, que elle defende, de ganhar maior lustre com tão sublime sacrificio. Póde o patriota entregar a cabeça ao algoz, e dar assim maior vigor á causa que serviu. A memoria d'uma grande vida não perece com essa vida; sobrevive na lembrança dos que ficam. Pódem os que se sentem movidos por enthusiasticos ardores parecer dar de barato a vida; fica entretanto quem continue o combate, e tome por seu o campo em que dormem os seus predeces-

sores. Póde tardar o triumpho; porém quando chega, é devido igualmente aos que falharam, e aos que triumpharam casualmente.

Todas as grandes emprezas são o resultado de actos de valor. Todos os dons que fruimos — segurança pessoal, liberdade individual, e alforria constitucional — devemol-os a um duro tirocinio. O direito de existencia nacional só poude ser conseguido a troco de longas guerras, e horrores. Foi necessario ao Christianismo, para consolidar-se, quatro seculos de martyres; e á Reforma, cem annos de luctas civis para lançar raizes.

A fidelidade á fé professada é que dá ao martyrio o seu nunca desmentido valor. Qualquer que seja a crença a que se adhere, o progresso da liberdade de pensamento obriga-nos a considerar nossos todos os martyres. Morreram para conquistar a verdadeira liberdade. Catholicos e protestantes, christãos e pagãos, orthodoxos e herejes, todos têm parte n'essa gloriosa herança. « Os anjos do martyrio e da victoria », diz Mazzini, « são irmãos: estendem ambas as azas sobre o berço da vida futura. »

Temos a historia dos martyres, a contar do começo da era christã, escripta por Pancracio ou Pancras, nascido na Phrygia, districto visitado pelo apostolo São Paulo quando passou a confirmar as Igrejas de Galacia. Pancracio creado na adoração de Jupiter, por morte de seu pai foi entregue á tutella de Dionysio, seu tio. Este estabeleceu-se em Roma no anno 305, para que o orphão, herdeiro d'uma

consideravel fortuna, fosse educado junto da Côrte Imperial. O santo e venerando Marcellino, bispo de Roma, converteu o moço ao christianismo. Pouco depois falleceu seu tio, e o joven, que contava apenas quatorze annos d'idade, achou-se com a sua riqueza e a sua religião, só no mundo, e sem um amigo.

Perseguia Diocleciano a esse tempo os christãos; e constando-lhe que Pancracio se havia convertido, mandou-o chamar ao seu palacio ameaçando-o de morte immediata se resistisse a sacrificar ao deus Jupiter. O joven respondeu que era christão, e se achava disposto a dar a vida por Jesus-Christo, Senhor nosso, « que infunde nas almas dos seus servos, embora de pouca idade como eu, valor sufficiente para soffrer pelo seu amor. »

O Imperador, sem dar resposta, ordenou que Pancracio perecesse á espada nas aforas da cidade, na Via Aurelia, aonde o mancebo verteu o sangue pela sua fé. Ali permaneceu o cadaver até apontar a manhã, e a essa hora uma senhora romana, tambem christã, envolveu o corpo n'um lençol de linho fino e conduziu-o para uma catacumba proxima em que lhe deu sepultura entre flôres e lagrimas. Erigiram-se mais tarde muitas igrejas que perpetuaram a memoria de São Pancracio[1].

Nos primeiros tres seculos da idade christã, eram

1. Diz-se da Igreja de São João de Latrão em Roma: « Esta é a cabeça e madre de todas as igrejas christãs, exceptuando a de São Pancracio, em Highgate proximo de Londres. » São Pancracio é geralmente representado como um mancebo calcando aos pés a heresia. Existem sete templos consagrados a São Pancracio em Inglaterra, e muitos outros em Italia e em França.

os christãos conduzidos ao Circo romano aonde as feras lhes dilaceravam as carnes. Celebrava-se d'esta fórma uma carnificina em que os Romanos se deleitavam. Não havia para o povo de Roma divertimento superior a assistir á lucta das feras entre si, á carnificina dos christãos, e aos combates diarios dos gladiadores, divertimentos—se assim pódem chamar-se—que eram tidos em apreço por todo o Imperio Por todos os lados aonde os Romanos se estabeleciam, construiam amphitheatros. Em Inglaterra, quasi não existem senão uns restos em Richborough e Dorchester. Em Treves, capital do imperio ao norte dos Alpes, encontram-se muitas ruinas dos tempos romanos entre as quaes um amphitheatro cortado n'um rochedo, que póde conter milhares de espectadores. No anno 306, Constantino entreteve os seus vassallos com o espectaculo denominado « Festejos Francos » que consistia em expôr milhares de Francos, captivos e desarmados, ás feras que de fartas desitiram a meio da sua obra destruidora. Os que sobreviveram foram obrigados a luctar entre si como gladiadores, porém frustraram a expectativa dos espectadores lançando-se sobre as pontas das espadas e buscando assim voluntariamente a morte em vez de pelejar pela vida. N'esse mesmo anno foram barbaramente sacrificados aos regozijos publicos milhares de Bructeri. Pódem ser vistas ainda hoje as ruinas do amphitheatro e as abobadas que serviam de cavernas ás feras.

Em França existem ainda muitos amphitheatros

romanos, não obstante terem sido excavados como pedreiras. Os de Nîmes e Arles são os mais vastos, e é de tal fórma extenso este ultimo, que os Mouros edificaram quatro castellos sobre o seu muro exterior para se defenderem contra os Francos. O de Verona está quasi em perfeito estado de conservação, e todos os annos soffre reparações. Todavia o maior dos amphitheatros é o Colisêo de Roma que accommodava 87.000 espectadores. A tradição christã ensina-nos que foi traçado por Gaudencio architecto e martyr christão ; e tambem se crê que milhares de Judêos captivos, trazidos de Jerusalem por Tito, foram empregados na sua construcção. Quando Tito celebrou a consagração d'esse grande edificio, foram mortas 5.000 feras no circo, e ainda ha pouco eram encontradas nas abobadas do circo muitas ossadas de leões, tigres e outros animaes.

Os dias de grande espectaculo no Colisêo eram considerados dias festivos para toda a cidade. Homens, mulheres e crianças acudiam ao sangrento espectaculo. Viam-se magistrados e senadores, funccionarios do Estado, nobres e plebêos, e mesmo as virgens dedicadas ao culto de Vesta; e presidia o Imperador. Os gladiadores adiantavam-se á presença do Imperador e exclamavam : « Ave Cæsar ! morituri te salutant. ! » Davam as feras principio á sua obra, que os gladiadores terminavam. O entretenimento durava até a noite retirando-se o espectador ebrio de sangue.

Persistiram estas festas até a religião de Christo

triumphar em Roma; porém pelo anno 400, um velho eremita que deplorava taes carnificinas resolveu intervir a troco da propria vida. Que valia a sua existencia comparada com tão horrendos crimes? Ignora-se qual era ao certo o nome d'esse martyr. Uns chamão-lhe-Alimacho e outros Telemacho. Qu'importa? Que tinha merito, provou-o a sua coragem. Vinha do extremo Oriente. De ninguem era conhecido, e elle a ninguem conhecia. Correu a noticia de que ia dar-se um combate de gladiadores no Circo. Roma inteira compareceu. Entrou o forasteiro no amphitheatro, com a massa de povo, e levado pelo seu intento. Deram entrada os luctadores, armados com espadas e lanças. O combate era de vida ou morte. Ia principiar : eis que o ancião salta á trincheira e precipita-se entre os dous gladiadores, supplicando que não vertessem um sangue innocente. Vozes, gritos, clamores romperam de todos os lados. « Fóra, fóra! » Porém elle, intrepido, não se movia. Os gladiadores repelliram-n'o com violencia, e deram começo ao ataque. Voltou o ancião e, de permeio entre as espadas núas, prohibe aos luctadores que façam uso d'ellas. — « Morra! » clamava a gente excitada. O Governador annuiu. Os gladiadores passaram-n'o ao fio das espadas, e pizaram o cadaver.

Esta morte não foi inutil. Reconsiderou o povo no que fizera: tirar a vida a um venerando ancião que protestára contre a sede de sangue humano que o abrazava. Horrorisou-o tamanha selvageria. Desde essa tarde em que o velho heróe succumbira ás mãos

dos gladiadores, não houve mais combates no Coliseo. A morte do eremita foi uma victoria. Em 402, essas festas foram abolidas por Honorio. Pouco tempo ha, que os restos d'esse desconhecido foram levados em triumpho em volta do Coliseo, e depositados com as ceremonias da igreja no templo de São Clemente, proximo do Circo.

A prevaricação, a crueldade e a devassidão acabaram com as antigas glorias de Roma. Quando a immoralidade invade as classes elevadas, nunca deixa de exercer perniciosa influencia sobre as camadas inferiores da sociedade. A devassidão de costumes redunda em devassidão de principios. Predominam os sentimentos baixos e esmagam a força moral do caracter. A Grecia e Roma devem a sua decadencia á immoralidade do seu governo e á corrupção que alastrou os seus vicios pelas camadas inferiores da sociedade. Roma, a senhora do mundo, soffreu a invasão das tribus selvagens sahidas das florestas da Europa central. Os ricos viviam immersos em deleites voluptuosos, os pobres arrastavam a existencia na miseria e na mendicidade. Não tinham alma para defender a patria. E, na verdade, valia mais que a deixassem perecer.

Surgiu o Christianismo que revelou aos homens a origem da verdadeira religião. São Paulo introduziu-o em Roma, com o proposito de regenerar o mundo. Porque foram os pobres os primeiros a abraçar a nova fé? Porque n'ella encontraram a explicação dos mysterios da condição humana, a poesia da vida pre-

sente, e a promessa consoladora d'uma futura bemaventurança. Tambem chamava a si as mulheres. Em Roma os maridos dispunham da vida das suas esposas O Christianismo libertou-as d'essa escravidão, e pela primeira vez brotou a flôr da esperança nos seus corações. Souberam fazer-se amar e respeitar. « A mulher é um compendio de virtudes », disse um antigo cavalheiro, « communica-as ao homem, e torna este virtuoso ».

A religião,actuando nos corações,destruiu a intemperança, a impiedade, a immoralidade, e refreou as paixões. Satisfazia por si só as ambições do peito humano.

Consagrou-se o dia do Senhor, alliviando d'essa maneira o trabalho do jornaleiro. A Igreja convidava os fieis a assistir ás suas solemnidades, e sem distincção de classes todos os christaõs se reuniam na mesma adoração sob as mesmas esplendidas abobadas; — não eram porventura todos homens e irmãos na presença de Deus? Espectaculo consolador! Oxalá que tivesse sido de maior duração!

Infelizmente, o velho Adão lá estava encarregando-se de provar que o Paraiso terrestre foi delicia para sempre perdida. Os sacerdotes tornaram-se instrumentos de oppressão, defensores dos interesses dos escolhidos contra os interesses legitimos da generalidade, e seguiam a sorte dos que tinham protegido.

Havia differenças nas opiniões relativas aos dogmas da religião. O que os pagãos tinham feito aos primitivos christãos, faziam-n'o estes aos seus ad

versarios. Accendeu-se novamente o fogo da perseguição; arderam novos martyres nas fogueiras. Houve repetição dos actos de constancia e valor por parte d'aquelles que combatiam pela verdade e que soffriam e morriam com nobreza e valentia.

Teve a perseguição por berço a Italia; estendeu-se á Hespanha, á França e aos Paizes Baixos.

Não penetrou na Germania. « Deos, » diz Luthero, « quer o homem eterna e perfeitamente destemido, tranquillo, generoso, sem arrecear-se de cousa alguma, luctando e vencendo todos os obstaculos, confiando na sua graça, e desprezando os castigos e a morte. Aborrece os cobardes, que tremem com o ramalhar das folhas. »

« É cousa estranha que a religião », diz M. F. W. Newman, « tenha podido engendrar a crueldade. A Inquisição, estabelecida depois do Christianismo ter supplantado o paganismo, foi um systema de refinada crueldade. Persistiu por espaço de seculos, considerada como uma pia instituição, e será tida para sempre por infame e execranda, embora vivesse á sombra d'uma religião toda doçura e amor.

O clero hespanhol, auxiliado pelo poder secular, extinguiu a Reforma pela força bruta. Oitocentos Protestantes foram lançados n'uma só noute nos carceres de Sevilha. Por todos os lados os agarravam e atiravam ás fogueiras que ardiam nas principaes cidades d'Hespanha. Ainda ha pouco foi aberto um rego n'um campo proximo a Madrid aonde os Protestantes tinham sido devorados pelas chammas. Os trabalha-

dores depararam com um montão de cinzas escuras e luzentes, confundidas com ossos calcinados, e carvão. Eram os restos dos que tinham perecido por mandado da Igreja.

E o que lucrou Hespanha com taes barbaridades? A sua antiga riqueza perdeu-a, e hoje o paiz está proximo a fallir. O povo vive abandonado e sem educação. Tem o clero por inimigo natural. Apenas um de oito individuos sabe escrever ou ler. A maior parte dos hespanhoes são incredulos de profissão. Os padres mesmo são pobres. « Cousa estranha! » diz o D. Lees, « a Hespanha conheceu maior prosperidade no tempo dos Mouros do que depois de conquistada pelos povos Christãos. O governo era mais liberal, mais tolerante, mais culto; o povo recebia mais instrucção, o paiz estava mais bem cultivado. A Hespanha tem ido em decadencia desde que se libertou do poder dos Mouros. »

Philippe II d'Hespanha foi talvez o maior cynico que jamais tomou assento em throno real. Sómente a Nero e Caligula merece ser comparado. Em 1568 promulgou um edicto sentenciando á morte todos os Protestantes dos Paizes Baixos. Faltaram porém os meios para pôr em execução tão diabolico decreto, não obstante o seu ministro Alba fazer pela sua parte quanto poude. Assistido do seu Conselho de Sangue e dos executores da Sagrada Inquisição, conseguia algumas vezes dar a morte entre torturas a oitocentas pessoas n'uma semana. O maior dos crimes era ser Protestante; o segundo, ter riquezas. A Catho-

licos e Protestantes despojavam igualmente dos seus haveres, arruinando-os. Reconhecida a posse de bens, tornava-se quasi impossivel provar ser orthodoxo. Alba gloriava-se de ter, no espaço de doze annos, mandado enforcar, afogar, queimar ou decapitar mais de dezoito mil pessoas, afóra os milhares de vidas perdidas nos assedios ou combates havidos durante a sua jurisdicção. Colossaes foram igualmente as pilhagens que commetteu.

A França corria parelhas com a Hespanha. Desde que adherira a Roma, saqueava, queimava, decapitava ou desterrava todos que se oppunham ás decisões do grande Pontifice Romano. Os albigenses eram degolados ou expulsos para os Pyreneos. Os sectarios de Pedro Valdo ou de Vaux eram com o auxilio da Saboya enforcados ou queimados por todo o sueste da França e noroeste da Italia. Seis conselheiros Lutheranos foram queimados em Paris para comprazer aos grandes d'Hespanha.

Havia numerosas e honrosas excepções n'esta louca vertigem de perseguição. O Chanceller de l'Hôpital insistiu com os seus correligionarios para que, entregando-se a uma vida exemplar de virtudes, usassem tão sómente das armas da caridade, da oração, e do bom conselho.

« Olvidemos », dizia, « estas palavras diabolicas : — partidos, facções, sedições; Lutheranos, Huguenotes, Papistas; — troquêmol-as pelo nome de Christãos. « Valeu esta exhortação ao Chanceller o ser qualificado de athêo.

Quando o Visconde d'Orthez, Governador de Bayonna, recebeu de Carlos IX ordem de passar ao fio da espada os Protestantes, respondeu que, tendo communicado a carta da Sua Magestade á guarnição e aos habitantes da cidade, encontrára entre elles soldados briosos, e vassallos leaes, porém nem um unico algoz.

Depois começou a carnificina de Voissy e de São Bartholomeu, que foram imitadas pela França inteira. Essa degolação do dia de São Bartholomeu ficou para sempre presente na memoria de todos os Protestantes da Europa semelhante a um esqueleto na occasião d'um festim. Essa mortandade e a tentativa de invasão da Inglaterra pela Armada Hespanhola de Philippe II, foram os dous grandes feitos historicos da ultima metade do seculo dezeseis.

Tão pouco a Revogação de Edicto de Nantes por Luis XIV obedeceu a uma inspiração mais misericordiosa. Por esse decreto, todo Protestante que se não convertesse era expulso de França sob pena de morte. Houve protestantes nobres, illustres, commerciantes, camponezes, e operarios que se negaram a representar o papel de hypocritas.

Não acreditavam, portanto recusavam obedecer. Os nobres e proprietarios abandonaram os seus estados, abdicaram os seus titulos, e fizeram de tudo entrega aos seus inimigos. Os commerciantes, acompanhados dos operarios, buscaram outras terras aonde podessem servir a Deus conforme as suas consciencias, e gozar em paz os fructos da sua industria.

Não era porque se arreceassem da morte. O Duque de Mayenna fez perfeita descripção do caracter huguenote quando disse :« Estavam de pais para filhos domesticados com a morte. Pereciam aos milhares, já pelo supplicio da roda, já pela fogueira, pelo cutello do algoz ou por outras inconcebiveis torturas. O pavor da morte não influia nos seus animos. Sacrificavam as suas vidas á idéa do dever. Os grandes exemplos que deixaram os chefes huguenotes não os tornamos a encontrar em França[1].

Com effeito, a nobreza e grandeza d'alma e a profunda convicção dos Protestantes Francezes engendraram esse typo egregio, o mais elevado de quantos a historia de França faz menção. Mas a historia trata na maior parte dos reinados dos reis e das rainhas. Recorda as victorias e as derrotas, e olvida os perseguidos.

Luis XIV e o seu exercito não poderam prevalecer contra as trincheiras impenetraveis da consciencia. A sua policia manteve sem piedade uma continua degolação em França durante mais de sessenta annos. Resultou vêr Luis XIV as suas tropas desbaratadas, e deixar a França arruinada e sobrecarregada d'impostos. Destruiu o commercio e a agricultura desterrando os huguenotes; e creou em França a anarchia que veiu a desenvolver-se durante a Revolução de 1789.

1. « Os carceres do Palacio dos Pontifices em Avignão, » diz o Dr Arnold, « são das cousas que mais me tem enchido d'espanto no curso da minha vida. No mesmo calabouço viam se os tectos denegridos ainda pelo fumo das fogueiras da Inquisição em que tantos homens foram queimados vivos; e olhando por uma porta d'aíçapão para o pavimento inferior, observava-se os muros manchados ainda com o sangue das victimas que Jourdan Coup-de-Tête lançava n'esta neveira durante a

« A fuga dos huguenotes, » escreveu Michelet na sua *Historia da França*, foi um acto valeroso de lealdade e sinceridade : — o horror da mentira e o respeito da opinião. Honra a humanidade esse grande numero de homens e mulheres que, por amor da verdade, souberam privar-se de tudo ; passar da riqueza á pobreza ; arriscar a vida propria, e a das suas familias, e comprometter todos os seus haveres na perigosa tentativa d'uma fuga tão audaciosa. Alguns ha que os consideram sectarios obstinados : eu tenho-os pela *élite* da França. A maxima estoica que os livres pensadores popularisaram é precisamente a idéa fundamental da emigração dos Protestantes, que affrontaram o carcere e a morte para conservar-se fieis e verdadeiros : *Vitam impendere vero*. « A vida sacrificada ao amor da verdade[1]. »

Antes d'isto o fogo da perseguição tinha-se communicado á Inglaterra e á Escossia. Viram-se em Smithfield, em Londres, muitas vezes ateadas as chammas em que ardiam os Protestantes e as feiticeiras. Têm porém os Catholicos a sua lista de martyres, assim como os Protestantes. Forest, Frade observante, foi lançado á fogueira por negar a preeminencia de Henrique VIII. Ambos os partidos usavam do tormento do fogo. No reinado da rainha Maria, tornaram-se as execuções por motivos de religião dez vezes mais fre-

cornificina de 1791 ; e formavam horrivel contraste essas duas maneiras tã oppostas de exercer a crueldade.

1. Tendo publicado dois volumes sobre este mesmo assumpto :— *Os Huguenotes e seus Estatutos, as suas Igrejas e Industrias em Inglaterra e em Irlanda* e os *Huguenotes em França, depois da Revogação do Edicto de Nantes* — tem o autor por desnecessario alargar-se mais sobre o assumpto.

quentes do que antes eram. João Rogers, vigario da igreja do Santo Sepulchro, foi assado sobre grelhas em frente da torre da sua igreja. João Bradford expirou abraçando as grelhas sobre as quaes ardia, e animando um seu companheiro de martyrio. João Philpot, arcediago de Winchester, foi queimado por essa mesma epoca. É inutil recordar os nomes de Latimer, Cranmer, e Ridley. As almas d'aquelle tempo não eram da tempera das almas d'hoje. Nós que recuamos diante d'uma leve queimadura, admiramos aquelles que padeciam o martyrio do fogo pela sua fé, e que o supportavam com alegria. « Como poderei negar-me a arder n'estas grelhas », dizia João Philpot, « lembrando-me que o meu Redemptor soffreu morte mais affrontosa na cruz para me salvar? »

A perseguição pela religião prolongou-se até o reinado de Carlos II. Dizia William Penn: « Mais de 15.000 familias perderam os seus haveres, da restauração a esta parte, e mais de 5.000 pessoas soffreram a morte por questões de consciencia. » Carlos II, e depois Jayme II, introduziram estas perseguições na Escossia. Nos velhos tempos do catholicismo, tratavam-se os protestantes só pelo fogo. O Cardeal Beaton fez queimar a Jorge Wishart diante do seu castello de Santo André, e olhando pela janella, viu-lhe torrar as carnes sem desviar os olhos. Durante os tempos protestantes de Carlos e Jayme, perseguiam-se os protestantes entre si por differenças de opinião. Os agentes dos Stewarts perseguiam os presbyterianos, fuzilavam-n'os, degolavam-n'os, enforcavam-n'os; e

conseguiram d'esse modo que essas pequenas differenças de fórma da sua religião tomassem maior incremento nas suas almas e nos seus corações. O supplicio da tarracha applicado aos pés e aos dedos era dolorosissimo, mas aos pacientes não faltava nunca a constancia nem o valor.

«Tenho em maximo apreço», dizia Roberto Collyer de Nova York, «um pequeno desenho de Millais. Representa uma mulher amarrada a um madeiro cravado muito pelo mar dentro. As ondas enrolam-se lhe aos pés. Passa um barco a todo panno sem reparar na sua desgraça. As aves de rapina pairam sobre ella; mas nem a presença das aves a assusta, nem a proximidade do barco a commove, nem as ameaças do mar a affligem. Fitos os olhos no espaço, e firmes os pés na areia, tem os olhos fixos no céo e compara a brevidade dos soffrimentos da vida presente com a eternidade da gloria futura. Por baixo do desenho está a seguinte inscripção copiada da pedra collocada em sua memoria n'um velho cemiterio Escossez:

« Morreu pelo crime unico de confessar a Christo Chefe Supremo da sua Igreja... Por não reconhecer Prelazias, nem abjurar o presbyterianismo, ataram-n'a a um lenho cravado na arêa... e ahi soffreu pelo amor de Christo até á morte. »

« Tenho-o em subida estima porque ao vêl-o afigura-se-me o typo d'uma numerosa hoste de mulheres que persistem attentas e vigilantes, presas á arvore do seu destino, em quanto a maré sobe ao redor; mas

que crescem com as vagas, e içadas sobre a crista das ondas mais possantes, chegam ao porto abençoado e ouvem as consoladoras palavras : « Trabalhastes bem. »

« Largos annos », diz Sydney Smith, « foram empregados em persuadir os Escossezes a mudarem de religião. Não faltaram forças d'infantaria, de cavallaria, de artilheria, e mesmo altos dignitarios enviados com armas contra os ministros presbyterianos e os seus fieis. Muito foi o sangue derramado, porém, com espanto dos prelatistas, foi-lhes impossivel fazer admittir o seu « Manual commum de Orações », ou impedir que esse povo metaphysico teimasse em seguir um verdadeiro caminho do Céo, que differe do caminho tambem verdadeiro que nós seguimos. Acabou por ser applicado o unico remedio efficaz. Consentiu-se por fim que os Escossezes adorassem a Deos a seu modo, livres de castigo, de multa ou de qualquer condemnação. Não cahiu o fogo do Céo; não resultou a ruina do paiz; já não ha quem guarde lembranças dos dignitarios que prophetisaram todos esses successos; e a Escossia tem sido desde então um manancial de riquezas para a Inglaterra. »

A tolerancia é uma descoberta de data recente. Deixámos de queimar, tratamos agora de convencer. Passou a era dos martyres, como passou a epoca dos milagres. Já nos não fuzilam, ou cravam a um madeiro ou deslocam os ossos, com tratos de polé como em outros tempos; soffremos porém ainda pelo isolamento, pela falsa interpretação, pelo escarneo, e

pela critica. Carecemos d'igual valor se queremos conservar-nos fieis á nossa consciencia. É mesmo mais difficil n'estes dias d'indifferença guardar intacta a crença e puros os instinctos, do que era n'esses tempos de perseguição. « A perseguição activa, e os castigos crueis », disse um escriptor bem conhecido, actuam como tonicos; porém a simples e desconsoladora persuasão de que não ha quem tome interesse, ou dê attenção, de que faltam por um lado as considerações humanas e por outro as misericordias divinas, destroe mais por completo todo esforço e toda energia do que qualquer peleja, seja contra o despotismo ou contra a deshumanidade. »

Será todavia certo que já hoje a perseguição nos não parece indigna? A imprensa presentemente é livre; e todos expõem as suas opiniões publicamente. Que diremos d'esta maxima apparecida ultimamente n'uma gazeta de Londres? « Considerando o fim do homem e os propositos da sociedade civil, o assassinio e o roubo são crimes leves e a sua propagação epidemica é de insignificantes consequencias, comparados ao crime de Luthero e Calvino separando-se da Igreja. » Esta maxima teria encontrado approvação nos authores da carnificina de São Bartholomeu, e em todos aquelles que queimaram e decapitaram milhares de seres, porque guardavam fidelidade á sua fé. Mas hoje não é assim. Os nossos antepassados legaram-nos a valiosa herança d'um paiz livre—liberdade que custou a vida a alguns dos mais nobres seres que jamais existiram ; commetteriamos um delicto

se animassemos á intolerancia os que têm crenças oppostas ás nossas. Os Jesuitas, expulsos de França á maneira d'huguenotes, encontram protecção nas leis inglezes, e vivem livres, como todos os perseguidos, á sombra da nossa liberdade. Incumbe-lhes porém acatar essas leis e a tolerancia do paiz que os protege.

William Penn considerava que não havia maior engano do que suppôr que a força d'uma nação consiste em que o paiz inteiro tenha uma mesma opinião relativa á doutrina ou á pratica religiosa; e que pelo contrario, a variedade de opiniões,de profissões, e de praticas seriam uma força para o governo, se todos gozassem d'igual tolerancia. Deve-se respeitar a individualidade; porque sem ella não existe liberdade. A individualidade deve ser respeitada em todas as partes, como base de todo bem. « O proprio despotismo não produz os seus peores effeitos », diz João Stuart Mill, « em quanto representa uma individualidade; o que esmaga a individualidade é o despotismo, qualquer que seja o nome que lhe dêm, e muito embora professe a obediencia á vontade de Deos ou a sujeição ás leis dos homens. »

Jeremias Taylor termina a sua apologia da tolerancia christã com um exemplo oriental.

Achava-se Abrahão assentado á porta da sua tenda quando lhe appareceu um ancião encostado ao seu bordão. Abrahão convidando-o a entrar, e assentando-o á sua mesa, observou que o peregrino não invocava a benção do Senhor, e perguntou-lhe porque

não prestava adoração ao Deus das Alturas. « Adoro o fogo sómente, e não reconheço outro deos. »

Abrahão movido de colera despediu o forasteiro. Então o Senhor chamou Abrahão e perguntou-lhe quem era o peregrino? « Despedi-o Senhor, porque não Vos presta adoração! » « Deus replicou. « Tenho-lhe tolerado cem annos de aggravos, e tu não podeste tolerar-lh'os uma noute apenas? »

Refere a narrativa que Abrahão, pezaroso, sahiu a buscar o ancião, a quem deu hospitalidade e sabias instrucções.

Os grandes homens que trabalham pelo progresso da sciencia tambem têm sido martyres do saber. Tempos houve em que não constava apenas um descobrimento, quer astronomico, quer physico, ou pertencente á historia natural, que não fosse denunciado por contrario á orthodoxia. Bruno foi queimado vivo em Roma por expôr a sua enganadora philosophia, porém de moda no seu tempo. Os discipulos de Copernico foram queimados por hereges. Inventado o telescopio por Lippersley de Middleburgo, na Hollanda, Galilêo aproveitando-se da idéa construiu outro telescopio a seu modo e subiu á torre de São Marcos em Veneza para estudar os corpos celestes. Dirigiu o instrumento para os planetas e descobriu algumas estrellas, que observou longamente com « indizivel prazer ». Descobriu os satellites e circulos de Jupiter, as phases de Venus e as manchas do sol. Registava com minuciosidade tudo quanto os ceus lhe revelavam. Continuou as suas observa-

ções, e foi talvez o astronomo a quem se deve maior numero de descobrimentos.

Tudo isto ia d'encontro ás ideias adoptadas n'aquelle tempo. A Inquisição tomou a si dirigir a sciencia astronomica. Foi chamado Galilêo a Roma para responder perante o tribunal dos Inquisidores pela doutrina heterodoxa que espalhára. Obrigado a negar as suas opiniões, declarou renunciar á doutrina da revolução da terra em torno do sol. A Inquisição apontou no Index das obras prohibidas os trabalhos de Galilêo, Kepler e Copernico. Galilêo revestiu-se de nova coragem e publicou uma obra em fórma de dialogo defendendo as suas antigas doutrinas. Tornou a ser chamado ao tribunal da Inquisição, e ahi posto de joelhos, forçaram-n'o a abjurar o seu glorioso descobrimento. Faltava-lhe o valor das suas opiniões. Mas contava já setenta annos quando negou a sua fé ; e não teria sido d'essa maneira perseguido se tivesse encontrado quem argumentasse em seu favor. Porém a verdade triumphou, e ficou para sempre demonstrado o caminho das observações astronomicas. Disse Pascal d'esta condemnação aos Jesuitas : « Conseguistes inutilmente de Roma um decreto condemnando a opinião de Galilêo ácerca da revolução da terra. Nenhuma prova ha em favor da sua immobilidade; e se, pelo contrario são exactas as nossas observações, não ha forças humanas que tolham o movimento da terra nem que obstem a que os incredulos girem ao passo que ella gira tambem.

A verdade póde permanecer occulta durante algum tempo, mas acaba sempre por abrir caminho; e a duração e certeza do seu triumpho são proporcionadas aos obstaculos com que luctou e ao tempo que durou o combate.

A vida de Kepler igualou em tristezas a vida de Galilêo. Nascido pobre, foi admittido na escola do mosteiro de Maulbroom e tornou-se accidentalmente um sabio. Aceitou a cadeira de astronomia em Gratz, na Estyria, e entregou-se ao estudo do curso dos planetas. Mais tarde, foi nomeado mathematico do Imperador, embora com remuneração insufficiente para a manutenção da sua familia. Em Lintz, foi excommungado pela Igreja Catholica por emittir opiniões contrarias ao dogma da transsubstanciação. «Julgai,» escrevia a Hoffman, « como poderei dar-vos o menor auxilio, n'um sitio em que o cura e o inspector do collegio combinaram estimagtisar-me publicamente de herege, porque em todas as questões advogo a causa que me parece mais conforme com a vontade de Deos »

Depois foi-lhe offerecido o lugar de professor de mathematica em Bolonha, offerecimento que rejeitou, presentes ainda na memoria a retractação e a condemnação de Galilêo. « Seria, » dizia, « um augmento de fortuna para mim; porém acostumado a viver livre entre os livres, uso de tal franqueza de linguagem e de costumes, que facilmente em Bolonha me tornaria alvo da suspeita e da malicia. »

Em 1619, Kepler descobria a famosa lei, que fez

epoca na historia da sciencia, de que os quadrados dos tempos periodicos das revoluções dos planetas guardam entre si a mesma relação que os cubos das suas distancias ao sol ». Reconheceu com transportes de alegria a verdade absoluta d'um principio que durante o espaço de dezesete annos tinha sido o objecto do seu incessante trabalho. « Lançei o dado, » disse, » o livro está escripto; que seja para bem ou da geração presente, ou das vindouras, não importa.

Pôde esperar cem annos antes de ser lido, assim como Deos esperou seis seculos antes d'encontrar quem reconhecesse as suas obras.

O segundo livro que Kepler publicou, *Resumo da Astronomia de Copernico*, foi condemnado em Roma, e apontado no Index. Ao mesmo tempo surgia para elle uma afflicção de maior monta. Sua mãe, aos setenta e nove annos d'idade, era encarcerada, sentenciada a ser mettida a tormento, e a perecer queimada por feiticeira. Kepler acudiu immediatamente em seu auxilio; e chegou á sua casa na Suabia a tempo de libertal-a de maior castigo. Continuaram porém os trabalhos á porfia. Os Estados de Estyria fizeram queimar publicamente todos os exemplares do seu Calendario para 1624. Sellada a sua bibliotheca por ordem dos Jesuitas, teve Kepler de deixar Lintz em consequencia da amotinação popular que então prevalecia. Retirou-se para Sagão, na Silesia, sob a protecção de Alberto Wallenstein, Duque de Friedland; e pouco depois ali falleceu victi-

ma d'uma molestia cerebral, causada pelo seu muito estudo.

Colombo tambem póde ser considerado como martyr. Deu a sua vida pelo descobrimento d'um novo mundo. O filho pobre d'um cardador de Genova teve de sustentar lucta acerba e demorada, nas peores condições para a realisação do seu grande pensamento. Ousou fundar a sua crença sobre argumentos que bastavam á sua razão, mas que o mundo desconhecia, e dos quaes mofava e escarnecia. Que a terra era redonda, não offerecia sombra de duvida para elle; porém todos a julgavam chata como um prato. Afigurava-se-lhe que além do mundo conhecido, o globo terrestre não podia ser um vasto mar, e tinha como provavel que houvesse extensos continentes por descobrir. Era apenas uma probabilidade; mas as mais nobres qualidades d'alma são muitas vezes postas em acção pela força de probabilidades que não tomam consistencia em espiritos menos ousados. Aos olhos dos seus contemporaneos poucos successos pareciam mais improvaveis do que a resistencia de Colombo aos perigos dos mares desconhecidos, e o seu desembarque em praias d'um novo hemispherio.

Colombo unia a actividade á intelligencia. Acudiu a reis e imperadores para patrocinarem o descobrimento d'um mundo que o seu espirito cultivado divisava já além dos mares. Intentou primeiro seduzir os seus patricios em Genova, mas não encontrou quem o quizesse seguir. Tornou-se então para Por-

tugal aonde expoz ao rei D. João II o seu projecto, que este communicou ao seu conselho, e que foi tido por chimerico e extravagante. No emtanto o rei pretendeu roubar a ideia de Colombo; e armando uma frota, enviou-a na direcção indicada pelo navegante. Assaltados e furiosamente batidos pelos ventos e tormentas, regressaram os navios a Lisboa depois de quatro dias de viagem.

Colombo, de volta a Genova, renovou a sua proposta á Republica, mas sem resultado. Nada o dissuadia de dar execução ao seu pensamento. A descoberta do Novo Mundo tinha-se tornado o fito exclusivo da sua vida. Foi-se a Hespanha e aportou em Palos, na Andaluzia. O acaso levou-o a um convento de Franciscanos a cuja porta bateu pedindo pão e agua com que mingoasse a sua fome e sede. O prior recebeu o peregrino com benevolencia, conversou com elle e ouviu da sua bôcca a historia da sua vida. Fortaleceu-o nas suas esperanças, e alcançou-lhe o ser ouvido na Côrte d'Hespanha que estava então em Cordova, aonde foi recebido com grande affabilidade pelo rei Fernando, o qual antes de tomar uma resolução desejou apresentar o projecto aos varões mais eruditos de Salamanca, que formavam o seu conselho. Colombo foi obrigado a responder aos argumentos scientificos que adduziam contra as suas theorias, e ás citações que evocavam da Biblia. O clero Hespanhol declarou a doutrina dos antipodas contraria á fé. A terra, diziam, era um immenso disco plano; e se houvesse outras terras além do

Occano, não podiam os homens todos ser descendencia de Adão. Colombo foi, pois, considerado louco e o seu projecto rejeitado.

Aferrado á sua ideia, escreveu ao rei d'Inglaterra, depois ao rei de França, e sempre sem resultado. Por fim, em 1492, Colombo logrou ser apresentado á rainha Isabel d'Hespanha por Luiz de Sant'Angelo. Os amigos, que o acompanhavam, defenderam a sua causa com tanta convicção, que a rainha cedendo aos seus desejos prometteu patrocinar a empreza. Dispoz-se uma frota de tres pequenas caravellas, das quaes só uma tinha coberta, e partiu Colombo de Palos a 3 d'Agosto de 1492. Terminada a lucta contra a ignorancia, começava a batalha contra as superstições da gente do mar : combate longo e arduo. Os mares ignorados, os perigos desconhecidos, o receio de encontrar-se a braços com a fome, a longa e fastidiosa calmaria, a esperança tantas vezes frustrada de avistar terra, originavam com frequencia revoltas que Colombo conseguia suffocar no ardor da sua fé. Finalmente, ao septuagesimo dia de navegação avistou-se o continente, e Colombo pisou a terra de São Salvador.

Cuba e Hespanhola foramdescobertas depois. D'ellas foi tomada posse em nome do rei e da rainha d'Hespanha; e na ultima d'estas ilhas procedeu-se á creação d'um forte, aonde Colombo deixou um commandante e alguns homens, voltando elle a Hespanha a participar o exito da navegação.

Grandissimo foi o enthusiasmo com que o recebe-

ram. Correu a fama do seu nome não só em Hespanha como tambem por todas as outras terras. Pouco se deteve na Europa. Voltou sem demora á America á frente de quatorze caravellas e tres grandes náos com um total de 1.200 tripulantes, entre os quaes iam pessoas de qualidade. N'esta occasião foram descobertas as ilhas da Guadalupa e da Jamaica e exploradas as de São Domingo e de Cuba. Tardavam, porém, em apparecer os rios d'ouro que os nobres ambicionavam. Começaram dissensões, que terminavam com sangue. Colombo buscava em vão reanimar os seus brios. Olhavam-n'o com desprezo, e como o autor dos males que soffriam.

Tornou novamente Christovão Colombo a Hespanha aonde já lhe não fizeram acolhimento tão festivo. Os soberanos hespanhoes receberam-n'o com fria benevolencia. Conheceu que uma inveja mesquinha dos cortezãos urdia enredos contra elle. Organisou-se não obstante outra expedição, e Colombo voltou ao Novo Mundo á frente de seis grandes náos. D'esta vez foi descoberto o grande continente e outras ilhas do Mar.

Entretanto os indigenas de São Domingo revoltavam-se contra os Hespanhoes, que os tratavam barbaramente. Os colonos hespanhoes tambem suscitavam discordias e guerras entre si. Colombo, pezaroso por taes resultados, enviou ao rei d'Hespanha uns mensageiros requerendo um juiz e um advogado para São Domingo.

Cedendo ás instancias d'alguns membros da Côrte

invejosos e hostis, o rei nomeou Dom Francisco de Bobadillo governador do Novo Mundo, e investiu-o com plenos poderes.

Não ia como juiz, senão como executor. Apenas desembarcado, mandou encarcerar Colombo e seus dous irmãos, confiando de Alonzo de Villego a missão de os acompanhar a Hespanha. Colombo foi levado para bordo carregado de pesados grilhões á maneira d'um criminoso. Durante a viagem, Villego movido de compaixão offereceu-lhe libertal-o dos ferros que o prendiam. Elle, porém, respondeu: «Quero conserval-os em lembrança dos serviços que prestei. » — « Esses grilhões », disse seu filho Fernando, « vi-os muitas vezes suspensos no gabinete de meu pai, que determinou que fossem mettidos junto d'elle na sepultura ».

Chegados a Hespanha, o rei e a rainha pezarosos da acção mesquinha e barbara de Bobadillo, mandaram soltar os presos. No emtanto Colombo, profundamente desgostoso, dizia: « Levantou-se contra mim o embate das adversidades, a que eu resisti até hoje; porém defender-me não pude, nem pelejando com armas, nem obrando com prudencia; assim foi que usaram commigo as mais barbaras vilanias .»

Todavia aquelle espirito amante de aventuras e mysterios voava sempre saudoso além dos mares. Obteve os meios necessarios para emprehender uma quarta expedição, que elle julgou que traria innumeras riquezas a Hespanha, terra que o remunerára tão sómente com ingratidões. N'esta viagem, encontrou

a ilha de Guanaja, e foi costeando Honduras, Nicaragua e Panamá. Desembarcou em Veraguas aonde descobriu as ricas minas d'ouro d'essa região; pretendeu formar uma colonia á beira do rio Belem; porém surgiu uma borrasca violenta que separou as náos que navegavam juntas até ali, e teve que fazer-se de vélapara São Domingo com o fim de reparar os estragos soffridos. Começava a esse tempo a envelhecer minado de angustias e trabalhos. Amotinou-se novamente a equipagem, ameaçando tirar-lhe a vida. Christovão Colombo não podia por si só oppôr resistencia; mas subitamente avistou-se terra, e arribaram em São Domingo sem maior impedimento.

Pouco depois fazia a sua derradeira viagem para Hespanha. Contava perto de setenta annos.

Cansado « de labutar tão penoso », recolhia á terra hespanhola com prazer. Sorria-lhe a esperança d'alguma remuneração — sufficiente, quando menos, para supprir as primeiras necessidades da vida. Em vão esperou. Arrastou ainda alguns mezes d'existencia, pobre, isolado, ferido d'um mal incuravel. Apenas lhe consentiam viver d'esmolas, vendidas as poucas roupas, sem abrigo, e sem meios de satisfazer os seus gastos de subsistencia. Foi então que no extremo fio da vida, proferiu estas palavras sublimes na sua tocante singeleza:

« Eu, natural de Genova, fiz a descoberta das ilhas e do continente das Indias occidentaes. » Expirou em Valhadolid a 20 de maio de 1506, dizendo: « Entrego, Senhor, a minha alma nas vossas mãos. »

Assim acabou o grande martyr dos descobrimentos: vencido, porém glorioso. Luctou com brio, e morreu com fé.

Alguns homens dedicam-se de todo a realisar um grande pensamento. Os primeiros martyres, os primeiros descobridores, os primeiros inventores, os que marcham á frente da civilisação — todos os que luctam pela verdade, pela religião, pela patria — são os soldados aventureiros da humanidade. Vivem, pelejam, morrem sem esperar galardão. Basta-lhes medir a sua tarefa, e applicar toda a sua energia ao cumprimento do trabalho que lhes incumbe. O homem de caracter e de genio concebe os pensamentos mais extensos e elevados. Póde tropeçar nos obstaculos com que pretenderam desanimal-o. Podem ser numerosas as difficuldades; porém elle todas vence; e se morre, deixa a herança d'um nome geralmente acatado. A morte fecunda os actos da sua vida, e torna-os uteis e proveitosos. « Quando Deos permitte que os seus ministros dêem a vida pelo Evangelho », diz Brousson, « fallam com maior eloquencia da sepultura do que antes fallavam do pulpito. »

« Quanto semeámos nas horas vagas d'alguns annos », diz Jeremias Taylor, « torna-se em corôas, e sceptros por toda uma eternidade de gloriosa bem-aventurança.

E não serão necessarios os soffrimentos e os estorvos para fortificar o caracter, avigorar a energia, e estimular o talento? Não ha destino que escape ao

trabalho e ao padecimento, á lucta e á sujeição, á actividade e ao descanso. Existe na resignação uma virtude muitas vezes superior á gloria do triumpho. Supporta, soffre, aguenta, e espera. Vai com um sorriso ao encontro das difficuldades, e esforça-se por não vergar sob o peso das contrariedades. Aceitar o soffrimento com paciencia é um dos mais nobres attributos do homem, que o exalta ás subidas regiões do heroismo. Disse-o Milton : « Melhor sabe obrar quem melhor sabe soffrer. »

É erronea a supposição de que jamais possa ser dispensada a virtude do heroismo; e que sómente a era dos martyres ou da lucta aberta com a tyrannia requeira a pratica da heroicidade. Para resistir ao influxo d'uma sociedade que perdeu o sentimento do elevado destino do homem, e concede ao prazer a usurpação do dever, é talvez necessario tão heroico valor como para affrontar a força da tyrannia, ou para encarar o cutello do algoz.

Na guerra mesmo, présa-se a firmeza tanto como o arrojo; e hoje que a guerra depende quasi na sua totalidade da sciencia, estima-se mais ainda firmeza. O soldado bem disciplinado tem de permanecer immovel no lugar que lhe compete. «Firme!» é a voz de commando. Não se move, porém resiste impavido á chuva de balas que espalham a morte em torno d'elle. Põe-se em marcha, mas é-lhe vedado fazer fogo sem ordem superior. Mais tarde começa o tiroteio. Entretanto, não é esse ainda o momento em que a obediencia é mais difficil, porém

o da retirada que a derrota impõe. Julgada d'esta maneira, a retirada dos dez mil de Xenophonte excede em merito as conquistas d'Alexandre; e a de Sir João Moore para a Corunha iguala as victorias de Wellington.

Muitos tem sido os homens martyrisados na defeza da patria. Narra a chronica de França a velha historia seguinte — velha na verdade em todas as partes — « Que mal nos fica », dizia Clovis olhando para os ferteis campos do Garonna, « deixarmos terrenos tão fecundos em mãos de gente vil que professa uma fé opposta á nossa. Avante! Apossemo-nos dos seus campos. »

Xerxes tentou a conquista da Grecia; Leonidas sahiu no desfiladeiro das Termopylas com trezentos homens ao encontro do formidavel exercito persa. Seguiu-se um combate encarniçado; muitos dos invasores perderam a vida. Leonidas e o seu punhado de valentes ficaram anniquilados, porém a Grecia foi salva.

Não provou menos valentia Judas Macchabêo « o ferreiro ». Com os seus oitocentos aventureiros fez frente a vinte mil Syrios que invadiam a Terra Santa. Acampou por ultimo em Eleasah, aonde a sua gente tentava persuadil-o que abandonasse a sua empreza. Elle porém respondeu-lhe: « Não permitta Deos que eu fuja do perigo. Se é chegada a nossa hora, morramos com valor, e fique intacta a nossa honra. » A batalha foi cruenta e assanhada; Judas e os seus homens pelejaram como heroes, e

pereceram todos mostrando o rosto ao inimigo. Não foi improficua a sua morte. Os Judêos tomaram animo; repelliram os invasores; reedificaram o Templo; e a Judéa reconquistou a perdida prosperidade — primeira do Oriente.

Os Romanos conheciam tambem o valor do heroismo, e da dedicação pela patria. Evoquemos porém tempos menos remotos. Existem nações pequenas, de população pouco numerosa que, a despeito de formidaveis difficuldades, têm conseguido manter e defender a sua liberdade. Não se mede o valor d'um paiz pela extensão de seu territorio, senão pelo caracter do seu povo. Encontra-se gente anhelando sempre pela liberdade, mas que se não esforça por merecel-a. Permanece inerte, ociosa, egoista. Ha uma qualidade de patriotismo que nada tem de digno. O verdadeiro amor da patria é outro. Estriba-se na honradez, na generosidade, na dedicação e no legitimo amor da liberdade.

Vejamos, por exemplo, a pequena republica suissa tyrannisada durante seculos pelo seu governo. O povo, sobrio e valente, honrado e generoso, quiz libertar-se de tutela, e governar-se por si proprio. Elegeu os seus representantes como em Apenzell, por acenos, em reuniões nas praças publicas. Proclamou a liberdade de consciencia; e a Suissa dá, á semelhança da Inglaterra, agasalho a todos os que soffrem perseguição pela fé.

A conquista da sua independencia, não a conseguiu a Suissa sem lucta renhida Os chefes d'essa

valente nação não duvidaram sacrificar a vida em prol da patria. Vejamos Arnaldo de Winkelfried.

Em 1481, os Austriacos invadiram a Suissa, e um numero relativamente fraco de patriotas resolveu oppôr resistencia á irrupção. Junto da pequena cidade de Sempach, viam-se os Austriacos avançar em corpo compacto, como uma longa e não interrompida enfiada de lanças. Uns e outros encontraram-se; mas as lanças dos Suissos eram mais curtas, e elles mesmos menos numerosos. Tiveram de ceder. Arnaldo de Winkelfried observando a inutilidade dos exforços desesperados dos seus compatriotas, exclamou: « Eu abrirei campo á liberdade! E vós amigos, amparai a minha esposa, e os meus filhos. » Dito isto, atirou-se ao inimigo, e arrebatou um punhado de lanças que todas cravou no peito. Cahiu; mas ficava a brecha aberta, e os Suissos aproveitando-a, alcançaram uma assignalada victoria. Arnaldo de Winkelfried morreu, mas a patria salvou-se. A pequena republica montanheza tinha a liberdade assegurada.

A batalha teve lugar a 9 de julho, e ainda hoje é celebrada a expulsão dos Austriacos e commemorado o sacrificio sublime do seu chefe.

A mulher suissa iguala o homem em valentia. A mulher arrosta o perigo physico e moral com valor igual ao do homem de maior bravura. Avantaja-o em paciencia, e ambos dão muitas vezes provas d'identicos brios quando se trata de affrontar o perigo repentino e imminente. Bravos são, pois, os filhos e as

filhas de pais bravos, educados por elles, e imitadores dos seus exemplos.

Em 1622, cerca de duzentos annos depois da batalha de Sempach, o Imperador d'Austria quiz assenhorear-se dos Grisões com o proposito de destruir a religião protestante e dispersar os seus ministros. O seu exercito penetrou primeiro no valle de Partigäu, cercado de altos montes, rico em pastagens, e nomeado ainda hoje pela abundancia de gados. Os homens guardavam os rebanhos postados no cabeço dos montes.

Só as mulheres tinham ficado guardando os lares domesticos; e quando lhes constou a chegada dos Austriacos a meio caminho entre Klosters e Landquart, tomaram as armas dos maridos — sachos, fouces e forcados — correndo ao seu encontro.

Existem na Suissa estreitos desfiladeiros aonde um pequeno numero de homens ou mulheres armados pódem destruir um exercito; e estas, lançando pedras do alto dos penedos, desbarataram os Austriacos. Os homens portaram-se com igual denodo. Pouco tempo depois, o castello de Castel, em frente de Tideris, foi tomado d'assalto pelos camponezes armados com páos unicamente! Em memoria da valorosa defeza d'essas corajosas mulheres, existe ainda hoje no valle o costume das mulheres terem lugar de preferencia á mesa da Communhão.

Taes são os homens e as mulheres que a Suissa acata e venera: — Tell, o intrepido bésteiro; e Winkelfried, o lanceiro. O primeiro não passa prova-

velmente de ser um mytho[1], mas o segundo é um vulto historico. A casa em que elle viveu mostra-se ainda em Stanz, no Unterwalden; conserva-se a cota d'armas que elle usava na Rathhaus; e vê-se a sua estatua na praça do mercado, de pé, abraçado com um feixe de ferros de lanças.

Haverá cinco seculos que a Inglaterra soffreu no Norte uma grave derrota, que provou mais tarde ser da maior vantagem. A Escocia era pobre; consistia o seu terreno principalmente em montes ou pantanos. Não contava nem a quarta parte da actual população de Londres.[2] A gente vivia muito espalhada. Confinando com a Inglaterra, estava sempre exposta a uma invasão. Não tinha, como a Irlanda, uma protecção no mar que a separa. Além d'isso os habitantes, de raças diversas, não formavam uma nação unida. Ao Norte e ao Poente, os Celtas ou Highlanders; ao Sul e a Leste os descendentes dos Saxonios, Anglos, e Normandos. As tribus de Highlanders guerreavam entre si. Não prestavam auxilio aos Lowlanders nas luctas que sustentavam pela liberdade. Roberto Bruce foi quasi morto pelos Macdougals fugindo atravez do Lorne.

Wallace foi anterior a Bruce. A Lowlandia tinha sido tomada por Eduardo I. Todas as suas praças fortes estavam nas mãos dos Inglezes. Wallace ten-

1. Conhecem-se muitos Tells — um Tell Dinamarquez, um Tell Finlandez, e um Tell Suisso. Outro no Oriente. É provavel que a historia de Tell seja um mytho Indio.

2. No tempo da União, em 1707, a Escocia contava apenas um milhão d'habitantes.

tou despertar o sentimento patriotico nos condados occidentaes. Era homem de notoria intrepidez, porém um fraco guerreiro. Nunca conseguiu levantar um numero sufficiente de homens para dar uma batalha formal. Foi batido em Falkirk. Não tinha sorte. Era a perdida esperança da Escossia n'aquelle tempo. Comtudo a sua fé na futura grandeza da patria accendia mais o animo nacional do que mesmo as victorias do seu successor, Roberto Bruce. Finalmente Wallace, atraiçoado, foi entregue aos Inglezes. Levado para Londres na vespera do dia de São Bartholomeu, em 1305, foi arrastado n'um trenó da Torre para Smithfield aonde o enforcarame esquartejaram quando dava ainda signaes de vida. Assim acabou este martyr da liberdade. A sua vida não foi inutil. Incutiu no animo dos seus patricios o amor á liberdade; e chegou por fim o tempo d'elles seguirem o seu exemplo com proveito.

Descendia Roberto Bruce d'um Normando; era de sangue inglez e escocez ao mesmo tempo; e reclamava direitos á corôa da Escocia pela ascendencia materna. Passados muitos perigos e corridas muitas aventuras — supportados uns, e affrontadas outras com consciencia firme e ardente amor da liberdade, — Bruce conseguiu levantar um exercito de patriotas com que saiu ao encontro dos Inglezes em Bannockburn, em 1314. Antes de dar principio á batalha, o exercito Escocez prostrou-se de joelhos em oração. Eduardo II seguia com a vista as peripecias da lucta; e voltando-se para o seu official predilecto,

« Argentino », disse, « os rebeldes vão de vencida! Pedem misericordia! » « Pedem, sim, misericordia, meu senhor », foi a resposta, « porém não a vossa. » A batalha terminou não sómente n'uma victoria senão n'um desbarato completo.

Os embaixadores inglezes junto á Côrte Pontificia levaram João XXII a lançar uma bulla d'excommunhão contra Roberto Bruce, e a pôr interdicto á terra d'Escocia. Reuniu-se uma junta publica em Arbroath no anno de 1320 para tomar conhecimento da Censura Ecclesiastica. Oito condes e vinte um nobres assignaram uma carta do Parlamento, dirigida ao Papa, a qual pelos principios que defendia, rivalisava com qualquer documento celebrado na Historia da Europa. N'ella se rogava a S. S. que persuadisse o rei d'Inglaterra a respeitar a independencia da Escocia, e a cuidar dos negocios proprios. « Em quanto houver cem Escocezes vivos », dizia, « nunca obedeceremos á Inglaterra. Não são honras, riquezas ou glorias que nos levam a combater. Aspiramos tão sómente á liberdade, e essa, não ha homem de merito que a perca senão com a vida.[1] »

Seguiram-se não obstante novas guerras; tentou a nação mais forte impôr á mais fraca fórmas novas de religião. Inutil trabalho! A historia da Escocia tem sido um perpetuo protesto contra o despotismo. — A suas maximas são — primeiramente a força da individualidade, depois, a força dos direitos da consciencia.

1. *Historia e Poesia de Border*, pelo professor Veitch.

A Inglaterra soffreu por esse tempo outra grande derrota, a qual embora fosse julgada lamentavel, resultou tão proficua como o desastre soffrido em Bannockburn. Foi no sitio d'Orleans, o qual é pelo Dr Arnaldo considerado como um dos factos mais importantes na historia das nações [1]. Os Inglezes tinham invadido a França, entrado em Paris, e cercavam Orleans. Achava-se a França em lastimosa situação. Os primeiros dos nobres abandonaram o rei (Carlos VIII) e cada um d'elles se esforçava por crear para si uma pequena soberania. As cidades rendiam-se sem offerecer resistencia. Os impostos eram cobrados á força, e o rei, que tinha apenas sufficientes meios de subsistencia, não podia mantêr o exercito. O povo tinha perdido a fé no rei e na nobreza, e desejava com ancia que Deos lhe enviasse um libertador.

Cousa singular! Como os destinos d'uma nação dependem ás vezes d'uma leve circumstancia! Foi uma mulher — uma camponeza que em casa passava os dias fiando á roca, e fóra guardava os rebanhos de seu pai — que veio em auxilio á França. Joanna d'Arc, originaria de Domremy na Lorena, era simples, honrada e piedosa. D'uma compleição nervosa, sujeita a exaltações e sonhos, ouvia vozes que lhe diziam cousas solemnes. Persuadiram-n'a a « que fosse prestar auxilio ao rei de França », e que

1. Seguem as proprias palavras do Dr Arnaldo (*Vida e Cartas* pelo Conego Stanley). « O sitio d'Orleans é um dos factos mais importantes na historia das nações. Se o dominio inglez se tivesse arraigado na França não pode saber-se quaes teriam sido as consequencias para a Inglaterra, que provavelmente se teria convertido em terra annexada á França. Depende tão pouco do exito da guerra a prosperidade d'um paiz que duas das maiores derrotas que soffremos, converteram-se em grandes beneficios — Orleans e Bannockburn. — É tambem singul-reiar qu eon

com a sua assistencia o rei recuperaria o perdido reino. »

O capitão Baudricourt, a quem ella confiou os seus desejos, tomou-a primeiro por uma visionaria cujo cerebro padecia desorganisação. Por fim, vencido pelos seus rogos, consentiu em fornecer-lhe um pelotão d'homens armados e apresental-a ao rei. Joanna atravessou as 150 milhas de territorio occupadas pelo exercito inglez; e conseguiu encontrar o rei e a côrte em Chinon, aonde chegou sem estorvo.

O rei acceitava jubiloso todo soccorro, qualquer que fosse a sua proveniencia. Os bispos e sacerdotes consideravam-n'a como feiticeira inspirada pelo demonio. No emtanto o rei enviou-a a Orleans então sitiada. Os Inglezes começavam a perder animo. Tinham posto cêrco a Orleans durante o inverno, e haviam perdido já muitas forças. Depois da morte do conde de Salisbury, muitos dos homens por elle alistados tinham abandonado o campo. Os Borguinhões, alliados dos Inglezes, eram chamados pelo seu duque. Restavam apenas 2.000 ou 3.000 soldados dispersos por uma duzia de fortes sem communicação entre si. « Lendo », diz Michelet, « a lista formidavel de capitães que se introduziam na cidade com as suas forças, afigura-se-nos menos milagroso o rompimento do cerco d'Orleans.

nado d'Eduardo II a victoria de Athunree ganha contra os Irlandezes, se convertesse em maldição, bem como a acção perdida contra os Escocezes se tornasse em bençãos. Se os Irlandezes tivessem conservado a sua independencia, ter-se-hiam annexado, talvez mais tarde, á Inglaterra conforme succedeu com a Escocia, e se a Escocia tivesse sido reduzida á vassalagem, ter-se-hia tornado um flagello para nós, como a Irlanda. »

Joanna d'Arc poz-se á frente do ataque contra os Inglezes nos fortes. Expulsou-os, mas ficou ferida na tomada do ultimo (Tournelles). Não lhe bastou porém levantar o cêrco d'Orleans; só a expulsão completa do inimigo a podia satisfazer, e avançou sobre Patay aonde os Inglezes soffreram nova derrota. Seguiu-se então a coroação de Carlos VII em Reims, conforme ella tinha annunciado. « A originalidade de Joanna », diz Michelet, «o segredo dos seus triumphos, não consistiam no seu valor nem nas suas visões, eram filhos do seu bom senso. Coroado Carlos VII em Reims, estava ganho esse importante ponto contra os Inglezes. »

Terminada a missão que se propozera, quiz Joanna tornar á casa paterna, e aos seus rebanhos; mas o rei negou o seu consentimento. Reconhecia que a sua influencia reanimára o perdido alento das suas tropas, e queria conserval-a junto de si. Mas a partir d'esse momento, a donzella perdera a confiança em si propria, tornára-se inquieta e irresoluta, e se bem continuava na peleja, combatia sem notorio resultado.

Os Inglezes e os Borguinhões, novamente reunidos, assediaram Compiegne na margem do rio Oise. Os habitantes já se tinham declarado pelo rei, e Joanna entrou afoutamente na praça. No mesmo dia fez uma sortida, e accommetteu o inimigo de sobresalto, mas foi repellida até ás portas da cidade aonde os Francezes (Borguinhões) a desmontaram, fazendo-a prisioneira e não duvidáram esses seus compatriotas

entregal-a aos Inglezes que a entregaram á Inquisição de Rouen para ser julgada. Presidiu o vigario o julgamento, assistido pelo bispo de Beauvais, o de Lisieux, e outros sacerdotes francezes. Estevel, um dos conegos de Beauvais, foi nomeado promotor da causa.

O soberano Carlos VII, que devia o throno á bravura da joven enthusiasta, não deu um passo para livral-a. Consultou-se a Sorbonna, esse grande tribunal theologico, que declarou « ser aquella moça possessa do demonio » e dever tratar-se como os outros endemoninhados. Os Borguinhões não appellaram contra a pena horrenda a que iam condemnal-a. N'aquelles tempos costumava-se sentenciar ao supplicio do fogo todos os feiticeiros que tinham partes com o diabo; e Joanna d'Arc foi conseguintemente condemnada a ser queimada viva. A sentença foi executada na praça de Rouen, hoje denominada praça da Pucelle, proxima ao cáes do Havre, aonde mais tarde ergueram uma estatua em sua honra.

« Tem havido martyres », disse Michelet, e muitos são os que cita a historia, de pureza mais ou menos singular, de meritos mais ou menos insignes. Temos havido do orgulho, do odio, do espirito de controversia. Não ha seculo que tenha deixado de contar os seus martyres militantes, que morreram corajosamente sem duvida quando já não podiam matar... Esses nenhuma relação têm com o assumpto de que tratamos. Esta santa donzella differença-se d'elles

pelo seu cunho especial de bondade, caridade e doçura. Tinha a doçura dos martyres primitivos, com a differença que os primeiros Christãos conservavam-se puros, fugindo á occasião, afastando-se dos trabalhos e das tentações. Joanna mantinha-se serena atravez dos perigos, conservava-se boa entre os máos; pacifica na propria guerra; movida sempre pelo Espirito de Deos.[1]

Os Francezes não esqueceram Joanna d'Arc. Muitas estatuas têm sido levantadas em sua memoria. Succedem-se as gerações de soldados herdando por ella a mesma veneração. Quando acontece passar por Domremy qualquer regimento, os soldados apresentam armas prestando d'esta fórma homenagem ao lugar do seu nascimento. É devéras commovedora a continuação d'esse uso por tão longo tempo, e ver perpetuada a recordação da heroica virgem que tão fielmente serviu o seu paiz.

1. *Historia da França.* — Michelet, liv. VII, cap. 4.

CAPITULO VI

Constancia. — Savonarola.

« O amor vence o soffrimento;... a alma que se julgava desamparada... sente de novo que Deos está presente... e expira alegre nos braços de seu Pai. » — Kegle.

« Antes a morte no fim da lida,... do que a nascimento mais preclaro. » — George Macdonald.

« A vida não consiste só em viver... nem o morte consiste só em morrer. — Hymnel.

« Á voz publica que pergunta com que acabou este conflicto, respondo : « Com Triumpho. » Porém á voz amiga que interroga, respondo : « Com a Morte. » — Savonarola.

Recordemos agora alguns dos grandes heroes-martyres da Italia : Arnaldo de Brescia, Dante e Savonarola. Pouco depois da queda do Imperio Romano, tornaram a prevalecer as paixões mais vís da natureza humana. A Igreja não conseguiu dominal-as; antes soffreu o influxo d'esse predominio. São Bernardo de Clairvaux reprovava os vicios dos Romanos com estas acerbas palavras : — « Quem desconhece sua vaidade e arrogancia? Nação sediciosa, intratavel, e rebelde á obediencia sempre que se encontra com força para resistir. Habil para o mal, jámais aprendeu a sciencia de fazer o bem. A adulação e a calumnia, a perfidia e a traição, são os actos familiares á sua politica. »

A frivolidade junta á corrupção nas classes superiores influe sempre perniciosamente nas condições da sociedade. Estendem-se ás classes baixas e todas participam d'igual immoralidade. Em Italia, as classes elevadas entregavam-se á luxuria e aos frivolos divertimentos, ao passo que as classes inferiores viviam afogadas na pobreza, na miseria e no vicio. Os ecclesiaticos não se differençavam dos mais. Dizia-se ordinariamente : « Quereis ter um máo filho, fazei d'elle um sacerdote ». Assim era que uma nação outr'ora valente e forte se achava á beira d'uma completa destruição moral.

Arnaldo de Brescia, no decimo segundo seculo levantou a primeira voz da liberdade italiana. Occupava na Igreja um posto insignificante. Era, como orador, apaixonado e eloquente. Aconselhava a pureza, a caridade e a justiça. Defendia tambem a liberdade : a mais perigosa das questões que elle tratava. Porém o povo tinha-o em veneração. Não faltaram entretanto inimigos para levar ao conhecimento do Papa as suas palavras. Innocencio II condemnou as suas opiniões, e os magistrados de Brescia procederam á execução da sentença. Avisado porém a tempo, atravessou os Alpes, internando-se na Suissa, e encontrou refugio em Zurich, o primeiro dos cantões suissos.

Destemido, cruzou os Alpes novamente, foi-se a Roma e ahi arvorou o pendão da revolta. Protegido da nobreza e do povo durante o espaço de dez annos, atroava as Sete Collinas com a voz da sua eloquen-

cia. Exhortava os Romanos a manter os direitos inalienaveis do homem e do christão, a restabelecer as leis e a magistratura da republica, e a coarctar o poder do seu pastor á jurisdicção espiritual do seu rebanho.

Persistiu a sua influencia durante a vida de dous Pontifices, mas á coroação de Adriano IV, unico Inglez que jámais cingira a tiara Pontificia — oppoz-se-lhe uma resistencia poderosa e energica. O Papa lançou um interdicto, e impoz ao povo a condição de proscrever o reformador. Arnaldo foi preso e sentenciado á morte. Queimado em presença d'um povo caprichoso e ingrato, as suas cinzas foram lançadas ao Tibre evitando-se por essa forma que os seus discipulos recolhessem e adorassem os restos do seu mestre.

Seguia a Italia a sua carreira de dissipação, de prazeres, e de vicios. Todos os Estados se guerreavam, e Guelfos e Gibelinos assolavam o paiz. Dante appareceu no decimo terceiro seculo, tornando-se a ouvir a voz da liberdade. Dante acreditava na justiça eterna. Á luz da verdade que brilhava na sua alma, comparava a vida da Italia com as mais nobres e elevadas aspirações do homem. A sociedade italiana, insensata nos seus desvarios, vacillava á luz da eternidade, suspensa entre as alturas do céo e as profundezas do inferno. Dante descobria a mão da eterna justiça nas loucas dissensões humanas. A sua alma identificára-se com a sublimidade do grande mysterio, e celebrára n'um canto sem igual a justificação das vias de Deos.

Durante os longos seculos de miseria e degradação da Italia, as suas palavras ardentes eram como um pharol indicando o caminho aos fieis e amantes da verdade. Era o pregoeiro da liberdade da sua terra pela qual soffreu a perseguição, o desterro e a morte. Na sua *De Monarchia* advogou, á semelhança d'Arnaldo de Brescia, a separação do poder civil do poder espiritual, e sustentava que o governo temporal do Papa merecia o nome de usurpação. A *De Monarchia* foi destruida publicamente pelo fogo em Bolonha, por ordem do delegado do Papa, e apontada no Index Romano, não obstando isso a que Dante fosse sempre o mais popular, o mais admirado e o mais lido dos poetas italianos. Em 1301 foi desterrado de Florença, confiscaram-lhe os bens, e foi sentenciado á revelia ao supplicio do fogo. Escreveu algumas das suas melhores obras no desterro. Entretanto guardava-se-lhe boa memoria, continuava a ser respeitado e amado; e anhelava-se por ver revogada a sentença d'exilio, e por vel-o novamente em Florença.

Era pratica antiga em Florença conceder perdão a um certo numero de criminosos na solemnidade da festa de São João — o apostolo « que muito amára. » Communicaram a Dante que lhe seria remittida a pena se apresentasse como criminoso. Ao ouvir tal proposta, Dante exclamou : « É pois essa a triumphante revogação d'uma injusta sentença? é d'essa fórma que se chama do exilio Dante Alghieri ao cabo de tres lustros de degredo ? Tal é a recompensa do patriotismo ? o premio do meu aturado estudo e la-

bor?... Vedadas me serão sempre as portas de Florença, se tão sómente por essa fórma m'as hão de abrir. E que! Porventura deixará o sol de repartir commigo o seu calor, deixarão as estrellas de allumiar as minhas noutes, deixarei de gozar na cogitação da verdade, se negar a entregar-me ao povo florentino, desataviado de gloria, e talvez revestido d'ignominia? O pão de cada dia ainda não me faltou. Não, não! Não voltarei! »

Recusou-se pois Dante a admittir o offerecido perdão. Viveu desterrado vinte annos, e falleceu em Ravenna em 1321.

Approximadamente um seculo depois, appareceu outro campeão da liberdade — homem corajoso e fiel, que conta entre as joias da historia, Girolamo Savonarola, que nascera em Ferrara no anno de 1452 de familia nobre mas destituida de fortuna. Seu pai exercia na corte um cargo que lhe competia por herança; sua mãe era notada pela sua grande força de caracter. Girolamo foi primeiro destinado a estudar medicina, mas as suas naturaes propensões levaram-n'o para outro lado.

A Italia continuava no seu enredo de corrupção e vicios. Os ricos opprimiam a pobreza; e os pobres viviam na miseria e no abandono. Girolamo imbuido de ideias religiosas, entregou-se ao estudo da Biblia e dos escriptos de São Thomás d'Aquino; e sentia-se em contradicção com as impiedades e os abusos que via ao redor de si. « Já não ha », dizia, « quem tenha o amor da virtude; temos de procurar

o exemplo das crianças ou das mulheres das classes baixas, pois só ahi permanece uma sombra d'innocencia. Os bons vivem oppressos, e o povo italiano tornou-se imitador dos Egypcios na oppressão do povo de Deos.

Chegou por fim Girolamo a resolver deixar o seculo contaminado e dar-se inteiramente á vida religiosa; e quando contava vinte tres annos, reunio os seus parcos haveres e, sem consultar seus pais, dirigiu-se a Bolonha, aonde no convento de São Domingos pediu admissão como leigo, e começou a preparar-se para entrar no noviciado.

Recebido no mosteiro, escreveu a seu pai informando-o das razões que o afastavam de casa. «O que me levou », dizia « a entrar em religião, é a vasta malicia do mundo : as iniquidades, o roubo, o adulterio, a soberba, a idolatria, os blasphemas horrendos.... Não podia presencear a perversidade hedionda do obcecado povo d'Italia, ao passo que via a virtude desprezada e o vicio exaltado. Tão profunda era a magoa que sentia, que dirigi a Jesus-Christo uma oração para que me libertasse d'esse fóco de immundicies. Repetia essa supplica sem cessar, rogando devotamente a Deos que me mostrasse o caminho que teria de seguir... Só me resta agora pedir a meu pai que, na superioridade do seu animo, busque conforto com que allivie o pezar de . minha mãe, e que ambos me concedam a sua benção. »

A prevaricação da Igreja tinha subido de ponto A avareza insaciavel de Paulo II, a aleivosia e

pouca delicadeza de Sixto IV, os crimes de Alexandre VI (Borgia)[1] apavoravam as boas almas da Italia « Aonde estão », perguntava Savonarola na sua cella, os antigos doutores, os santos dos passados tempos; o saber, a caridade, a pureza d'outr'ora? Oxalá podessemos quebrar estas azas que nos arrastam ao caminho da perdição!... »

Ao mesmo tempo, a liberdade era quasi um nome vão. Aos pequenos principes, que exerciam tyrannia sobre os seus vassallos, faltava a energia e a sagacidade de seus paes. Ambicionavam um mando sem limites; e o povo descontente dava provas de desagrado; assim é, que muitos d'elles foram assassinados em pleno dia. O duque de Galeazzo foi morto n'uma igreja de Milão, o Duque Nicoláo Ferreri assassinado em Ferrara, e o duque Julião de Medicis na cathedral de Florença no momento da elevação da hostia.

Savonarola tinha sido creado no centro d'essa immoralidade. O prior dos Dominicanos de Bolonha não tardou em reconhecer as raras qualidades da sua intelligencia; e retirando-o do trabalho manual, promoveu-o a mestre de noviços. Obedecer era o seu primeiro dever, e dedicou-se ao seu novo cargo de todo o seu coração. Depois elevaram-n'o ao officio de prégador. Contava trinta annos quando o enviaram a

1. O pontificado de Alexandre VI é sem duvida a pagina mais negra da historia da Roma moderna. A immoralidade d'essa epocha, da qual se encontra abundancia de pormenores no *Diarium* de João Burchard, nas obras de Panvinio, Muratori, na continuação da *Historia Ecclesiastica* de Fleury e outros escriptores catholicos e protestantes, parecem-nos hoje quasi inacreditaveis. — *Encyclopedia Ingleza.*

prégar em Ferrara, terra do seu nascimento, aonde os seus discursos foram ouvidos com indifferença. Sahido d'aquella mesma grei, que podia dizer-lhes que elles já não soubessem? Receberam-n'o sem enthusiasmo. Subiu tambem ao pulpito em Brescia, em Pavia e Genova aonde foi mais avaliada a eloquencia do joven orador.

Habitou Savonarola sete annos no mosteiro de Bolonha, sendo depois transferido para Florença, o que lhe proporcionou occasião de ver uma paizagem que lhe offerecia todos os encantos da novidade, pois que nunca se tinha adiantado tanto para o sul. Fez a jornada a pé, e teve tempo de admirar o esplendor que por todos os lados o cercava. Subiu até Lugano, d'onde enviou um olhar de despedida a Bolonha e ás terras do norte, que não tinha de tornar a ver. Atravessou as agrestes montanhas, escalvadas, tristes, até o pico de La Futa, a tres mil pés sobre o nivel do mar. Desceu ao valle de Seive e cruzou os Appeninos na crista que separa a planicie de Seive do valle do Arno. E ali jazia a seus pés Florença, a magnifica, futuro theatro da sua brilhante carreira, da sua vida de labutação, e tambem do seu martyrio!

Chegado a Florença, Savonarola foi logo recebido no convento de São Marcos. Estava então Lourenço o Magnifico no apogêo da gloria. Tinha-se livrado dos seus inimigos, desterrando uns, entregando outros á prisão ou á morte. O esplendor dos seus bailes e torneios trazia o mundo aos seus pés. Era querido dos nobres e da plebe. Perdoavam-lhe os excessos da

sua vida por causa do seu amor das lettras e artes. Villari diz que no seu tempo « os artistas, os homens de lettras, os politicos, a nobreza e o povo, todos eram iguaes em corrupção, sem virtudes publicas e privadas, e isentos de todo sentimento moral. A religião ou servia d'instrumento para subir ao poder, ou de base para a mais baixa hypocrisia. Perdera-se a fé nos assumptos civis, na religião, na moral, na philosophia. O scepticismo mesmo uão existia com seriadade. A indifferença mais completa estendia-se a todos os principios[1].

Tudo isto trazia Savonarola desgostoso. A primeira vez que se fez ouvir em São Lorenzo, combateu com vehemencia a immoralidade do dia, reprehendendo o vicio com acerbas expressões. Condemnou o jogo, a mentira e a fraude, apoiando-se em citações da Biblia.

O auditorio começou por mostrar surpreza, depois enfado, e por fim indignação. Quem era aquelle monge vestido de burel que cruzára os montes para vir a Florença atacar os seus vicios ? Mofaram das suas palavras. N'uma cidade em que se prestava culto á formosura, elle era a antithese da belleza : de estatura mediana, tez macilenta, feições ordinarias, nariz grande e aquilino, bocca larga, labios carnudos, e barba concava e quadrada. Já na idade de vinte e tres annos, tinha a fronte sulcada de rugas. Era porventura homem para adquirir influencia ou crear-se uma posição em Florença?

1. *Historia de Girolamo Savonarola e do seu tempo*, pelo professor Villari.

Havia outro monge que attrahia toda a cidade a ouvir os seus discursos. Conhecia o auditorio, e afagava-lhe os vicios. Não apontava os erros — nem mesmo a falta de devoção e de liberdade. Contava entre os amigos de Lourenço o Magnifico. Savonarola, provocado com o exemplo do seu antagonista, respondera: « Importa sacrificar os atavios da linguagem á singeleza da phrase, quando se pretende inculcar os principios da sã doutrina. »

Possuido da divindade da sua missão, Savonarola convencido de ser aquelle o dever mais importante da sua vida, trabalhava unicamente por compril-o com perfeição.

Em São Marcos reassumiu o ensino dos noviços, e prégava algumas vezes no convento perante um numero selecto de ouvintes indulgentes. Insistiram para que subisse á cadeira evangelica. Savonarola cedeu, e proferiu um discurso notabilissimo no dia 1 de Agosto de 1490. Tinha então trinta e oito annos. No anno seguinte, durante a quaresma, fez-se ouvir no Duomo. Acudiu numerosa multidão. Conseguio suscitar no auditorio o fervor que animava o seu espirito. Já não era o frade insignificante que se apresentára em São Lourenço. Reprehendia com todo o vigor da sua eloquencia as paixões d'aquelle povo adormecido no vicio, e incitava-o a que despertasse da sua inercia fatal. A admiração dos ouvintes subia de ponto, e o alvoroço crescia todos os dias.

Crescia tambem o descontentamento de Lourenço de

Medicis, que enviou cinco dos principaes cidadãos de Florença avisar Savonarola dos perigos que elle corria e a que expunha o seu convento. Este respondeu-lhes : « Sei que vindes por mandado de Lourenço. Dizei-lhes que se disponha a fazer penitencia dos seus peccados, porque o Senhor não poupa nenhuma das suas creaturas, e não se arreceia dos principes da terra. »

Promovido no mesmo anno a Prior de São Marcos, conservou igual inteireza e independencia. Não obstante as ricas offertas com que Lourenço lisonjeava a communidade, Savonarola julgava-o com rigor. Conhecia quanto esse monarcha contribuira para a immoralidade publica. Olhava-o não sómente como inimigo, senão como destruidor da liberdade e o primeiro obstaculo contra o melhoramento dos habitos do povo e a sua conversão. Continuava nos seus discursos a condemnar o jogo, embora proveitoso para o Estado, e o luxo e as extravagancias dos ricos como instigadores da demoralização do povo.

Savonarola insistia sempre ácerca da necessidade das boas obras, envolvendo assim a these da livre vontade do homem. « A nossa vontade, dizia, é pela sua natureza essencialmente livre; é a personificação da liberdade. Deos é a primeira força, mas quer ser coadjuvado. Sêde attentos na oração, dizia Savonarola, porém sem desprezar os meios ao vosso alcance. Empregai todos os vossos esforços, e Deos será comvosco. Animo pois, meus irmãos, e acima de tudo, sêde unidos. » Tambem dizia : « Por verdade,

entendemos certo habito de que resulta mostrar-se o homem nas suas acções ou palavras tal qual devéras é; nem mais nem menos. Não pertence á ordem dos deveres legaes, mas é sem duvida um dever moral, por ser uma divida que todo homem honrado contráe, para com o seu semelhante, e a manifestação da verdade é uma parte essencial da justiça. »

Lourenço o Magnifico retirou-se de Florença para a sua Villa Correggio[1] aonde falleceu. Foi nos principios do mez d'Abril, epoca em que a natureza é toda frescor e vida, em que a voz do rouxinol se deixa ouvir. A Villa está situada no extenso valle do Arno, a umas tres milhas ao nordeste de Florença. Das suas janellas divisa-se o Duomo, o Campanile e os campanarios de muitas igrejas, destacando-se entre as arvores. Ao norte fica a serra de Fiesole, e ao longe avistam-se os contornos suaves dos montes da Toscana.

Tantas bellezas não bastavam para afastar a molestia e o soffrimento. Lourenço luctava embalde contra o seu mal. Todos os remedios haviam sido empregados sem efficacia. Inuteis tinham sido tambem as bebidas obtidas com a distillação de pedras preciosas.

Nada conseguira alliviar os seus padecimentos. Então voltou os olhos para a religião. Os peccados augmentavam de proporção á medida que avançava a hora da morte. Os ultimos soccorros da religião não lhe proporcionaram o consolo que elle desejava.

1. Esta villa foi vendida a um particular, e hoje chama-se Medicis-Sloane.

Tinha perdido a fé em todos, porque todos tinham cedido aos seus caprichos. Nem admittia sinceridade no seu confessor. « Jámais houve quem ousasse oppôr-se á minha vontade », dizia. Acudiu-lhe então á memoria o nome de Savonarola. Esse nunca cedêra ás suas ameaças ou caricias.

« É o unico monge honrado que conheço. » Mandou por elle para que viesse ouvil-o de confissão; e o frade obedeceu com diligencia.

Conta o Professor Villari da seguinte fórma a ultima entrevista de Lourenço com Savonarola. Sahira Pic de la Mirandola de junto da cabeceira do enfermo para ceder o seu lugar a Savonarola, que se approximou respeitosamente do leito em que jazia Lourenço moribundo, que lhe disse ter tres culpas a confessar-lhe das quaes pedia absolvição : o saque de Volterra; o dinheiro havido do Monte delle Fanciulla, que tantas vidas tinha custado; e o sangue vertido depois da conspiração de Pazzi. Ditas estas palavras, Lourenço entregou-se novamente a uma agitação que Savonarola procurava acalmar repetindo-lhe amuidadas vezes que « Deos é bom e misericordioso » !

Quando Lourenço terminou, Savonarola disse-lhe: « Tres são as cousas que se requerem de ti. » — « E quaes são ellas, Padre? » O semblante de Savonarola tomou uma expressão grave, e erguindo a mão direita, continuou : « Em primeiro lugar que tenhas uma fé viva na misericordia de Deos. »

— « Tenho essa fé, Padre! — Em segundo lugar,

é preciso restituir o que se detem injustamente, ou legar aos filhos o dever d'essa restituição. » Este mandamento pareceu causar a Lourenço surpresa e pezar ; porém com visivel esforço acenou com a cabeça em signal d'obediencia.

Savonarola ergueu se então, e ao passo que o principe agonisante tremia apavorado, o confessor transfigurando-se, dizia : « Finalmente, ha que restaurar a independencia do povo de Florença. »

Solemne a expressão, terrivel a voz, os olhos fitos nos olhos de Lourenço como attentos na expectativa d'uma resposta, o monge calára-se; e o moribundo, n'um derradeiro impulso, voltára-lhe as costas, sem proferir uma palavra.

Savonarola deixou-o por absolver ; e Lourenço, remordido pela consciencia, pouco depois expirava.

Succedeu-lhe seu filho Pedro que a todos respeitos se avantajava a seu pai no mal. Não lhe importavam as lettras nem as artes, porém entregava-se á dissipação e aos prazeres. Savonarola continuou a pronunciar os seus discursos. A sua eloquencia ia sempre crescendo. Voava o seu nome nas azas da fama. Pedro influira na sua sahida de Florença por algum tempo, subindo então Savonarola á tribuna sagrada em Pisa, Genova e outras cidades, e voltando depois para Florença aonde impoz ao seu convento o cumprimento rigoroso do voto de pobreza, fazendo com que os monges vivessem do seu trabalho. Animou particularmente o estudo da Sagrada Escriptura, desejando ir com os seus frades prégar aos hereges.

Quando mais tarde lhe sobrevieram crueis embaraços, Savonarola pensou em deixar Florença e dedicar-se á vida de missionario. Porém não lhe permittiram que fosse; e continuou a agrupar numerosa multidão aos pés da cadeira evangelica da cathedral.

Não eram só os desmandos do dia que elle censurava; atacava os prelados que desattendiam os seus deveres. « Vejamos, » dizia, « como usam mitras de tecidos de ouro recamadas de pedras preciosas, e báculos de prata; como, diante dos altares, revestidos de pluviaes de brocado, entoam as vesperas e missas com grande ceremonia acompanhadas de cantos, e vozes d'orgão, causando a todos admiração... Aos prelados primitivos de certo lhes faltavam mitras tão sobrecarregadas de riquezas e calices tão numerosos, e desfaziam-se do pouco que tinham para acudir ás necessidades dos pobres. Os prelados d'hoje obtêm as suas alfaias a expensas da pobreza. Tinha a primitiva Igreja calices de madeira, e prelados de ouro; mas na Igreja dos nossos dias são de ouro os calices, e de madeira os prelados! »

Pedro de Medicis contractára uma alliança com o Papa e o Rei de Napoles, com o intuito de alcançar a supremacia de Florença; porém abandonou-os á entrada dos Francezes en Italia. Ludovico o Mouro, tendo usurpado o governo de Milão, convidára o rei Carlos VIII de França a que invadisse a Italia e emprehendesse a conquista do reino de Napoles. Entraram pois os Francezes, encaminhando-se para o sul, escorchando as praças que toma-

vam, e não hesitando diante de nenhum obstaculo. Teve então Pedro a lembrança de propôr a Carlos VIII uma conciliação; e entregou-lhe a importante fortaleza de Sarzana, e as cidades de Pietra Santa, Pisa e Livorno.

Um tal procedimento despertou em Florença um movimento d'indignação. Negaram a Pedro a entrada nos paços da justiça. A sua vida estava em risco, e teve de fugir apressadamente para Veneza. Eram os prodromos d'uma revolução em Florença.

Os devotos dos Medicis queriam um rei; a massa do povo pedia a republica. Os dous partidos estavam a ferro e fogo. Savonarola era o unico homem que tinha influencia nos animos exaltados. Reuniu a todos na Cathedral, e ali procurou aquietal-os. Ao mesmo tempo chamou-os ao arrependimento, á união, á caridade e á fé. Assim foi suffocada a revolta que tão imminente parecia.

Foi nomeada uma embaixada dos personagens mais em evidencia de Florença para tratar com o rei de França, sendo Savonarola um dos escolhidos. Todos se apresentaram em coches; elle só ia a pé — como sempre. Os embaixadores tiveram uma entrevista com o monarcha e falharam no seu intento. Á volta para Florença encontraram Savonarola, que se dirigia a pé, e só, ao arraial do rei de França e conseguiu fallar-lhe. Pediu, ou quasi exigiu que Carlos VIII respeitasse a cidade, as mulheres, os homens e a independencia de Florença. Baldados esforços! O exercito francez não tardou em entrar

em Florença sem opposição. As tropas saquearam o palacio dos Medicis e levaram os objectos d'arte de mais preço; no que tiveram por coadjutores os proprios Florentinos, que roubavam quanto lhes parecia ter merito ou valor. Assim foram destruidas n'um só dia as riquezas accumuladas durante meio seculo.

Quando as tropas francezas seguiram para o sul, ficou Florença sem governo. Os partidarios dos Medicis tinham desapparecido como por encanto. A direcção da vontade do povo foi entregue a Savonarola, que propoz á assembléa por elle convocada que fosse inaugurada a fórma do governo de Veneza, unica, dizia elle, que tinha resistido á ruina commum e que augmentára em força, e credito. Seguiu-se uma larga discussão sobre esse assumpto, até que o governo republicano foi temporariamente adoptado. Assim ficou no espaço d'um anno constituida a independencia de Florença.

Savonarola não deixava de fallar ás turbas. Reclamava a reforma da Igreja, a reforma dos costumes. Encarecia a virtude da liberdade.

« A verdadeira liberdade, » dizia, « unica que mereça tal nome, é o proposito de vivermos para o bem. Que classe de liberdade seria a que nos trouxesse sujeitos á tyrannia das nossas paixões? Voltando pois ao assumpto d'este discurso, desejais ser livres? desejais libertar-vos de toda dependencia? Amai a Deos sobre todas as cousas, amai o vosso proximo, amai-vos uns aos outros, amai a felicidade e o bem universal. Quando alcançardes esse amor e essa

união, então tereis alcançado a verdadeira liberdade.»

Entre as reformas introduzidas pela republica, que tinham valor pratico, contava-se a reducção dos impostos, o aperfeiçoamento da justiça, e a abolição da usura com a instituição do Monte-Pio. Os Judêos emprestavam pequenas quantias aos operarios á razão de 32 1/2 por cento de juros. Por outro lado o Monte-Pio tinha por unico fim fazer emprestimos em boas condições ás pessoas necessitadas. Essa excellente instituição foi devida aos unicos esforços de Savonarola. A republica chamou tambem a Florença os descendentes do desterrado Dante, que a esse tempo estavam reduzidos á extrema pobreza.

No emtanto transformára-se o aspecto da cidade. As mulheres tinham abandonado as suas galas e vestiam com singeleza. Os jovens tornaram-se modestos e davam-se ás praticas da religião. As horas de descanso viam-se os commerciantes nas suas lojas, entregues ao estudo da Biblia ou lando alguma obra do Frade. As igrejas concorridissimas de fieis, as esmolas cahindo abundantemente no regaço dos pobres. Porém, caso mais singular! — viam-se ainda traficantes e banqueiros, movidos por escrupulos de consciencia, restituir quantias que subiam algumas vezes a milhares de florines, e que elles tinham adquirido illegalmente. Tudo isso devido á influencia d'um só homem.

Terminada a estação da quaresma de 1495, achavam-se as forças de Savonarola completamente exhaustas. Vivia parcamente. Guardava os seus jejuns

com rigor. O seu leito era de todos o mais duro, a sua cella a mais pobre; renunciára a todo conforto. Severo com todos, usava comsigo de dupla severidade. Extraordinariamente emmagrecido, visivelmente extenuado, aggravára-se lhe a fraqueza com um padecimento interno. «Tal era, porém, a energia invencivel do Frade, » diz Villari, « que mal concluidas ainda as luctas politicas, emprehendeu uma serie de sermões sobre Job. A debilidade physica contribuia ao augmento da exaltação moral. Sahia-lhe a phrase mais apaixonada, mas ao mesmo tempo mais compassiva. »

Diz Burlamacchi « Savonarola proferiu um pavoroso discurso que foi reduzido a escripto ao passo que elle o pronunciára, sendo depois apresentado ao Papa. Este, indignado, chamou um bispo da mesma ordem, homem de grande illustração, e disse-lhe: » Quero, que respondais a este discurso, e refuteis a doutrina d'este Frade, » ao que o bispo respondeu: « Santissimo Padre, para obedecer a Vossa Santidade preciso ter razões que opponha ás d'elle. »

« Quaes razões? » perguntou o Pontifice — « Diz o Frade que não devemos viver amancebados, nem commetter simonia. E diz bem. » Replicou o Papa. « Que lhe importa? » Respondeu o bispo: « Santissimo Padre, faça Vossa Santidade d'esse frade um amigo, distinga-o com honras e mercês, confira-lhe a dignidade cardinalicia, e assim descontinuarão as prophecias, e elle se desdirá. »

Em 1495, Savonarola foi ameaçado de morte pelo

club dos Arrabbiati que então conspirava em Florença em favor dos Medicis. Julgavam que, matando o Frade, acabariam coma republica. Formou-se então um corpo de voluntariosarmados que o rodeavam e acompanhavam da Cathedral ao Convento de São Marcos. O Papa, o Borgia Alexandre VI, expediu uma bulla de Roma suspendendo esses sermões, e denunciando Savonarola como propagador de falsa doutrina. Aproveitando-se do forçado silencio de Savonarola, o Club dos Arrabbiati tentou fazer reviver as paixões desenfreadas e os divertimentos obscenos do Carnaval. Savonarola procurou pôr-lhes impedimento creando a « Reforma Infantil. » Formados em procissão, os filhos dos adherentes á « Reforma » percorreram as ruas de Florença colhendo esmolas, para os frades de São Martinho repartirem pela pobreza.

O Papa levantou por fim o interdicto contra Savonarola permittindo-lhe que continuasse os seus discursos, e offerecendo-lhe a purpura cardinalicia se elle modificasse a linguagem dos seus sermões. A offerta foi recusada; e no dia seguinte, prégando na Cathedral, fez ouvir estes palavras, « Não me tenta o barrete nem a mitra, quer seja grande, quer seja pequena. Desejo apenas uma cousa — como a tiveram os santos — a morte. Se pozesse a mira nas grandezas, sabeis que outras galas vestiria differentes d'esta capa esfarrapada. Estou prompto a dar a vida pelo cumprimento do meu dever. »

Sobrevieram grandes contrariedades á Republica. Durante o cêrco de Pisa, os Florentinos viram-se redu-

zidas á maior miseria. Morriam os pobres de fome á beira dos caminhos. Ao mesmo tempo a peste assolára a cidade, e manifestára-se no convento de São Marcos. Savonarola licenciou os pusillanimes e os enfermos, e permaneceu no seu posto com alguns discipulos fieis. A peste fazia mais de cem victimas por dia na cidade. Savonarola, prompto sempre a acudir aos necessitados, entrava nas casas invadidas pela molestia, e prestava os ultimos soccorros aos moribundos. Passado um mez, começou a peste a declinar, e reappareceram as conspirações contra a Republica.

Savonarola sahia pouco do seu convento aonde trabalhava com diligencia no seu livro « O triumpho da Cruz », e na correcção das provas á medida que vinham da imprensa. N'esse tratado demonstrava que o Christianismo é fundado na razão, no amor e na consciencia. Era uma resposta cabal aos breves do Papa, e foi adoptado nas escolas e pela congregação *da Propaganda fide*. Não obstante, o Papa lançou uma bulla d'excommunhão contra Savonarola em Maio de 1497, e a todos era defezo prestar-lhe qualquer assistencia ou ter com elle relações, como sendo excommungado e culpado de heresia. Foi publicada no mez seguinte com grande solemnidade a bulla d'excommunhão na cathedral, presentes o Clero, os monges de muitos mosteiros, o bispo, e os altos dignitarios. Lido em voz alta o breve Pontificio, apagaram-se as luzes ficando o templo em completo silencio e perfeita escuridão.

Dous dias depois, cantavam os monges de São Marcos o officio, e foram interrompidos por muitos brados, vozes confusas e pedradas que acertavam nas vidraças do convento. A justiça não interveio, e multiplicaram-se os motins. A devassidão subira novamente de ponto; os templos estavam vazios, as tavernas concorridas. O amor da patria e da liberdade tinha esmorecido.

Taes foram os primeiros fructos da excommunhão lançada pelo Borgia contra Savonarola. Fizeram-se repetidas tentativas para que fosse levantada a excommunhão. Todas foram inuteis. O Papa ameaçou pôr um interdicto á cidade, e confiscar os bens dos mercadores Florentinos estabelecidos em Roma. Mandou ao governo de Florença que enviasse Savonarola para Roma, e o governo respondeu que desterrar o Frade seria expôr a cidade aos maiores perigos, e induzindo ao monge a que tornasse a subir á tribuna sagrada, Savonarola consentiu e disse o seu ultimo sermão a 18 de Março de 1498.

Manifestou-se a esse tempo uma grande modificação na opinião publica. Variou de subito como uma grimpa batida pelo vento. Savonarola trabalhára durante oito annos na cidade de Florença. Exhortára o povo a viver unido e em paz, a combater pela liberdade, a renunciar á libertinagem e ao jogo, e — conselho mais arriscado! — instou para que procedesse immediatamente e com o auxilio de Deos á reforma universal da Igreja. Fôra o homem mais popular de Florença; e agora era o mais odiado.

D'improviso, mudára a opinião. Os partidarios de Savonarola ou tinham desertado, ou receiavam apparecer, porque Florença inteira se lhe tornára hostil.

Os Franciscanos desafiaram-no á prova do fogo — uma das praticas mais singulares da idade média. — Savonarola oppoz-se a tal ensaio, embora seu irmão Domingos fosse inclinado a aceital-o — tal era a fé que o Frade lhe merecia. Outros se dispunham a acompanhal-o, porém Savonarola conhecendo a loucura e incompetencia da prova a que desejavam submettel-o, negou-se a entrar na fogueira. O resultado viu-se immediatamente. O povo atacou o convento de São Marcos, guiado pelos Compagnacci e decidido a deitar-lhe fogo. Alguns dos amigos de Savonarola alli presentes preparavam-se para defender o convento, mas elle susteve-os dizendo : « Deixai-me ir. Eu fui a causa d'estes tumultos, deixai que me entregue ao inimigo. » Os monges não lhe permittiram entregar-se.

O governo mandou reunir tropas na Piazza. Os arautos ordenavam aos que defendiam o convento que entregassem as armas, e a Savonarola de sahir do territorio de Florença no espaço de doze horas. Os primeiros, longe de obedecer, defenderam-se com energia e houve por ambas as partes muitos mortos. Savonarola continuava em oração ; mas apercebendo-se do sangue que corria dentro e fóra do mosteiro, chamou os religiosos e os amigos á livraria situada na parte posterior do convento, instando para que abandonassem a lucta.

Ahi, no meio da sala, sob a abobada singela de Michelozzi, collocou o S.S. Sacramento; e aos irmãos e amigos agrupados ao redor d'elle, dirigiu estas ultimas e memorandas palavras : — « Meus irmãos, em presença de Deos, e diante da hostia sacrosanta, entregue já este convento em mãos do inimigo, cumpre-me confirmar a minha doutrina. Quanto eu disse, foi Deos que m'o inspirou, e Deos me dará testemunho de que fallei verdade. Mal pensei que com tão rapida inconstancia esta cidade inteira se tornaria contra mim ; cumpra-se porém a vontade de Deos ! Ouvi as minhas derradeiras recommendações, Armai-vos com fé, paciencia e oração. É com angustia e pezar que me separo de vós para entregar-me aos meus inimigos. Ignoro se me darão a morte, mas estou certo no que hoje vos digo, e é que depois de morto mais farei por vós no céo do que jamais pude fazer na terra. Animo, pois! abraçai-vos com a cruz, e assim unidos alcançareis o porto de salvação.

As tropas fizeram irrupção e levarem Savonarola preso, e algemado. O povo, movido por uma ira feroz e sedento de sangue, era contido com difficuldade. Dous monges insistiram em o acompanhar. Chegados á presença dos Signori, separaram os tres frades e encerraram-os nas suas respectivas cellas.

Coube a Savonarola a cella denominada por Alberghettino — pequena camara na torre do Palazzo — aonde por algum tempo estivera Cosme de Medicis encarcerado.

Savonarola foi immediatamente mettido a tor-

mento. Conduzido á sala do andar superior no Bargello, perante os magistrados ahi foi interrogado, ameaçado, insultado, e sentenciado aos tractos de polé, machina que constava d'um páo a prumo com um braço do qual pendia uma roldana em que passava a corda a cujo extremo suspendiam os pacientes, ligadas as mãos atraz das costas e enrolados os punhos com as pontas do baraço; e n'essa posição os erguiam ao ar e deixavam cahir ao chão com brutalidade. Os braços formavam um semi-circulo, todos os musculos se rompiam, e o corpo inteiro estremecia com a violencia das dôres. Se persistia durante algum tempo tão horrendo supplicio, seguia-se sempre o delirio e a morte do suppliciado.

Savonarola, de compleição delicada e organisação sensivel, encontrava-se debilitadissimo pela habitual abstinencia e as longas vigilias, e por seus quasi ininterrompidos sermões, além d'uma molestia cruel que o consumia; era, pois, a sua vida um estado de continuo soffrimento, e devia a prolongação de tão fragil existencia a um constante esforço de energia moral. Todos os successos d'aquelles ultimos dias — os perigos, os insultos, o pezar da traição do povo de Florença, — tinham-lhe afinado a já de si a mimosa sensibilidade. Foi em taes condições que o metteram a tão atroz tormento. Ergueram-n'o ao ar muitas vezes, deixando-o cahir ao chão com crueldade. A razão esvaiu-se-lhe, tornaram-se incoherentes as suas respostas, e finalmente como desesperando de si mesmo exclamou com voz capaz de mover os mais

empedernidos corações : « Acabai, Senhor! acabai com a minha vida! »

Por fim interromperam aquelle martyrio. Desprenderam-n'o, e tornaram-n'o ao carcere, os ossos desconjuntados, as carnes em sangue. Mal podem conceber-se as agonias d'aquella noute. Rompeu a manhã, e ás doze do dia começou o interrogatorio. Tinha por juizes os seus mais encarniçados inimigos. Ás perguntas que lhe dirigiram, Savonarola respondeu. O Procurador, Ceccome, de Florença, ouvindo lamentar a falta de reconhecida culpabilidade do accusado, exclamou : « Se causa não existe, inventemol-a. » Os juizes offereceram-lhe quatrocentos ducados para que falsificasse a relação do julgamento, alterando as respostas de fórma a provocar a condemnação do frade ».

Passaram as horas tristes da Quaresma, chegaram as alegrias da Pascoa, e os tormentos repetiam-se todos os dias. O julgamento durou um mez. Um dia ergueram-n'o ao ar quatorze vezes, fazendo-o cahir ao chão com inexcedivel crueza, e o seu valor não esmoreceu. Todo o corpo estremecia, mas a constancia não fraqueou. Applicaram-lhe carvões em braza nas plantas dos pés. A sua firmeza não vacillou. Levaram-n'o novamente á prisão, aonde permaneceu um mez inteiro.

Os delegados do Papa chegaram a 15 de maio de 1498. Savonarola foi julgado pela terceira vez, e por ordem do Cardeal Romolino despido e mettido de novo a tormento. Voltou o delirio, voltaram as res-

postas incoherentes, que o Procurador alterou com manifesta intenção, dando-lhes a interpretação que convinha aos seus fins. Não logrou, porém, o seu intento. O relatorio do processo nunca foi assignado, nem dado á publicidade.

Os delegados reuniram-se a 22 de maio, e condemnaram á morte os tres frades, com a approvação do Governo. Communicou-se-lhes a sentença immediatamente; e elles ouviram-n'a desassombrados, e sem admiração. Domenico recebeu a noticia da sua condemnação como se fôra convite para uma festa. Savonarola achava-se de joelhos orando; ouviu ler a decisão dos delegados, e seguiu em fervorosa oração. Quando á hora da cêa lhe trouxeram alimento, recusou tomal-o dizendo que tinha de preparar-se para o extremo passo.

Pouco depois entrava na sua cella um monge, Jacopo Nicolini, com habito negro, e occultando o semblante sob um capuz tambem negro. Era um Battulo, membro d'uma sociedade que assistia gratuitamente aos ultimos momentos dos criminosos. Nicolini perguntou a Savonarola se podia ser-lhe util d'alguma maneira.

« Pedi, pois, aos Signori que me conceda autorização para trocar umas palavras com os meus dous companheiros antes de morrer ». Em quanto Nicolini ia desempenhar o seu encargo, veiu um monge Benedictino ouvir de confissão os presos, que mui devotamente ajoelhados cumpriram esse dever com fervor.

Obtiveram os tres frades permissão para reunir-se mais uma vez, — a primeira depois de quarenta dias de prisão e tormentos. Dominados pelo pensamento unico de affrontar a morte com valor, os dous irmãos prostraram-se aos pés de Savonarola, seu superior, e d'elle receberam a benção com devoção. Ia já a noute muito adiantada quando Savonarola recolheo á sua cella aonde encontrou o compadecido Nicolini, e em testemunho de affecto e gratidão, Savonarola deitando-se no chão recostou a cabeça no regaço do monge. Tal era a serenidade de animo do martyr, que parecia sorrir em sonhos. Ao alvorecer, despertou a Nicolini, entrando com elle em conversação, e annunciando-lhe as calamidades que o futuro reservava a Florença.

De manhã, reuniram-se os tres frades para receber a communhão que Savonarola administrou pelas suas mãos, e que todos tomaram com alegria; sendo depois conduzidos á Piazza aonde estavam armadas tres tribunas na Ringhiera, e n'ellas tomaram lugar o Bispo de Vesona, o delegado do Papa e o Gonfaloniero. O cadafalso estendia-se para o largo do Palazzo Vecchio; e ao fundo via-se uma trave donde pendiam tres baraços e tres cadeias. As cordas eram destinadas a enforcar os pacientes, e as cadeias a enrolar os cadaveres que o fogo havia de consumir.

Desceram os presos as escadas do Palazzo. Vestidos com umas tunicas sómente — pois lhes tinham feito despir os habitos, — de pés descalços e mãos atadas, foram primeiro levados á presença do Bispo de

Vesona que os exautorou da dignidade ecclesiastica. O Bispo, pegando no braço de Savonarola, disse-lhe : « Eu te exclúo da Igreja militante e triumphante, » e o frade emendando-lhe a phrase, « Militante, sim. *Triumphante*, *não*. Tanto vos não compete ».

Conduzidos ao delegado Pontificio, foram por elle declarados scismaticos e hereges. Por ultimo o Otto, em observancia da pratica acostumada, fez votar a sentença que foi approvada unanimemente

Promptos para o supplicio, adiantaram-se os frades com passo firme para a forca. Um sacerdote, Nerotti, dirigindo-se a Savonarola : « Qual é a disposição do vosso animo? » perguntou, e elle respondeu : « Igualmente padeceu o Senhor por mim. » Foram as suas ultimas palavras. Primeiramente executaram a Frei Silvestre, depois a Frei Domenico: destinando-se a Savonarola um lugar entre os dous. Subiu ao ultimo degráo da escada, e contemplou a turba que tivera a seus pés presa e levada da sua doutrina e eloquencia na Cathedral. Que differença! —Agora, aquella voluvel multidão pedia com gritos a sua morte! Savonarola entregou-se ao verdugo que o enforcou rapidamente. Enroladas as cadeias de ferro aos cadaveres, não tardou o fogo em consumil-os, sendo as cinzas lançadas da Ponte Vecchia no Arno. Teve lugar esta execução a 23 de Maio de 1498, contando Savonarola apenas quarenta e cinco annos d'idade.

Luthero preconisou-o martyr do Protestantismo;

não foi, porém, essa a causa da sua morte[1], senão o seu amor intenso pela independencia. O fito da sua vida não era desamparar a Igreja, mas soldar a liberdade á religião, restituindo ambas aos seus verdadeiros principios. Isso foi o que o arrastou ao supplicio, o que o levou a dar a vida pelo seu Deos, e pela patria. Quando as reformas que elle requeria tiverem sido adoptadas, então terá alcançado o Christianismo o seu perfeito desenvolvimento, e poderá a Italia aspirar a ser a iniciadora d'uma civilisação reformada.

Florença é uma das cidades mais notaveis. Ahi viveram grandes pensadores, grandes poetas, grandes artistas — o Dante, Galilêo, Leonardo de Vinci, Miguel Angelo, Rafael[2], Donatello, Lucca della Robbia, Machiavelli e muitos mais homens illustres. Ali se vêem a estatua « maravilha do mundo », os gloriosos trabalhos dos mais celebres pintores italianos, o observatorio de Galilêo, o sitio aonde Dante nasceu, o lugar aonde Lourenço de Medicis expirou, a casa aonde viveu Miguel Angelo e a sepultura em que elle jaz.

Mas o que ha de mais interessante a visitar em Florença, talvez seja a Cathedral aonde vibrou a voz apaixonada de Savonarola; o convento de São Marcos em que elle viveu na pobreza, no estudo, e na oração; e o Palazzo da Signoria aonde foi entregue ás

1. Savonarola era effectivamente mais catholico do que os proprios Catholicos. Uma das suas principaes accusações contra o clero era a descrença que este professava pela transsubstanciação.

2. Nascido n'um suburbio de Florença.

mãos dos algozes para morrer nos tormentos. Mostra-se no convento de São Marcos a estreita cella em que elle habitou, a Biblia em que lia, e de que usava no pulpito — uma Biblia pequena, cobertas as margens de quantidade infinita de notas autographas de letra tão miuda, que é quasi impossivel decifral-as sem auxilio do microscopio — o seu retrato, os seus manuscriptos, as imagens de devoção de que elle gostava, e muitas outras recordações.

Ha muito tempo que a Italia revogou a sentença de exilio do Dante de Florença, erigindo estatuas á sua memoria em todas as suas grandes cidades. Porque não hade hoje fazer justiça a Savonarola, e levantar-lhe um monumento que recorde no futuro esse grande patriota e martyr? O lugar para elle está indicado — a praça do Palazzo Vecchio — aonde elle deu a vida com tanta bravura pela liberdade da religião e a independencia da patria.

CAPITULO VII

O Marinheiro.

« Inglaterra! cercada de mar altaneiro... cujas costas penhascosas rechaçam o marulho do humido Neptuno. » — Falconer.

« O mar formoso e bello!... em ti ha vida, ha alegria, ha ventura... ouço a tua voz solemne e branda... convida-me ao pranto e ao louvor... a prantear a morte dos que jazem sepultados em teus braços... a celebrar Aquelle que triumphou da sepultura. » — O *Capitão* Hare do « Erudicio ».

« O barco leva na prôa a conquista do mundo. Sem elle, quaes outras cadeias mais rijas do que essas, de branca espuma soluçante? Mas os cravos, que prendem o costado do barco são ferros que unem os mundos entre si. Não têm só o privilegio de attrahirem o fogo do céo; espalham a fraternidade em volta do globo. » — Ruskin.

O mar tem sido escola de verdadeiros bravos. Os perigos da vida do mar incutem nos animos não só o valor, mas o profundo sentimento do dever. A vida do marinheiro é uma vida de paciencia, actividade e vigilancia, cheia de cuidados e responsabilidades. Não se assemelha á vida de terra, em que o homem, depois de terminado o seu dia de trabalho, se recolhe á cama e dorme tranquillo.

O marinheiro tem de ser constante na vigia, dia e noute. Póde o piloto, quando a viagem é larga, o vento abonança, e o mar está em calma, permittir-se algumas horas de descanso; mas, levante-se a procella, encrespem-se as ondas, e já elle não afrouxa

a vigilancia nem descuida o trabalho. Talvez seja mister desferrar as vêlas, dar novo impulso á embarcação. É noute, o marinheiro sobe a metter os rinzes, vai só, arrisca a propria vida. Póde a violencia da tormenta, um choque impetuoso, um golpe inesperado, arremeçal-o ás ondas; o ruido, a escuridão da tempestade abafam-lhe a queda, somem-lhe a voz; ninguem vê, ninguem ouve, o barco segue o seu destino.

Qual não seria o assombro do primeiro homem que ousou aventurar-se n'um barquinho, e perder a terra de vista? Elle só, entre o céo e o mar — uma taboa só entre elle e a morte. Estranho valor! singular responsabilidade do primeiro navegante! O mar é tambem escola em que aprendem os que ficam em terra. Disse o Dr Arnaldo que não ha cousa que dê maior desenvolvimento ao caracter d'uma criança intelligente do que vêr o mar pela primeira vez. O Dr Channing, quando pequeno, passou uma grande parte do seu tempo na praia de Newport, e disse mais tarde : « Não houve sitio que mais concorresse para a formação do meu espirito do que aquella praia. »

Para alguns, o mar é uma abundancia d'agua inutil. A quem o contempla d'uma elevada altura parece illimitado. É só agua á direita e á esquerda. Em tempo bonançoso, as vagas em doce remanso vem lamber-nos os pés na areia. De repente encrespam-se, enfurecem-se e rolam á praia em turbilhões d'espuma. Ora carinhoso e felino, logo com ira e rugi-

dos de panthera. O mar nada respeita. Destróe o barco de encontro aos penhascos, e adormece envolto no seu manto de neblina. « Tem penas o mar », disse Jeremias, « chora e geme, e não descansa. » Sobrevive ao homem e ao tempo. Imagem da eternidade, não têm fim os seus lamentos.

O Oceano está intimamente relacionado com o progresso da humanidade. Porque é que a Inglaterra se avantaja ás outras nações nos seus desvelos pela sua gente do mar? É porque somos uma nação de marinheiros, d'onde resulta sermos um povo commerciante. Devemos muito á nossa gente do mar, desde o pescador das nossas costas que fornece o peixe para o nosso consumo, até aos vastos paquetes que cruzam os mares da America, da China, da India e dos portos do Continente, trazendo-nos os diversos productos que satisfazem ás nossas primeiras necessidades, e aos nossos habitos de conforto. Talvez que nunca teriamos sido uma grande nação ou pelo menos uma nação grande e independente, se não fosse o Oceano que nos cerca.

O canal que nos separa do Continente tem feito da Inglaterra o lugar aonde se refugiam todos os perseguidos de todas as nações. Ha duzentos annos, depois da Revocação do Edicto de Nantes, tivemos entre nós os principaes commerciantes da França; e devemos em grande parte a nossa preeminencia actual no commercio ás lições d'industria e fabrico que nos deram os refugiados francezes. É o commercio que sustenta a nossa marinha. É o commer-

cio que traz pão ás nossas praias. Ainda mais, é o commercio que tende a civilisar o mundo.

Sir Samuel Baker, n'um discurso que proferiu em Liverpool, declarou que a melhor maneira de missionar entre as tribus africanas seria de estabelecer com ellas relações commerciaes. Os indigenas, que são na maioria providos de bom senso, se inclinariam ao que lhes parecesse offerecer verdadeiras vantagens. Nada redundaria em maior proveito dos selvagens do que o estabelecimento do commercio, que os incitaria a cultivar no seu terreno tudo quanto elle é susceptivel de produzir, e a trocar productos por diversas commodidades, que actualmente desconhecem, mas que, depois de conhecidas, se tornariam necessarias e indispensaveis [1].

Todas as descobertas de novas terras são devidas a

1. Disse Samuel Baker n'outra occasião : « Como exploradores ha um dever a cumprir — dever que incumbe por assim dizer á Inglaterra. Não é sómente o dever de penetrar em terras desconhecidas, senão tambem o de colher informações que aproveitem ao commercio da patria. Tinha sempre observado que por difficil e trabalhosa que fosse a viagem d'um explorador, seria inteiramente inutil se não descobrisse na terra explorada algum producto indigena que o commercio aproveitasse — de modo que os primeiros passos do explorador fossem immediatamente seguidos de transacções commerciaes. Podia a Inglaterra ufanar-se da parte que tomára n'estes ultimos seculos — mórmente a partir do reinado de Isabel — na civilisação do globo. O novo mundo da America tinha sido quasi totalmente povoado por Inglezes. A Australia tambem; e era para notar como a lingua ingleza se espalhára por differentes pontos do globo; o que devia attribuir-se ás empresas commerciaes de preferencia ás proezas dos exploradores, e permittia calcular como gradualmente os paizes d'antes barbaros, poderiam converter-se em terras civilisadas Os viajantes e descobridores mais ousados tinham sido os Portuguezes e os Hollandezes ; porém essas descobertas de pouco ou nada teriam servido se não fôra pelas transacções mercantis ; e voltava á Inglaterra após os seus breves esforços firmemente convencido do que, se esta nação empreendesse o desenvolvimento dos recursos da Africa Central, não estaria longe o dia em que essas terras até hoje habitadas por tribus selvagens, entrariam pouco a pouco no gremio da civilisação, empregando-se como unico meio o das relações commerciaes. »

marinheiros — desde Colombo até Cook. — Suppõe-se que os Islandezes foram os primeiros que descobriram a America do Norte; mas não crearam ali estabelecimentos. Colombo e Americo foram os primeiros que tornaram conhecidas as suas descobertas. Os Portuguezes e os Hollandezes foram os principaes descobridores depois de Colombo. Fernando de Magalhães foi o primeiro a dar a volta á roda do mundo. Tinha apenas vinte annos quando Colombo descobriu a America, e dirigiu as suas primeiras tentativas para a Africa e India. Depois foi á America do Sul. Correu as costas da Guiné, foi ao longo do Brazil, chegou á bahia do Rio de Janeiro. Encaminhou-se para o sul, descobriu o Estreito de Magalhães, seguindo para o Pacifico.

Os Hollandezes foram navegantes igualmente destemidos, e, guiados por Barentz, os primeiros a affrontar os perigos do Cabo do Norte, buscando o caminho de Cathay, resultando unicamente descobrirem a ilha da Nova Zembla. Os navegadores hollandezes dirigiram-se para o sul, e descobriram a Australia ou Nova Hollanda, a Terra de Van Diemen, e as ilhas do Mar da Malasia.

A descoberta da India pelo Cabo de Boa Esperança, devida a Vasco de Gama, inaugurou uma epoca de grande importancia na historia do commercio. Abriu ás nações do occidente o caminho por mar para as terras do remoto Oriente. Os Hollandezes reclamam injustamente a primazia d'esta descoberta. Pretendem que os irmãos Houtman são os primeiros que foram

á India pelo Cabo, e que ali lançaram os fundamentos d'esse grande monopolio, — a Companhia Indo-Hollandeza, que foi para a pequena republica da Hollanda um manancial de riquezas em navios, colonias, e commercio.

A Inglaterra, ainda n'esse tempo, não era uma nação commerciante. A febre do commercio já andava pelas terras do occidente, mas não chegára ainda aos Inglezes. A Inglaterra produzia apenas as materias brutas, e mandava a lã dos seus rebanhos para a Belgica aonde a fiavam, e teciam. Havia muitos marinheiros inglezes, mas sem emprego a bordo porque faltava o commercio. Era, porém, uma nação de combatentes. Quando descansavam de guerrear em terra contra os estranhos, combatiam no mar uns contra os outros. Os portos visinhos de Lowestoft e Yarmouth estavam muitas vezes em guerra entre si. Não se descuidavam d'alguma pirataria opportuna. Faziam-se ao mar alto, e assaltavam os barcos que cruzavam n'aquellas paragens

Foi só no reinado de Isabel que a Inglaterra deu á luz uma raça de navegantes distinctos. Todos conhecem a historia de Drake, Raleigh, Hawkins e outros jovens heróes. Largavam-se ás cegas, nas suas cascas de noz, por mares desconhecidos — á busca de terras novas que fossem o futuro berço dos seus descendentes.

Os Inglezes pelejaram valorosamente com os Hespanhoes em terra e no mar. Assim foi formada e disciplinada uma hoste de marinheiros, de que care-

cia bastante a Inglaterra quando a Hespanha, — então a nação mais poderosa, — a atacou com a sua Invencivel Armada. Foi uma das luctas de maior nomeada na historia, em que se combateu com o maior heroismo pela religião, pela honra e pela independencia da patria.

Sir Francis Drake é um dos heróes do mar que mais se distinguiram nos annaes do seu tempo. M. Motley diz que elle foi um dos grandes typos do seculo dezeseis. Drake era um marinheiro consummado. De nascimento humilde, aprendeu a arte da navegação a bordo d'um pequeno lugre, cujo arraes legou por sua morte o barco ao grumete. Depois de navegar por muito tempo ao longo das costas visinhas, arriscou os seus haveres laboriosamente adquiridos n'uma viagem com o almirante Hawkins, na qual foi feito prisioneiro dos Hespanhoes, escapando a custo da morte. Mais tarde as suas expedições contra os Hespanhoes foram todas bem succedidas.

O Rei d'Hespanha embargou todos as procedencias Inglezas que se achavam nos portos hespanhoes. Drake fez-se ao mar com seis embarcações armadas, e apresou o São Domingo, o Carthagena e o Santo Agostinho. Philippe II aprestava a esse tempo com as forças combinadas de Hespanha e Portugal, Napoles e Sicilia, Genova e Veneza, a frota mais imponente que podia cruzar os mares, com o proposito de anniquilar a heretica Inglaterra, para cujo fim obtivera a approvação e benção de Roma. Diversas prophecias

tinham annunciado em differentes idiomas que o anno de 1588 seria o mais desastroso e fatal para todas as nações; e era contra os Inglezes que se preparava tão formidavel empreza. Elles, porém, impavidos reuniram-se todos n'um só coração, — todos os partidos se reconciliaram, Protestantes e Catholicos concorreram para o mesmo fim. Shakespeare, que vivia então, expressou-se do seguinte modo ácerca do attentado contra a liberdade da Inglaterra :

« Acudam embora com armas tres partes do mundo... resistiremos impavidos... em quanto, nós Inglezes, nos conservarmos fieis a nós mesmos...

Drake resolveu destruir d'um golpe o projecto da Hespanha. Fez-se á vela de Plymouth á frente de quatro náos aprovisionadas pela Rainha e vinte quatro barcos abastecidos pelos mercadores de Londres. A principios de abril de 1587, a frota ingleza deu entrada no porto de Cadix e cahiu sobre as náos hespanholas destinadas á invasão da Inglaterra, algumas das quaes tinham proporções nunca antes conhecidas; sendo uma de 1.500, outra de 1.200, e varias de 800 a 1.000 toneladas. Calcula-se que Drake destruiu embarcações da capacidade de 10,000 toneladas além da carga d'essas náos. Duas noutes e um dia durou esse trabalho de descarregar, atracar, metter a pique ou incendiar os navios de guerra hespanhoes. Drake deixou ao despedir-se o vivo clarão de cento e cincoenta barcos ardendo em chammas que se reflectiam nos fortes e nas muralhas de Cadix.

Indo a caminho de Inglaterra, apresou Drake mais cem barcos, tomando parte das cargas, aprisionando a gente da equipagem, e destruindo as embarcações. Tambem saqueou um galeão hespanhol, cuja valiosa carga trouxe para Inglaterra, aonde manifestou serem os seus feitos de pequena importancia, e informou o Governo dos preparos formidaveis e das forças de que dispunha a Hespanha. « Não tardarão », disse, « em estar quarenta mil homens convenientemente apparelhados e amestrados, e deve a Inglaterra preparar energicos meios de resistencia. »

Philippe empregou todos os exforços para tornar invencivel a sua Armada, com a qual gastára cerca de cincoenta mil ducados. O Papa emprestára-lhe mil ducados, e Philippe pozera mais dous mil de reserva. A Armada consistia em cento e trinta seis náos, de tamanho nunca até então conhecido. Levaram a bordo trinta mil homens de marinha e infanteria, dous mil galés para remarem em tempo de calmaria, e duzentos frades, sacerdotes, e familiares da Inquisição. Além d'este assombroso exercito, achavam-se nos Paizes Baixos trinta mil praças promptas a embarcar e auxiliar a Armada á primeira voz. Tal era o inimigo com que a marinha ingleza tinha de combater. O Pontifice Sexto V promulgou a sua bulla antes da Armada emprehender viagem. N'ella accusava Isabel de illegitima e usurpadora, e conferia solemnemente a Philippe, com o titulo de « Defensor da Fé Christã », o reino d'Inglaterra sob a condição de pagar feudo e tributo a Roma. Tudo estava, pois,

a postos para acommetter a Inglaterra; e deu á véla a Invencivel Armada.

Os primeiros barcos foram avistados no Cabo Lizardo a 29 de Julho de 1588. Eram esperados havia muito. Os pharoes de Lizardo deram signal para Falmouth, e d'ahi para Dodman Point, Gribbin Head, e Rame Head. Quando chegou a noticia a Plymouth de estar o inimigo á vista, achava-se Drake a jogar uma partida de bola com os seus companheiros; mas antes do anoitecer, sahiam do Porto de Plymouth sessenta das melhores náos Inglezas para encontrar-se com os Hespanhoes. Desceram o Canal, e só ao dia seguinte divisaram os enormes barcos do inimigo atravez de nevoa espessa. Decorreu outro dia, e começaram as hostilidades.

Os commandantes Inglezes Drake, Hawkins, e Frobisher eram abalizados marinheiros, experimentados, habeis, e valorosos, que conheciam o perigo em todas as suas phases, e estavam decididos a supportar tudo pelo bem da patria. A sua destreza revelou-se com vantagem no primeiro encontro. Os Inglezes, sabendo aproveitar-se do vento, acanhoaram as náos hespanholas, evitando habilmente o alcance das suas armas.

Os barcos inglezes, ligeiros e faceis de dirigir, andavam á roda dos pezados galeões, e disparavam sobre elles ao passar. Os Hespanhoes queriam uma batalha em regra, porém os Inglezes oppunham-se, querendo apenas acossar e perseguir o inimigo. Continuou a carreira ao longo da costa, sahindo de Ply-

mouth barcos com soccorros para os navios Inglezes. Chegada a noute, accenderam-se os pharoes para allumiar os pontos em que a lucta era mais encarniçada. As náos hespanholas foram d'encontro umas ás outras, sendo uma d'ellas mettida a pique por um barco flamengo. Um dos barcos da retaguarda, impossibilitado de manobrar, foi acanhoado por Frobisher e Hawkins á noute, porém só no dia seguinte foi que se rendeu ao « Revenge » ou « Vingança » commandado por Drake.

De terra a multidão anciosa seguia com avidez as peripecias da lucta e olhava para a frota ingleza que perseguia a Armada ao longo da Costa de Devon e Dorset.

De todos os portos — Dartmouth, Teignmouth, Lyme e Weymouth — davam á véla pequenas embarcações com provisões e homens — quasi todos commerciantes — que sahiam a tomar parte na peleja. A Armada alcançou a bahia entre Portland Hill e Saint Alban's Head, e o vento saltando para o nordeste, começou a favorecer os Hespanhoes. Os Inglezes viraram de bordo, e pouco depois foram vigorosamente atacados pelos Hespanhoes; porém não obstante entrarem em scena os barcos todos uns após outros, os Hespanhoes não lograram abordar os navios inimigos que nem descansavam de os acommetter nem deixavam de esquivar-se. Assim foi a voz do canhão retumbando pela costa acima, e persistia o combate sem acção decisiva.

A Armada cruzou diante da ilha de Wight sin-

grando para Calais. Os Inglezes, que tinham reforço de munições e de gente, seguiam-n'a tranquillos. Aguardavam a juncção da esquadra de dezeseis barcos que Lord Seymour commandava entre Dungeness e Folkestone; e, apenas reunidos, dirigiram-se para Calais aonde encontraram a Grande Armada Hespanhola ancorada, apresentando a fórma d'uma meia lua, e esperando a chegada dos trinta mil veteranos dos Paizes Baixos. Era Alexandre Farnese, general Hespanhol de maior fama, quem estava destinado a commandar a entrada triumphante da totalidade das tropas Hespanholas na capital da Inglaterra. Mas a Armada esperou em vão. As frotas da Hollanda e da Zelandia combinadas fecharam todos os portos dos Paizes Baixos, vedando a sahida á mais pequena embarcação.

Lord Howard, commandante em chefe da frota ingleza, chamou os commandantes a uma consulta em que se determinou acommetter a Armada. Era alta noute; no céo via-se um manto negro, ouvia-se a distancia o ribombo do trovão. Seis brulotes foram enviados a incendiar os galeões. Os Hespanhoes tomados de panico soltaram um bramido de horror. Cortadas as amarras, começaram os barcos a mover-se na mais horrivel confusão, sendo alguns incendiados pelos navios de fogo. A melhor das náos — a maior, a *Capitana,* foi tomada pelos Francezes. Ao raiar da manhã, achava-se uma parte da frota hespanhola desmantelada, e a outra — a mais importante — ia caminho dos Paizes Baixos. Os Inglezes levantaram

ferro e seguiram-n'a. Chegados a Gravelines, accommetteram a esquadra hespanhola. Investiram por bombordo os navios do almirante que crivaram de balas, fazendo pedaços as velas e a enxarcia, e forçando-os a reunir-se ao corpo da frota. Quatro dos barcos hespanhoes emmaranharam-se uns nos outros. Os Inglezes sustentaram a batalha durante seis horas evitando sempre expôr os flancos como desejavam os hespanhoes. Tres dos galeões hespanhoes foram a pique antes de terminado o combate, e muitos outros inutilizados encalharam nos fataes bancos de areia da Hollanda. Dezeseis dos melhores navios hespanhoes tinham já sido sacrificados, e quatro a cinco mil homens tinham perdido a vida; ao passo que a Inglaterra não perdera um só barco, e não contava mais de cem mortos.

O vento soprava muito rijo, e arrastava os barcos para a costa. Medina Sidonia, capitão mór da Armada, commandou o movimento da frota para o noroeste, ao mar largo. Lord Howard seguiu o mesmo rumo com parte da esquadra ingleza; os demais barcos, já faltos de munições, dirigiram-se para o Tamisa.

Rebentou uma furiosa tormenta. O vento impellia os galeões hespanhoes para os mares do Norte tétricos, sófregos, e frios. Howard perseguiu-os até Firth of Forth. Era inutil seguir mais adiante. O temporal tomára a si desbaratar o inimigo. As náos desmastreadas desappareciam successivamente, dispersas umas com violencia pela vastidão dos mares, lançadas outras contra os rochedos que -or

lam a costa da Noruega. Não podiam navegar para o sul, pois tinham o passo cortado no canal de Inglaterra. Só lhes restava voltar para Hespanha contorneando as costas da Escocia e da Irlanda, affrontando os perigos d'essa arriscada viagem.

Muitas das náos naufragaram junto das ilhas de Shetland e Orkney, ou nos penedos dos estreitos tão perigosos da Stronsa, e de Pentland Firths[1].

E uma vez no mar alto, ainda havia que luctar com os escolhos das Hebridas e dos ilhéos ao oeste da Escocia. Ia muito adiantada a estação, e soprava rijo o vento de Oeste. Ás costas da Escocia e da Irlanda cobriam-se de fragmentos das náos despedaçadas. Poucos Hespanhoes escaparam para relatar os acontecimentos; mas os madeiros que fluctuavam ao lume d'agua, ou se apinhavam nas praias, attestavam o naufragio dos galeões. Sabe-se entretanto que trinta e oito náos hespanholas, incluindo o galeão do Almirante Oquendo, se despedaçaram nas costas da Irlanda aonde pereceu quasi toda tripulação[2]. Da grande Armada voltaram apenas uns destroços para

1. Suppõe-se que algumas se perderam perto da Ilha de Tair onde ha penedos muito batidos pelo tempo, e aonde parte dos tripulantes deve ter-se acoutado; pois ainda hoje se podem observar vestigios evidentes de sangue hespanhol confundido com o sangue da raça insular.

2. É possivel que a Armada tivesse sahido victoriosa se não fosse pela intrepida resistencia dos marinheiros. Uma esquadra era então, como hoje é, a mais forte muralha de defeza. A Rainha Isabel não tinha milicia nem exercito effectivo; e podia dispôr apenas de 4000 voluntarios, que ainda não estavam reunidos em Tilbury, quando já a Armada hia desbaratada e desfeita, impellida para o norte. Se a frota Ingleza não tivesse impedido o desembarque dos Hespanhoes, talvez que a praça de Londres lhes não tivessse escapado. Devemos pois a independencia da Inglaterra á bravura dos nossos marinheiros.

Hespanha e esses mesmos em completa ruina e para sempre inutilizados.

Philippe não renovou a sua tentativa; era-lhe porém necessario manter uma grande esquadra para as communicações da metropole com as possessões americanas e proteger os barcos que voltavam carregados de ouro; e como as hostilidades continuavam entre a Inglaterra e a Hollanda, occorreram frequentes combates navaes entre os navios dos paizes respectivos. Os Inglezes e os Hollandezes espreitavam a chegada dos galeões hespanhoes para assenhorearem-se do ouro com que Philippe mantinha a guerra contra a independencia da Hollanda e da Inglaterra.

Grandes e valorosos foram os actos praticados pelos heróes maritimos da Inglaterra. Citaremos entre elles o ultimo combate de sir Richard Grenville, vice-almirante da esquadra no tempo da Rainha Isabel, enviado aos Açôres para impedir o passo da frota hespanhola de La Plata. Philippe d'Hespanha sabedor d'essa expedição, aprestou uma poderosa esquadra de cincoenta e tres navios, que partiu no intuito de frustrar a tentativa do inimigo e trazer a salvamento os galeões que vinham carregados de riquezas. As frotas encontraram-se — seis navios inglezes contra cincoenta e tres navios hespanhoes. A superioridade d'estes era tão manifesta, que cinco dos barcos inglezes, commandados por Lord Howard, tiveram de render-se. Sir Richard Grenville aguentou-se na *Revenge* (Vingança), o mesmo navio em que sir Francis Drake combatera contra a Armada no

Canal. Não quiz ceder; e afrontou elle só toda a força hespanhola.

Tinha comsigo cem homens apenas, mas todos de bravura igual á sua. Durante doze horas consecutivas, foi o mallogrado barco bombardeado pelos Hespanhoes. Quinze vezes o abordaram, sendo repellidos sempre com heroica valentia, e ficando sir Richard ferido em duas occasiões. Desceram-n'o ao porão aonde recebeu outra bala na cabeça, e cahiu morto o cirurgião que lhe estava pensando as feridas. Em circumstancias tão desesperadas, sir Richard aconselhou metter a náo a pique antes que render-se; mas tal conselho encontrou resistencia na tripulação, e a *Vingança* (Revenge) entregou-se, sendo o primeiro barco tomado pelos Hespanhoes e por tal fórma deteriorado pelos tiros recebidos por todos os lados que não poude conservar-se á flôr d'agua e foi a pique dous dias depois.

Não menos heroica foi a morte do que a vida d'este bravo.

« Eu, Richard Grenville, disse elle, aqui termino a minha carreira com animo tranquillo e satisfeito por ter o fim que compete ao verdadeiro soldado que combate pela patria, pela rainha, pela religião e pela honra. A minha alma desprende-se gostosamente do seu corpo, deixando atraz de si a fama de ter cumprido o dever que incumbe ao soldado brioso ». E por esta fórma se despediu d'este mundo o valente sir Richard Grenville.

O poderio anda quasi sempre a par do commercio.

A nação que perde o seu commercio perde a força. Um é solidario da outra. Era Veneza o Estado em que mais florescia o commercio nos tempos modernos, Vemoslhe ainda os restos nos magnificos palacios alinhados á beira do Canal Grande, embora a cidade haja perdido a antiga riqueza. Depois da batalha de Lepanto estendeu-se o commercio mais ao occidente. Tornou-se Genova o centro do commercio do Sul, e as cidades da Confederação Germanica o centro do commercio do Norte. A Belgica, não obstante ser um paiz de diminutas proporções, era uma das terras mais productivas da Europa; ao passo que a Hollanda mal se podia desembaraçar dos lodos do Rheno. Porém o terror em que Alba pozera os animos durante o reinado de Philippe II destruiu por completo o commercio da Belgica. A Hespanha — essa nação que por tanto tempo exerceu o seu poder tyrannico no Novo Mundo, na Allemanha, na Italia, nos Paizes Baixos, tornou-se o escarneo da Europa. Abandonada pela Hollanda, que desbaratou as suas náos, e assumiu o grande imperio do commercio, diminuiu sensivelmente o trafego em Hespanha, e tornou-se o paiz falto de recursos pecuniarios que hoje vemos. A Inglaterra seguiu o exemplo da Hollanda. Ambas eram nações de marinheiros, e reinos d'uma mesma raça. Inauguraram ambas uma nova era na historia do mundo; e tinham por divisa: « Marinha, colonias, e commercio. » Estenderam as suas feitorias e colonias pelo mundo fóra. A França, a Hespanha, a Hollanda, e a Ingla-

terra crearam feitorias na America do Norte; mas embora existam vestigios d'esses estabelecimentos, os dos Inglezes avantajam-se a todos no numero. Fala-se a lingua ingleza no Canadá, na America do Norte, na Australia, na Nova Zelandia, no Cabo de Boa Esperança, nas ilhas do mar das Indias, e dentro d'um seculo será o idioma mais universalmente conhecido. Tudo isso se deve á nossa marinha.

Napoleão, durante a guerra da Revolução, fechou todos os portos da Europa aos navios inglezes. Era-lhes vedada a entrada de Napoles em Italia, de Toulon em França, de Cadix em Hespanha, nas costas da Hollanda, da Dinamarca, da Allemanha até Dantzig no Baltico. Napoleão odiava a marinha ingleza que o perseguiu pelo Mediterraneo e o colheu em Aboukir, que destruiu em Bolonha os seus barcos de fundo chato, e transportou para a Corunha,para Torres Vedras e para a Belgica tropas que iam combater contra elle. Nunca lhe perdoou.

E todavia a marinha ingleza dava por todas partes mostras do seu valor. Era commandada por muitos heroes. Nelson, em primeiro lugar e com o seu genio extraordinario, tinha a vista clara e a acção vigorosa. Vivia persuadido de que, por officio e dever, tinha de cuidar da existencia da Inglaterra. Homens e mulheres descansavam em Nelson quando este andava no mar. Não era só um marinheiro habil e corajoso. Ardia-lhe na alma heroica a chamma do patriotismo, e póde dizer-se da sua religião o que expressou Homero n'estas palvras: « Combater pela

patria é o melhor dos prognosticos. » Foi um romance a sua vida. Fraquezas, tinha-as tantas e tão salientes, como dotes, e qualidades. Não deixa porém de ser um dos grandes e heroicos vultos da historia. « *Fiz o meu dever.* Deos seja louvado! » foram as ultimas palavras que Nelson proferiu.

Os nossos marinheiros são formados pelas tradições d'uma raça maritima, dedicados por instincto ao commercio que reage e influe nos seus costumes, e devendo ao seu isolamento o typo especial e privativo do povo inglez. Em toda a sua galeria de retratos d'homens illustres, Plutarco não descreve um só que nos faça recordar Drake, Grenville, Collingwood, ou Nelson. Os nossos marinheiros são um typo muito especialmente nosso. Ouçamos o que Lord Sandon disse em Liverpool do seu caracter, dirigindo-se a um certo numero de moços que se destinavam á marinha mercante. « O que ha de mais nobre do que um perfeito marinheiro inglez? E em que consiste a perfeição do typo do marinheiro inglez? Direi que elle deve acima de tudo ser *verdadeiro, corajoso, benevolo, compadecido com os fracos, e resoluto no cumprimento do seu dever para com Deos e a patria.* Aquelles que passam vida mais feliz são os que primeiro pensam no proximo do que em si proprios e que, certos de terem cumprido o seu dever, entregam o resultado nas mãos de Deos. Essa é a melhor receita para viver feliz; esse é o molde em que se formam os mais nobres caracteres inglezes. »

Vejamos as condições estipuladas pela Rainha para o premio offerecido por Sua Magestade aos jovens marinheiros : — « Obediencia alegre aos superiores, dignidade e independencia de caracter, benevolencia, amparo aos fracos, immediato perdão das injurias, desejo de conciliar inimizades alheias, e sobretudo amor firme e denodado ao cumprimento do dever, e á nunca desmentida veracidade. » Principios taes, postos em pratica, dariam em resultado uma perfeita moralidade em qualquer estado ou condição.

O marinheiro tem confiança no seu barco. Na hora do perigo, o capitão é o ultimo a separar-se d'elle. Que o perigo seja causado pelo fogo ou pela tempestade, o capitão põe a salvo primeiro as mulheres, as crianças, os passageiros, a sua gente de equipagem, e por ultimo cuida de salvar-se a si. Em taes casos, o valor tem a sua recompensa, como a virtude. Não pede applauso ao mar, nem á terra. « Cumpri o meu dever », é a voz de louvor que sollicita o marinheiro. O perigo é a occasião em que melhor se revelam as mais sublimes qualidades. Quando correm risco muitas vidas, tem-se como ponto d'honra empregar todos os esforços para as salvar. O homem corajoso póde avaliar toda a extensão do perigo, porém não se arreceia d'elle, e arrosta-o desassombrado. Encara a vida ou a morte com igual temeridade.

Eis um dos casos mais notaveis do capitão d'um navio de guerra que se conserva no seu barco até ao ultimo instante. O « Guardião » (*Guardian*) commandado pelo capitão Riou, colhido por uma nevoa cer-

rada no alto mar encalhou n'um banco de gelo, parecendo imminente um naufragio. Pozeram as bombas a trabalhar sem descanso. Provisões, armas, e petrechos foram lançados á agua para aliviar o navio. Passadas quarenta e oito horas na mais aturada fadiga, e sem esperanças de salvação, pediram a gritos que deitassem os escaleres ao mar. O criado do commandante perguntou-lhe em que escaler elle tomava logar, para o acompanhar; e foi a resposta que, « *ficaria no navio, empregaria todos os meios para o salvar, e iria a pique com elle se outra cousa não podesse fazer.* »

Antes de largarem os escaleres com parte da tripulação, Riou escreveu uma carta ao Almirantado, participando-lhe o succedido, tributando encomios á conducta dos officiaes e dos marinheiros, e despedindo-se de todos « pois parece que poucas são as horas que tenho de vida. » Largaram-se as embarcações, ficando Riou com approximadamente metade da gente da equipagem. Dos escaleres, a maior parte perdeu-se, porém o navio resistiu. Oito semanas de lucta heroica, e de sabias applicações da sciencia lograram manter ao lume d'agua o « *Guardian* » e dar tempo aos pescadores de baleia, Hollandezes, de o avistarem, e rebocarem até á bahia de Table. O capitão Riou perdeu a vida mais tarde na batalha de Copenhague, defendendo briosamente o seu barco.

Citemos ainda o caso do capitão d'um navio mercante educado no culto do dever e da verdade — o capitão Knowles, ultimamente fallecido, e que Glads-

tone considera « superior » a Napoleão, na sua carencia absoluta de egoismo. O navio Northfleet, de que elle era commandante, sahiu de Londres para Hobart-Town levando um grande numero de emigrantes a bordo. Levantou ferro em Dungeness; eram onze horas, e a noute estava muito escura. As luzes dos barcos serviam de aviso e pharol. De subito, o vapor hespanhol *Murillo* abalroou-o, abrindo-lhe uma fenda enorme, e o Northfleet começou immediatamente a ir a pique. O *Murillo* seguiu o seu rumo, deixando mais de trezentas pessoas ao desamparo, sem a minima offerta de soccorro. O capitão Knowles poz as bombas em actividade, e içou o signal pedindo assistencia. Levantou-se grande confusão entre os passageiros, e as mulheres davam signaes de desespero. Lançaram-se á agua as embarcações, e o commandante deu ordem para que mulheres e crianças fossem postas a salvo sem demora. Correram os homens para as chalupas, e Knowles, de revolver em punho, declarou que desfecharia contra o primeiro homem que interceptasse o caminho Houve um que teimou em adiantar-se, e levou um tiro n'uma perna que o impossibilitou de continuar. D'esse modo procedeu-se ao salvamento das mulheres e crianças, e fizeram-se ao largo duas embarcações cheias de gente. No emtanto o vapor afundava-se rapidamente, borbulhavam-lhe as ondas ao redor, desappareceu emfim, e com elle o heroico capitão, casado havia pouco, que poude salvar sua mulher com mais oitenta e cinco pessoas.

« Atirou-se deliberadamente ás profundezas do abysmo... Despedindo-se d'um perfeito amor ledo e recente... Porque esse era o dever que lhe incumbia... Taes homens crias tu, oh, patria minha!... exulta, e chora! Cria-os sempre taes... e remunera o filho que fielmente se conduz! »

Quando o « Londres » (London) foi a pique na bahia de Biscaya, haverá quinze annos, perdendo-se duzentas e vinte pessoas, foi grande e geral o sentimento no paiz. O vapor ia carregado em demasia. As ondas alagavam o convez, mesmo com mar bonançoso. Não existia então tabella de fretes. M. Plimsoll ainda não tinha começado a sua campanha contra a ambição dos armadores. A tripulação e os passageiros portaram-se briosamente, á excepção de vinte e um tripulantes hollandezes, que se negaram a trabalhar. Gustavo V. Brooke, o famoso tragico, foi um dos passageiros mais corajosos. Empregou todos os seus esforços para que o barco se conservasse á tona d'agua. Deu á bomba noute e dia. Estava no convez descalço, sem chapéo, tendo apenas vestido umas calças, e uma camisa vermelha. Ia d'uma bomba á outra, trabalhando com afinco, e quando foi visto pela ultima vez, cerca de quatro horas antes do vapor ir a pique, estava tranquillamente recostado a uma das portinholas. Um dos naufragos que assim o vira por ultimo, dissera: « Trabalhou a bordo como um heróe, mais do que todos nós. »

M. Plimsoll contou como veio a abraçar a causa

dos capitães de navios mercantes. Durante uma tempestade, tinha tido de fazer viagem do Tamisa a Redcar, e poude chegar a salvamento por ter embarcado n'um vapor sujeito á inspecção do Governo; mas tinha-se encontrado com dous barcos encalhados, e visto os mastros d'outro que fôra a pique, reconhecendo-se que a totalidade da tripulação d'esses tres vapores tinha perecido. A sua esposa estava em casa soffrendo as torturas da duvida e da expectativa, e lembraram-lhe as esposas d'esses afogados que aguardavam debalde o regresso d'aquelles que jámais voltariam. Resolveu então dedicar o seu tempo, o seu trabalho e o seu dinheiro a evitar os naufragios causados pela desenfreada ambição dos armadores. Concorra quem queira para o mesmo fim, hoje que a marinha mercante tem parte nos seguros de vida que a lei creou para outras classes, mas não deixa de caber a M. Plimsoll a honra de ter iniciado e creado o movimento em favor d'essa corporação.

É talvez mais solidaria a união entre o capitão de marinha e a sua gente, do que entre o capitão do exercito e os seus soldados. Os primeiros vivem juntos, na maior intimidade, conhecem-se melhor, são mais dedicados uns aos outros. Estão sempre dispostos a sacrificar-se com heroismo para salvar-se mutuamente. Ao escrevermos estas linhas constam-nos dous factos:

Em Fevereiro de 1880, no vaso de guerra *The Invincible* (Invencivel) que fazia viagem de Alexandria para

Aboukir, ouviu-se de subito o grito de « Homem ao mar ». Largar as boias de salvação, parar a machina, arriar os escaleres, foi obra d'um momento; mas entretanto viu-se o naufrago deitar mão ao cordel da sonda que hia solto, afundando-se forçosamente, e voltando á tona d'agua pela pôpa do vapor como uma massa inerte.

O Hon. E. W. Freemantle, commandante do vapor, que se achava na praia, comprehendeu que a perda d'um só instante tinha de ser fatal para o afogado, e lançou-se ao mar tal qual estava — completamento vestido. Não era sem tempo, pois que conseguindo por um esforço immenso chegar ao ponto em que se havia sumido o marinheiro, mergulhando, trouxe-o ao lume d'agua já quasi sem vida. O fardo era pesado; o commandante, exhausto, mal podia manter a cabeça do naufrago. Então Moore, o immediato, e Cunningham, o segundo ferreiro, deitaram-se ao mar a soccorrel-os, ao passo que chegavam os escaleres; e os quatro homens eram recolhidos e levados para bordo. O naufrago conduzido para a enfermaria, não tardou em dar acordo de si, e o esforçado salvador, depois de curto descanço, tornou promptamente a si.

Não se mostraram menos corajosos nem menos dedicados o capitão Sharp e João M'Intosh, do *Arabella Clark*, salvando a tripulação franceza do incendio que se manifestára a bordo da *Mélanie*, em Novembro de 1878. Estavam os dous barcos ancorados proximo um do outro no rio Adour em

Bayonna. O *Mélanie* estava carregado de petroleo, parte do qual se incendiou; os barris estouraram, e a embarcação tornou-se instantaneamente n'uma fogueira. O petroleo corria inflammado pelos embornaes, e o *Mélanie* não tardou em estar envolvido por umo vasto cinto de fogo. Parte da equipagem lançou-se ao mar, hesitando a outra parte diante do duplo perigo, do fogo e da agua.

A tripulação do Arabella ouviu a explosão, viu as chammas que se elevavam a grande altura; e, não obstante o perigo, dous marinheiros resolveram salvar os Francezes. O capitão Sharp saltou para um bote; João M'Intosh, carpinteiro do vapor, saltou atraz d'elle; e lá foram remando por entre um mar de fogo até chegar á *Mélanie*, crestadas as roupas, queimados os braços e as mãos; mas chegaram, e consideraram-se felizes por lograrem salvar a gente da barca franceza, e trazel-a para o *Arabella Clark*. N'essa acção, em extremo heroica, a abnegação e a dedicação manifestaram-se em subido gráo. Não foi o amor do lucro que estimulou a bravura d'estes dous homens valorosos, nem tão pouco o amor da gloria; foi tão sómente o amor do dever—o amar ao proximo como a si mesmo.

Parece-nos, porém, crueldade do destino que um d'esses heróes devesse a feito tão sublime o ficar impossibilitado para toda a vida. João M'Intosh, o carpinteiro, soffreu taes queimaduras nos braços e nas mãos, que nunca mais poude trabalhar pelo seu officio. Levado n'esse triste estado para sua casa em

Ardrossam, aonde ainda hoje vive, e continuada mesma fórma incapaz de trabalhar. É verdade que, tanto elle como o capitão, receberam de Sua Magestade a medalha de bronze de primeira classe, uma medalha de ouro concedida pelo governo francez, e a medalha do Lloyd destinada aos que salvam os naufragos á voracidade das ondas. Mas um homem impossibilitado de trabalhar, não póde viver de medalhas. Não haverá quem forneça meios de subsistencia a tão assignalado heroe?

Succedeu um caso parecido na America; mas ahi, por fortuna, o homem colheu a morte com a victoria, e escapou á dura necessidade de acudir ao publico para ter o pão de cada dia. Um vapor que navegava no Lago Erie incendiou-se, com mais de cem pessoas a bordo. O piloto, João Maynard, permaneceu fiel no seu posto, esforçando-se por conduzir o vapor junto de terra e d'esse modo salvar a vida aos passageiros. O incendio lavrou por todo o barco e chegou ao piloto; o fato que este vestia ardeu; e ficou o homem horrivelmente queimado; mas não desamparou o leme. O vapor chegou á terra por fim, salvaram-se as cem pessoas, porém o piloto falleceu. Sacrificou a propria vida salvando outras vidas heroicamente.

Póde-se a bordo d'um barco, que naufraga ou que arde, ganhar victoria tão heroica como a de Waterloo. Quem se não recorda do comportamento dos marinheiros e soldados a bordo do *Birkenhead?* [1]

1. V. *Ajuda-te.*

Igual valentia mostrou o Regimento 54º d'Infantaria a bordo do *Sarah Sands*, no Mar do Sul. Ouviu-se o grito de « Fogo » e os homens acudiram logo aos seus postos. Empregaram-se todos os meios para dominar o incendio, porém inutilmente. O mais que poude fazer-se para salvar o navio foi lançar ao mar a carga do porão; mas, ao tempo que a equipagem se empregava n'esse trabalho, fizeram explosão dous barris de polvora, levando a prôa do barco, e lavrando as chammas pela enxarcia e pela pôpa. Poude ainda por felicidade a parte do centro do navio resistir á explosão, permittindo á tripulação o uso das bombas e lançar agua sobre aquella massa ardente, obstando assim a que o fogo tomasse maior incremento. Construiram-se jangadas, e deitaram-se com grande ordem os botes ao mar nos quaes entraram as mulheres e as crianças; entretanto os soldados formavam na coberta como preparando-se para serem passados em revista — e ahi se lhes indicou diversos trabalhos, principalmente o de apagar as chammas que ameaçavam ainda consumir o que restava do navio.

Luctaram com o incendio durante dous dias, e com valor nunca desmentido, conseguindo emfim dominal-o. Mas a esse tempo já o barco era quasi uma ruina; e o vento que começou de soprar rijo, e as ondas que se erguiam iradas, ameaçavam tragar a valente tripulação e os esforçados soldados, que se mantinham fieis no cumprimento da sua tarefa. Passaram uns grossos calabres por baixo da quilha do navio com o fim de evitar que se fizes-

se em pedaços, taparam o rombo aberto no costado, com pannos de vélas e cobertores. Continuou sem interrupção essa batalha desesperada pela vida até que o mar bonançou, e poderam dar á véla, navegando durante oito dias sob a direcção incessante do capitão Castle, e conseguindo aportar em Mauricio sem ter perdido um unico homem.

Quando o viajante visita a cathedral de Norwich e pergunta a significação das bandeiras que revestem as paredes da capella-mór, responde-lhe o bedel que são as insignias do 54°, o regimento de *Sarah Sands* Nem uma só palavra que recorde a bravura d'esse corpo, cuja recompensa foi a coroação dos proprios esforços, e antes seja assim.

N'outra circumstancia rebentou um violento incendio n'um barco de guerra, em que duzentos e oitenta homens se virão condemnados a perecer. Um official celibatario, a quem coubera em sorte tomar lugar n'um dos escaleres, cedeu do seu direito em favor d'um companheiro casado e com filhos, que acceitou a troca, ficando o official solteiro com os destinados a comparecer em breves instantes na eternidade. Exemplo de verdadeiro heroismo—prompta acceitação da morte para salvar a vida d'um ser que se devia a outros seres.

Não é o mar encapellado e tormentoso que offerece maior perigo ás embarcações; mas sim a costa guarnecida de asperos recifes. Um barco bem construido, bem lastrado, e bem tripulado, póde considerar-se tão seguro no alto mar como no porto mais

abrigado. Só corre risco de naufragar quando se afasta da terra para emprehender viagem, ou quando regressa de remota expedição : razão pela qual as nossas costas estão todas providas de pharoes que guiam o marinheiro que torna á patria. O beneficio de taes pharoes só póde ser apreciado por quem regressa ás costas patrias, por uma noute sem estrellas, ou por um rijo vendaval ; por quem tenha experiencia das angustias do navegante que lucta entre a esperança, e o receio de se encontrar com perigos desconhecidos, e um subito naufragio. Quando despontam aquellas luzes que protegem as nossas costas — e se distinguem entre si pelo brilho permanente, pela côr, ou pelo movimento de rotação — indicando o promontorio ou os recifes a evitar, enche-se de alegria e confiança o coração do marinheiro, vendo assim designado o caminho que o barco tem de seguir para entrar no almejado porto.

A construcção d'um pharol é um dos perigos maiores que se conhecem. Os primeiros pharoes construidos na costa do sul da Inglaterra eram de madeira: taes como o pharol de Smalls e os dous primeiros pharoes de Eddystone. O Smalls é um pequeno rochedo no Canal de Bristol, de encontro ao qual oram a pique muitas das embarcações que levavam destino para o Avon ou a Saverna. Obraram-se prodigios de valor no começo d'esse trabalho. Reuniu-se um grupo de mineiros de Cornualhes em Solva, no continente, a umas vinte milhas do penedo. Embarcaram n'uma canôa com o fim de abrirem umas

cavidades no rochedo nas quaes se soldariam algumas pilastras de ferro. Sahidos do barquinho, conseguiram introduzir na rocha um comprido varão de ferro, mas de repente levantou-se um temporal muito violento, e tiveram de fazer-se ao alto mar para não se despedaçarem contra o penedo. Os homens que estavam sobre a rocha agarrados ao varão meio mettido na dureza do penhasco, luctavam desesperadamente com o mar embravecido. Durou esse combate uma noute inteira até amanhecer, e um dia completo até á noute, amainando a tormenta ao terceiro dia e permittindo que a gente se salvasse. Recomeçaram os trabalhos, cravaram-se no penedo umas barras e argolas de ferro, que serviam de amparo quando as ondas furiosas rebentavam contra o rochedo, e por fim completou-se o pequeno forte de Smalls construido de madeira, o qual ali persistiu perto de cem annos com um pharol que servia de aviso aos navegantes, até ser levantada uma solida torre de granito que desafiará os seculos segundo todas as probabilidades.

Não provaram menos valor Winstanley, Rudyerd, Smeaton na construcção do pharol de Eddystone, muito longe da costa em frente de Plymouth Sound. Os dous primeiros foram demolidos; um arrasado pela espantosa tormenta de 26 de Novembro de 1703; o outro devorado por um incendio — : ambos eram de madeira. Então Smeaton decidiu que o pharol seria construido de pedra e granito, contra o parecer dos Irmãos da Trindade que sustentavam que

não se podia edificar em Eddystone nenhuma outra construcção que não fosse de madeira. Porém Smeaton insistiu, e venceu, sendo feita a experiencia d'um pharol de pedra e cal.

Smeaton foi a Plymouth, e fez-se ao mar para estudar o lugar aonde se propunha edificar. As ondas batiam com impeto nos recifes, e não lhe foi possivel desembarcar em Eddystone senão passados tres dias. Ahi encontrou apenas as cavidades que os primeiros constructores tinham aberto no penedo para metter os varões de ferro. Tentou por tres vezes ainda approximar-se do rochedo, mas as ondas afastavam-n'o sempre com violencia. Venceu finalmente á sexta tentativa, e conseguiu desembarcar na baixamar e tomar todas as medidas para o projectado pharol. Seria superfluo narrar todos os obstaculos com que o engenheiro teve de luctar, porque n'outro lugar ficam relatados[1]. Uma vez, Smeaton e os seus homens estiveram a ponto de naufragar. Ao voltarem para Plymouth, o vento levantou-se embravecido, rompendo n'um temporal desfeito. O *Neptuno* seguia viagem para Torrey, e ia chegando os escolhos, já quasi sem governo contra as ondas que lhe alagavam o convez. Ao amanhecer, tinham perdido de vista a costa, e iam a caminho da bahia de Biscaia. Quatro dias estiveram á mercê das ondas e do vendaval até que dobraram o Landsend e poderam casualmente fundear em Plymouth Sound.

1. Vêde *Vidas dos Engenheiros*, vol. II.

Smeaton dirigiu pessoalmente a construcção de todo o pharol. Se havia posto que offerecesse maior perigo, e do qual os operarios se arreceassem, via-se immediatamente Smeaton tomar a dianteira e collocar-se no « posto de honra » como elle lhe chamava. Tendo deslocado um dedo pollegar n'uma queda, decidiu curar-se a si mesmo e, puxando pelo dedo com força, voltou o osso deslocado ao seu logar, continuando elle logo em seguida na collocação da pedra central do edificio. O trabalho foi aturado até o fim. Smeaton pretendia que a sua obra fosse solida e immortal. Dizia: « Considerando as vantagens, e os proveitos d'uma obra d'estas condições, não me limitava a preparal-a para um ou dous seculos d'existencia, senão para uma perpetua resistencia, se tal cousa é possivel ». Pobres ambições humanas! Não obstante o pharol de Eddystone ter resistido aos embates do temporal durante mais de cento e vinte annos, está condemnado a ser demolido, e substituido por um pharol novo já em construcção. Embora permanecesse firme como um penedo — mais firme ainda porque são as bases do rochedo sobre a qual elle foi assente que hoje estão minadas pelo constante bater das ondas — tem forçosamente de ceder o seu lugar a um novo pharol; e da obra de Smeaton não ficarão mais do que vestigios. Foi entretanto uma grande obra, e todos os pharoes maritimos que d'então para cá têm sido construidos, são apenas modificações da obra de Smeaton.

A primeira pedra do novo pharol de Eddystone foi

collocada a 19 de Agosto de 1889. É Mr Douglas quem succede nas honras e na bravura a Smeaton. Tem igual capacidade e igual valor, provados já nos muitos perigos que affrontou no fundo das aguas durante a construcção das bases de diversos pharoes. No Penedo do Bispo (Bishop's Rock), ficou quasi submergido por uma tromba d'agua que desabou sobre elle. Á semelhança de Smeaton, nunca vacilla diante do perigo. Os operarios o têm na conta de um exemplo de coragem nunca desmentida. Poucos dias antes da collocação da primeira pedra do pharol de Eddystone, os homens seguiam no seu trabalho não obstante o açoute das ondas que rebentavam no rochedo. Quando a maré subiu, todos foram em massa arrojados para fóra do penedo por aquella formidavel resaca; e, alagados, um por um poderam a custo trepar para bordo sãos e salvos.

O fallecido Thiago Walker apresentou Mr Douglas Senior, que tambem se distinguia na construcção de pharoes, ao Duque de Wellington: « Eis aqui um homem, » disse Mr Walker, « que tem dado tantas batalhas como Vossa Excellencia, mas sem destruir uma unica vida. » — « Oxalá que eu podesse dizer outro tanto », respondeu o Duque. Effectivamente, tem-se ganho batalhas sanguinolentas e conduzido exercitos á victoria correndo o commandante em chefe menos perigos physicos do que affrontam diariamente os constructores de pharoes. O engenheiro em chefe abre sempre o caminho. É o primeiro a pisar o rochedo, e o ultimo a deixal-o. O seu

exemplo incute valor nos animos dos humildes operarios destinados a dar execução aos seus planos, os quaes, imitando o seu commandante, se acostumam áquelle quadro de horrores.

Uma das mais temerarias emprezas dos ultimos tempos, foi a construcção do pharol de Skerryvore, haverá uns quarenta annos. O penedo de Skerryvore surge no alto mar, em frente das Ilhas de Tyree, na costa occidental da Escocia. Ali succediam muitos naufragios, e d'elles chegavam á costa fragmentos apenas dos navios perdidos. A Commissão dos Pharoes do Norte resolveu construir um pharol no Skerryvore. Mr Alan Stevenson recebeu instrucções para começar um plano preliminar, que só poude ser terminado em 1835, dando-se tres annos depois principio ao trabalho, que consistia em preparos para uma barraca provisoria. Collocados os espeques para assentar a obra, retiraram-se os operarios, encarregando-se o mar logo no dia seguinte de destruir esse trabalho. Um anno depois renovou-se a tentativa. Abriram-se os alicerces a 42 pés de profundidade, e em 1840 estava terminada a barraca que devia servir de abrigo ao engenheiro e aos seus homens.

« Fomos, » diz o corajoso chefe, « durante o primeiro mez victimas d'inundações. Uma vez estivemos quatorze dias privados de toda communicação; divisando apenas um vasto campo d'escuma, e não ouvindo senão o bramir do tufão e o estampido das ondas que por momentos obstava a que ouvissemos

as nossas proprias vozes. Um tal espectaculo, e as ruinas da primeira barraca ali, a vinte milhas de distancia, eram mais do que sufficientes para inculcar sentimentos de desesperação; e nunca olvidarei o pavor de que fui acomettido, uma noute que despertei com o fracasso das ondas contra a barraca cujo golpe impetuoso impellira a rede em que eu dormia para o centro do quarto, seguido immediatamente d'um grito de terror que surgira do pavimento inferior em que ficavam os meus homens, os quaes tendo acordado tambem ao estrepito e ao choque, saltaram dos seus catres ao chão, certos de que todo o edificio havia sido arrasado pelo temporal.

Amansou a tormenta, renovaram-se os mantimentos cuja falta já se fazia sentir, e seguiu o trabalho como antes, sendo então transportadas e collocadas as pedras de grandes proporções. Ao cabo de seis annos estava a obra terminada, e a 1° de Fevereiro de 1844 viram os marinheiros pela primeira vez um pharol acceso na costa occidental.

Os pharoes são, todavia, uma parte apenas do que necessitam os navegantes quando o mar está encapellado e elles vêm chegando á costa. O mar ruge e brame contra os penedos, — bramido que abafa a voz dos canhões e de todos os engenhos destinados á destruição do homem. O pharol indica o porto, mas poderá entrar-se n'esse porto? Abramos a Estatistica dos Naufragios que se publica todos os annos, e n'ella veremos que o maior numero de naufragios succede ao longo da costa oriental, e seguindo a es

teira dos vapores que transportam o carvão de Newcastle a Londres. É ao longo da costa nordeste de Inglaterra, especialmente nas proximidades de Tynemouth, que os signaes de naufragio são mais visiveis. Não admira, pois, que fosse um filho d'essa terra que inventasse o primeiro barco de salvação. Quem primeiro concebeu a ideia d'um barco insubmergivel e com a propriedade de voltar por si só á sua posição natural, foi Henrique Greathead, de South Shields Henrique Lukin, de Londres, tambem construiu um barco insubmergivel para salva-vidas. A costa na proximidade de Bamborough — aonde se vêem as Ilhas de Tern — era muitas vezes o theatro de naufragios, e o Rev. Dr Sharp, que então habitava o Castello, entregou a M. Lukin uma chalupa para tornal-a insubmergivel. Assim fez ; e a chalupa salvou varias vidas logo no primeiro anno que serviu. Porém o uso do salva-vidas ainda não está generalisado; o unico até hoje construido é o bote de Bamborough.

Em 1789, o *Aventura* (Adventure) de Newcastle naufragou na embocadura do Tyne. Encalhado o barco no Herd Sand, á entrada do rio, entre enormes penedos, os tripulantes um por um cahiam das vergas da embarcação ao mar á vista de milhares de espectadores, e apenas a 300 jardas de distancia da praia, sem haver quem se afoutasse a ir soccorrel-os. Não havia bote ou escaler de construcção ordinaria que podesse aventurar-se entre taes cachopos. Movida por tamanho desastre, uma commissão que n'essa occasião se organisou, offereceu uma recompensa a

quem apresentasse o mais perfeito modelo de bote salva-vidas « construido para affrontar os perigos do mar, batido entre recifes. » A commissão deu a preferencia a dous dos planos apresentados : um de Guilherme Wouldhave, outro de Henrique Greathead, devido á fórma da quilha do seu bote, mas copiou de Wouldhave a ideia de tornar o barco mais fluctuante por meio da cortiça. É n'isto verdadeiramente que consiste a invenção do salva-vidas, e Wouldhave tinha sem duvida direito a obter metade da recompensa. Wouldhave tinha sido pintor, e depois clerigo da Igreja de Santa Ilda. Levantou-se-lhe um monumento no cemiterio da igreja, encimado com uma copia do salva-vidas da sua invenção; o mesmo emblema adorna o pendente da alampada da capella mór ; e conserva-se na Bibliotheca Livre de South Shields o proprio modelo que elle construiu. O epitaphio do mausoleo diz que elle foi « o inventor do barco salva-vidas, para grande beneficio da humanidade ».

Ao salva-vidas construido por Greathead, incluindo a adaptação da cortiça segundo o methodo de Wouldhave, se deve a salvação de cerca de duzentas vidas na embocadura do Tyne. O Duque de Northumberland mandou construir um bote e instituio um rendimento annual para sua conservação. Mandou fazer outro para o Porto; e Mr Dempster encommendou a construcção d'outro bote igual para Santo André aonde foi utilisado na salvação de muitos naufragos. Antes do fim do anno de 1803, tinha Mr Grea-

thead construido trinta e um salva-vidas — dos quaes cinco para a Escocia, oito para paizes estrangeiros, e dezoito para Inglaterra. O mais antigo dos salva-vidas de Greathead, que hoje existe em activo serviço, foi construido em 1802, está em Redcar — ponto rodeado de agudos cachopos. Tem salvado muitas vidas, devido tanto ás suas condições de ligeireza como á intrepidez da sua tripulação [1].

A Sociedade dos barcos salva-vidas é hoje uma Instituição Nacional e Real. Auxiliada com o morteiro do capitão Mauby, salva todos os annos a vida a centenares de naufragos. A Instituição tem hoje uma esquadra de mais de 300 barcos salva-vidas, tripulados por 25.000 bravos, que já salvaram para mais de 27.000 pessoas. Quantas alegrias lhe devem as esposas e os filhos dos que assim escaparam á morte!

Seria impossivel fazer uma resenha dos valorosos serviços prestados pelos tripulantes d'esses barcos. Entre os botes salva-vidas da Instituição Nacional, está o *Van Kook* offerecido pelo fallecido E. W. Cooke, assim chamado em virtude da sua descendencia germanica, e que estacionava em Deal no anno de 1865, tendo já salvo 161 vidas, e cooperado no salva-

1. O fallecido lord Stratford de Redcliffe ao ver esse barco velho e formoso, compoz uns versos que terminam d'este maneira : —

« As vozes dos numerosos naufragos... As lagrimas de indizivel sentimento... vertidas pelas nossas esposas e pelos nossos filhos... A memoria do auxilio prestado... á hora da suprema augustia... Tudo são preces em favor do velho e querido salva-vidas. »

Para mais pormenores sobre a coragem da tripulação do salva-vidas e o numero de naufragos que tem salvo annualmente, veja-se — *O Jornal do Salva-vidas* e a *Historia do Salva-Vidas e dos eus trabalhos.*

mento de sete embarcações em perigo imminente de perderem-se. Ao passo que o idoso artista se extinguia no seu leito de morte, arriscava-se a tripulação do seu salva-vidas na mais audaciosa das suas emprezas.

No domingo 28 de Dezembro de 1879, á uma hora do dia, ouviu-se um tiro que de Goodwins, do pharol de South Sands a umas sete milhas de Deal, dava signal que havia uma embarcação encalhada entre os penedos. Soprava um vendaval furioso do sudoeste, e apezar de relativamente abrigados nos Downs, os barcos acautelavam-se conservando-se sobre dois ferros. Era um vento, segundo a expressão d'alguns, « para metter os dentes pelas guélas abaixo ». Aos fieis que sahiam dos templos, o vento voltava-lhes os chapéos de chuva, e obrigava-os a correr para casa com a maior velocidade. Porém os marinheiros estavam na praia. Deu o signal para tripular o salva-vidas, e todos os barqueiros compareceram pontuaes. Eram quatorze, com Roberto Wilds, o arraes. Um vigoroso impulso atirou com o salva-vidas para o sorvedouro aonde as aguas ferviam em cachão; e um grito de enthusiasmo saudou a partida d'aquelles bravos para a sua arriscada missão.

Estavam effectivamente tres embarcações no Goodwin Sands. A tripulação d'uma d'ellas, salvando-se nas lanchas, desembarcou em Margate e abandonou o barco á voragem das ondas. Uma escuna, que se julgou ser dinamarqueza, desappareceu com toda a

equipagem. Ficára a *Leda*, navio allemão que vinha de Nova York para Bremen carregado de petroleo. A gente do salva-vidas, chegando ao Goodwin, deparou com o grande barco encalhado entre os rochedos, no ponto mais perigoso dos Sands — o South Spit — aonde mesmo em tempo de bonança as ondas marulham sempre tormentosas. Que importa! Não havia que hesitar. Seguiram ávante, approximando-se do navio cujos mastros grande e da mezena estavam derrocados, e encontrando os homens da equipagem fortemente agarrados ao castello de pôpa e cobertos com uma mortalha d'espuma.

O *Van Kook* foi costeando a mallograda embarção, e, dando uma volta rapida, lançou ferro. Se a amarra partisse, e o salva-vidas esbarrasse no navio, estavam todos inevitavelmente perdidos. Mas os tripulantes do salva-vidas diziam: «Temos de salvar;» e com a fria calma que lhes vem de raça «resolvendo tirar as maximas forças da fraqueza «concentraram todos os seus esforços em chegarem-se o sufficiente para atirar um cabo ao navio encalhado. Sumia-se o bote envolto nas ondas procellosas que galgavam dentro alagando os marinheiros e inundando o barco, e o patrão vendo os vagalhões que vinham d'encontro ao bote salvador dava aviso aos remadores gritando-lhes: « Eia! cuidado! —. Elles então, agarrando-se aos bancos com ambas as mãos, mal respiravam na angustia d'aquella lucta pela vida.

Uma onda cuspiu o barco contra o navio abrindo-

lhe um rombo na prôa, e tornando indispensavel, para bem de todos, que o salva-vidas se afastasse.

Voltaram ao combate. Conseguiram lançar o cabo á barca, e um a um ou dous a dous foram passados os tripulantes para o salva-vidas. Salvo o ultimo homem, o valente patrão exclamou : « Icemos a mesena, cortemos a amarra ». E assim tomou o caminho do porto o salva-vidas com o precioso carregamento de trinta e quatro pessoas. Um dos naufragos tinha sido já salvo por duas vezes pelo *Van Kook*, e incutia alento no espirito dos companheiros com a relação das suas prévias aventuras. E finalmente, ora sumindo-se nos abysmos, ora surgindo de novo, conseguiu o salva-vidas conduzir os Allemães tremulos e reconhecidos, para a enseada de Deal aonde apezar do temporal se agrupava uma multidão anciosa que os recebeu com alvoroço. Eduardo W. Cooke teve vida sufficiente para ouvir a voz da consciencia dizer-lhe : « Obraste bem! » mas sete dias depois falleceu, deixando vivas as suas boas obras, que servirão d'exemplo para muitos.

Podiamos citar centenares d'exemplos semelhantes, de acções valorosas que todos os annos se devem á tripulação dos botes salva-vidas das nossas costas. Não ha consideração que os impeça de arrojar-se em auxilio de qualquer navio ou barco de pesca que vejam luctar com a tormenta. Mettem-se ao mar, que os repelle furioso uma e outra vez. Renovam a tentativa, e finalmente, com um esforço immenso, lá vão resvalando á flôr das ondas. Algumas

vezes são cuspidos contra os penhascos, mas o salva vidas desenleia-se dos penedos, e endireita-se proseguindo na sua heroica missão. Ainda não ha muito tempo, o salva-vidas Redcar foi até a distancia de quatro milhas ao mar para salvar a tripulação d'um barco de pesca, e viu coroada de feliz exito a sua ousada empreza.

Em Fraserburgh, no mesmo anno, o salva-vidas metteu-se ao mar por um vendaval furioso para salvar a tripulação da escuna *Augusta* encalhada nas rochas que defendem a enseada a sotavento. Salva a equipagem, fez-se em pedaços a escuna, não acabando ahi as difficuldades. A despeito do impulso vigoroso dos remadores, estes reconheciam-se impotentes contra o tufão. Debalde faziam força de remos, era-lhes impossivel alcançar a bocca da enseada.

Debalde tambem tentavam lançar ferro. O mar arrojava o salva-vidas contra os penedos, aonde o turbilhão das vagas o envolvia. Porém o patrão intrepido mandou cortar o cabo, confiando que tão ligeiro e fluctuante barco subiria tão alto no dorso das ondas que alcançaria a extremidade das rochas, dando por esse modo á gente occasião de se salvar. E com effeito o salva-vidas, naufragando por sua vez, encalhou entre os agrestes penedos, e assim poderam desembarcar as dezesete pessoas de que se compunham as duas tripulações.

Outro exemplo mais tocante de dedicação. Um domingo do mez de Março, á hora em que os fieis sahiam por uma tarde tormentosa da igreja de

Great Yarmouth ouviu-se um tiro de alarma, que partia d'um navio que se achava no Groby Sand. O barco tinha encalhado na areia e as ondas submergiam-n'o pouco a pouco. Os marinheiros na praia dispunham-se a lançar uma chalupa ao mar, e aguardavam o momento propicio para metter o bote á resaca, quando de repente um joven barqueiro corre apressado e arranca para fóra da chalupa um dos que a tripulavam. « Tu, não, Jack, d'esta vez, não », dizia elle; « tres vezes já arriscaste a vida em meu lugar porque eu me casei. Justo é que eu hoje reclame o meu posto ». — Metteu-se a lancha ao mar, e quando ia na onda da resaca, viu-se envolta n'um redemoinho que a virou completamente. Pereceram tres dos tripulantes, e d'esses tres, um era o recem-casado que se oppozera a que seu irmão o substituisse. Outra chalupa foi lançada ao mar instantaneamente; mas ainda assim já fóra de tempo. O navio que tinha encalhado na areia estava despedaçado, e toda a equipagem tinha perecido.

CAPITULO VIII

O Soldado

« Tenho superiores aos quaes obedeço, e soldados que me obedecem; e digo a um d'estes : « Vai, e elle vai; e a outro : Vem, e elle vem; e ao meu servo : Faze assim, e elle faz. » — Centurião de São Matheus.

« Tal é o meu destino, ou antes tal é o meu Dever. O maior d'entre nós é uma sentinella no seu posto. » — Whyte Melville.

« Deve o homem verter o seu sangue pela sua familia, pelos seus amigos, pelo seu Deos, pela sua patria, pelo seu proximo; fóra d'isto, vertel-o será vaidade ou crime. » — Burke.

« Vim aqui para cumprir o meu Dever; e não posso experimentar outra satisfacção que não seja o exacto cumprimento do que devo á minha patria. » — Wellington, em Portugal.

A vida do militar é uma vida de dever. O militar tem de ser obediente e disciplinado, e de estar sempre ás ordens. Se a corneta o chama, tem de vir. Se o destinam a alguma arriscada empreza tem de ir. Não ha que discutir; tem de obedecer, embora o mandem entrar na bocca d'um canhão.

A obediencia, a sujeição, a disciplina, a coragem são os caracteristicos do homem de valor; são tambem os attributos do bom soldado. Deve ter confiança reciproca, e obediencia estricta, obediencia a todos que lhe são superiores. « Não ha senão a disciplina militar, diz Ruskin, para d'uma natureza feroz e rude fazer um homem forte e energico. Homens

que n'outras circumstancias cahiriam em profunda inercia, ou inutilidade, são convertidos a uma nobre vida pelo serviço militar que estimula e dirige as suas propensões ».

O militar tem de permanecer no seu posto, quer na victoria, quer na derrota. Deve estar sempre alerta. De noute, se está de guarda, tem de proscrever o somno. Um momento de descuido poderia causar a ruina do exercito que elle defende. O soldado tem d'estar sempre prompto para sacrificar a vida pela defeza dos seus compatriotas. Dormir n'um posto avançado, é a morte.

O militar tem de ser expedito e activo. Deve estar sempre prompto. Essa era a divisa de Lord Lawrence. « Estar prompto ». A coragem e a actividade de Henrique IV suppriam a penuria dos seus recursos. Resistiu com 5.000 homens ao Duque de Mayenna que o atacava com 25.000, e ganhou a batalha de Arques não obstante a desproporção do numero. Tão extraordinario resultado foi sem duvida devido em grande parte á diversidade dos caracteres dos dous generaes. Mayenna era frouxo e indolente; de Henrique dizia-se que menos tempo empregava em dormir, do que perdia Mayenna em comer; e que fazia pouco uso de panno fino no vestir, porém muito de couro grosso no calçar. A alguem que celebrava em presença de Henrique a arte e a bravura de Mayenna, respondeu o rei. « Tendes razão; é um distincto capitão; porém eu levo-lhe sempre cinco horas de dianteira ». Henrique levantava-se ás cinco

horas, e Mayenna ás dez. N'isso consistia a differença entre esses dous homens.

O marechal de Turenne era o heroe dos soldados. Tomava parte em todas as suas fadigas, e elles davam-lhe toda a sua confiança. Em 1672 foi enviado á Allemanha á frente do exercito para combater contra o Eleitor de Brandeburgo. Era no coração do inverno; a marcha a travez dos caminhos que os rigores do tempo tornavam quasi impraticaveis, era penosa e difficil; e na occasião das tropas atravessarem um pantano muito fadigoso, alguns dos soldados mais novos lamentavam-se, porém os mais antigos diziam: « Não tenham cuidado. Turenne sabe mais do que nós : e sem duvida está n'este momento combinando a melhor maneira de nos fazer sahir d'aqui. Elle véla em quanto nós dormimos. É para nós um pai, e não nos obrigaria a tamanhos esforços, se não tivesse em vista algum grande projecto que ainda não acertámos a comprehender. »

Estas palavras chegaram aos ouvidos do Marechal, que declarou nunca ter sabido cousa que lhe causasse maior prazer.

Turenne reconhecia rapidamente o merito do chefe contra o qual era chamado a combater. Quando, durante as guerras da Fronde, Condé commandava as tropas reaes contra elle, não obstante correr a voz de Condé estar ausente no momento de dar-se uma das batalhas, Turenne reconheceu a tactica do grande capitão na fórma do ataque, e exclamou : « Temos ali Condé! » Na arte com que eram

dirigidos os movimentos das tropas inimigas reconhecera a mão do mestre.

Depois da guerra franco-prussiana, um poeta allemão publicou uma obra sobre Moltke, exaltandc os feitos do illustre chefe do estado-maior prussiano, e sobrepondo-os ás façanhas de Annibal, Alexandre, Napoleão e Malborough, aos quaes tratava de capitães relativamente insignificantes. Von Moltke aceitou o offerecimento do poema, e respondeu modestamente á carta do autor, dizendo-lhe que as naturezas de verdadeiro valor melhor se distinguem na adversidade do que na gloria. « Alcançámos grandes triumphos, » dizia, « chamemos lhe muito embora, acaso, destino, fortuna, ou Providencia — é certo que não dependeram só da força do homem. Victorias tão assignaladas são ordinariamente as consequencias d'um estado de cousas que não está na nossa mão crear nem dominar. »

O excellente e desventurado Papa Adriano teve por epitaphio estas palavras: — « Como differem as acções dos melhores dos homens, segundo as circumstancias em que vivem! Frequentes vezes fraqueja o homem de mais merito, devido á força inabalavel das circumstancias, e outro de menos valor consegue e triumpha. »

O militar deve saber sacrificar-se. No outomno de 1760, Luis XV mandou um exercito á Allemanha. O Marquez de Castries expediu uma força de 25.000 homens para o Rheinborg e ali tomaram em Klóstercamp uma posição importante. Na noute de 15 de

Outubro um joven official, o cavalleiro d'Assaz, foi enviado a reconhecer os arredores do paiz e adiantou-se por um bosque só, a alguma distancia dos seus homens. De subito viu-se cercado por muitos soldados inimigos, que lhe roçavam as pontas das espadas no peito, ao passo que uma voz lhe dizia ao ouvido: « És um homem morto, se te moves! » Immediatamente comprehendeu qual era a situação. Era o inimigo que avançava para tomar os Francezes de surpreza; e d'Assaz, esforçando a voz, gritou: « Aqui, d'Auvergne! Aqui está inimigo! » Essas palavras decidiram da sua sorte. Foi morto instantaneamente, mas pela sua morte salvou o exercito. A surpresa falhou, e o inimigo retirou-se.

Tem-se dito que, em todos os paizes, é em tempo de guerra que florescem mais prosperas as artes liberaes, e a litteratura se desenvolve com maior luzimento[1]. Esta opinião póde talvez ser combatida; vejamos, porém, na Grecia: Socrates, Eschyles, Sophocles, e Xenophon tinham todos combatido pela sua patria, e depois foram o lustre e a honra da litteratura. O mesmo succedeu em Roma, no apogêo da sua gloria. O Imperador Cesar foi o maior dos seus guerreiros, e um dos seus maiores escriptores. O mesmo Horacio tinha sido soldado na sua juventude, e havia recebido de Bruto o commando d'uma legião.

É extraordinario o numero de homens illustres — poetas, escriptores, e homens de sciencia — que co-

1. *Retratos Classicos e Historicos*, Bruce, II, 207.

meçaram pela vida militar, e combateram no mar e em terra, na patria, e fóra d'ella. É talvez porque a obediencia á disciplina e a sujeição, que são a alma da existencia de soldado, tenham influencia na formação do caracter, e contribuam para aquella methodica concentração tão essencial para a formação do verdadeiro talento.

Dante combateu como soldado na batalha de Campaldino, pelejando valentemente á frente da cavallaria guelfa. Por essa e outras razões, foi mais tarde expulso de Florença. Pedro o Eremita — o chefe das cruzadas — tinha sido soldado e servira ás ordens do Conde de Bolonha na guerra contra Flandres. Não se assignalou na vida militar, e d'ella se retirou, casando e tendo varios filhos. Pasbilda, sua esposa, entrou para um convento, e depois elegeu a vida d'anachoreta. Emprehendeu a jornada a Jerusalem, donde voltou referindo os máos tratos a que sujeitavam os peregrinos. Prégou por toda a Europa, e reuniu uma primeira cruzada de cem mil homens; que pereceram quasi todos. Seguiram-se todavia outras cruzadas.

Entre os nossos poetas, Chaucer militou no exercito de Eduardo III no tempo da invasão da França em 1379. Feito prisioneiro de guerra proximo á cidade de Retten, ali ficou captivo por algum tempo. George Buchanan, quando joven, serviu como soldado no exercito escocez, e assistiu ao ataque do Castello de Warth em 1523. Ben Johnson serviu como soldado raso nos Paizes-Baixos. Ali tambem se

achava Sir Philippe Sydney, cuja nobre conducta na hora da morte é um dos mais bellos exemplos que a historia nos offerece[1]. Algernon Sydney commandava um regimento de cavallaria na rebellião Irlandeza. Davenant e Lovelace eram commandantes dos exercitos de Carlos I; de Withers fôra major das tropas do Parlamento. Bunyan foi soldado da Republica. Otway serviu como porta-estandarte de cavallaria em Flandres, ao passo que Farquhar tinha um posto no regimento do Conde de Orrery.

Steele alistou-se como simples soldado n'um esquadrão de cavallaria, porém tendo-se distinguido pelo seu merito, não tardou em ser promovido a alferes. Fez-se notar principalmente no sitio de Namur, e mais tarde no cerco de Venloo. Coleridge alistou-se como soldado raso n'um regimento de dragões; mas o seu commandante, longe de promover o seu adiantamento, contribuiu para que se despedisse do serviço. « Algumas vezes, » disse Coleridge a um amigo, « comparo a minha vida á de Steele (aliás tão differente!) por ter por algum tempo seguido

1. Sir Philippe Sydney, ferido mortalmente na batalha de Zutphen, e ardendo em sede com a abundante perda de sangue que soffria, desejou uma pouca de agua que lhe levaram sem demora. E quando punha á bocca o frasco do liquido, viu remover um pobre soldado cujos olhos se lhe iam na garrafa. « Toma », disse Sir Philippe, entregando nas mãos do soldado a garrafa antes de a chegar aos labios sequiosos, « maior é a tua necessidade do que a minha. » Poucos dias depois fallecia Sir Philippe em Arnheim.

A dedicação d'um soldado dinamarquez, ferido, foi quasi igual em merito. A um Sueco tambem ferido, que jazia ao seu lado, offereceu a sua medida de cerveja n'um garrafão de madeira, pedindo-lhe que bebesse d'ella. Em resposta obteve um tiro de pistola n'um hombro. « Em castigo », ajuntou o Dinamarquez, « não te dou toda a minha cerveja, como antes queria. Já te não dou senão metade. »

como elle a vida militar, e juntado como elle a palavra « soldado » ao meu nome, ou para melhor dizer a um nome supposto, porque colhido de sobresalto quando me perguntavam como me chamava, respondi « Cumherbach »[1], e eram na verdade os meus habitos tão pouco equestres que sem duvida o meu cavallo participava d'igual opinião. »

Além d'estes, Sotheby foi official do 10° regimento de dragões antes de ser poeta e traductor das Georgicas de Virgilio. Guilherme Cobbett subiu de soldado a sargento-mór d'infantaria antes de fazer-se conhecer como escriptor. F.R. Lee, serviu como official no 56° regimento d'infantaria antes de encetar a carreira de pintor de paizagens; e Sir Rodrigo Murchison era capitão de dragões de Enniskilling antes de ser uma das glorias da geologia moderna.

Nos tempos luzidos da litteratura hespanhola, todos os seus poetas e grandes escriptores tinham sido soldados e aventureiros que haviam combatido em Hespanha e fóra d'ella, em terra e por mar. Lope de Vega fôra marinheiro a bordo da Armada hespanhola. Foi um dos poucos que sobreviveram para tornar á patria, escrever os seus numerosos dramas, e receber depois as ordens de presbytero tornando-se familiar da Inquisição. O grande Cervantes fôra soldado e combatera por mar e em terra. Distinguira-se pela sua valentia na batalha de Lepanto, aonde recebeu tres tiros de arcabuz: dous no peito e um n'uma mão que ficou impossibilitada para toda a vida

1. Máo cavalleiro. — *Nota do traductor.*

Porém elle mesmo dizia: « A lança não embota as lettras », e escreveu o seu afamado *Don Quixote*.

Calderon, outro soldado hespanhol, tornou-se dramaturgo, e depois padre. Mendoza de Santillana, militar hespanhol de nomeada, foi tido pelo varão mais erudito da côrte de João II; e Boscan, Montemayor, Garcilazo, e Ercilla eram a um tempo militares distinctos, e escriptores de merito[1].

Houve certa semelhança entre Cervantes, gloria d'Hespanha, e Camões, gloria de Portugal. Ambos foram soldados e homens de lettras. Cervantes perdera a mão esquerda n'um combate, e Camões perdera o olho direito n'uma peleja. Ambos crearam fama depois de reduzidos a pó. Ignora-se qual foi o lugar do nascimento de Cervantes. Madrid, Esquivias, Sevilla e Lucena brigam a honra de ter sido berço de tão grande homem. Pouco importa. Morreu em extrema pobreza, não se conservou memoria do sitio aonde lhe deram sepultura, e os seus restos jazem abandonados.

Ha pouco celebrou-se em Portugal o terceiro centenario de Camões, o maior dos seus poetas. Houve cortejos, musicas, bandeiras, e grandes regozijos em Lisboa. E todavia trezentos annos antes, ali mesmo morrera Camões á fome, e sem uma manta

1. Os restos da velha infantaria hespanhola, formada por Gonçalo de Cordova, foi toda destruida na batalha de Rocroy em 1643, unisonos todos os homens na resistencia e na morte sem haver um só que rompesse as fileiras. O regimento inteiro foi encontrado morto na mais perfeita ordem. Que differença mais tarde na Guerra Peninsular! Era difficil manter a disciplina na infantaria hespanhola. O Duque de Wellington assistiu á fuga de 10.000 homens, que fugiram fóra de todo o alcance.

que o abrigasse da nudez e do frio. Como poude succeder tal cousa? Camões foi soldado valente e poeta distincto. Deu provas de arrojado valor em Ceuta. N'um combate naval nas aguas de Gibraltar, teve a desventura de perder um olho, não recebendo mercê nem promoção. Pouco depois de voltar para Lisboa, embarcou para a India entretendo os ocios da viagem com a composição dos *Lusiadas*. Da India seguiu para Macáo, na China, d'onde regressando para Goa, naufragou na embocadura do rio Mekong. Conseguio arribar á costa, nadando com um só braço e sustentando no outro o manuscripto do seu poema. Perdera todos os seus haveres; e voltára para Lisboa encontrando a cidade assolada por uma peste devastadora. e tendo de viver na maior pobreza. Passados dous annos, deu-se os *Lusiadas* ao publico, que os recebeu com enthusiasmo; e o joven monarcha portuguez gratificou-o com uma pensão de 5 libras esterlinas. Cahiu porém enfermo o poeta, deixou de ser-lhe paga a pensão, a côrte abandonou-o, e teve de viver do obolo da caridade, conservando o seu fiel servo por unico amigo. Sahia a mendigar á sombra da noute o pão de cada dia. Em 1580, terminou Camões no hospital a sua vida, sendo o seu cadaver removido para a igreja de Santa Anna aonde lhe foi dada sepultura.

« Que triste cousa », escreveu o frade Josefe Judis sobre uma folha solta dos seus *Lusiadas*, « ver tão grande talento tão mal recompensado! Vi-o expirar no hospital em Lisboa, sem ter um lençol

que lhe cobrisse o cadaver, elle que combatera victoriosamente na India, e percorrera 5500 leguas de mar! Exemplo proprio para quem dia e noute estuda sem proveito, como a aranha que tece laboriosamente a sua teia para não apanhar senão moscas. » Tal foi o homem a cujas cinzas foi prestada homenagem em Lisboa no dia 10 de Junho de 1880.

Ignacio de Loyola foi um dos soldados de Hespanha cuja vida teve maior influencia na historia do que todas as outras que citámos, reunidas. Ferido gravemente n'uma perna no sitio de Pamplona, teve de conservar-se de cama por muito tempo. Cahiu-lhe entre as mãos a *Vida de todos os Santos*, que elle leu com demorada attenção, sendo assim que se lhe abriu o entendimento para uma vida nova; e deu entrada no mosteiro de Montserrat aonde se deteve algum tempo. Uma noute, indo á capella do convento velar as armas conforme a usança antiga dos cavalleiros, ali se consagrou escudeiro da Virgem Maria, e mais tarde fundou a ordem militante da Companhia de Jesus, a qual, muito embora seja alvo de censuras, é certo que renuncia aos regalos da vida ociosa e á ostentação do luxo.

Um dos mais notaveis soldados francezes foi René Descartes. Nasceu na Touraine em 1596, e recebeu educação n'um collegio que dirigiam os Jesuitas proximo á casa de seu pai, na Flèche, aonde travou amizade com o illustre monge Marsenne, que dirigiu os seus estudos philosophicos e mathematicos. Não

ousou publicar as suas primeiras meditações; e sendo de nobre condição, entrou na carreira militar, servindo primeiro no exercito francez na Hollanda, e mais tarde ás ordens do Duque de Baviera. Assistiu á batalha de Praga, em 1620, dando provas singulares d'intrepidez. Durante o serviço militar empregava as horas de ocio no estudo das mathematicas e da philosophia. Estando em Breda com o seu regimento, viu um grupo de gente que lia um cartaz, que por ser escripto em flamengo, elle não entendia. Era um difficil problema mathematico. Quem lh'o explicou foi Bechmann, principal do collegio de Dort, admirado que um joven soldado tomasse tamanho interesse n'um problema de mathematica. Descartes prometteu encontrar a solução, e effectivamente mandou-a na manhã seguinte ao Principal.

Depois da campanha da Baviera, alojou-se o seu regimento durante o inverno em Neuberg no Danubio; e ali, contando apenas vinte e tres annos d'idade, concebeu Descartes o arrojado pensamento de effectuar uma reforma completa na moderna philosophia. Pouco depois despedio-se da vida militar, e viajou por grande parte da Europa visitando successivamente a Hollanda, a França, a Italia e a Suissa. Completada a sua excursão, resolveu dedicar todo o seu tempo a investigações mathematicas e philosophicas e renovar, sendo possivel, todo o curso das sciencias. Vendeu uma parte do seu patrimonio em França — conhecendo o perigo de viver sob o poder tyrannico dos reis francezes — e retirou-se para

a Hollanda, aonde os seus escriptos originaram muitas contendas. A Igreja levantou-se contra a sua philosophia. Descartes acceitou então o convite de Christina, rainha da Suecia, e foi trabalhar e morrer em Stockholmo, tendo levado a cabo o seu proposito de reformar a sciencia da philosophia, da geometria e da optica.

Houve mais soldados francezes que se distinguiram na sua carreira scientifica. Maupertuis era capitão de dragões quando se dedicava aos estudos mathematicos, em que mais tarde tanto se assignalou. Malus, servindo no exercito como engenheiro, occupava os seus ocios em estudos d'optica. Niepce era tenente do 1° de dragões quando encetou os seus estudos chimicos e particularmente o estudo da acção chimica da luz, que levou casualmente á descoberta da photographia. M. Droz fez serviço como soldado antes de dar principio aos estudos que lhe valeram mais tarde o ser nomeado professor de moral e philosophia no instituto francez. Lamarck, o naturalista, tambem serviu por muitos annos como soldado no exercito francez, distinguindo-se pela sua valentia ás ordens do marechal de Broglie. Ferido no campo de batalha, e doente, foi-lhe forçoso deixar o exercito, entregando-se ao estudo das sciencias naturaes, ás quaes tão intimamente ligou o seu nome e em que tanto se assignalou. A historia dos animaes vertebrados, a sua melhor obra, é considerada umas das mais profundas e completas sobre historia natural.

Entre os litteratos, La Rochefoucauld, o autor das

« Maximas », foi tambem militar no principio da sua vida e gravemente ferido no sitio de Bordeos, e na batalha de Santo Antonio, durante a guerra da Fronda. Paulo Luiz Courrier, autor do *Simple discours*, serviu no exercito da Republica, na campanha do Rheno, e depois como official de artilharia em Italia. Menciona n'uma das suas cartas o sentimento com que um dia descobriu que o seu livro de Homero, em que estava estudando grego, tinha sido durante uma sua ausencia feito em pedaços pelos hussaros austriacos.

Em todos os tempos tem sido acompanhada a guerra por actos ferozes. Na louca vertigem do triumpho, tem-se saqueado cidades, arruinado terras, e destruido innumeras vidas. Na Idade Média fundou-se a Ordem da cavallaria para mitigar d'algum modo os horrores da guerra. O homem, que se destinava a escudeiro de cavallaria, era desde pequeno educado na obediencia e na cortezia. Amestravam-n'o na arte de manejar a lança e o cavallo; e aprendia nas salas a cortejar as damas com delicadeza e galanteria. Chegado á idade propria, era armado cavalleiro com solemnidade. A religião intervinha n'esta instituição. D'ahi, o jejum rigoroso, a noute de vigilia no templo, o baptismo, a confissão e a communhão. Assim muitas vezes se crearam provados meritos, e verdadeira nobreza.

O cavalleiro Bayard tem sido sempre citado como exemplo de cavalheirismo, elle que merecera ser appellidado « *sans peur et sans reproche* » (sem mancha e sem pavor). Nascera em 1476 no castello de Bayard no

Delfinado. Escolhera a profissão das armas, e antes de se alistar no exercito do rei, seguira a educação da cavallaria. Seria superfluo relatar a historia da sua vida, durante a qual deu provas de cavalleiro brioso. Abalisou-se principalmente em Italia com Francisco I; em Tornova, Milão, Genova, Padua, Verona, Bastia e em Brescia aonde esteve á frente do ataque. Salvou o entrincheiramento e recebeu um golpe terrivel d'uma lança que lhe ficou cravada n'uma perna.

« É nossa a cidade », disse, « mas eu ja lá não entro. Estou ferido de morte. » O duque de Nemours, ao saber que a praça forte estava tomada, mas que Bayard recebera um ferimento mortal, sentiu o mal como proprio. « Amigos e camaradas », exclamou, « vamos a vingar a morte do mais esforçado cavalleiro. » Brescia cahiu em poder dos Francezes, que expulsaram d'ella os Venezianos.

Ao passo que os Francezes saqueavam a cidade, Bayard foi removido d'entre os mortos, e moribundos, e levado sobre uma porta de madeira para a casa mais proxima, cujo dono fugira deixando a esposa e filhas entregues á Providencia. Essa dama foi quem por sua propria mão abriu a porta a Bayard, que não obstante estar em artigos de morte, recobrou sufficiente força para impedir que os soldados saqueassem a casa, indemnisando-os á sua custa da perda que assim lhes impunha.

Conduzido Bayard para um quarto ricamente adornado, prostrou-se-lhe a hospeda aos pés dizendo :

« Nobre Senhor, aqui tendes esta casa e quanto ella contém. Tudo é vosso, segundo os direitos que vos concede a victoria. Peço tão sómente um favor. Tenho duas filhas. Poupai a honra e a vida d'ellas e a minha. »

Bayard que apenas podia articular uma palavra, respondeu : « Não está ao meu alcance saber se lograrei escapar ao perigo d'esta ferida ; sem embargo ficai certa de que,em quanto eu tiver vida,não haverá quem attente na vossa honra nem na das vossas filhas. Confiai que vos farei respeitar e estimar. Urge porém agora procurar um auxilio prompto de que eu immediamente careço. »

A dama acompanhada por um soldado sahiu á procura d'um cirurgião, que acudiu com presteza, examinou a ferida que era espaçosa, e funda, mas não mortal conforme elle declarou. O Duque de Nemours enviou tambem o seu medico, e tal foi o desvelo e a habilidade com que o trataram, que Bayard não tardou em entrar em via de restabelecimento. No emtanto, perguntou á sua dedicada enfermeira que feito era do seu esposo. Ella, afogada em pranto, respondeu: « Ignoro se é vivo ou morto, mas inclino-me a suppôr que buscou abrigo em algum convento. » Descoberto o paradeiro do fugitivo, Bayard enviou dous archeiros e o despenseiro para o acompanharem a casa, promettendo-lhe protecção e segurança durante todo o tempo que o enfermo ali permanecesse.

Finalmente, o cirurgião deu Bayard por curado,

asseverando-lhe que, auxiliado por seu servo, facilmente poderia continuar a untar a cicatriz com o unguento que lhe indicava; e o generoso cavalheiro, galardoando-o com a costumada liberalidade, resolveu voltar dous dias depois para o exercito. Em prova de reconhecimento pela protecção que Bayard lhes dispensára, reuniram os donos da casa todos os seus haveres, que consistiam em 2500 ducados em ouro, que lhe offereceram n'um valioso cofre de aço. A dama, entrando no quarto de Bayard, deitou-se-lhe aos pés; mas elle não lhe prestou ouvidos em quanto a não fez sentar ao seu lado.

« Senhor », disse, « toda a vida agradecerei ; Deos ter trazido á nossa casa tão generoso cavalheiroa o meu esposo e as minhas filhas sempre vos considerarão seu anjo tutelar, e nunca esqueceremos que a vós devemos a honra e a vida.... Confessamo-nos vossos prisioneiros; esta casa e tudo quanto ella contém é vosso por direito de conquista ; mas tal é a magnitude de vossa generosidade que venho implorar a vossa compaixão, e rogar que vos deis por satisfeito com o insignificante donativo que tenho a honra de offerecer-vos. »

Apresentou então a Bayard o cofre, fazendo-lhe ver o que n'elle estava encerrado. « Que quantia haveis mettido aqui? » perguntou elle. — « Senhor, são apenas 2500 ducados; indicai porém a somma que desejais, e trabalharemos por entregal-a nas vossas mãos. » Bayard que considerava com indifferença o ouro e a prata ajuntou: « Fossem muito

embora 100,000 ducados, não teriam para mim valor igual ao dos desvelos carinhosos que vos devo, e á amavel companhia que vós e a vossa familia me fizestes. »

De novo a dama se prostrou banhada em lagrimas, supplicando o nobre Bayard que dignasse acceitar a sua offerta « Considerar-me-hei a mais infeliz das mulheres, se persistis em recusar a minha offerta. »

— « Tão assentado é o vosso desejo, que consinto em acceitar o que me offereceis; e tambem quero ver as vossas filhas e despedir-me d'ellas antes de apartar-me da vossa casa. » — Bayard repartio então os ducados em tres quinhões — dous de 1000 ducados, e outro de 500. As jovens, ao entrar, cahiram de joelhos aos pés de Bayard que as fez assentar.

— « Senhor, » disse a mais velha das duas irmãs, « somos duas donzellas que vos devem a honra e a vida. Peza-nos profundamente não termos maneira de provar a nossa gratidão senão rogando a Deos todos os dias da nossa vida para que sejais por Elle recompensado no tempo e na eternidade. »

Bayard agradeceu-lhes commovido as horas agradaveis que lhes devia e em que ellas tinham conseguido distrahil-o e entretel-o, ora trabalhando junto d'elle, ora cantando acompanhadas pelos sons maviosos da cithara. « Bem sabeis, » lhes disse, que um soldado carece geralmente de joias sufficientes para offerecer ás donzellas; mas acabo de ser obrigado pela vossa mãe a acceitar esses 2,500 ducados que vêdes ahi. Tomai cada uma mil

ducados que formarão parte do vosso dote; e os restantes 500 ducados serão distribuidos pelos conventos pobres que mais soffreram com a pilhagem dos soldados. »

Assim terminada essa pendencia, entre as lagrimas e os protestos de gratidão de toda a familia sahiu Bayard com o contentamento que resulta da generosidade e do desprendimento do verdadeiro cavalleiro christão.

Por esse tempo propoz o Papa Julio nomear Bayard Capitão-Mór da Igreja, e este deu em resposta, « que reconhecia apenas um Senhor no Céo, que era Deos, e um senhor na terra, que era o Rei de França, e que nunca outro senhor serviria. »

Depois de numerosas batalhas e aventuras, em que se houve com lealdade e bravura, foi Bayard finalmente ferido de morte em Rebec, junto a Milão. O Almirante Bonivet, favorito de Francisco, o tinha — talvez por ciume — collocado em posto mui rriscado, aonde recebeu dos Hespanhoes um tiro de arcabuz. A bala atravessou-lhe os rins, fracturando a espinha. Elle exclamou: «Meu Deos, estou morto! » e tomando o punho da espada que formava uma cruz, beijou-o devotamente como se fôra um crucifixo.

Aos que pretendiam removel-o do campo de batalha: «Não » disse, não quero no ultimo instante da vida voltar pela primeira vez as costas ao inimigo », e mandou que o descançassem á sombra l'uma arvore, d'onde ainda teve forças para com-

mandar a descarga, ajuntando : « Deixai que morra de frente para o inimigo. » E como em torno d'elle os seus companheiros d'armas choravam sentidamente, animou-os com estas palavras : « Quer Deos chamar-me a Si, depois de me haver dado mais dias de vida, e dispensado mais favores do que eu merecia.... Ide-vos; seria um pezar para mim se vos visse prisioneiros. Estou prestes a expirar : já não ha nada que me dê allivio. »

Então chegaram- se os Hespanhoes para o fazer prisioneiro; e o Marquez de Pascara disse-lhe : « Prouvera a Deos, Senhor Bayard, que derramando todo o sangue que podesse verter em vida, lograsse ter-vos por prisioneiro com boa saude. Desde que encetei a profissão das armas, não encontrei quem a vós se iguale. »

Marquez prestou ao moribundo os maiores desvelos e attenções. Mas quando o Condestavel de Bourbon se approximou — aquelle que trahira o seu rei e a patria para servir o Imperador d'Hespanha — e lhe disse : « Bayard! quanto me compadeço de vós! » elle, erguendo-se no leito, replicou com voz firme : « Obrigado. Eu, porém, não me compadeço de mim proprio. Morro de morte honrada no serviço do meu rei. Mas *vós* que trahistes o rei, a patria e a fé jurada, sois quem mereceis compaixão. E, dito isto, expirou.

Foi sómente depois da morte de Bayard que Francisco I reconheceu o valor do homem que perdêra. Francisco havia entregue o commando

das suas tropas aos seus favoritos, de preferencia a escolher homens de provado valor e honradez. « Perdêmos, » disse o rei já tarde, « um grande homem, cujo nome por si só infundia respeito e pavor. É certo que merecêra mais singulares mercês do que as que disfructava, e postos mais elevados do que aquelles que occupava. » Depois da batalha de Pavia, em que Francisco « perdera tudo, salvo a honra », lamentou a perda de Bayard ainda com muito maior sentimento, dizendo : « Oxalá tivesse tido junto de mim o valoroso e experimentado Bayard! Mais me teria valido a sua presença do que o auxilio de cem capitães. Cavalleiro Bayard, quanto deploro a tua falta! Se fosses vivo, não estaria eu hoje aqui! « Baldados e tardios lamentos! Era morto Bayard, e o rei prisioneiro.

Era Bayard valente, generoso e puro, sem mancha e sem pavor, justo, desprendido, compassivo e verdadeiro. Crescia-lhe o animo a par das difficuldades. Desprezava os ricos se lhes faltava a bondade. Repartia todo o seu dinheiro. Nunca recusava socorrer o proximo, com remuneração ou sem ella, e fazia-o sempre a occultas e com caridade. Deixou fama de ter dotado e casado mais de cem orphãs nobres e modestas. N'elle encontrava toda viuva protecção e consolo. Tratava com affabilidade todos os seus inferiores. A um renovava as armas, a outro vestia, ao terceiro pagava as dividas. Nunca em terra conquistada deixava de pagar o alojamento de todos os seus homens. Inimigo inflexivel da

lisonja, aborrecia igualmente a calumnia. Todas estas qualidades, que desde pequeno dera a conhecer, cresceram com a idade; e grangeou uma nomeada á qual a mais remota posteridade tributará respeito e admiração [1].

Pelejar em defeza da patria sempre tem sido considerado honroso. Pelejar por amor da conquista é quasi sempre tido por contrario á honra e á humanidade. Ha porém quem tal defenda em prol da civilisação: n'esses casos o chefe da victoria é uma ave de rapina. O patriotismo é uma liga de nobres impulsos e de elevados sentimentos, que procede d'um amor desinteressado pela patria. Quem ha que deixe de sympathisar com Arnaldo Von Winkelried em Sempach, com Bruce em Bannockburn, e com Hofer em Innsbrück? Nobres as suas acções, a lembrança do seu exemplo tem contribuido a elevar o espirito dos seus compatriotas. Deixaram atraz de si uma ideia do dever, que jámais será olvidada.

Tão pouco o patriotismo é incompativel com o exercicio d'uma dilatada philantropia. O homem, cujo peito abriga o amor da patria e da familia, é mais susceptivel de puras emoções, d'ardentes sympathias e de estremados esforços do que aquelle cujos affectos se concentram em si proprio, e que gasta as suas horas em prazeres e futilidades, ou na mais inteira indifferença. Todo homem deve estar persua-

1. Vem a ponto recordar que a espada de Bayard é hoje propriedade de Sir John P. Boileau, Bart. O escudo que o brioso cavalleiro offereceu a Henrique VIII no Campo do Panno de Ouro, existe na Camara dos Guardas no Castello de Windsor.

dido de que não é mais do que um annel da cadeia da creação e que, não obstante o seu patriotismo, tem o mundo inteiro, esse vasto campo, aberto á sua generosidade e á sua dedicação.

A vida de Washington, libertador da patria, abunda em actos de patriotismo, generosidade e disciplina militar. Foi um dos vultos que mais se distinguiram no seculo dezoito — não tanto pelo seu genio, como pela pureza da sua vida, e a veracidade do seu caracter. Era de origem illustre ingleza, descendente d'uma familia Angla que se estabelecêra no condado de Durham, d'onde os seus antepassados emigraram para a America, estabelecendo-se em Victoria no anno de 1657.

Tal era o caracter de Washington, que o destinaràm ainda na flôr da juventude a occupar postos de grande responsabilidade e consequencia. Contava apenas dezenove annos quando foi nomeado ajudante do general de Virginia com honras de major, e soube corresponder á confiança que d'elle fizeram. Não faltou nunca á exactidão, á obediencia, e ao cumprimento da sua obrigação. Aos vinte e tres annos fôra nomeado coronel e commandante de todas as tropas recrutadas na Virginia para cooperarem com as tropas Inglezas na defeza do Territorio Occidental contra os Francezes. Tão grande se mostrava no triumpho como na adversidade, que avigorava o seu animo inquebrantavel.

A vida de Washington tem sido escripta tantas vezes, que seria superfluo apontar outra cousa mais

do que o perfeito conhecimento, a dedicação inteira, a pureza de intenção com que inaugurou e completou a libertação e independencia da sua terra. Não póde citar-se maior desprendimento e pureza de vistas. Mostrava-se comedido na victoria, firme na derrota, e sempre generoso e verdadeiro. É difficil sabe a qual das qualidades de Washington se deve tributar maior admiração — se acataremos de preferencia a nobreza do seu caracter, o ardor do seu patriotismo, ou a pureza do seus costumes.

No fim do seu discurso aos Governadores dos differentes Estados na occasião de resignar o commando das tropas, disse : « Constantemente peço ao Senhor que vos acolha a todos sob a sua protecção, e igualmente aos Estados que vós administrais; para que incuta no espirito dos cidadãos o amor da sujeição e da obediencia ao governo; para que infunda nos seus corações um perfeito amor fraternal; para que se amem uns aos outros, todos os que fazem parte dos Estados Unidos, e particularmente os nossos irmãos que combateram no campo de batalha; e finalmente para que Elle nos favoreça a todos com o amor da justiça e da misericordia, e para que obremos todos com aquella caridade, humildade, e doçura que foram caracteristicos do Divino Autor da nossa santa religião, cujo exemplo devemos seguir reverentes, se desejamos fazer da nossa patria uma terra abençoada.

Singela, verdadeira, e bella linguagem!

Falando da vida militar, é impossivel não mencionar o Duque de Wellington, que foi o Bayard Inglez.

O Dever era a sua primeira e ultima palavra, e o principal motor da sua vida. Na vida publica e na vida particular, nunca se afastava da mais perfeita verdade. Como homem publico, era um só o alvo dos seus desejos — empregar em serviço e beneficio da patria o maximo da sua sciencia e habilidade.

A cobiça das honras e do poder nunca pareceram influir no seu animo. Ambição pessoal, não a tinha Saboreava apenas a satisfação de ter cumprido com o seu dever.

Começava por applicar ao seu trabalho a regra militar, e pouco depois de assumir o commando d'um batalhão distinguia-se este pela disciplina. Cumpria com energia e pontualidade tudo o que lhe mandavam. Para elle, o tempo era um periodo durante o qual se devia trabalhar seriamente e com actividade. Tambem na obediencia se extremava. Voltando da India aonde commandára grandes exercitos e administrára o governo de provincias iguaes em extensão a muitos reinos Europêos, foi nomeado commandante de uma brigada da infanteria em Sussex. Não proferiu uma palavra de queixa, e sendo mettido á bulha pela differença de situação, respondia de bom humor: « Comi o pão do rei; é justo que cumpra quanto elle me ordena; esse é o meu dever. »

Para elle, o governo do imperio era o governo do rei. O throno era a fonte não só das honras, mas tambem dos direitos e privilegios de que o povo gosava. Todavia, o poder do throno era coarctado pelas leis, e pelos habitos, como a mais humilde das profis-

sões. Semelhante ao melhor dos cavalleiros do tempo de Carlos I, era pela corôa — primeira instituição do paiz — que elle estava sempre prompto a correr os maiores riscos.

Do seu valor não ha que falar. N'estes tempos de artilheria e infanteria, não têm os generaes que expôr-se ao perigo. É o seu dever commandar, não metter-se ao fogo — como Gongh, de espada desembainhada entre os soldados em Chilliamvalla. — No emtanto, quer n'um posto que offerecesse perigo, quer á frente d'um ataque, sempre que se requeria a sua presença, expunha a vida com bizarria. Na batalha de Assaye, dous foram os cavallos que teve mortos debaixo de si. No Douro, rompeu d'espada em punho por um corpo de cavallaria franceza que o rodeava. Em Salamanca, soffreu uma contusão n'uma coxa, e teve o chapéo atravessado por uma bala. « Achei-me ao seu lado, » diz Napier, « na noute da batalha de Salamanca, quando ao clarão da chamma da artilharia e dos mosqueteiros, que scintillava até os confins do horizonte, se divisava toda a extensão da grande victoria. Wellington estava só, luminoso o semblante, ardente e penetrante o olhar, porém a sua voz era tranquilla e até suave.

A sua paciencia era extraordinaria. Quando o seu exercito se viu cercado pelas forças de Massena em Torres Vedras, em 1810, os seus officiaes quasi se sublevaram contra elle. Pediam constantemente dispensa do serviço com o fim de se ausentarem e de voltarem para Inglaterra. « N'este momento, » disse,

« temos seis generaes ausentes: uns já nas suas casas, outros em caminho; dos que acompanharam o exercito á sahida d'Inglaterra, já não restam senão o general Campbell e eu; e em consequencia d'estas faltas, durante as ultimas operações, fui obrigado a fazer de general de cavallaria, de guarda avançada, e de chefe de duas ou tres columnas no mesmo dia. »

A imprensa ingleza levantou-se contra o Duque e denunciou-o. « Não ousou aventurar-se a uma batalha! » Aquelles homens extraordinarios, o Lord Mayor[1], e o Chefe do Conselho da Cidade de Londres, dirigiram ao rei uma reclamação pedindo que se inquirisse da conducta do Duque. A Camara dos Deputados deu indicios de desagrado. O Ministerio hesitou. Entretanto Wellington sustentava-se na linha de Torres Vedras aonde contava apenas com as suas tropas inglezas, porque os Portuguezes pouco ou nenhum auxilio lhe prestavam. Referindo-se ás accusações da imprensa, dizia: « Espero que a opinião da Grã-Bretanha se não deixará influir pelos paragraphos que possam apparecer nas gazetas, e que esses artigos não sejam o echo da opinião publica. Portanto eu (a quem não falta o direito de queixar-se de taes libellos) nunca os tive na menor conta, e nunca autorizei que d'elles apparecesse contradicção ou que se demonstrasse legalmente a falsidade dos numerosos ataques publicados contra mim, e contra as ope-

1. Presidente da Camara Municipal. — *Nota do Traductor.*

rações por mim dirigidas. » No tocante á ameaça do respeitavel Presidente da Camara Municipal e do Presidente do Conselho, referiu-se apenas d'esta fórma : « Faça cada um o que lhe aprouver; pela minha parte, não abandono a partida em quanto houver probabilidades de a ganhar. »

Os Francezes, rechaçados das linhas de Torres Vedras pelas tropas inglezas, começaram a retirar. O Duque seguiu-os; e elles, para facilitar a retirada, destruiram uma grande parte das suas armas e munições, roubando e matando os camponezes a prazer. Muitos foram encontrados enforcados á beira das estradas, pagando d'essa fórma a falta de agasalho que offereciam ao exercito invasor. Era denunciada a retirada dos Francezes pelas nuvens de fumo que subiam densas das aldeias a que elles largavam fogo. O duque conseguiu alcançar em Fuentes de Onor o exercito de Massena, o qual ali ficou completamente destroçado. Depois tomou d'assalto Ciudad Rodrigoe, Badajoz, derrotou Marmont em Salamanca, e entrou em Madrid. Facto singular ! o brigadeiro hespanhol Miranda contava quarenta e tres ajudantes de campo em torno de si ; Wellington entrou triumphante em Madrid acompanhado d'um unico official, Lord Fitzroy Somerset !

Wellington usava da maior brandura com os habitantes das terras que percorria. Os Hespanhoes arreceiavam-se mais das suas proprias tropas do que das tropas inglezas. Os Hespanhoes roubavam ; aos Inglezes era-lhes defeso roubar; não obstante soffre-

ram consideravelmente de falta de dinheiro e de meios de transporte. Succedeu que quando as tropas de Wellington iam em seguimento do exercito de Massena, alguns dos soldados cortaram das terras do Conde de Castello Melhor madeira para queimar. Com uma generosidade que raras vezes se encontra em chefes militares, o duque pagou do seu bolso o custo da madeira roubada pelos seus homens. « Tanto o interesse pelas tropas », dizia elle, como a commiseração que nos deve inspirar o infortunio dos habitantes, são de natureza a impedir a destruição de forragens, e outras cousas. »

Ao passo que os soldados Hespanhoes, particularmente depois da batalha de Talavera, davam prova de sentimentos hostis contra os Inglezes, o Duque exigia « que os pacificos habitantes fossem tratados com a maxima humanidade ». Quando as tropas hespanholas entraram em França, deram immediatamente principio ao roubo e ao assassinio ; e o Duque provou-lhes o seu descontentamento fazendo-os voltar para Hespanha, e combatendo sem elles em Orthez. « Tão vil não sou que permitta o roubo », disse a Don Freyre. « Se quereis que os vossos homens roubem, escolhei para elles outro commandante. »

Wellington era malquisto em Inglaterra. Não tinha influencia para premiar os seus soldados pelos seus actos de bravura. Ao tempo que os marechaes de França estimulavam os seus homens com promoções, elle não podia galardoar a valentia de nenhum

dos seus officiaes. A guarda a cavallo obtinha todas os favores, e viam-se promovidos a graduações superiores, a expensas dos heroes da Peninsula, homens que nunca tinham sahido da patria ingleza! O tenente-coronel Fletcher, que forçára as linhas de Torres Vedrase, dirigira os sitios de Ciudad Rodrigo, Badajoz, Burgos, e Salamanca, era ainda tenente-coronel tres annos depois, quando ficou morto nas trincheiras de São Sebastião, victima d'uma explosão. E o denodado e incansavel tenente-coronel Waters exercia ainda em 1815, na batalha de Waterloo, o posto que adquirira em 1809 na passagem do Douro. Porém Wellington mencionava constantemente os seus valiosos serviços nos despachos que enviava ao Governo Britannico.

Os seus soldados avaliavam os seus incessantes esforços por melhorar a sua situação, e sensibilisava-os o cuidado com que elle lhes poupava a vida. Admiravam a imparcialidade, a veracidade, a justiça, o desprendimento que n'elle reconheciam; e tanto officiaes como soldados depositavam n'elle illimitada confiança.

Wellington perdoava muito mais do que castigava. Era necessario punir para conservar a disciplina do exercito, mas sempre encarava os culpados pelo lado mais favoravel. Se um official se conduzia mal diante do inimigo, preferia dar-lhe baixa a mettel-o em conselho de guerra.

« Quero antes », dizia « eliminal-o do quadro do exercito do que expôl-o á critica do mundo. » Uma

vez um sargento desertou, levando o pret destinado á companhia. Fôra uma mulher quem instigára esse homem a commetter o crime. Os seus antecedentes eram excellentes. O duque perdoou-lhe. Tornou primeiro a ser official sem commissão; depois confiaram-lhe uma missão, e mais tarde serviu no estado-maior do exercito da Peninsula.

Wellington usava com os seus inferiores d'uma civilidade extrema. Possuia em subido gráo a serenidade, a lhaneza, a arte de fascinar que resulta d'um nascimento illustre ou d'uma grandeza natural de caracter. As suas ordens mais se assemelhavam a supplicas do que a mandados. Rogava aos seus officiaes que não usassem de linguagem aspera com os seus inferiores. « Taes expressões, » dizia, « não são necessarias ; ferem talvez, mas nunca convencem. »

Mesmo entre os horrores da guerra dava aos seus homens provas da mais affectuosa sympathia. Napier affirma ter visto o Duque debulhado em lagrimas quando, depois do assalto de Badajoz, teve conhecimento de que mais de 2,000 homens tinham succumbido n'aquella noute terrivel. Quando o Dr Hume entrou na alcova do Duque, na manhã do dia 18 de Junho, para apresentar a estatistica dos mortos e feridos da batalha de Waterloo, encontrou-o na cama a dormir, sem ainda se ter lavado nem feito a barba, tal qual se deitára na vespera. Acordando, assentou-se na cama para ouvir ler o relatorio. Era extenso, e quando o doutor levantou os olhos, viu Wellington

apertando as mãos convulso, ao passo que grossas lagrimas abriam fundos sulcos nas suas faces negras ainda do fumo da batalha.

Escrevendo n'esse mesmo dia ao seu amigo, o Marechal Beresford, dizia: « As nossas perdas affligem-me sobremaneira ; e olho para os nossos triumphos com indifferença. Rogo a Deos que me não destine a ferir outra igual batalha, porque a morte de tantos companheiros e amigos velhos despedaça-me o coração » — Disse tambem a Lord Aberdeen : « A gloria de semelhante triumpho não me offerece consolação. » Era porém assignalada a victoria, e os alliados estavam no auge da gloria ! Ao visitar o campo de batalha e ao ouvir os gritos e gemidos dos feridos, o guerreiro deu explosão aos sentimentos de angustiosa compaixão em que se lhe afogava o peito, proferindo estas memoraveis palavras : « Não conheço nada mais horrivel do que uma victoria... a não ser uma derrota. »

Dirigiu-se depois á Camara dos Pares ou Lords n'estes termos : « Sou provavelmente um dos homens que tem passado mais tempo da sua vida na guerra, e particularmente na guerra civil ; e devo dizer que se estivesse ao meu alcance evitar a troco de qualquer sacrificio um só mez de guerra civil a um paiz que eu affeiçoasse, *sacrificaria a propria vida* para o conseguir. »

O Duque era compassivo. Protegia os hespanhoes contra a crueldade dos seus proprios soldados. Tambem protegia os seus inimigos. Depois da batalha

de Talavera, os Inglezes vieram ás mãos com os soldados de Cuesta para evitar que matassem ou mutilassem os feridos francezes. M. Chateaubriand disse: « Tributamos demasiado respeito á verdadeira gloria para callar a nossa admiração por Lord Wellington. Commove-nos até ás lagrimas ver esse homem tão grande e digno de respeito prometter durante a nossa retirada em Portugal dois guineus por cada prisioneiro francez trazido vivo. »

A vida inteira de Wellington abunda em rasgos d'esta natureza. Na India recolheu e educou o filho de Doondiah, encontrado entre os feridos. Concorreu para o restabelecimento do general Franceschi, que os Hespanhoes tinham abandonado n'um carcere pestifero. Libertou o joven Mascarenhas e muitas outras victimas da crueldade do governo hespanhol. Protegeu com sollicitude contra a furia dos soldados portuguezes os francezes feridos, e todos os soldados inimigos que os azares da guerra entregou em suas mãos depois da evacuação do Porto. « A lei da guerra, dizia elle, dá-lhes direito á minha protecção, e estou decidido a que ella lhes não falte. » Autorizava os cirurgiões francezes a cuidar dos feridos do exercito de Soult, e a circular pelo campo dos alliados com um salvo-conducto.

Tratava os inimigos com igual cavalheirismo. Rejeitou com desdem a proposta, que na India lhe fizeram, de pôr fim á guerra contra Doondiah Waugh, dando-lhe um golpe de punhal. E respondeu d'igual modo quando em Hespanha as tropas de Soult deram

indicios de revolta e desejáram o seu apoio. Considerava indigno de si e da causa que defendia alcançar mediante uma revolta militar o que devia ser tão sómente a recompensa da habilidade e do valor.

Em Torres Vedras, o Principe de Essling estava ancioso por inspeccionar as linhas inglezas. Avançou debaixó d'uma bateria ingleza e deteve-se a examinal-a com um oculo que assentava sobre o muro baixo d'um jardim. Os officiaes inglezes observaram-n'o e não obstante terem podido facilmente destruir o estado-maior do commandante em chefe, descarregaram apenas um unico tiro com o proposito de pôr patente o perigo em que se achava o principe; e esse unico tiro foi descarregado com tão certa pontaria que demolio o muro no proprio lugar aonde elle apoiava o oculo. Massena comprehendeu a cortezia, saudou a bateria, e montando a cavallo afastou-se.

Succedeu o mesmo em Waterloo. Achava-se o Duque observando a formação das linhas francezas, quando se approximou um official de artilharia a cavallo, que apontava para o sitio que Napoleão occupava com o seu estado-maior, manifestando « que podia muito bem atirar sobre elles, não duvidando que alguns cahiriam mortos. » « Não, não, » replicou o Duque, « os generaes que commandam os exercitos n'uma grande batalha têm mais que fazer do que atirar uns contra os outros. »

Cahido o imperio, Wellington recusou com desprezo a proposta de dar a morte a Napoleão. « Um tal acto, » disse, « desacreditar-nos-hia para sempre.

Dir-se-hia de nós que somos indignos de vencer Napoleão. » A Sir Charles Stewart escrevia : « Blücher quer acabar-lhe com a vida; mas eu disse já que me opponho, e vou insistir para que em conselho se decida que destino se lhe hade dar. Tambem lhe disse que como amigo o advertia que não entrasse em tão vil combinação; que elle e eu representamos papeis demasiadamente importantes para nos tornarmos em algozes; e que estou resolvido, no caso dos soberanos decidirem mandal-o executar, a que outro seja o verdugo escolhido, e não eu. »

Em recompensa de tão provado empenho de Wellhington em poupar a vida de Napoleão, este legou por testamento 10.000 francos a o infame que tentou assassinar o Duque !

O Duque era verdadeiro, e desejava que os seus subalternos o fossem igualmente. Em 1809 escrevia ao general Kellermann : — « Se recebeis dos officiaes inglezes a palavra de não tentarem fugir, podeis estar seguro que cumprirão a sua promessa. Eu mesmo não hesitaria em lançar mão de qualquer que obrasse d'outra maneira, e em remettel-o ás vossas ordens. »

Era tambem magnanimo. Nem as promessas o seduziam, nem as ameaças o intimidavam. Se o elegiam para um posto secundario, respondia : « Mandai, e sereis obedecido. » Era perfeito em obediencia, rectidão, e fidelidade. Nunca pensava em si, senão nos outros. Tão pouco conhecia a inveja ou ciume. Nunca denegria a reputação alheia para mais realçar a pro-

pria. Estimava o credito dos seus officiaes a par do seu. Se corriam mal as cousas — como em Burgos — tomava a si todas as culpas. Animára Graham Hill e Crawford contra todas as calumnias. Possuia aquella firmeza de convicção e grandeza d'alma que ensinam a desprezar as injustiças e as falsas imputações. Congratulado pela Municipalidade de Madrid, não attribuio merito algum aos seus serviços, observando, « que as consequencias da guerra estão nas mãos da Providencia. »

Mas a principal feição do caracter de Wellington era o sentimento constante do cumprimento do dever. Essa era a sua qualidade dominante — o elemento que imperava e subordinava a si todas as cousas. O seu constante desejo e a sua firme resolução era cumprir exactamente o seu dever, qualquer que elle fosse — e por *ser* esse o seu dever. Vivia com o fito exclusivo de cumprir o seu dever como soldado — com toda a sua alma, contra todas as eventualidades, na maior perfeição, empregando o maximo dos seus esforços e o maior extremo da sua capacidade para alcançar um exito decisivo. É util observar a unidade, a força e a simplicidade que imprime ao caracter um só principio, bem comprehendido e posto em pratica com constancia. Brialmont, no fim da biographia que d'elle escreveu, diz que « elle fôra o maior dos homens dos tempos modernos, por ter sido o mais verdadeiro e além d'isso o vassallo mais leal e mais avisado do throno britannico. »

Eis um exemplo de como foi creada a solidez d'uma

nação. Achava-se a Prussia entre as mãos de Napoleão, dirigida por um governo sem autoridade, e tributaria do Imperio Francez, quando Von Stein se ergueu no intuito de libertar a patria.

Em outubro de 1807, Stein concebeu a ideia de emancipar a sua terra isentando o povo de deveres onerosos. O seu pensamento traduzia-se n'estas notaveis palavras: — « Deve o paiz ganhar em intensidade de forças o que perde em extensão de terreno. A verdadeira força d'um estado não se encontra na aristocracia, mas na totalidade da nação. Para melhorar as condições d'um paiz, é necessario dar liberdade, independencia e propriedade ás classes opprimidas, e proteger a todos igualmente. Emancipemos o camponez, porque o trabalho livre é o unico que sustenta efficazmente uma nação. Concedamos-lhe a propriedade da terra que elle lavra, porque o proprietario independente é o unico valente em defender o lar e a patria. Libertemos o cidadão do monopolio e da tutela das secretarias de estado, porque á liberdade das fabricas, e da municipalidade, deveu o antigo cidadão da Allemanha a sua orgulhosa situação. Ensinemos aos proprietarios nobres que a aristocracia não póde conservar-se senão pelos desinteressados serviços que prestar á sua provincia ou ao Estado, e que a isenção de tributos e outros injustificados privilegios são a causa da sua ruina. Os empregados das secretarias, em vez de se limitarem aos conhecimentos theoricos e pedantes, e de estimarem os donativos e os lucros acima de tudo, devem estudar o povo,

viver com o povo, e adoptar medidas para as realidades palpitantes da epoca. »

Tal era a base do plano de Stein. Abolio-se a vassallagem, pagando-se uma indemnisação á nobreza. Abolio-se aos olhos da lei a distincção de classes. Estabeleceu-se um systema municipal.

O exercicio militar foi ensinado progressivamente a toda a mocidade prussiana. Entretanto chegava ao conhecimento de Napoleão a existencia « d'um Stein » [1] que se empenhava em levantar a Prussia dos revezes soffridos ; e em 1808 foi obrigado a resignar o seu posto e a refugiar-se na Austria. Os seus projectos foram, porém, activamente postos em pratica pelo seu successor, o Conde Von Hardenberg. Pouco tempo depois, deu-se a batalha de Leipzig e as forças de Napoleão tiveram de recuar para França.

Parte do programma de Stein tinha ficado por executar, e a representação nacional que elle propozera, ficára adiada; mas a vassallagem estava abolida, e estavam assentes as bases da futura prosperidade da Prussia. Stein falleceu em 1831, deixando a fama de ter sido um dos caracteres mais firmes e um dos maiores estadistas que jamais existiram na Prussia.

1. Estava Stein preparando-se para ir de Berlim para Breslau quando chegou o novo ministro Francez na Côrte da Prussia, portador do seguinte decreto :

« O chamado Stein, que se empenha em excitar desordens em Allemanha, é declarado inimigo da França e da Confederação do Rheno.

« Os bens do dito Stein, sitos em França ou no paiz da Confederação do Rheno, serão sequestrados. O citado Stein será feito prisioneiro em qualquer sitio em que as nossas tropas ou as dos nossos alliados o encontrem.

« NAPOLEÃO.

« Em 26 de Dezembro de 1808. »

Haverá tres annos, quando se inaugurou em Berlim o monumento levantado á memoria de Stein, o Dr Gneist, Professor de Direito, recordou os grandes feitos que Stein praticára em favor da Prussia. Lembrou que, para elle, a religião era a unicae, verdadeira base da vida moral; que aos prazeres sensuaes, á preguiça, e ao amor do lucro e das riquezas só póde oppôr proveitosa resistencia o patriotismo e o amor do proximo; e que as fórmas constitucionaes são relativamente indifferentes em quanto existe a liberdade. « O homem a quem devemos estas doutrinas não era homem de palavras, mas de acções — de acções procedidas d'um caracter cheio de patriotismo, de energia, de verdade e de fé. Profundamente temente a Deos, e por conseguinte sem temer-se do homem, com a mira posta sempre em fins elevados, e não duvidando para conseguil-os luctar braço a braço com as difficuldades, muitas vezes se contentava com indicar os seus principios, deixando a outros o cuidado de encontrar os meios mais efficazes para os pôr em execução. Cheio de nobre indignação contra a cobardia e a desconfiança, o egoismo, e as falsas apparencias; altivo, brusco, e imperioso quando urgia sel-o, combatia valentemente contra os prejuizos e costumes antiquados. Por uma graça especial da Providencia, esse nobre Stein, pedra e joia preciosa da nossa unidade, era um diamante bruto cujo caracter conservava todo o vigor e força indispensaveis a um reformador. Nem ha motivo para regozijar-nos com este monumento destinado a perpetuar a memoria do

illustre estadista, por isso que todas as instituições da Allemanha moderna são marcadas com o cunho do grande homem. Nem pretendemos que este edificio seja um symbolo de gloria. Toda ideia de gloria repugnava á pureza da sua alma, a tudo quanto elle fazia ou escrevia. Não, como diz a despretenciosa linguagem da inscripção que n'elle vemos gravada : isto não é um monumento destinado a glorificar, senão um tributo de reconhecimento; não fala de triumpho, senão de gratidão. »

Nós que hoje vivemos, vimos crescer e fortalecer-se uma nação sob os nossos olhos. Ha pouco mais ou menos quarenta annos, a sorte da Italia inspirava receios aos seus mais enthusiastas admiradores. Parecia de todo extincta aquella capacidade de governo que fôra a gloria das republicas italianas. Julgava-se que estavam para sempre perdidas as suas qualidades politicas d'outr'ora. Depois da queda de Napoleão, a Italia dividira-se entre pequenos absolutistas que governavam o povo com mão de ferro. Só em 1848 é que Carlos Alberto, Rei de Sardenha, avançou intrepido e assentou as bases d'um governo constitucional. N'esse anno, correu um vento revolucionario por toda a Europa. Levantavam se barricadas nas ruas de Paris, e Luiz Philippe buscava refugio em Inglaterra. Em Berlim, as tropas e o povo combatiam entre si, e a cidade era declarada em estado de sitio. Rebentou uma insurrecção na Polonia, que só foi refreada após pavorosa mortandade. A cidade de Praga revoltava-se contra a Austria.

Messina era bombardeada pelo Rei de Napoles. O Papa fugia para Gaëta, e proclamava-se em Roma uma republica. O povo de Milão levantava-se contra os Austriacos e expulsava-os. Veneza seguia-lhe o exemplo, e formava-se um governo provisorio sob a presidencia de Daniel Manin.

Carlos Alberto acudiu em favor dos Milanezes. Os Austriacos, que dispunham de grandes forças, rechaçaram-n'o, fazendo-o retirar para Turim, derrotaram-n'o em Novara, e tomaram novamente posse das provincias revoltadas. O rei abdicou em seu filho Victor Manuel. O joven monarcha, cingindo a corôa, apontára a espada para o campo dos Austriacos, dizendo: « Per Dio, l'Italia sará! » E as palavras que a esse tempo tinham apenas visos de presumpçosa arrogancia, tornaram-se realisada prophecia. O Marechal Radetzky propoz-lhe que abolisse a carta constitucional outorgada por seu pai, e adoptasse as medidas repressivas da politica da Austria. O joven rei replicou que renunciaria antes a uma corôa ou a mil, se as houvesse, do que admittiria taes condições. « A casa de Saboya, » disse, « conhece o caminho do desterro, mas ignora o caminho da deshonra. » Radetzky, fez justiça á elevação de vistas do joven soberano. « Este homem, » disse, « é homem de brios; dar-nos ha que fazer. »

O rei tinha habeis homens d'Estado por si. Cavour, nos dias angustiosos que succederam ao desastre de Novara, dissera: « Cada dia que vivemos, é tempo que ganhamos. »

Quando foi declarada a guerra da Russia, pareceu temeraria a resolução do Rei de Sardenha de enviar quinze mil homens para a Criméa. Cavour, ouvindo referir os trabalhos que passavam as tropas sardas, meio soterradas nos lamaçaes das fortificações, exclamára: « Não importa; d'esse lodo sahirá a nova Italia. » A Austria assistia indignada ao crescer das forças do rei, e significava-lhe que desarmasse, ameaçando romper immediatamente as hostilidades. Victor Manoel dirigiu uma proclamação as exercito. « A Austria, » dizia, « augmenta as tropas nas nossas fronteiras, e ameaça invadir o nosso territorio, porque aqui reina a liberdade a par da ordem, porque o Estado não é regido pela força, mas pela concordia e pelo affecto que une o povo ao seu soberano; porque os gemidos da Italia encontram echo entre nós; e atreve-se a Austria, a nós que pretendemos sómente defender-nos, exigir que desarmemos, e nos submettamos á sua clemencia. Pretenção tão injuriosa colheu a resposta que merecia. Rejeitei-a com desdem... Ás armas, soldados! »

O Imperador Napoleão foi a favor do Rei de Sardenha, seu alliado, e juntos declararam a guerra á Austria, sendo os Austriacos repellidos em Montebello, Palastro, Magenta, Melignano e Solferino. O tratato de Solferino poz fim á campanha; e a Lombardia, a Toscana, Parma, Modena, e Bolonha foram incorporadas na Italia do Norte. Garibaldi tomou então a iniciativa e invadio a Sicilia. Alcançou victoria sobre victoria, e entrou em Napoles só, n'uma

carruagem de primeira classe d'um comboio que vinha do sul : maneira até ali desconhecida de conquistar um paiz! É que o momento era opportuno, e o povo propendia todo para a unidade italiana. Veneza e Roma foram as ultimas a acceitar a convenção nacional.

A Italia converteu-se n'um grande Estado. Assim unida, tornou-se uma grande nação. É hoje uma das principaes forças européas. N'estes ultimos annos, a Italia tem feito grandes progressos e promette um futuro engrandecimento. Consideramos este facto como uma das maiores conquistas moraes do seculo dezenove. As nações não nascem n'um dia; mas eis aqui o exemplo d'uma nação preparando-se atravez longas gerações de luctas e vicissitudes para assentar os seus supremos direitos, e reclamar o privilegio supremo de ser paiz unido.

Não esqueçamos os horrores da guerra, traçando os deveres da vida do soldado e do patriota. A Europa mantém numerosos exercitos permanentes. A sciencia tem-se ultimamente dedicado á invenção e construcção de machinas destruidoras, — os canhões de aço, a Minié, o Gatling, a espingarda Martini-Henrique, o torpedo, e outros engenhos de guerra. As nações estão todas á espreita, aguardando a mais leve provocação para se lançarem em desesperado combate sob pretexto de vingança, supremacia, ou conquista.

A ultima guerra européa teve lugar no Oriente. Os Russos acommetteram os Turcos, e depois de

furiosos combates, estes foram rechaçados para dentro dos muros de Constantinopla. Vejamos um campo de batalha, terminadas as glorias da peleja — o esplendor marcial, o combate, a intensa excitação, os actos de valor, e os triumphos da victoria. Em Maio de 1879, Mr. Rose acompanhou o General Skobeleff n'uma visita a Shipka Pass [1].

« Proximo das aldeias de Shipka, » diz M. Rose, « o General Skobeleff sahiu da sua tenda, e estando reunido todo o estado-maior começámos, sob a sua direcção, uma inspecção minuciosa das suas antigas posições. Tinhamos andado alguns passos, quando chegámos a uma cruz de madeira erguida á sombra de quatros faias frondosas. O General descobriu-se immediatamente e todos lhe seguimos o exemplo, havendo um momento de silencio; depois voltando-se para mim, disse-me o general : « Aqui jaz um heróe, e no dia da batalha dei ordem expressa para que essa cruz fosse levantada sobre a sua sepultura, ficando por esta fórma assignalado o lugar do seu ultimo repouso. Era um moço de quinze para dezeseis annos, pertencente a uma boa familia russa. Durante a guerra, levado de enthusiasmo pelos aprestos militares e pela justiça da causa que a nossa Santa Russia defendia, fugio do collegio e da casa paterna e veio parar ao theatro da guerra. Em Plewna acceitei-o como voluntario, e elle combateu com valentia no formidavel assalto e na tomada da praça forte de Osman Pacha. Em Se-

1. *Visita a Sencva e Shipka*, por W. Kinmaird Rose. — *Jornal para homens*.

nova commandava uma companhia do 32°, e coube-lhe atacar o reducto central. Impellido pelo ardor que o movia e o total desprezo dos perigos, o arrojado joven, tomando rapidamente a dianteira aos seus homens, escapou a uma chuva de balas para morrer á ponta d'uma lança ao entrar pela golla do reducto. Curtos foram os seus dias, mas grandes em heroismo!

Tal fôra a heroicidade; vejamos o seu resultado. « Salvámos o regato e penetrámos no reducto do centro, sobre a pequena peninsula. Que aspecto offerecia! Ao redor da porta principal jaziam espalhados fragmentos de louças, de conchas, pedaços de uniformes, como se a batalha tivesse tido lugar poucos dias antes. Mas esse espectaculo não dispunha ainda assim a vista e o animo para a tetrica scena que dentro nos esperava. Centenares de homens haviam ali sido enterrados á pressa; porém as chuvas e neves removendo a terra solta, e os cães e os lobos ajudando esse trabalho da natureza, o chão do reducto não era mais do que uma vasta confusão de ossadas humanas. Vertebras, ossos de braços e de pernas, craneos branqueados pelo ardor do sol e o escorrer das aguas, tudo apinhado na mais estranha desordem. » Que boccas sem vida, escancaradas, e que não respiram! Como riem de nós, ellas que já foram o que nós somos! « Conheço por experiencia o horror de atravessar um campo de batalha logo depois de terminado o combate, coberto o campo ainda com uma espessa camada de singular entulho.

Cavallos e cavalleiros, amigos e inimigos, todos amontoados e calcados juntos; mas não inspira horror igual ao d'aquelle tetrico espectaculo dezeseis mezes depois de calados os tumultos e os sustos da guerra. O general Skobeleff disse-me, olhando para aquelle horrivel carneiro :

« E é isto a gloria! » « Sim », respondi, « e não ha duvida, meu general, que « mais vale a gloria de enxugar uma gotta de pranto, do que o triumpho de abrir mares de sangue. »

« Diz bem, » replicou elle ; « mas eu não sou mais do que um soldado. »

CAPITULO IX

Heroismo na pratica do bem.

« Mão feminina, porém de ferro. » — Proverbio Francez
« Chi non soffre, non vince. » — Proverbio Italiano.
« Quem labuta, vence. — Proverbio Escossez. »
« A senda do Dever vai ter á estrada da Salvação. » — O Sabio Hebrêo.
« Porque nem só para si vive, nem só para si morre o homem. » — São Paulo.

Nos tempos antigos, a virtude e o valor eram synonymos. O Valor dos antigos Romanos symbolisava o valor. Era a coragem, a força, para levar a cabo elevados conceitos. Quem melhores serviços presta aos seus patricios — quem os eleva, — quem os salva — é o mais corajoso.

Ha tambem um valor intimo, o da consciencia, da honradez, da abdicação de si proprio, do sacrificio, de obrar bem a despeito das risadas do mundo. O que especialmente o caracterisa é a magnanimidade. A resignação e a energia são a substancia do merecimento verdadeiro, do valor real.

O heroismo do campo de batalha não é o de maior valia. Alli o tinido das bayonetas e o ribombar do canhão excitam os homens a actos ousados e a dar a vida pela patria. Honra lhes seja!

A mulher, creada para supportar e soffrer, tem força de resistencia igual á do homem. Nos annaes da guerra não ha porventura facto que mais sensi-

bilise do que a historia d'aquella mulher que se veste de homem para acompanhar á guerra aquelle a quem ama, vê-o cahir morto ao seu lado, e lucta com o inimigo para não desamparar o seu cadaver. Quantos não ha, soldados da vida luctando sempre na grande lucta pela existencia; trabalhando sem cessar para conseguir um posto que nunca chegam a alcançar; prostrados sempre pela artilheria da necessidade; rechaçados, humilhados, quasi perdidos totalmente d'esperanças, mas sem desanimar!

O heróe da vida christã não tem como estimulo acções iguaes ás do heroe da vida militar. O seu campo de acção não é o do ataque e do combate, senão o do soffrimento e do sacrificio. Não brilham as placas no seu peito, nem tremulam as bandeiras em sua honra. E quando, como muitas vezes succede, cáe no cumprimento do dever, não ha corôas nem pompas funereas a expensas da nação, mas apenas umas lagrimas silenciosas que o acompanham á sepultura.

O homem não foi creado para a fama, para a gloria ou para o triumpho, mas para cousa mais elevada do que aquillo que o mundo póde dar. « Deos », diz Jeremy Tailor, « deu ao homem uns breves instantes na terra, e d'esse breve espaço faz depender a eternidade. Devemos pensar que muitos são os inimigos a debellar, muitos os males a prevenir, muitos os perigos a correr, muitas as difficuldades a vencer, muitas as necessidades a que acudir, e muito o bem a fazer. »

A abnegação e o sacrificio são a chave do christianismo. Os melhores homens e mulheres nunca foram egoistas. Sempre se dedicaram sem pretender fama ou gloria, e encontraram a sua maior recompensa na convicção de haverem cumprido conscienciosamente o seu dever. E todavia, muitos desapparecem sem terem ouvido palavras de approvação d'aquelles a quem serviram. «Faze aos outros, como queres que te façam a ti,» é um mandamento d'uma infinita applicação.

Porém não é facil — quando menos para os que vivem na abundancia ou na indifferença — pôr em pratica esta obrigação.

Deviamos persuadir-nos de que não ha cousa desnecessaria na existencia, de que não ha acção ou experiencia que deixe de ser rica em significação. A desgraça mesmo é muitas vezes o crisol em que se apura a excellencia das nossas qualidades. O maior dos poetas da Allemanha diz que « quem não comeu o pão entre lagrimas, ou desconhece as vigilias passadas em amargo pranto, ignora ainda uma força celestial. » As penas que nos affligem, são talvez sómente uma prova. Se resistirmos com firmeza á hora da tribulação, essa firmeza dará serenidade ao nosso espirito, que sempre experimenta satisfação na observancia d'um dever.

Todos os que têm vontade e actividade, encontram occasião de fazer o bem. Conseguem penetrarnos corações alheios. A paciencia e a perseverança vencem todas as difficuldades. Quantas mulheres, quan-

tos homens promptos a sacrificar a vida longe dos applausos do mundo ! Dedicam-se a visitar os pobres, a cuidar dos enfermos, a soffrer por elles, e algumas vezes colhem doenças contagiosas das quaes morrem. Muitas vidas têm sido assim dizimadas — victimas do dever e da caridade, tendo só o amor em recompensa.

O sacrificio em favor do proximo é sempre sagrado.

Epimenides, philosopho e poeta de Creta[1], foi chamado a Athenas para debellar uma epidemia. Foi, conseguiu vencer o inimigo, mas recusou-se a admittir qualquer recompensa, acceitando unicamente os beneficios que os Athenienses quizeram prestar aos habitantes de Gnossa aonde elle vivia.

Era antigamente a peste um flagello horrivel. A gente fugia espavorida. Fugiam uns dos outros. Os atacados viam-se frequentes vezes abandonados, e morriam ao desamparo. Não deixaram, porém, de apparecer homens e mulheres de nascimento illustre que se dedicaram a combater o mal. Rebentou ha tres seculos uma peste espantosa em Milão. O Cardeal Carlos Borromêo, arcebispo, achava-se então em Lodi (1576) e decidiu immediatamente partir para a cidade infestada. O clero oppunha-se, e aconselhava o arcebispo a que esperasse a diminuição da epidemia; mas elle respondeu : « Não ! Um bispo, que tem de dar a vida pelas suas ovelhas, não as póde abandonar na hora do perigo » « Sem duvida », replica-

1. A quem se crê que São Paulo alludiu na Epistola a Tito, 1, 12.

ram, « é mais perfeito ir ter com ellas ». » E não deverá o bispo dar preferencia ao mais perfeito? » replicou ainda o Cardeal, seguindo depois para Milão.

Durou a peste quatro mezes. O bispo visitava os enfermos nas suas casas, nos hospitaes, e em todas partes. Velava-os, dava-lhes remedios e alimentos, e administrava os sacramentos aos moribundos. Tão sublime exemplo foi seguido pelo clero, que o igualou em dedicação. Depois de morta a ultima victima, e convalescido o ultimo enfermo, é que o arcebispo voltou aos seus deveres episcopaes.

Outro titulo tem o Cardeal á nossa consideração. Foi um dos primeiros a instituir as aulas do domingo para educar os filhos dos pobres. » O sabbado ou o descanço foi feito para o homem, e não foi o homem feito para o descanço, ou o sabbado ». Toda boa obra póde ser feita n'esse como em qualquer outro dia. O Cardeal chamou as crianças vadias de Milão, reuniu-as na cathedral e ali as ensinou a ler e escrever. Levavam pedras e papel em que apontavam os conselhos e doutrinas do santo arcebispo a quem os seus padres coadjuvavam, tornando-se muito popular aquella instituição, que hoje passados tres seculos ainda existe. Na primavera do anno de 1879 o autor d'este livro vio as crianças reunir-se na Cathedral com cadernos e pedras sobre os quaes apontavam as observações recebidas na classe do domingo.

O Cardeal gastava todos os seus emolumentos em

construir casas de educação e em obras pias. Tambem metteu hombros á empreza de corrigir a iniquidade que reinava n'aquelle tempo, e começou por reformar o clero e especialmente as ordens monastícas. Trabalhou por emendar os abusos da ordem dos Umiltati, cuja vida licenciosa causava publico escandalo. Estes, por seu lado, tinham o Cardeal por offensor da moral publica por ensinar crianças a ler na Cathedral, e formularam contra elle a accusação de profanar o sabbado, o templo, e o sacerdocio. Alcunharam a aula do domingo, de « perigosa invenção » [1].

Os Umiltati compraram um homem para dar um tiro no Cardeal aos pés do altar. No momento em que o côro encetava o versiculo « Conservai o vosso coração em paz, e não vos deixeis tomar de pavor, » o assassino fez pontaria para o cardeal com um arcabuz. A bala feriu-o nas costas, mas resvalou na capa de seda recamada de ouro, e veio rolar sobre as lousas da capella. O Cardeal mostrou-se decidido e bravo. Todos ao redor d'elle ficaram consternados, elle só continuou tranquillo em oração.

Voltemos á peste : flagello que reapparecia sempre que a alimentação era defeituosa, ou se desat-

1. « E hoje, » escreve um author Americano « se alguem tentar imitar a classe do Domingo, no que abrange o total da vida d'uma criança, unica maneira pratica de fazer o bem como Jesus Christo nol-o provou, encontra logo quem o denuncie. Se, por exemplo, quizer atalhar o mal que resulta d'uma litteratura torpe, offerecendo livros sãos da sua livraria, ou pretender obstar á ociosidade, creando uma Commissão de Emprezas na sua escola, logo surgem os protectores do Sabbado e os defensores da Escriptura. Porque aos Pharisêos nunca aprouve que um homem se levantasse diante do Senhor.

Não se extinguirá jamais a vossa raça obstruccionista ? »

tendiam as condições sanitarias. Foi funestissima em Londres, cujas ruas eram estreitas, sem limpeza, pouco arejadas, e mal providas de agua. A ultima epidemia data de 1665; matou 100,000 pessoas, quando a população de Londres era seis vezes menor do que hoje é. Espalhou-se de Londres para os campos. Não obstante a maioria da gente fugir da molestia, deram-se muitos casos de desinteresse e dedicação. Citemos o bispo Moston de York, que se esqueceu de si proprio para dedicar-se completamente ao seu rebanho. Foi creado um hospital ou casa de peste para acommodar os mais pobres, que eram arrancados das suas casas, e alli soccorridos com esmero.

Era difficil encontrar enfermeiros; mas o bispo, verdadeiro soldado, não desamparava o seu posto. Quando havia falta de mantimentos, dirigia-se a cavallo á sua propriedade no campo, e trazia comsigo provisões. Não consentia em deixar os seus servos correr o risco a que elle se expunha; e não sómente apparelhava e desaparelhava elle proprio o cavallo, como tambem, mandou abrir uma porta trazeira, pela qual entrava e sahia sem communicar com pessoa alguma. Ficou pois o flagello circumscripto a York. Era o bispo um homem cheio de abnegação, generosidade, e benevolencia. Quando augmentaram as suas rendas, todas gastou em obras pias, em franquear hospitalidade, e em pôr-se á frente de todas as emprezas caritativas. A sua vida foi um acto continuo de piedade sincera e de caridade christã.

Sydenham e quasi todos os medicos fugiram de

Londres ; porém alguns homens dedicados ficaram, e entre estes citaremos o Dr Hodges, que se conservou fiel no seu posto, não desamparando o tratamento dos enfermos, e não colhendo do seu trabalho e da sua dedicação outra recompensa além dos louvores da propria consciencia. Mais tarde encontrou-se em más circumstancias ; foi preso por dividas na cadeia de Ludgate, e alli falleceu em 1688. É d'elle a mais completa descripção que existe da ultima epidemia de peste [1].

De Londres, conforme já dissemos, espalhou-se o flagello pelos campos. Em muitas terras distantes e isoladas, citam-se lugares em que « enterraram a peste » segundo a phrase consagrada. Citaremos um exemplo.

Um alfaiate da aldeia remota de Eyam, no Derbyshire, recebêra de Londres um caixote com fatos. Collocou-os diante d'um lume bem ateado para os desinfectar, mas durante essa occupação, foi acommettido da doença e falleceu da peste quatro dias depois. A molestia espalhou-se. Os habitantes da aldeia, que eram apenas 350, projectaram uma fuga commum; mas encontraram a resistencia heroica do seu reitor, o Reverendo Guillaume Mompesson, que lhes demonstrou que iriam alastrar a doença por lugares até alli isentos do flagello, e essa ideia

1. A mais conhecida d'estas relações foi escripta por Defoe e publicada em 1722, extrahida segundo se crê, de jornaes da epoca, e de notas publicas ou privadas ; mas de todas a melhor é ». Δοιμολογια sive Pestis nuperæ apud Populum Londinensium grassantis Narratio Historica », pelo Dr Hodges, que foi publicada em 1672 e vertida em lingua ingleza pelo Dr João Quincy, em 1720.

conteve-os. O reitor fez sahir os seus filhos, e quiz que a sua esposa, de compleição delicada, os acompanhasse; porém esta conservou-se ao lado do marido.

M. Mompesson resolveu isolar a aldeia para que a molestia não atacasse os districtos circumvisinhos; e o Conde de Devonshire forneceu os alimentos, os remedios, e tudo mais de que houve necessidade. Para evitar a agglomeração do povo na igreja, faziam-se os officios ao ar livre. Escolheu-se para pulpito um penedo; a gente alinhava-se pela encosta em frente, e assim ouvia claramente as palavras do reitor.

Continuaram durante sete mezes os destroços da peste. A assistencia tornava-se cada vez menos numerosa. O ministro e sua mulher viviam constantemente no meio dos enfermos, prestando-lhes todos os soccorros necessarios. Por fim a esposa adoeceu, e debil como era, promptamente succumbiu. Foi levada á sepultura, e o reitor rezou sobre essa campa as mesmas palavras que repetira tantas vezes sobre as dos seus parochianos. « Bemaventurados os que morrem nos braços do Senhor, porque n'Elle encontrarão o descanso dos seus trabalhos ». — O reitor estava disposto a morrer, mas vivia amparado pela esperança. Falleceram quatro quintas partes da população, e foram sepultadas n'uma collina coberta de tojos, sobranceira á aldeia.

« Posso dizer com verdade », escrevia elle n'uma carta, « que a nossa terra se tornou n'um Golgotha,

ou campo de caveiras... Na minha parochia têm sido accommettidas da peste vinte e seis familias, e d'ellas morreram duzentas noventa e cinco pessoas ». M. Mompesson chegou a uma idade avançada

Offereceram-lhe o cargo de Deão de Lincoln, que rejeitou, preferindo acabar os seus dias entre os seus parochianos e junto á sepultura da esposa estremecida. Veio a fallecer em 1708.

E, cousa estranha! eram decorridos cincoenta annos quando alguns homens cavando junto ao sitio em « que a peste fôra enterrada » encontraram restos de roupas, que provinham sem duvida das sepulturas dos fallecidos pestiferados; e immediatamente foram atacados de febre typhoide. Tres dos homens morreram, o contagio espalhou-se pela villa, e d'elle falleceram setenta pessoas. O typho é como a peste degenerada; e são muitas as cidades em Inglaterra aonde a terrivel molestia faz todos os annos milhares de victimas.

O autor d'este trabalho recorda-se d'uma epidemia de typho que teve lugar em Leeds, ha trinta annos. Houve n'um pateo vinte e oito pessoas atacadas em sete casas, tres das quaes não tinham camas. E assim succedeu em muitos outros pateos, e em muitas outras casas. N'uma d'ellas achavam-se doze pessoas com typho, e nem uma só cama havia. A Casa de Convalescença e o Hospital estavam cheios de doentes. Foi construido um barracão de madeira para servir de hospital, e um pavilhão tambem para receber epidemicos.

O Dr Hook, n'esse tempo Vigario de Leeds, e o Rev. G. Hills (depois bispo de Columbia), visitavam esses estabelecimentos todos os dias. Prestavam todos os soccorros possiveis. Os padres catholicos provaram inexcedivel dedicação. Mal rebentou a epidemia, correram a acudir aos enfermos. Entravam destemidos nas moradas mais inficcionadas, em que o ar empestado dava por si só a morte. Eram encontrados á cabeceira dos moribundos e dos mortos. Não havia perigo que os afastasse. Encaravam a morte sem temor. A molestia não os poupou; adoeceram um a um, e morreram. O Rev. Henrique Walmsley, o mais idoso dos padres catholicos, foi o primeiro que morreu. No dia seguinte falleceu o mais novo, que só estava em Leeds havia tres semanas. Subiram outros á brecha, como se se tratasse de assediar uma praça. Pediam como um favor que lhes fosse permittido lançar-se no perigo. O successor de M. Walmsley cahiu tambem fulminado; e morreram mais dous, ao todo cinco. Foi erguido um singelo monumento em honra dos homens « victimados pela febre no cumprimento dos seus deveres no anno de 1847 ».

Além d'estes, morreu da mesma molestia o cura d'uma igreja parochial. Foi tambem victimado um cavalheiro muito conhecido pelos seus esforços em favor da causa da temperança. Atacados dous dos cirurgiões da cidade, um d'elles morreu. Ao todo houve quatrocentas victimas. Os medicos e os cirurgiões estão sempre em contacto com todo o genero de molestias por contagiosas que sejam. Estes homens

affrontam a morte, sob todas as fórmas, muitas vezes sem esperança da mais leve recompensa. Vão aonde os chamam, cumprindo com o seu dever sem hesitação e algumas vezes mesmo sem uma palavra de agradecimento. Usam e abusam das proprias forças, trabalham e luctam até que o animo desfallece; e então entra com elles a febre, e leva-os. Este genero de heróes passam desapercebidos, e nunca chegam a crear fama. Os maiores heróes são aquelles de quem o mundo não chega a ter conhecimento.

Os medicos militares cumprem com o seu dever no campo de batalha como nos albergues da pobreza. Avançam debaixo do fogo, e arrancam ás balas os soldados feridos para os pensar e tratar. O cirurgião francez Larrey foi n'este sentido um heróe. Durante a retirada de Moscou viram-o fazer uma operação litteralmente debaixo das boccas de fogo inimigas. Tinha apenas um capote para proteger o enfermo, á maneira d'uma tenda, livrando-o da neve que cahia.

Outra vez, nos ardentes areaes do Egypto, o valente cirurgião deu prova d'igual valentia. Tinha havido um encontro com os Inglezes, e entre os feridos achava-se o General Silly, que recebera uma bala no joelho. Larrey comprehendendo que as consequencias podiam ser fataes, se o membro não fosse amputado sem demora, propoz a amputação. O general consentiu, e fez-se a operação em tres minutos debaixo do fogo. Mas eis que apparece a cavallaria ingleza. Que hia ser feito do cirurgião francez e do seu querido paciente? « Tive apenas tempo », relata Lar-

rey, « de pôr ás costas o official mutilado, e de carregar com elle rapidamente para junto das nossas tropas que estavam em plena retirada. Notei umas covas occultas com alcaparraes, e passei por entre essas sarças, ao passo que a cavallaria tinha de dar uma volta muito maior n'aquellos campos interceptados; e assim logrei chegar á retaguarda do nosso exercito antes do corpo de dragões. Por fim cheguei a Alexandria com este brioso official, e ahi lhe completei a cura.

Vejamos outro heróe. O doutor Salsdorf, cirurgião do Principe Christiano, teve uma perna esmigalhada por uma bala no começo da batalha de Wagram; e, estando deitado no chão, viu a quinze passos de distancia M. de Kerbourg, ajudante de campo, ferido por uma bala, e deitando pela bocca muito sangue. O cirurgião comprehendeu que o official devia ser soccorrido immediatamente para escapar a uma morte certa. Encheu-se de animo, e com grande esforço arrastou-se até junto do official, sangrou-o, e salvou-lhe a vida. De Kerbourg quiz, mas não poude abraçar o seu bemfeitor. O cirurgião foi removido para Vienna, mas em tal estado de enfraquecimento, que sobreviveu só quatro dias á amputação da perna, que teve de soffrer.

É costume destinar nas marchas dos exercitos os *fourgons* ou carros da retaguarda á accommodação dos feridos. Os homens que cáem são levados ao cirurgião que os examina e pensa. Se o exercito é repellido, os feridos e os cirurgiões têm de fugir ou

ser feitos prisioneiros. Por occasião da batalha d'Alma, os Russos fugiram perseguidos pelos Inglezes e os Francezes. Tinham ficado muitos feridos. Centenares de Russos foram transportados a leste do campo, e deitados em fileiras n'um lugar abrigado junto ao rio.

Felizmente, havia um cirurgião no quartel general cujo sentimento de honra e dever era reforçado por uma vontade firme, uma energia inquebrantavel, e um bom senso e dominio sobre si mesmo que raras vezes se vêem combinados com uma grande actividade. Era o Dr Thompson, do regimento 44°. Embora o paiz estivesse abandonado pelos Russos, conseguiu obter 400 libras de biscouto, e o numero de braços sufficientes para o auxiliar na sua empreza. Deu immediatamente de comer aos feridos que tinham passado vinte e quatro horas sem tomar alimento Depois pensou-lhes os ferimentos: trabalho que durou desde as sete horas da tarde até á meia noute.

A esse tempo, já os soldados tinham carregado com os feridos inglezes para os barcos que esperavam em Eupatoria; e o Dr Thompson teve de ficar com o seu criado João M'Grath entre os feridos russos, durante tres dias e tres noutes, debaixo d'um sol ardente, ou á luz fria das estrellas. Por fim chegou a occasião dos Russos serem embarcados, e enviados para um porto russo protegidos pela bandeira branca.

« Quando finalmente, » diz M. Kinglake, « na manhã do dia 26, o capitão do *Albion* veio a bordo e

viril, sem a graça, se por graça se entende uma vida pura e santa, e uma religião consciente.

Narremos a abnegação de dous officiaes do 70° regimento durante a ultima epidemia de cholera em Moultam. Cuidavam dos enfermos e dos moribundos aonde havia falta de mulheres. Trabalhavam dia e noute no hospital de cholericos. O cabo d'esquadra Derbyshire cahiu por fim extenuado, mas não tardou em ser substituido. Outro official inferior, o cabo d'esquadra Hopper, offereceu-se espontaneamente para servir no hospital de Topah, aonde o seu prestimo foi apreciado e utilisado pelas autoridades medicas e militares. Os cirurgiões não desamparavam nunca o seu posto, e affrontavam a morte a cada instante. Quando, a breve trecho, o commandante em chefe visitou Moultam, deu publicos agradecimentos a Derbyshire e Hopper em presença dos seus companheiros attonitos.

Citam-se iguaes exemplos debaixo d'uma chuva de bombas e obuzes. Durante o bombardeamento de Cadix pelos Francezes, em 1812, cahiam mortos homens e mulheres nas ruas, ás janellas, e dentro das suas casas. Dava signal o sino da cidade para que os habitantes se precavessem e abrigassem, quando o inimigo lançava alguma bomba. Um dia ouviu-se um toque solemne. Era o annuncio d'uma bomba e essa mesmo veio a cahir sobre o sino, fazendo-o em estilhas. O frade a quem incumbia dar o aviso, conservou-se sereno, e puxou por outro sino. Vencêra o bom frade o receio da morte.

se encontrou com os seus dous patricios no seu posto de honra, ficou cheio de admiração pela sua coragem, e movido da maior sympathia pelos seus passados soffrimentos[1]. »

D'igual modo o Dr Kay, cirurgião do hospital de Benares, durante a revolta na India se conservou fiel no seu posto, arriscando a propria vida porque o inimigo avançava com o proposito de dar cabo d'elle e dos seus enfermos. Todos conservam a memoria dos horriveis successos de Caronpore, aonde todos pereceram, incluindo o ultimo homem, a ultima mulher, e a ultima criança. Mas os Inglezes resistiram firmes ao fogo dos sediciosos Cipaios.

« É difficil, » diz M. Collier de Nova York, « encontrar quem seja mais ignorante em materia de religião do que geralmente são os soldados. A sua maneira de viver exclue a facilidade de n'ella se instruirem, e conhecem-a effectivamente muito pouco. Mas desde a grande Revolta dos Cipaios na India, sabe-se que foi proposta a muitos d'esses soldados inglezes a alternativa de abdicar a fé christã para abraçar a religião dos rebeldes, ou de soffrer as maiores torturas que inventam os pagãos quando o odio os incita a destruir os seus inimigos. Crê-se que todos preferiram morrer, pois até hoje não consta que um unico soldado renunciasse á sua crença..... Eram christãos, e nem as puas crueis poderam arrancar-lhes do coração a valentia, nem as chammas consumir-lhes a amor á sua fé..... Póde pois existir um animo

1. por Kinglake, III, 334.

Conta-se um unico acto de bravura pratictado por uma mulher durante esse sitio. Matagorda era um forte pequeno que avançava no mar, sem entrincheiramentos, nem quasi meios de resistencia. Dentro d'esse forte estacionavam 140 praças inglezas com o fim de impedirem a conclusão dos trabalhos dos Francezes. Uma caravela hespanhola e uma pequena frota armada cooperavam juntos na defeza, mas d'uma bateria até ali encoberta começaram as descargas sobre as embarcações, crivando-as de balas, e forçando-as a pôr-se em salvo no porto de Cadix. Quarenta e oito morteiros e canhões do maior calibre fizeram fogo aturado sobre o pequeno forte. O debil parapeito não tardou em ceder sob a chuva de balas e bombas, deixando a descoberto o baluarte e os peitos esforçados das praças da guarnição. Durou trinta horas este bombardeamento, e foi então que occorreu a anecdota da mulher de Matagorda.

A mulher d'um sargento chamado Retson, achava-se n'uma casamata cuidando d'um homem ferido. O enfermo tinha sêde e pedia de beber. A mulher chamou um tambor e disse-lhe que fosse por um balde d'agua ao poço. O rapaz hesitou, por saber que o poço era o alvo da fuzilaria inimiga. Ella arrebatou o balde das mãos do rapaz e correu com elle ao poço, affrontando o perigo das balas; encheu o balde, e apezar d'uma bala lhe cortar a corda nas mãos, tornando a pegar-lhe e voltou com a agua para o seu doente, cumprindo heroicamente a sua perigosa missão.

A chuva de balas cahia densa sobre o forte.

Seis vezes n'uma hora foi abatido o mastro em que fluctuava a bandeira hespanhola. Por fim, Sir Thomas Graham (depois Lord Lynedoch), considerando a defeza impraticavel, mandou umas lanchas para pôr a salvo os sobreviventes. Uma noute, deu-se n'um baluarte uma explosão ordenada pelo major Lefevre, que tambem alli pereceu : ultimo sangue que tingia aquellas ruinas assim desamparadas. Os homens saltaram para os botes e dirigiram-se para Cadix acompanhados pela intrepida heroina de Matagorda.

Quem póde crêr que haja mulheres para tratar dos soldados em tempo de guerra? Não faltam porém mulheres valentes que se dedicam briosamente a esse mister. Usava-se primeiro recrutar enfermeiras na classe das serviçães ordinarias. Miss Nightingale, que creou um nome honroso na historia pela sua dedicação aos feridos e enfermos, foi a primeira que tornou conhecida a necessidade de aprender a arte de cuidar dos doentes — arte que requer intelligencia, presteza e vocação, a par de caridade, dedicação, e amor. « Tem-se dito e escripto duzias de vezes, » diz Miss Nightingale, « que toda mulher faz uma boa enfermeira. Eu creio, pelo contrario, que os elementos da arte de cuidar dos enfermos são bem pouco conhecidos. »

Mas como chegou ella a consagrar-se a tratar dos doentes? Simplesmente levada por um sentimento de amor e de dever. Não necessitava ter-se dedicado a tão espinhosa tarefa. Era uma senhora de primo-

rosa educação e abundantes meios de fortuna, feliz na sua familia, querida de todos e cercada de admiradores. Nada lhe faltava do que póde tornar apreciavel a vida domestica e social. Porém, desprezando todos esses bens, preferiu a vereda do soffrimento. Professava sempre um entranhado affecto pelo seu proximo. Ensinava nas escolas, visitava os pobres e quando enfermos sustentava-os, e tratava d'elles. Era n'um canto de Inglaterra que vivia e trabalhava — Embley, no Hampshire; mas póde fazer-se tanto bem em segredo como á clara luz do dia.

Para ella o mundo era todo sorrisos. Miss Nightingale podia ter vivido uma vida igual á das outras senhoras da mesma capital[1]. Mas o seu coração pendia para outro lado, para os infelizes, os abandonados e desprezados. Visitava os hospitaes, as prisões e as casas de correcção. Ao passo que todos sahiam a veranear pela Suissa, pela Escocia ou á beira-mar, ella ficava n'uma escola de pratica allemã ou n'um hospital allemão. Começou pelo principio. Aprendeu a lavar, a esfregar, a limpar o pó;

1. O Bispo de Manchester prégando em Oswestry, leu uma carta d'uma joven que lhe descrevia a maneira por que empregava os seus dias, perguntando-lhe se lhe ficava tempo para alguma obra Christã: « Almoçamos ás dez horas. Leva-nos o almoço perto d'uma hora, durante a qual lemos as nossas cartas e algumas noticias nos jornaes. Depois temos de fazer a nossa correspondencia e minha mãe faz-me escrever as suas cartas de convite ou responder ás que ella recebe. Acabada esta tarefa, dirijo-me á estufa, dou de comer aos canarios e papagaios, e trato das plantas cortando-lhe as folhas e flôres seccas. A esse tempo, é ja hora de me vestir para o segundo almoço, e ás duas sentamo-nos á mesa. Ás tres horas, minha mãe leva-me comsigo a visitas. Voltamos para casa a tomar chá ás cinco, acompanhadas por alguns amigos. Depois vamos de carruagem ao Parque, voltamos para jantar, e levantamo-nos da mesa para ir ao theatro ou á opera, e quando recolhemos á casa sinto-me tão atrozmente estafada que já não sei o que faça. »

e pouco a pouco a tratar dos doentes. Tres mezes passou cuidando os enfermos de dia e velando-os de noute, alcançando por essa fórma consideravel experiencia dos trabalhos e deveres que incumbem a uma enfermeira de hospital.

Miss Nightingale, tendo voltado para Inglaterra, ahi continuou a sua tarefa. O hospital para as Aias Enfermas estava para fechar por falta de boa direcção, e ella tomou-o sob a sua protecção. Despediu-se das affecções da familia e da fresca aragem do campo para se encerrar no sombrio hospital de Harley Street, aonde todo o seu tempo e todos os seus recursos eram postos ao serviço das suas irmãs enfermas. A instituição salvou-se, mas a sua saúde começou a desfallecer sob aquella pesada carga, e teve de retirar-se para o Hampshire acudindo ás suas brizas vivificadoras.

Ao longe ouviu-se um grito pedindo soccorro. Era a guerra da Criméa com todos os seus horrores. Havia uma grande falta de enfermeiras experientes. Os feridos jaziam quasi desamparados nos hospitaes das margens do Bosphoro. Miss Nightingale, cedendo aos nobres impulsos do seu coração, acudiu em seu auxilio embarcando para Scutari e affrontando muitos perigos — o da vida, das fadigas, dos trabalhos de todo genero. Mas acaso o animo esforçado considera o perigo quando se lança no cumprimento do dever?

Miss Nightingale não hesitou perante obstaculo algum. Tratava e pensava os soldados e ma-

rinheiros, organisou as enfermarias, e tomou a direcção de tudo.

Os feridos experimentaram um grande allivio com a dedicada sollicitude da senhora ingleza. Os soldados bendiziam-a quando viam a sua sombra acompanhando-os nas silenciosas horas da noute. O seu nome não o sabiam elles, chamavam-lhe a «Senhora da Candeia».

« Dorme! Quem véla o seu placido somno?... Os inimigos foram-se, e amigos aqui não os tem... Será algum anjo que vem espalhar os seus dons?... Não! » É uma fórma terrestre com expressão divina! »

Os soldados adoravam-a. Reprimiam em sua presença toda expressão rude que lhe pudesse desagradar. Se urgia qualquer operação, soffriam-lhe as dôres sem fraqueza. Faziam quanto podiam por seguir-lhe os conselhos e tomar-lhe o exemplo. Ella, pelo seu lado, dedicava particular affecto aos soldados rasos. Não sómente lhes procurava todo o possivel conforto, mas correspondia com os seus amigos de Inglaterra, de Irlanda e das remotas distancias da Escocia. Guardava-lhes o dinheiro. Empregava cada semana uma tarde em receber as suas economias e envial-as ás familias. Qual não era a gratidão dos soldados! Mas tambem quantas attenções lhes não deviam! « O valor despretencioso, » escreveu ella, « a aturada paciencia, o bom senso, a força para supportar em — silencio, — qual outro soldado manifesta mais essas qualidades na guerra do que o inglez? Diga-se quanto se queira, mas ha mais

virtude christã no homem que dá por outrem o seu tempo, as suas forças, — pela rainha, pela patria ou pela bandeira nacional — do que no ascetismo, no jejuns, nas humilhações e nas confissões; e este espirito de total abnegação, sem dar-lhe o valor d'um sacrificio, em parte nenhuma se encontra como em Inglaterra. » Assim, pois, temos muito que aprender, até mesmo da vida e do exemplo do ultimo dos soldados!

Miss Stanley acompanhou Miss Nightingale á Criméa e foi-lhe confiado um reforço de cincoenta senhoras enfermeiras. Levou-as para Constantinopla e deteve-se na Turquia quatro mezes servindo no hospital naval de Therapia, e depois estabelecendo-se no hospital militar de Koulalee. Quando viu os feridos trazidos de Inkermann, escreveu para Inglaterra a um amigo: « Não sei qual dos dous espectaculos corta mais o coração: se ver homens bellos e robustos exhaustos de forças perecerem de fadiga, ou chegarem outros horrorosamente mutilados. Passámos hontem o dia inteiro a coser colchões, a lavar, a ajudar o cirurgião a pensar os ferimentos, e a procurar todo o conforto que as circumstancias permittem a esses infelizes, que traziam cinco dias de viagem sem que se cuidasse das suas feridas. Nos onze compartimentos confiados aos meus cuidados, vi de noute morrer onze homens de inanição, o que humanamente fallando podia ser evitado, se eu tivesse podido dispôr dos cordiaes de que elles careciam.

Quando Miss Stanley voltou para Inglaterra, con-

sagrou-se a consolar as esposas e viuvas dos soldados. Comprou uma casa e um jardim em York Street, em Westminster, aonde estabeleceu um grande lavadoiro. Conseguiu fazer um contracto com o Governo para tratar da roupa do exercito, o que assegurava uma grande quantidade de trabalho ás mulheres desamparadas. Miss Stanley dedicou-se com grande actividade a alliviar a miseria das mulheres pobres de Londres. Era ella só, quando se carecia de dez mil corações animados de iguaes sentimentos, mas a mulher generosa não recua diante de trabalho algum. Miss Stanley, verdadeira imagem do sacrificio, empregava o dia inteiro em servir o proximo. Não lhe importava a approvação ou a desapprovação do mundo. Ás pessoas que mostravam desejo de imitar o seu exemplo, respondia : « Não esqueçam o Dr. Arnoldo. Eu repito duas vezes ao dia a ultima passagem do seu jornal : « Deixai-me cumprir a vontade de Deos, porém sem ambicionar que essa santa vontade por mim se cumpra, se o Senhor destina outros a cumpril-a. »

Do bom exemplo sempre resultam bons fructos. Appareceram mais senhoras dispostas a seguir o mesmo caminho. Entre ellas mencionaremos Miss Florence Lees, que tratou dos feridos no campo de batalha e ensinou ás suas companheiras a arte de cuidar scientificamente dos doentes. É cousa extranha, como brota no coração o primeiro impulso que arrasta para o bem. Foi a perda d'um irmão muito querido, que morrera na China, que a incitou a esse grande sacrificio. Elle expirára no hospital naval

de Shanghai; e foi o pensamento constante d'essa morte, entre braços estranhos, que lhe incutiu o vivo desejo de fazer pelos outros o que outros haviam feito por elle.

Succedeu isto quando Miss Lees era ainda muito joven. Consultado o fallecido bispo de Winchester, respondeu que tinha pouca idade para encetar tão espinhosa missão. « Esperai que se vos tenha embotado essa dôr, e que o vosso espirito esteja com o decorrer dos annos mais amadurecido. » Mas nem a resolução nem a confiança faltaram ao seu espirito decidido. Miss Nightingale era a sua heroina. Consultou-a, e d'ella recebeu os melhores conselhos e a maior protecção para principiar a sua carreira. Entrou depois no hospital de King's College aonde adquiriu valiosa experiencia, que completou mais tarde passando alguns annos na Hollanda, na Dinamarça, na Allemanha e em França.

Em Kaiserwortels, na Allemanha, seguiu todo o tirocinio das conegas enfermeiras, alcançando um diploma de capacidade. Devido á amabilidade de Mr. Husson, Director Geral dos Hospitaes civis de França, obteve licença para praticar nos primeiros hospitaes de Paris sob a direcção das Irmãs Catholicas Romanas, servindo como « Sœur Postulante » (Irmã Noviça) com as Agostinhas, as Senhoras de S. Thomas de Villanova, e as Irmãs da caridade de S. Vicente de Paula. Foi com grande satisfacção das Irmãs e muito contentamento proprio que Miss Lees trabalhou com ellas na maior harmonia, não obstante

a differença de religião e de pensar. A bondade das Irmãs para com ella pessoalmente excede toda expressão. Tratavam-a mais como uma irmã e uma amiga do que como uma pessoa separada d'ellas pela fé, pela nacionalidade e pela sua vida secular. Além dos conhecimentos praticos que Miss Lees adquirio, aprendeu com as Irmãs a viver serena e alegre no meio das difficuldades, a confiar na constante vigilancia da Providencia, mesmo quando todas as cousas parecem irremediavelmente perdidas, a abnegar totalmente de si propria e a abandonar-se completamente nas mãos d'Aquelle a quem pertenciam e serviam.

Ahi tambem aprendeu quanto a virtude d'uma alegria igual e serena é util para quem cuida e trata dos enfermos.

Mas, a sua mais valiosa experiencia, alcançou-a Miss Lees pela bondade do general Lebœuf então ministro da Guerra. Graças a essa influencia, foi-lhe permittida a entrada nos hospitaes militares francezes, tomando tambem grande interesse pelo seu adiantamento o fallecido Michel Levy, Director geral dos ditos hospitaes, que fôra, segundo elle dizia, « Camarada » de Miss Nightingale na Criméa, em memoria da qual obrigou Miss Lees a seguir uma disciplina tão severa e um tirocinio tão rigoroso, que mais não teria sido possivel a qualquer irmã da caridade ou a toda outra senhora ingleza. Foram porém de tão grande utilidade os conhecimentos que resultaram da sua pratica no Val-de-Grace, por favor especial

de Mr. Michel Levy, que durante o decurso inteiro da sua vida nunca mais os esqueceu.

Terminado este noviciado, voltou para Inglaterra e pouco depois foi declarada a guerra entre a Allemanha e a França. Os jornaes vinham cheios dos horrorosos pormenores das primeiras sangrentas batalhas. O exercito victorioso avançava sempre, abandonando milheiros de feridos ao ar livre, destituidos de todo amparo e soccorro. Moveu-se de compaixão e sympathia o coração da enfermeira, que partio immediatamente para o continente acompanhada de tres senhoras Allemãs, que foram enviadas em differentes direcções. Miss Lees atravessou a Belgica de caminho para Colonia, aonde viu os soldados feridos em fileiras no caes da estação. D'ahi seguiu para Coblentz e Treves, e finalmente para Metz, termo da sua jornada. O dia era aspero e desabrido quando ella sahiu do comboio. N'aquella extraordinaria confusão perdêra a sua bagagem, mas ella lá chegára disposta a tudo.

O marechal Bazaine refugiára-se em Metz com um numeroso corpo de tropas, e o principe Frederico cercava a cidade com um exercito de Allemães e Bavaros; Miss Lees foi enviada para um hospital em Marangue na retaguarda das tropas invasoras. Era um velho casal. Os celleiros serviam de enfermaria, não havia conforto de nenhuma especie, as accommodações eram deploraveis. A enfermeira dormia sobre um sacco de palha. Eram escassos os remedios e mais escassos os alimentos. A molestia principal era o

typho causado pelos vapores humidos que subiam das trincheiras. O lazareto, ou hospital, continha vinte e duas camas sempre cheias.

A enfermeira no hospital de campo tem uma ardua tarefa diante de si. Quando os homens entravam atacados de febres, tinha de proceder-se primeiro á limpeza. Se vinham das trincheiras, traziam os pés tão cheios de lama que era necessario raspal-a, antes de os banhar. Depois de lavados eram mettidos nas camas dando-se-lhe então os remedios. Havia tambem que lavar as suas boccas denegridas, attender á constante limpeza, molhar as frontes de noute para evitar o delirio, banhar as faces e as mãos, mudar as camas para evitar feridas, — e tudo isto em lamentaveis circumstancias.

Os doentes eram algumas vezes tomados de delirio furioso. Miss Lees contou ella mesma a historia do que passou no hospital das febres diante de Metz[1]. Uma noute, achava-se só: ouviu ruido no compartimento superior, levantou-se e encontrou-se com um soldado que na, força do delirio, pretendia arrombar a porta. O pobre diabo queria voltar para casa, ver a sua «liebe Mutter» (amada mãe). Miss Lees chamou outro doente em seu auxilio, e conseguiu accommodar o delirante promettendo-lhe que no dia seguinte tornaria para a sua casa. No pavimento inferior outro soldado tambem em delirio procurava uma faca debaixo da almofada do seu companheiro. A valente enfermeira apanhou a faca e occultou-a em lugar

1. Boas Palavras 1873.

seguro. Mas quando o cirurgião fez a sua visita, instou para que não mais a deixassem de noute só no hospital.

Alli se demorou por muitas semanas. A maior parte dos doentes falleceram, alguns lograram curar-se e ir convalescer para as suas casas; e outros poucos voltaram aos seus corpos. Por fim rendeu-se Bazaine; os seus prisioneiros foram mandados para Allemanha, e o principe Vermelho marchou sobre Paris com as suas tropas. Miss Lees concluira a sua tarefa de Metz, mas não a empreitada que se impozera; Dirigiu-se para Hamburgo fazendo parte da jornada n'uma locomotiva, e chegada ao seu destino tomou a direcção d'um hospital de sangue do qual a Princeza herdeira da Prussia tinha a superintendencia. Ahi a primeira difficuldade com que teve de luctar, foi para alcançar a necessaria ventilação.

Os medicos allemães odeiam as correntes de ar; se a enfermeira abria uma janella, mal ella voltava as costas, os medicos mandavam-a fechar. Ella então acudiu á Princeza herdeira e por fim conseguiu ventilar as enfermarias como desejava. Julgamos desnecessario prolongar a historia de Miss Lees. Depois de regressar da Allemanha, preparou-se para uma viagem ao Canadá e aos Estados Unidos com o proposito de inspeccionar os hospitaes. Poz este plano em execução no inverno de 1873, e viu tudo quanto podia ser visto em Halifax, Quebec, Montreal, Torunto, Cleveland, Nova York, Boston, Philadelphia, Washington, e Anapolis. N'estes ultimos annos, Miss Lees assumiu

o encargo de Directora da Associação das Enfermeiras de Westminster e continúa na sua lida sublime.

Ha outras mulheres jovens e idosas que se tem consagrado igualmente ao seguinte ministerio. Entram nos pateos e beccos das nossas villas e cidades e dão aos enfermos, que alli pereceriam á mingua, todo genero de cuidados. Nem as suas maõs se reputam manchadas, nem os seus brios se julgam maculados com os baixos e repugnantes serviços que prestam ao seu semelhante. Que diremos da caridade de Mrs. Walker para com as pobres raparigas de Poplar, de Miss Octavia Hill nos pateos da parte occidental da cidade, de Mrs Vickars para com as mulheres condemnadas em Brighton, de Miss Robinson em Portsmouth com os soldados? É porém forçoso confessarmos que estas benemeritas mulheres são uma excepção, que o mundo abunda ainda em infelizes, culpados, pobres, e abandonados, faltos de toda assistencia.

Existe na vida ordinaria uma grande quantidade de heroismo que passa ignorado para sempre, mais ainda talvez entre os pobres do que entre os ricos. Os primeiros têm maior commiseração entre si. Disse um mendigo que recebera sempre mais moedas de cobre das raparigas da rua do que de todas as mais pessoas. Infunde respeito a virtude, embora coberta de andrajos.

« Entre os homens faltam heróes e heroismo », diz Mr Binney; « na obscura existencia d'uma capital existe vasto campo para heroicidades, e muitos heroes têm vivido para sempre desapercebidos.

Nem sempre tem sido dadas á publicidade as mais nobres biographias. Tem havido entes heroicos, sublimes, cumprindo á custa de valentes esforços o trabalho de cada dia, soffrendo, sacrificando-se, e conservando-se integros e probos; servindo a Deos, auxiliando os seus amigos, e conseguindo elles mesmos fazer caminho; desenvolvendo em todas estas luctas, intelligencia, valor, bondade e outras qualidades dignas de louvor n'um bispo, n'um general ou n'um magistrado. »

Perdêmos ha pouco Maria Carpenter, perfeita irmã da caridade. No decurso da sua trabalhosa vida, dedicou-se á rehabilitação dos pobres abandonados. Fundou e dirigiu em Bristol uma instituição de reforma, cujo exito foi uma revelação. Forte da pureza da sua intenção, entrava nos pateos e nos beccos aonde a policia ousava apenas penetrar. Todas as negras e occultas miserias lhe eram patenteadas. Nada a intimidava, nada a enojava. Conseguiu levar as crianças d'esses bairros para as suas escolas de andrajosos. Dedicou-se a essa santa tarefa com intrepidez igual á do proprio João Howard. A sua penna não descansava, trazendo sempre o mesmo assumpto diante do publico. Por fim alcançou um grande triumpho, porque o Governo adoptou os seus projectos e creou escolas de correcção e de industria que têm feito um bem extraordinario ás classes desvalidas. Existem no nosso exercito, na nossa marinha e em todas as nossas industrias, milhares de homens que bemdizem com razão o nome de Maria Carpenter. Os

annos não lhe tolheram os passos. Contava sessenta annos quando embarcou para a India aonde lançou a semente do seu systema de educação. Quatro vezes foi á India, a ultima em 1876, quando ia chegando aos setenta annos d'idade. Teve vida sufficiente para ver o fructo dos seus trabalhos prosperar por todos lados n'uma geração de homens e mulheres, que a ella deviam o terem-se livrado do vício e do crime. Que póde dizer-se de taes mulheres e das suas imitadoras, senão que são a honra e a esperança da humanidade?

A fallecida Miss Chisholm adoptára outro campo de batalha. Dedicára-se a favorecer a emigração das mulheres e a protegel-as em quanto não obtinham boa collocação. Quando uma d'ellas ia embarcar em Southampton acompanhada por grande numero de emigrantes, foi com seu marido convidada para um banquete em que ella referiu a maneira pela qual se sentira inspirada a seguir aquella vocação. « Que a vida », disse ella, « é uma tarefa, a qual, sendo bem cumprida, nos conduz á invisivel ventura celeste, aprendi eu nos joelhos de Legh Richmond quando era menina. E lembro-me ainda que, na minha infancia me entretinha a brincar com botes de casca de noz, conduzindo separadamente por mar os membros de cada familia a reunirem-se em terra estranha Lembro-me que uma vez colloquei na mesma casca um missionario Wesleyano e um padre catholico romano. Estas minhas ideias eram sem duvida o fructo do habito que tinha minha mãe de deixar-me ficar na sala quando

recebia amigos, alguns dos quaes eram viajantes e homens intelligentes que fallavam das missões, sendo a esse tempo os missionarios assumpto de muitas conversações. Trazia a minha imaginação preoccupada com estas cogitações á medida que ia crescendo em idade. Tive tambem a vantagem de ter por mãe uma mulher, a quem devo toda a energia do meu caracter, a qual constantemente me recommendava que não vertesse uma lagrima, nem por cobardia recuasse diante de nenhum proposito »

Affeiçoára-se na sua juventude a um official do exercito Indio. Mas, antes de prometter casamento, disse-lhe que sentia ter recebido do céo a missão de consagrar todas as suas forças ao allivio dos que soffrem, embora tivesse de afastar-se para terras distantes. Elle quiz-lhe mais por tão singela confissão. Prometteu dar-lhe plena liberdade; e não tardou o formoso par em unir-se pelos vinculos do matrimonio. O marido não só cumpriu fielmente a empenhada palavra, mas tambem ajudou sua mulher na execução dos seus planos. Veio a ser necessario tratar dos interesses dos emigrados que tinham partido em 1850; e o Capitão Chisholm fez-se de vela para a Australia á sua propria custa. Antes d'essa partida os dous esposos repartiram em duas partes iguaes a sua modica fortuna.

Mrs. Chisholm foi depois para a India e fundou uma Instituição para as filhas dos soldados europeus, que intitulou Escola da Industria Feminina,

a qual ainda hoje existe. Em 1838, ella e seu marido visitavam a Australia para mudança de ares.

Alli, « diz ella, » encontrei centos de mulheres solteiras sem protecção, sem emprego, que desembarcavam constantemente; do que resultava lançarem-se quasi todas na devassidão. Impuz-me a tarefa de collocar estas pobres creaturas, e arranjar-lhes casas decentes para servirem. Não encontrei apoio por parte de ninguem; mas fui perseverando e consegui o que me propunha. Finalmente, o Governador permittiu-me que dormisse n'um pequeno quarto com as mulheres nas barracas dos emigrados aonde havia abundancia de ratos, como pude observar na primeira noute; mas envenenei os ratos, e naõ desamparei o meu posto. Pude então exercer alguma influencia sobre aquellas desgraçadas. Abri um collegio em Bush para lhes arranjar trabalho e logrei collocar alguns centos de raparigas em boas casas. Adquiri então a convicção de que era necessario levar um grande numero d'estas desprotegidas para o Bush, procurando-lhes d'alli collocação, e de que eu tinha de acompanhal-as pessoalmente. Assim fiz por muitos annos. Compunham-se os grupos de cem a cento e cincoenta mulheres cada um. Prosegui n'esta lida por muito tempo na Australia. Adiantei grandes quantias para a passagem das emigrantes, que me reembolsaram com tanta exactidão que não perdi durante todo esse longo periodo mais de 20 libras.

E foi Deos servido por minha intervenção col-

locar mais de mil pessoas que antes de partir deixei estabelecidas, — sendo a maior parte raparigas novas que assim conseguiram escapar a uma vida infamante. Jamais esquecerei o carinhoso acolhimento d'este dia nem os brindes aqui feitos ao meu marido e aos meus filhos a quem inculco a maxima — de confiarem em si proprios, de trabalharem por si proprios, e em attenção á memoria de sua mãe, sem nunca esperar protecção ou salario do Governo. »

Ha quem não tenha por heroicos os citados exemplos. Podemos apontar outros mais notaveis de homens e mulheres dedicando-se ao salvamento dos naufragos. Chega-nos uma historia da Australia Occidental referindo os feitos valorosos d'uma senhora joven — Gracia Vernon Bussell. O vapor *Georgette* encalhára na costa de Perth. Foi arriada uma lancha com as mulheres e as crianças, mas a força da resaca virou-a, envolvendo-a nas suas ondas. As pobres infelizes luctavam desesperadamente dentro da agua, agarradas com frenesi á quilha da lancha, em risco imminente de vida, quando de subito no alto d'um penedo escarpado appareceu uma joven a cavallo.

O seu primeiro impulso foi de tentar o salvamento d'estes pobres naufragos. Metteu-se a galope pelo penedo abaixo — nem se sabe como, — entrou com o cavallo pelo mar dentro, e além da segunda fileira de cachopos conseguiu alcançar o bote e trazer para terra as criancas e as mulheres. Ficava m

homem; a donzella tornou ao mar e salvou-o. Era tão valente a resaca, que foram gastas quatro horas em salvar cincoenta pessoas. Alagada, coberta de escuma e quasi exhausta pelo cansaço, a joven galopou para casa, a doze milhas de distancia, para enviar soccorros aos naufragos que deixára na praia. Continuou sua irmã a obra começada, e a travez dos mattos levou-lhes abundancia de chá, leite, assucar e farinha. No dia seguinte, trouxe os naufragos para a sua casa e d'elles cuidou até estarem completamente restabelecidos e capazes de seguirem o seu rumo.

É triste termos de accrescentar que Mrs. Brookmal, irmã da principal heroina, adoeceu de resfriado colhido n'essa afanosa lida, vindo a fallecer d'uma febre cerebral.

Não menos briosa foi a conducta d'uma joven mulher das Shetlands que se metteu ao mar para salvar uns pescadores, á falta de quem quizesse arrostar com tamanho perigo. Rebentára um violento temporal na remota ilha de Unst, quando as lanchas de pesca — principal industria dos habitantes — andavam por fóra. Os botes, um a um, vieram recolhendo-se ao porto, mas o ultimo estava a grande distancia da terra, e via-se os desesperados esforços com que se debatia contra a arrogancia da tormenta. Virou por fim, e os homens luctavam com as ondas raivosas. N'esta conjunctura, Helena Petri, debil adolescente, adiantou-se insistindo por um derradeiro esforço para salvar aquelles desgraçados.

Responderam-lhe todos que seria uma morte certa para quem se arrojasse a tal empreza.

Porém Helena Petri não lhe importava arriscar-se á morte, e decidida saltou para dentro d'um barco. Seguiu-a sua cunhada, e o pai, aleijado d'uma mão, poz-se ao leme. Dois dos pescadores já tinham desapparecido, mas ficavam ainda dous agarrados á quilha da lancha. As mulheres para elles se dirigiram, e quando iam chegando, uma onda mais rija colhêra um dos homens, que teria irremediavelmente perecido, se Helena agarrando-o pelos cabellos o não arrastasse para o barco. Tambem se conseguiu salvar o outro pescador e todos lograram voltar para terra. Helena Petri teve depois de ganhar o seu pão como criada de servir, até que ultimamente a noticia da sua morte veiu recordar este facto valoroso a quem conhecia a historia da sua vida [1]. Devem sem duvida abundar as heroinas n'um paiz em que poude dar-se tamanha ingratidão!

E Gracia Darling! Quem a póde esquecer — a mulher heroica do pharol de Longstone? Existem junto á costa nordeste de Northumberland as ilhas escalvadas de Ferugrupo, de alcantiladas rochas de basalto, todas negras e núas, cercadas d'um mar tormentoso que lhes ruge aos pés e de todo inaccesiveis por longos dias, e ás vezes semanas, quando aperta o temporal. Por habitantes têm apenas as gaivotas e os guinchos que piam nas rochas. Mas na ponta extrema do Cabo de Longstone construira-se

1. *Standard*, 28 junho, 1879.

um pharol para afastar os barcos que fazem viagem entre a Inglaterra e a Escocia. Dous velhos — marido e mulher — com uma joven, sua filha, estavam de guarda ao pharol n'uma noute borrascosa de setembro de 1838.

O vapor Forfarshire seguia viagem de Hull para Dundee. O barco estava em más condições, e as caldeiras eram tão defeituosas que foi necessario apagal-as depois de sahir de Hull. Apenas tinha navegado até St. Abb's Head, quando a rija procella acommettendo-o pela prôa o fez recuar. Toda a noute andou á mercê das ondas, e ao amanhecer foi arrojado com violencia contra os penedos de Hawkers. O barco partiu-se em dous pelo costado. Nove dos tripulantes saltaram para uma lancha, aproveitando o unico ensejo que se lhes offerecia, conseguindo serem salvos no mar alto e levados para Shields. Dos mais tripulantes e passageiros a maior parte pereceu afogada. Nove pessoas, que se achavam na parte dianteira do vapor encalhada nos rochedos, gritavam desesperadamente por soccorro.

A meia milha de distancia, na casa do pharol, Gracia Darling ouviu-as. Era o ultimo quarto antes de apagar-se a luz, e Gracia estava de vigia. Não obstante a densa nevoa e os roncos do mar, poude distinguir os naufragos agarrados ao cabrestante. Gracia instou com seu pai para que lançasse ao mar a canôa e tentasse salvar aquelles desgraçados. Guilherme Darling declarou que era expôr-se a uma morte certa, mas consentiu em metter o bote á agua, e Gracia foi a

primeira a saltar para dentro. O velho seguiu-a. Considerar o perigo? porque? As probabilidades de salvar os outros e mesmo de salvar-se a si proprios erão escassissimas; mas Deos fortalecera o braço da mulher como fallára ao seu coração; e lá foram ambos tomados de pavor.

Com grandes esforços e cuidados conseguiu o pai desembarcar na rocha e approximar-se dos naufragos, em quanto Gracia remava d'um para outro lado entre os cachopos procurando evitar que a canôa se fizesse em pedaços. Um a um foram os nove naufragos collocados no bote e levados para o pharol aonde a mãe os esperava para cuidar d'elles, dar-lhes alimento e restituir-lhes a saude e a vida. Alli estiveram todos tres dias. Abonançou por fim a tempestade, e foram conduzidos para a terra firme.

Acto tão corajoso despertou o interesse do publico. Foram enviados muitos donativos a Gracia Darling. Acudiam artistas de longe para lhe retratar as feições. Wordsworth escolheu-a para heroina d'um seu poema. Foram-lhe offerecidas 20 libras por noute para figurar no theatro Adelphi dentro d'uma canôa durante um temporal. Mas ella não quiz deixar o seu ilhéo. E porque havia de separar-se do seu pharol? Que lugar mais apropriado para esta rainha dos mares? Os que a visitavam encareciam a sua singeleza, mansidão, e bondade.

Tres annos depois começaram a apparecer symptomas de phtisica. Finou-se Gracia poucos mezes depois em doce calma. Pouco antes da sua morte, re-

refe M. Phillips, recebeu a visita d'uma pessoa do seu sexo que viera em humildes trajos desejar-lhe uma boa jornada. Era a Duqueza de Northumberland, que collocou mais uma joia na sua corôa ducal com esta demonstração de delicada e affectuosa sympathia. Tem Joanna d'Arc o seu monumento, mas Gracia de Northumbria, não. O brioso feito lá está inscripto :

« Nos registos celestes,... servindo de thema aos anjos que celebram... as excelsas virtudes... que a terra ingrata presenceou... e esqueceu. »

Na costa de Northumberland, em frente mesmo das ilhas Feru, vê-se o Castello de Bamborough sobre uma alta rocha triangular, inexpugnavel defesa contra as invasões dos Scotts em tempos antigos, e fortaleza importante durante as guerras civis da Inglaterra. Nos ultimos annos tem sido utilisada como refugio de naufragos, devido especialmente á intervenção de Lord Crewe, bispo de Durham, e do Arcediago Sharpe.

O nobre destino dado por Lord Crewe a este castello tem sido de maior proveito para o paiz do que toda qualquer outra obra de beneficencia. Repetem-se alli os naufragios com frequencia e todos os possiveis soccorros são ministrados aos naufragos no castello, aonde existem accommodações para trinta pessoas. Nas noutes tormentosas, estas oito milhas da costa estão constantemente vigiadas, e se apparece um barco em perigo, é logo o salva-vidas mettido ao mar. Se o nevoeiro é espesso, tangem os

sinos para afastar as embarcações, e quando de terra se observa um barco em perigo, dá-se signal com um tiro de peça, ou com dous tiros se a embarcação encalhou nos rochedos. Ao mesmo tempo é içada uma grande bandeira para dar a entender que em terra já se observou o desastre. Existem outros signaes com que se dá aviso aos pescadores das Ilhas Santas, que pódem algumas vezes metter-se ao mar quando seria impossivel ás lanchas da costa abrir caminho entre os cachopos. D'este Castello Samaritano pendurado no tope da rocha, fornece-se toda a possivel assistencia aos que luctam no mar ou em terra.

« Tal um poderoso anjo custodio », diz Guilherme Howitt », se ergue altivo este nobre Castello, espirito vigilante que protege estes mares borrascosos ; caridade divina que alli permanece, exemplo glorioso do bem que um homen póde fazer seculos depois de morto. Quando em distancia vemos os torreões d'este santo edificio, magestoso no aspecto e augusto pelo seu ministerio, dispensando beneficios diariamente tanto na terra como no mar, deixae que abençoemos a memoria de Lord Crewe, á imitação de milhares de sêres que do fundo da sua miseria ou dos horrores da noute escura têm erguido uma voz de reconhecimento, cujos echos soarão ainda quando nós mesmos já estaremos tambem desfeitos em pó. »

CAPITULO X

A Sympathia.

« A muda sympathia... é o élo vigoroso... o brando laço que ata os corações... prende os espiritos .. liga os corpos... e une as almas. — Sir W. Scott.

« Suspiro por um amor encendrado... vigilante, assiduo. . um coração desprendido... todo meiguice e conforto. » — Miss Waving.

« Os homens amam-se entre si... O mais pobre do pobres... anceia por distribuir... alguns pequenos beneficios. . alliviar a miseria... — todos temos coração. » —Wordsworth.

A sympathia é um dos grandes segredos da vida. Triumpha do mal e fortalece o bem. Desarma a resistencia, abranda o mais duro coração, e desenvolve os melhores sentimentos da natureza humana. É uma das grandes verdades que serve de base ao Christianismo. Estas palavras « Amai-vos uns aos outros » são por si sós sufficiente Evangelho para renovar o mundo.

Diz-se de São João que, quando já muito velho — tão velho que já não podia andar e quasi não podia fallar, — fôra levado nos braços dos seus amigos para uma assembléa de crianças Christãs. Alli se ergueu, e disse: « Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros ». Depois tornou a dizer: « Amai-vos uns aos outros. » E quando lhe preguntaram se nada mais tinha a dizer, respondeu : » Digo e repito as mesmas

palavras, porque se fizerdes o que ellas dizem, nada mais necessitareis.

Applica-se a mesma verdade universalmente. A sympathia baseia-se no amor. É apenas um synonymo de desinteresse e affecto. Assumimos outra personalidade e outra maneira de ver, prescindindo de nós mesmos. Damos-lhe a nossa sympathia e ajudamol-a. Nem existe amor sem sympathia, nem tãopouco amizade. A sympathia e a misericordia ou benevolencia são duas vezes bemditas : benção para quem as dá, e benção para quem as recebe. Revertem em felicidade para aquelle e dilatam o coração d'este.

« Fazemos muitas vezes maior bem », diz o Conego Farrar, « com a expressão da nossa sympathia do que com o nosso trabalho, e prestamos serviços mais duradouros com a falta d'inveja e o reconhecimento do merito alheio, do que com perseverantes esforços d'ambição pessoal... Um homem póde perder posição, influencia, riqueza, saúde mesmo, e todavia viver tranquillo, se tiver resignação; mas ha uma cousa sem a qual a vida é uma pesada carga, — a sympathia. »

Verdade é que as boas acções nem sempre são gratamente acolhidas, mas isso nunca deve afastar o movimento sympathico. É esta uma das difficuldades com que temos de arrostar na nossa lucta com a vida. O ente mais degradado é digno do affecto e amparo mutuo que todos nós devemos uns aos outros. Não devia esquecer, segundo a reflexão

profunda e verdadeira de Bentham, que a felicidade do máo contribue para a somma total da felicidade humana, do mesmo modo que a felicidade do melhor dos homens. Por isso, todo o bem ou todo o mal que fazemos ao nosso proximo reverte em bem ou em mal proprio.

Provavelmente, não existe influxo mais poderoso do que a sympathia para despertar os affectos do coração. Poucas são, por mais rudes que sejam, as naturezas rebeldes a essa influencia. Obriga mais do que a força. Uma palavra, um olhar carinhoso, obtêm muitas vezes o que a pressão não conseguiu. Ao passo que a sympathia convida ao amor e á obediencia, o desabrimento provoca aversão e resistencia. Razão tem o poeta dizendo que, « a authoridade não possue metade do imperio que disfruta a brandura. »

A sympathia, na sua maior extensão, assume as proporções da philantropia universal. Move o homem a levantar os seus irmãos da pobreza e da miseria, a melhorar a condição das massas do povo, a espalhar a civilisação e a unir em paz e fraternidade as divididas familias da raça humana. É e um dever para todo o homem cuja sorte tem sido favorecida, que goza das vantagens da fortuna, da illustração ou da influencia social, de que tantos se vêem privados, o empregar ao menos uma parte do seu tempo e do seu dinheiro no melhoramento geral.

Nem é muito o dinheiro que faz falta nem grande a intelligencia de que se carece. Exagera-se geralmente o poder do dinheiro. Paulo e os seus disci-

pulos propagaram o Christianismo em metade do imperio romano com pouco mais dinheiro do que se obtém n'uma das vendas de caridade que hoje estão em moda. As grandes doutrinas sociaes do Christianismo estão fundadas na ideia da fraternidade. « Faze aos outros o que queres que te façam a ti. ». Todos devem ajudar-se mutuamente : os fortes aos fracos, os ricos aos pobres, os sabios aos ignorantes; e, invertendo a ordem, os que têm menos não deixam de ser obrigados a assistir aos que têm mais. A differença consiste na desigualdade de aptidões, porque os discipulos não fazem os mestres, nem os ignorantes e necessitados fazem quem os instrua e assista.

O homem póde fazer da vida quanto queira. Póde, segundo a força de que dispõe, tornal-a mais ou menos valiosa para si e para o proximo. Quando se lhe não oppõem as circumstancias, tem dominio completo sobre a sua natureza espiritual e moral. Póde fazer muito em proveito proprio; e tudo quanto Deos dá, tem de ser sujeito ao homem e aos seus esforços, como se fosse trabalho seu individual.

Póde a intelligencia facilitar-nos prazeres; mas ventura, sómente as affeições nol-a podem proporcionar. Isto implica um espirito de sacrificio, e ás nossas virtudes assim como aos nossos filhos queremos na medida do que nos custam. « O segredo da influencia que minha mãe exercia, diz Mrs Fletcher na sua autobiographia », foi bem interpretado pelo amigo da sua mocidade, o Dr. Helvington de Ripon,

e póde chamar-se a chave da sua vida. Diz n'uma das cartas que lhe escrevia, quando ella tinha cerca de dezesete annos: « Nunca conheci quem mais affectuosa, verdadeira e universalmente se faça querer, e isso provém da sua *capacidade de amar*.

Os homens que mais devemos lastimar são aquelles que não têm dominio sobre si proprios, nem conhecem o seu dever para com o proximo; que da vida só buscam os prazeres, e que mesmo quando praticam boas acções, são inspirados por motivos de egoismo, para terem uma satisfação e fugirem aos remorsos da consciencia. Alguns, que se desvanecem na delicadeza dos seus sentimentos, amam-se a si proprios com extremo, mas têm em pouco o resto da humanidade. São d'uma urbanidade excessiva com os extranhos; porém acompanhai-os á casa e vereis que differentes são com as suas familias. É bem triste a historia que cita o fallecido Deão Ramsay d'uma criança a quem se estava fallando do céo e da futura reunião dos escolhidos. « E meu pai estará lá, perguntou ella? » e como lhe respondessem que de certo lá estaria, replicou o menino: « Pois então não quero lá ir ».

A falsa sympathia é muito commum. Sharpe diz que uma das mais sérias objecções que se póde fazer contra as obras philantropicas, é que tendem a crear um habito de piedade ou de indignação sem alliviar a miseria ou sacudir a oppressão: razão pela qual Sterne sentia a morte d'um burro ao passo que deixava morrer á fome a sua mulher. Montaigne cita

como extraordinario o homem « que tenha opiniões supracelestes e não tenha ao mesmo tempo costumes subterrestres ». Butler, nos seus discursos tão profundos, analysa e expõe com muita exactidão esse fingimento da verdadeira benevolencia.

« Goethe », diz o professor Bain, « evitava o contacto com os que soffriam para se não incommodar nem affligir; provando d'essa fórma quanto podia sentir as magoas alheias, mas evitando positivamente todas as occasiões de poder presencea-l-as. » (1).

Nas obras de Santo Agostinho, de Baxter, de Jonathan Edwards, e de Alexander Knox póde ver-se a importancia que elles davam aos affectos religiosos na sua concepção da verdade divina e do dever do homem. Diz o ultimo: « O sentimento deve ser estimulado pela sympathia, nem mesmo póde ser avivado d'outra fórma. O coração actua sobre o coração. O verdadeiro merito só póde existir quando se procura o bem desinteressadamente ou seja reconhecendo-o como dever, ou seja obedecendo á influencia da belleza da virtude. Só isto reage sobre o caracter humano.

O homem regenera-se não tanto pela verdade em abstracto, como pela divina inspiração que procede da bondade e sympathia humana. Esse é o segredo da Natureza », que faz do mundo inteiro uma só familia ». O homem que intervem na existencia d'outro, e gasta todos os seus esforços para o ajudar so-

1. Bain, *Estudos de caracter*.

cial, moral e religiosamente, exerce uma influencia divina, e n'ella encontra para si proprio a mais segura protecção. Desafia o egoismo, e nobilita-se. O conego Mozley prova com penna de mestre que o principio da compaixão e do exercicio da caridade, que converte esse prazer e que é uma vantagem incalculavel para a sociedade em allivio das dôres e das miserias, foi uma descoberta do Christianismo, descoberta igual á d'um novo principio scientifico.

Os homens melhores e mais nobres são os mais sympathicos. O bispo Wilberforce distinguia-se por ser altamente sympathico. Um amigo a quem perguntaram « a que devia Wilberforce os seus triumphos » respondeu promptamente : « A ser extremamente sympathico ». Tinha um coração magnanimo, generoso e liberal. Com firmeza inabalavel nos seus propositos, lançava-se d'alma e coração em toda empreza que tivesse o bem por objecto. Tomava a direcção de toda experiencia que valesse a pena tentar, e triumphava.

A sympathia é a capacidade de sentir os soffrimentos, as difficuldades e as desesperanças do proximo. Diz-se que a sympathia era o principio e o fim do caracter de Norman Macleod. Interessava-se sobremaneira pela humanidade, e via no homem ou na mulher mais rusticos uma parte da humanidade ». Quando vinha ver-me, dizia um ferreiro, fallava como se fosse ferreiro tambem; mas nunca se despedia sem deixar Jesus-Christo no meu coração ». O homem é um centro para o qual convergem todas as acções

humanas, de fórma que só o que procede do homem e existe no homem tem importancia. O homem durante a sua vida, sendo sympathico e activo, tem sempre quem se una aos seus sentimentos; e comtudo fazemos sós a maior parte de caminho tão importante. Norman Macleod disse ao encetar uns trabalhos na sua Baronia de Glasgow :

« Necessitamos homens! não os seus livros nem o seu dinheiro, mas elles mesmos... Os pobres e necessitados, os nús e desprezados, os prodigos e afflictos pódem vêr e sentir como se nunca tivessem visto nem sentido outra cousa, — o amor que brilha no olhar, symbolo de luz e paz, e um lugar de descanço para o afadigado coração. Podem comprehender e apreciar o desinteresse — cousa antes nem sonhada — que leva a deixar uma casa cheia de requintado conforto para visitar uma morada desconhecida aonde habita a miseria e a doença, e que se expressa com palavras carinhosas e mostras d'affabilidade. » Estas palavras são a chave do plano dos seus trabalhos da Baronia de Glasgow.

« Penso, disse elle tambem, que necessita ser cuidadosamente aperfeiçoada a educação do nosso povo, baseada na religião e impregnada de principios christãos para tornal-o capaz de desempenhar os seus deveres, taes como: trabalho aturado, conservação da saude, sobriedade, benevolencia, prudencia, castidade, obrigações domesticas, deveres como membros da sociedade no trato honrado do commercio e na affabilidade d'outras relações, pontualidade,

obediencia combinada com a independencia como operarios, as suas obrigações para com o estado, ou com referencia aos seus legisladores, a par do conhecimento da historia e do governo do seu paiz,— pontos que todos têm sido muito descuidados.»

As palavras do Dr Macleod podem igualmente applicar-se a Londres, a cidade mais rica e mais pobre do mundo. Poucas pessoas conhecem a parte leste de Londres com a sua aglomeração de miseria e de perversidade. Alguns dão o seu dinheiro para educar o povo, mas poucos dão o seu trabalho ou a sua intelligencia. O fallecido Eduardo Denison era uma excepção. Lançava-se de alma e coração no trabalho de regenerar os pobres da parte oriental de Londres. Estabeleceu as caixas economicas, por conhecer que o primeiro passo para regenerar o homem é livrar das tavernas as suas economias e fazel-o pensar no futuro da sua familia. Fundou escolas, gabinetes de leitura e uma igreja construida de ferro. Conseguiu d'algum modo arrancar aquella gente á miseria e proporcionar-lhe um certo bem-estar. Mas o que era elle só entre tantos?. « Que cousa tão monstruosa naõ é, » dizia elle, haver na terra mais rica do mundo massas de povo condemnadas annualmente á fome e á morte!.. É facto que temos acceitado a maravilhosa prosperidade d'estes ultimos vinte annos sem reflectir nas condições que essa prosperidade nos impõe, e sem nos incitarmos ao trabalho e aos sacrificios que o seu gozo exige. »

M. Denison poude apenas encetar a sua obra;

morreu antes da colheita. Mas se ha alguem que lhe siga os passos, encontrará o largo campo do dever por elle indicado.

Ouçamos a exclamação de José de Maistre chegado ao termo d'uma vida laboriosa e difficil : — « Não sei o que seja a vida d'um patife — nunca tal fui — ; mas a vida d'um homem honrado é abominavel. Como são raros aquelles que deixam assignalada a sua passagem n'este planeta com acções realmente boas e uteis. Curvo-me diante d'aquelle de quem se possa dizer : « Pertransivit benefaciendo » (Passou fazendo o bem); que conseguio instruir, consolar, alliviar os seus semelhantes; que se sacrificou verdadeiramente pelo amor do bem; diante d'aquelles heroes de occulta caridade, que se escondem e nada esperam d'este mundo. Mas que vale a maioria dos homens, e quantos haverá entre mil que possam formular sem receio estas perguntas » : Que tenho eu feito n'este mundo? em que tenho eu cooperado para o progresso universal? e que deixo eu após de mim ? bem ou mal? »

Ouçamos tambem as ultimas palavras que proferiu o juiz Talford : — « Se me perguntassem o que falta á sociedade ingleza para a fusão das classes entre si, diria n'uma só palavra : o que falta é a sympathia. » É este o primeiro dos males da nossa epocha. As sociedades acham-se divididas por um profundo abysmo. Os ricos fogem dos pobres, e os pobres fogem dos ricos. Os primeiros retráem a sympathia e os conselhos, os segundos retráema obediencia e o respeito

Em vez do velho principio de que o mundo tem de ser governado por uma tutela benevola e sincera, em que as irregularidades da fortuna são em parte niveladas pela caridade espontanea e pelo amor dos que nasceram na abundancia, é hoje de regra que o interesse proprio seja a estrella polar da nossa esphera terrestre, e que qualquer obstaculo que nos estorve tem de ser calcado aos nossos pés.

A sympathia parece ter acabado entre os patrões e os empregados. Nas grandes cidades manufactoras, uns e outros vivem completamente separados; nem se conhecem, nem entre elles existe sympathia. Se os operarios exigem salarios mais elevados, têm de pôr-se em *grève*; se os patrões pretendem diminuir a feria, ha um desmando geral. Combinam-se então entre si; propõem uma conferencia algumas vezes com bons, outras vezes com maus resultados; continua a agitação; proferem-se injurias de parte a parte. Algumas vezes, larga-se fogo á casa do patrão e queimam-se-lhe as carruagens; acode a força armada e suspendem-se as hostilidades, mas a memoria das offensas não se desvanece.

E que diremos dos criados? hoje desconhecem toda affeição, pelo menos nas grandes cidades. É um vai-vem continuado, que se succede sem interrupção. E, todavia, as vidas das familias não podem depender exclusivamente do interesse reciproco; tanto por tanto de serviço e de dinheiro. Os servos que entram nas nossas casas deveriam d'algum modo ser considerados membros das nossas familias. Nos

nossos dias é inteiramente o contrario; os criados, cujo auxilio é indispensavel para o nosso conforto domestico, são considerados como gente alugada que dá o seu trabalho pelas nossas moedas de prata e de ouro. Vivem nas cozinhas e dormem nas aguas furtadas, e só lhes damos entrada nas outras partes da casa quando o trabalho alli os chama. Não existe, pois, sympathia alguma entre o amo e o criado; é como se habitassem paizes differentes e fallassem differentes idiomas.

Diz uma senhora a respeito d'Annie Mackay, que viveu com Robert Dick, seu amo, sem salario nem recompensa, e não quiz receber um modico ordenado depois da morte d'elle: « O seu espirito independente e digno torna-se por desgraça cada dia mais raro entre as nossas patricias. Devemos acatal-o quando o encontramos, porque as cousas transformam-se hoje com tal rapidez, que as idéas antigas estão todas subvertidas. Affecto e dedicação iguaes aos que ella professava pelo seu amo acabaram com ella e a sua geração, e temo que para o futuro sejam sentimentos por todos desconhecidos. Exaspera-me muitas vezes ler e ouvir reflexões sobre a falta de sympathia que existe entre os amos e os servos — como se podessemos impedir as modificações que as vias ferreas, os barcos a vapor e alguma pequena instrucção têm forçosamente effectuado nos sentimentos dos criados para comnosco. A variedade os attráe, e não se satisfazem sem ella.

A falta de sympathia e de affecto reciprocos influe

necessariamente na sociedade. Não nos conhecemos uns aos outros, se não nos importamos uns com os outros, como deveriamos. O egoismo vai lançando raizes muito fundas. A ancia dos prazeres e das riquezas torna-nos duros e indifferentes. Lucta cada um por vencer sem ter o proximo em conta. Não pensamos em ajudar aquelles que têm fardos de maior peso do que nós. As ultimas palavras do juiz Talford apontavam o mal que resulta d'esta ordem de cousas. Torna os homens indifferentes á fraude ou ao crime. Repudiando a fraternidade das raças, trabalham com egoismo e affinco em proveito proprio a expensas das almas, dos corpos, e muitas vezes das vidas e propriedades do proximo.

O homem egoista e preguiçoso tem em pouca conta o resto da humanidade. Não pensa em auxiliar os desamparados e necessitados. « Que m'importam ». diz elle? cada um que olhe por sí. Para que me hei de incommodar? Acaso lhes devo algum favor? Soffrem? Sempre haverá quem soffra n'este mundo. O que não tem remedio, remediado está. D'aqui a cem annos será o mesmo!

O indifferente póde apenas ser despertado por uma voz d'além-tumulo. De tal maneira está enleado nos seus prazeres, nos seus negocios ou na sua ociosidade, que não dá ouvidos ás reclamações alheias. As discussões sobre a pobreza, a ignorancia ou o soffrimento aborrecem-o « Que trabalhem, diz elle não sou eu quem os impede. Que cuidem de si » A preguiça é preferivel á indifferença.

Mas a negligencia vê surgir no seu caminho mais difficuldades do que imagina. O homem para quem todos são indifferentes, que não socorre o seu proximo, encontra muitas vezes justa retribuição. Olha insensivel e em distancia para os moradores de casas infectadas pelo ar pestilencial que n'ellas se respira; mas a febre que alli se originou introduz-se-lhe em casa e arrebata-lhe os seres mais queridos. Vê com olhar impassivel a criminalidade, a ignorancia, e a pobreza que juntas se accumulam; mas o ladrão e o criminoso sabem encontral-o no seu domicilio retirado. Cuida pouco da indigencia; mas tem de pagar todos os annos a contribuição em favor dos pobres. Importa-lhe pouco a politica, mas tem de contribuir para o imposto de guerra; e finalmente vem no conhecimento de que nem sempre é cousa barata a negligencia.

A negligencia é a culpada da bem conhecida catastrophe: « por um cravo se perdeu uma ferradura, por uma ferradura um cavallo, por um cavallo um cavalleiro ». Gallio era um d'esses indifferentes a quem nada importava, e esses quasi sempre acabam mal.

Os economistas politicos dizem que a relação entre o amo e o criado é simplesmente um negocio: tal o trabalho, tal o salario. Nos calculos dos economistas, é este sem duvida o contracto que elles são obrigados a reconhecer; mas o moralista, o philosopho, o homem politico e o cidadão deveriam estabelecer entre o amo e o servo um laço social que imponha a ambas

as partes certos deveres e affeições procedentes da sua origem commum como seres humanos e das suas respectivas posições. Deve usar-se de benevolencia d'ambas as partes com o respeito devido a seres immortaes. Sem esse respeito, que só póde subsistir aonde existe o sentimento da verdadeira dignidade do homem, não ha que esperar o melhoramento das condições da sociedade.

« Sim ! diz Sydney Smith », é da escola utilitaria! e tão insensivel, que nem o ficar entre as rodas d'uma machina que por cima lhe passasse lhe causaria impressão. Essa escola faz do homem uma machina, sem jamais considerar no que lhes vai no coração ».

Que é feito da nossa fidelidade, da nossa lealdade e do nosso desinteresse? A fidelidade parece ter cahido no esquecimento. Hoje é materia de dinheiro. O respeito mutuo desappareceu. « Quem não respeita, não é respeitado », diz Herbert.

Devemos recorrer ás antigas tradições para n'ellas encontrarmos regras de conducta. O operario já não respeita o patrão, e o patrão já não respeita o servo. Durante muitos annos, o operario no nosso paiz era mais bem assalariado do que em qualquer outra terra da Europa. Já lá vai esse tempo. As rapidas communicações tendem a igualar os salarios em todos os paizes. Não tardará o tempo em que todas a classes terão de começar vida nova.

Não é tanto a cultura litteraria que falta, como são os habitos de observar e de reflectir, e o bom com-

portamento. A riqueza não proporciona prazeres elevados. O coração, o gosto e a intelligencia é que determinam a felicidade do homem e o ennobrecem. Diz Burns :

« Não são as honras nem as grandezas,... nem bilhetes do Banco de Londres, que dão repouso e tranquillidade;... não são os variados prazeres... nem os livros, nem o saber que nos dão felicidade... Se esta não existe recondita no nosso peito... podemos ser ricos, sabios, grandes... mas felizes... não. »

Um homem d'espirito observador diz que se encontram tantos trabalhos e difficuldades além como áquem da riqueza. O homem rico esquece os obstaculos com que luctou para alcançar a fortuna que logrou adquirir. Mas em que ha d'elle empregar essa fortuna? se não sabe fazer outra cousa senão accumular dinheiro, é digno de lastima e comparavel ao rico fabricante de velas, cujo unico prazer consiste em ir á sua antiga loja nos dias « em que se derrete o sebo ». Não foi educado para encontrar prazer na leitura, para observar com interesse os progressos da sciencia, nem para ter gosto em alliviar a miseria. Tem porém a varinha do condão, o dinheiro para dar de comer a quem tem fome e soccorrer os indigentes, para abafar a voz da pobreza e alegrar o coração do orphão e da viuva. Mas não pensa em tal! Quer mais á fortuna que adquiriu, do que a consolar os desgraçados.

Quanto menores forem as nossas ambições, quanto mais sobria fôr a nossa vida, tanto mais felizes sere-

mos, porque uma vida desinteressada destróe os vicios, extingue os desejos, fortalece a alma, eleva o espirito. « Quantas menos necessidades tem o homem, diz Socrates, tanto mais se assemelha a Deos. » Quando Urbino, servo de Miguel Angelo, se achava moribundo, era velado de dia e de noute pelo idoso esculptor, não obstante as suas proprias enfermidades, e o dedicado enfermeiro escrevia a Vasari : « Amigo, mal escreverei por certo; mas devo á sua carta uma resposta. Urbino morreu. Foi ao mesmo tempo um favor que Deos me fez e um grande pezar; um favor, porque aquelle que durante a sua vida me serviu com dedicação ensinou-me á hora da morte, não sómente a morrer sem saudade, mas até a desejar a morte. Viveu commigo pelo espaço de vinte e seis annos sempre bom, intelligente e fiel. Eu tinha-lhe proporcionado alguma riqueza, e no momento em que julgava encontrar n'elle um apoio para a minha velhice, foge-me, deixando-me unicamente a esperança de o encontrar no céo. »

Dionysio, o Cartuxo, dava os seguintes conselhos ás pessoas casadas : — « Obrai e fallai com os vossos servos como desejarieis que obrassem comvosco se estivesseis no seu lugar. Os amos devem para com os servos mostrar-se affectuosos, pacientes, humildes e pacificos, mas justos ao mesmo tempo. Nunca os devem tratar com orgulho ou severidade; e quando commettam alguma falta, terão de supportal-a com paciencia ou reprehendel-os com caridade, recordando as muitas faltas que Deos tem de nos perdoar. »

Não é só em vista do nosso proprio interesse que devemos trabalhar e luctar, senão tambem em vista do proximo. Existem leis moraes, laços de familia, affeições domesticas, deveres caseiros que são mais elevados e nobres do que os prazeres egoistas que o dinheiro nos proporciona. Devemos evitar tornar-nos a nós mesmos o centro das nossas ambições. « Quem ama, diz Epicteto, as riquezas, os prazeres e a gloria, não póde amar o seu semelhante. » « É no amor do nosso semelhante, diz Santo Antonio, que consiste a verdadeira vida. » Assim, pois, é o amor o principio universal do bem. É a gloria da intelligencia humana : unico remedio contra todos os nossos soffrimentos, ameno em tudo—no ensino, na philosophia, nas maneiras, na legislação e no governo.

O amor da perfeição é inseparavel da aversão a tudo quanto é baixo e criminoso. Froissart descreve Gaston de Foix como « sendo tão perfeito, que não ha louvores que não mereça; amava o que devia ser amado, odiava o que tinha de ser odiado.» Santo Agostinho expressa-se quasi d'igual maneira : » a virtude não passa de ser um amor bem dirigido : incita a amar o que temos de amar e a aborrecer o que tem de ser aborrecido.

« Que cousa é a temperança? diz outro autor, senão o amor que resiste ao prazer? e a prudencia, senão o amor que nenhum erro seduz? Que cousa é a força, senão o amor que supporta com animo as contrariedades? e a justiça, que outra cousa é senão o amor que suavisa as asperezas d'este mundo? » Os

estoicos reconheciam este poder maravilhoso. « Antes do amor ser conhecido, diz Socrates, commettiam-se cousas horriveis sob o imperio da necessidade ; mas desde então tudo mudou para o homem. »

Os sentimentos de consideração e amor pelo proximo são sempre bem retribuidos. A gratidão faz com que se prestam serviços com uma vontade e uma diligencia que o dinheiro por si só nunca obtém. A sympathia aquece e alumia o lar domestico — une os amos aos criados, o marido á mulher, o pai á mãe e aos filhos, e não póde haver morada feliz em que ella não exista — prendendo a todos n'um unico laço de affecto e concordia.

O fallecido Sir Arthur Helps, n'um dos seus ensaios, diz : « Vemos um homem enriquecer todos os dias, subir de posto ou em credito e temol-o por um homem afortunado. Mas se na sua casa reina a desordem, se n'ella faltam os vinculos de affeição que unem a familia, se as pessoas que antes o serviram (e são mais do que elle mesmo se lembra) conservam triste memoria d'esse tempo em que não houve uma palavra nem uma acção carinhosa que as animasse, nego a boa fortuna d'esse homem. Por feliz que seja, é certo que deixou um ponto fraco atraz d'elle. Quando falta benevolencia, não ha duvida que a vida d'esse homem (ou d'essa mulher) deixa a desejar. Póde ter-se alastrado muito, mas falta-lhe o foco, o centro de amor — o lar em que crescem as affeições em torno d'um coração affectuoso. » Lê-se n'uma descripção

encantadora da vida domestica feita por um autor anonymo do seculo decimo quarto, que os filhos das casas nobres serviam á mesa nos dias em que seus pais recebiam algum convidado.

Cardan, louvando os patricios de Veneza, cita particularmente a sua liberalidade e affabilidade para com os seus servos. Recommenda especialmente a maior doçura e caridade para com elles. Diz-se do nobre guerreiro Vecio: « Governa todos os seus subordinados menos pela autoridade do que pela razão; mais parece o mordomo do que o dono da casa. »

É quasi desnecessario fallar do amor de familia. « A primeira sociedade, diz Cicero, consiste na união do homem e da mulher, depois da familia, e finalmente do estado ».

O pai no centro da familia é um monarcha; mas a sua força deve ser sympathica áquelles que governa. Todo progresso começa em casa e é d'essa fonte pura ou maculada que derivam os principios e as maximas que regem a sociedade. A força dos pais está na sympathia e no amor. » João Paulo Richter observa que a primeira qualidade que a mulher deve receber da natureza para bem da posteridade é o amor, essa ardente affeição que se entrega sem recompensa. A criança corresponde com ingratidão ao amor, ás caricias e ás noutes de vigia; e essa debil creatura, que mais cuidados requer, é a mais desagradecida. Porém a mãe não desanima, dá todo o seu coração; e quanto maiores são as necessidades e maior

o desagradecimento do filho, mais se he aviva o affecto, e não duvida dar mostras de preferencia ao mais fraco, ao contrario do pai que as dá ao mais forte. »

Depende do pai o governo da casa, da mãe o seu arranjo. Sabe o pai governar a casa com bondade e dominio sobre si proprio? Sabe a mulher a maneira de a tornar confortavel? Se o ignoram, torna-se o casamento uma lucta terrivel de palavras e obras. » « Verdadeiramente, diz Sir Arthur Helps, duvido se não é peor para um chefe de familia o não tornar-se sympathico do que mesmo o ser injusto ». Citemos a delicadeza de sentimento d'uma mulher a quem o marido propunha divorciar. « Pois devolva-me, disse ella, o que eu lhe trouxe ». « De certo », replicou elle, «tornar-lhe hei a sua fortuna ». « Não se trata da fortuna, redarguio a senhora »; restitua-me a minha verdadeira riqueza — a belleza e a mocidade — a virgindade da minha alma, o meu antigo contentamento e as illusões do meu coração ». Um homem, para ser feliz, tem de encontrar na sua mulher uma alma conforme á sua alma e uma companheira que o ajude nos seus trabalhos. Um e outro têm de ser verdadeiros, castos, e unidos pelos laços da sympathia. Devem ser ambos affectuosos com os seus filhos. Muitas são as penas que se encontram na vida domestica; mas tornam-se supportaveis quando existe o habito do sacrificio e do dominio sobre si proprio. « A paciencia, diz Tertuliano, é o ornamento da mulher e uma prova de virilidade no homem. Aprecia-se no adolescente, lou-

va-se no mancebo e estima-se em todas as idades ». D. Antonio de Guevara, n'uma das suas advertencias a um cavalheiro de Valencia sobre os seus deveres de casado, dizia-lhe que, para replicar a uma pessoa encolerizada, nem a força de Samsão, nem a sabedoria de Salomão são sufficientes. Paciencia e indulgencia, pois. Uma onça de bom humor vale um tonel de melancolia.

A vida d'uma mulher é difficil de conhecer e deve consistir principalmente na cuidadosa conservação da *feminilidade*, que é a sua natural herança. A palavra é indefinivel. Significa ao mesmo tempo a fraqueza, a necessidade d'um apoio, d'um ser em quem confiar, a quem respeitar, a quem servir e a força com que a mulher soffre, protege, defende e supporta.

Encontramol-a na sua maravilhosa facilidade de adaptação, na firmeza com que cede ao dever unicamente, na doçura que fascina, e na dedicação que sempre triumpha. A verdadeira esposa toma interesse nos negocios do seu marido e sympathisa com elles. Anima-o e auxilia-o. Goza dos seus triumphos e dos seus prazeres, e não se deixa abater pelas contrariedades. Faraday, após longos annos de um feliz matrimonio, escrevia á sua mulher quando contava setenta e dois annos d'idade : — « Anceio por ver-te, por recordar comtigo cousas passadas e trazer á memoria todas as provas de sympathia que de ti tenho recebido. Não me faltam as idéas na cabeça nem os sentimentos no coração; mas a memoria foge-me,

mesmo no que respeita aos amigos que me acompanham. Terás de tornar ao teu antigo officio de auxiliar a minha fraqueza e de seres o meu apoio e a minha felicidade. »

Ninguem era mais sympathico e affectuoso do que Carlos Lamb. Poucos ha que desconheçam o terrivel acontecimento da sua vida. Orçava sua irmã Maria pelos vinte e um annos, quando n'um ataque de loucura feriu sua mãe no coração com um buril. Carlos, a partir d'esse momento, resolveu dedicar a sua vida á sua « infeliz e estremecida » irmã, tornando-se o seu inseparavel companheiro. Despediu-se de todos os sonhos de amor e projectos de casamento. Fortalecido pela idea de cumprir o seu dever, renunciou á affeição unica da sua vida. Com uma renda de cem libras pôr anno seguia o caminho da vida só, animado pela sua dedicação ; não havia prazer nem trabalho que o dissuadisse do seu proposito.

Maria, á sahida do asylo de alienados, empregou parte do seu tempo na composição das *Historias extraidas das obras de Shakespeare* e em outros trabalhos. Hazlitt cita-a como uma das mulheres de melhor bom senso que jamais conheceu, não obstante ser sujeita a crises periodicas de doidice e viver por assim dizer á beira da loucura. Quando sentia annuncios d'um ataque, Carlos levava-a pelo braço para o Asylo Hoxton. Era commovedor ver o joven Carlos e sua irmã mais velha caminharem juntos e chorando ambos. Elle era quem levava o colete de força destinado á pobre louca a quem entregava no hospital. Terminada a

crise, tornava a doente para casa de seu irmão que a recebia com alegria e excessivo carinho! « O senhor ama-a; oxalá nos amemos nós sempre tambem. » Este amor fraternal continuou pelo espaço de quarenta annos sem outra nuvem senão a inconstancia da saúde. Lamb cumpria com animo varonil o seu dever e colheu a merecida recompensa.

O amor do proximo prova-se muitas vezes no desejo de salvar as vidas dos que vemos em perigo. Já relatámos muitos exemplos d'essa natureza; mas falta um por mencionar. A senhora Watson achava-se um dia na praia escolhendo conchas para a sua collecção. Erguendo os olhos, viu um homem só na extremidade d'um penedo rodeado de agua. Não sabia quem era, mas via-o em perigo de vida e determinou salval-o. A maré subia rapida, e as ondas investiam furiosas. Afigurava-se quasi impossivel arrancar o homem a tão perigosa situação, mas Lady Watson acudiu aos barqueiros e offereceu uma boa gratificação a quem se mettesse ao mar. Ao principio, hesitaram; mas finalmente saltaram n'um barco e alcançaram o rochedo quando já a força do homem ia esmorecendo. Conseguiram descel-o para o barco e trazel-o para terra. Qual não foi a sorpreza da senhora quando reconheceu que era seu marido, Sir William Watson, a quem havia salvado!

Uma palavra opportuna fica sempre lembrada. O famoso Dr. Sydenham observava que todos nós ganhamos ou perdemos fallando com um homem bom ou máo. O cura de Olney, amigo de Cowper, era uma

das pessoas a quem poucos podiam fallar sem se sentirem melhores. Dizia de si mesmo que deixaria de viver se deixasse de amar.

«A saudosa recordação que sempre guardei d'uma mulher, livrou-me de muitas tentações, escrevia alguem que vivera vida solitaria em terra remota. Ninguem da minha familia a conheceu ; perdi-a antes de deixar a minha casa. Mas havia muitas cousas que poderiam ter tido influencia sobre mim, e das quaes escapei pelo amor que lhe consagrava. Nunca senti ter desmerecido do seu amor e não podia leval-o no meu coração aos sitios aonde não poderia tel-a levado a ella. Quando soffria por estar isolado, não querendo associar-me aos meus companheiros, confortava-me a lembrança de que era pelo seu amor [1] ».

Citemos a historia d'um homem que desconhecia toda affeição. Foi relatada n'um sermão de Roberto Collyer, ministro da Igreja Unida de Chicago, actualmente de Nova-York. M. Collyer era natural de Keighley no Yorkshire, mas tinha passado a maior parte da sua juventude em Ilkley, hoje praia elegante. Era aprendiz na forja de Jackie Birch. Trabalhava de ferreiro quando casou. Foi um dos prégadores dos Methodistas, e depois foi para a America aonde fez discursos tambem. Fallava com grande animação, poesia e eloquencia, fundadas sobre uma larga experiencia da sociedade.

«Recordo-me «disse», que haverá uns trinta annos

[1] Miss J. F. Mayo.

ou mais, n'uma das nossas festas da Igreja Methodista d'Inglaterra, ergueu-se um homem e referiu que as febres lhe tinham levado a esposa, e depois um a um, todos os seus filhos, e que nunca perdera a paz e a serenidade, não tendo experimentado o mais leve pezar, julgando-se protegido e amparado pela divina graça. Acrescentava que, até aquella hora em que nos fallava, continuava a viver sem padecimento.

« Ouvidas estas palavras, o douto e brioso orador ergueu-se dizendo : ide-vos agora, irmão, para vossa casa e encerrai-vos no vosso quarto ; prostrai-vos de joelhos e conservai-vos n'essa postura até vos sentirdes transformado. O que acabais de nos contar, não é um signal de graça, senão a prova do mais empedernido coração que jamais encontrei n'um christão. Nada tendes de santo, e quasi nem sois um peccador vulgar. A religião não destróe a natureza ; requinta até a sensibilidade ; e se vós soubesseis sentir, desgostos d'essa ordem ter-vos-ião despedaçado o coração. Sei que, pela minha parte, eu teria succumbido ; e não pretendo ser mais santo do que o commum dos homens ; por isso vos advirto que não torneis a referir esse caso n'uma festa de caridade ».

Copiemos dos « Sermões » de M. Collyer um outroj facto sentimental provando a força da caridade bem dirigida. « Fóra d'aqui, creio que em Edimburgo, achavam-se dous cavalheiros á porta d'um hotel n'um dia de muito frio, quando um rapazinho com a face lívida e descarnada, os pés descalços e vermelhos de frio, e coberto de andrajos se approximou d'elles dizendo :

« Por favor, senhor, compre-me uns phosphoros ! « Não necessito de phosphoros », respondeu um dos cavalheiros. « Mas custa apenas dez reis a caixa », replicou o rapaz em tom de supplica. « Qu'importa, se eu não necessito de phosphoros ! » Tome o Senhor duas caixas por dez reis, continuou o pequeno. « Então para fugir áquelles rogos », diz o cavalheiro que refere esta historia n'um jornal inglez, « tomei uma caixa; mas achei-me sem troco e disse ao rapaz ». « Amanhã te comprarei a caixa ». Oh ! compre-m'a esta noute, « supplicou novamente o rapaz ; » vou correndo buscar o troco, porque tenho muita fome ». Dei-lhe então o meu shilling e elle foi-se. Esperei que voltasse, mas inutilmente. Comecei a pensar que tinha perdido o meu shilling; mas o rosto do pequeno tinha-me inspirado confiança e custava-me a pensar mal d'elle.

Tarde n'aquella noute, annunciou o meu criado que havia um rapaz que me queria fallar. Era o irmão mais novo d'aquelle a quem eu tinha dado o meu shilling e, se possivel era, ainda mais esfarrapado, mais descarnado e mais miseravel. Vi-o durante uns instantes revolver os trapos que vestia, como se procurasse alguma cousa ; e depois disse : « O Senhor foi quem comprou os phosphoros a meu irmão Sandy ? « Fui » ! » Pois aqui está a demasiado seu shilling. Sandy não poude vir, não está bom. Foi atropellado por um carro ; perdeu o barrete e os phosphoros e os onze pence do senhor ; tem ambas as pernas quebradas e o medico diz que não escapa, e não póde dar ao

senhor mais do que isto », ajuntou o rapaz pondo quatro pence sobre a mesa, e desatando depois a chorar. « Dei-lhe então de comer » acrescentou o cavalheiro, « e acompanhei-o á casa para ver Sandy.

« Viviam as duas crianças com uma madrasta sempre ebria; os pais tinham morrido. O pobre Sandy estava deitado sobre um molho de aparas ; logo me conheceu, e disse : » Eu ia já voltando com o troco quando o cavallo me atropellou e quebrei ambas as pernas. E o Renby coitadinho? Eu de certo morro e quem tomará conta d'elle? Que fará Renby sem mim? Agarrei então na mão do pequeno paciente entre as minhas e prometti-lhe que tomaria para sempre conta de Renby. Elle ouvio-me, e teve apenas forças para me agradecer n'um olhar ; depois amorteceu-se-lhe a vista ; e um momento depois, « compareceu diante de Deos,... que o afagou em seu seio ;... aonde a malicia não existe,... e o cansado descansa. »

A sympathia é a gloria da humanidade. Tem por synonymo o amor. Soccorre as necessidades e allivia os pezares dos afflictos e attribulados. Aonde encontra a crueldade, a ignorancia ou a miseria, a sympathia estende uma mão amiga. Ver soffrer, ouvir gemer, não sáe da memoria d'um espirito compassivo. Alguns dos principaes acontecimentos dos tempos modernos são o resultado da compaixão e da justiça : taes como a abolição da escravatura na Inglaterra, na America e em França ; a educação dos ignorantes ; a propagação das Escolas dos Domingos, os esforços para cohibir a intemperança ; o nivela-

mento das classes em que homens e mulheres da melhor sociedade tomam tanto interesse. Não faltam occasiões de exercer a sympathia. Quem ama a Deos, ama o proximo, pobre ou rico, e não póde faltar á justiça, á fidelidade e á misericordia! O homem justo, diz Massillon, é superior ao mundo e a todos os acontecimentos. Todas as creaturas lhe estão sujeitas e elle só está sujeito a Deos. » Cuidar dos enfermos, visitar a viuva e os orphãos, crear ou auxiliar as sociedades de beneficencia, melhorar a situação dos pobres — tudo isto requer diligencia, compaixão, e amor. « Diga-se quanto se queira, diz o Dr. Martineau » : contra os enganos e culpas do enthusiasmo christão, não ha zelo, por arrazoado que pareça, que tenha igualmente contribuido para alliviar a humanidade. Se erra nos seus fins, alcança outros pelo ardor da sua fé e a delicadeza dos meios que emprega. Que seria da escola do christianismo se não fosse a Igreja? E se não fosse a hoste de missionarios, não obstante ser rechaçada e desbaratada tantas vezes, que seria da civilisação, que está ganhando terreno por todas as partes? Se não fosse o respeito que devemos ás almas dos nossos semelhantes, quanto não nos teriam feito esperar as associações de caridade e que pouco nos teriamos occupado de alliviar as miserias do corpo? Podem os christaõs ter delirado nas suas audaciosas tentativas; mas quem mais do que elles levou a effeito ousadas emprezas? Podem ter feito gala em desprezar o mundo; mas quem trabalhou mais por tornal-o habitavel? E mais

ainda, se entre os pobres se fazem vibrar as cordas da religião e as familias se tornam tementes a Deos, opera-se uma transformação; desapparecem os farrapos; volta a mobilia; a casa abranda a enfermidade; alegram-se as crianças; cessam as disputas; soffrem-se os males com maior resignação; e as tristezas, antes sombrias, brilham com esperança e fé ».

Mesmo os mais pobres entre os pobres, diz Wordsworth, têm sido pais e propagadores de pequenos beneficios. Um ruim sapateiro instituiu as escolas dos andrajosos de Portsmouth, e d'elle falla o Dr. Guthrie n'estes termos : « John Pounds honra a humanidade, e merece o mais esplendido monumento que jamais foi elevado nas costas da Bretanha ». Um impressor de Gloucester deu principio ás Escolas Inglezas do Domingo, e merece um monumento mais grandioso que o de John Pounds. Um sapateiro de Newcastle instituiu as missões da India. Uma criada de feitoria instituio a sociedade religiosa de fundição de Glasgow.

Os pobres conhecem muito melhor do que os ricos aquillo de que necessitam as pessoas pobres. Não ha nada mais triste nas grandes cidades do que ver crianças avelhantadas com rostos angustiados e sobr'olhos franzidos revelando cuidados amargos. O lar do pobre muitas vezes não tem conchego. Os ricos e os pobres vivem separados e afastados. Existem muitas barreiras que impedem que tenham relações entre si. Os pobres têm por unica sociedade a gente da sua

classe. Não podem fugir á convivencia com gente ordinaria e sem educação.

Os filhos de gente muito pobre são boccas difficeis de sustentar; e seus pais os lançam prematuramente nas tristes realidades da vida.

Para as classes elevadas, os pobres são os habitantes d'um paiz inexplorando. São só os pobres que sentem verdadeiramente pelos pobres. Só elles ntendem os seus respectivos soffrimentos. Só elles conhecem quanto lhes faz falta um pouco de benevolencia e de sympathia. Póde ser exaltada a caridade dos ricos, porém nada vale comparada com a caridade dos pobres. Nos tempos de privação, de doença, de invernos rigorosos ou de outras calamidades, os pobres consolam-se e ajudam-se mutuamente até um ponto nem sonhado sequer n'outra esphera. E nem sempre falta uma mão amiga para conchegar uma almofada, e prestar todos aquelles pequenos serviços que consolam e alliviam nas enfermidades e nos soffrimentos. As mulheres das classes mais pobres são n'este particular especialmente dedicadas e incansaveis. Fazem sacrificios, correm riscos, soffrem privações, exercem uma caridade e uma paciencia que o mundo está longe de conhecer e ás quaes mesmo difficilmente se daria credito.

Tem-se escripto muito, ultimamente, sobre Roberto Raikes; de modo que pouco diremos sobre elle. As escolas dos domingos existiam muito antes do seu tempo. Já nos referímos ás escolas do Cardeal Borromêo, que existem ha mais de 400 annos; houve tam-

bem Escolas dos Domingos em Inglaterra n'uma época muito posterior. Foi William King, cardador em Dursley, quem primeiramente despertou essa idéa no espirito de Raikes. Tinha fundado uma escola do Domingo em Dursley, plano que falhou por falta de cooperação, embora elle nunca perdesse fé na sua ideia. Achando-se em Gloucester n'um Domingo, visitou Raikes, e sahiam juntos a passeio pela Ilha — uma das partes inferiores da cidade. Ahi as crianças maltrapilhas entretinham-se em differentes jogos. « Que pena, disse King, que o dia do Senhor seja assim profanado! Mas como, redarguiu Raikes, póde isso ser evitado? » Funde uma Escola do Domingo, como eu fundei em Dursley. Faça-se auxiliar por um bom cooperador; a mim impedem-me as minhas occupações dar-lhe o tempo todo que desejava, tanto mais que necessito de descanço. »

Raikes visitou a prisão de Gloucester aonde estava um joven condemnado á morte por roubo com arrombamento. « Nunca, diz Raikes, « aquelle moço recebera a mais leve educação. Nunca erguera uma prece ao seu Creador. Conhecia o nome de Deos unicamente por empregal-o em rogar pragas. Ignorava completamente a existencia d'uma vida futura. Esta entrevista produziu uma grande impressão no espirito de Raikes. Raras eram as crianças d'aquelle bairro que tinham recebido assomos d'educação. Apenas chegavam á idade de poderem tornar-se uteis, mandavam-as trabalhar, e nas horas vagas, principalmente ao Domingo, eram entregues a si mesmas.

Fundou então uma escola do Domingo. Tinha predilecção pela infancia e conquistára o amor dos pequenos esfarrapados, como lhes chamava affectuosamente. Propoz-se ensinar-lhes a ler, e a conhecer o cathecismo, e a chamar á ordem os pequenos ignorantes. Em 1783, alugou quatro escolas e decidiu dar um shilling a cada um dos professores. Tambem foi convidado o cura da parochia a visitar as escolas aos Domingos de tarde e a examinar o progresso dos alumnos. As escolas de Raikes tinham a seu favor o primeiro elemento do ensino : o amor sincero da parte dos professores. Aquelles coraçõesinhos foram despertados pela affeição que se lhes manifestava.

Perto de trinta annos depois da instituição das escolas de Raikes, veio visital-o-na sua solidão José Lancaster, joven quaker a cujos energicos esforços foi devida a formação da sociedade depois chamada: « Sociedade das Escolas Britannicas e Estrangeiras », que tinha por fim instruir aos dias de semana as crianças pobres. A esse tempo, o fundador das escolas do Domingo contava setenta e dous annos d'idade e já pouco podia trabalhar. Tomava, porém, vivo interesse na sua amada instituição. Lancaster procurou inteirar-se da origem das escolas do Domingo; e conserva-se hoje ainda uma interessante relação d'uma das respostas de Raikes.

O ancião recostando-se ao braço de Lancaster conduziu-o pelas viellas de Gloucester até alcançar uma rua trazeira em que abrira a primeira escola. « Paremos aqui », disse o velho ; depois, descobrindo

a cabeça, cerrou os olhos e deteve-se um instante em oração. Em seguida, dirigindo-se ao seu amigo, tornou-lhe com lagrimas que lhe resvalavam pelas faces: « este é o logar aonde me foi dado comprehender a miseria das crianças d'este bairro e a profanação do Domingo. E como eu perguntasse « não haverá nada a fazer? » Respondeu-me uma voz : « experimente. » Experimentei, e vêde como o Senhor nos ajudou. Nunca passo por este sitio em que a palavra « experimente » se gravou tão profundamente no meu espirito, sem levantar reconhecido as mãos e o coração a Deos por me ter inculcado tal pensamento.»

Sabendo que Raikes fôra por muitos annos visitador constante das prisões do campo e da cidade, e tivera occasião de certificar-se se alguma das tres mil crianças, cuja educação superintendera, tinha dado entrada n'esses carceres, Lancaster perguntou-lhe directamente se se déra alguma vez esse caso. Raikes acudiu ás recordações que na sua avançada idade trazia vivas n'uma memoria ainda vigorosa, e respondeu : « Nenhuma » [1].

Maria Anna Clough, a criada da feitoria de Glasgow, occupava na sociedade, posição muito mais humilde do que Roberto Raikes. Era uma simples operaria, ao passo que elle era editor d'um jornal. Mas encontrou o ensejo, como nós todos podemos encontrar, de ajudar a curar as chagas da humanidade. Não foi inspirada « pela cultura do entendimento » senão pelo seu coração terno de mulher. Ganhava o pão de cada

1. *Roberto Raikes : Jornalista e Philanthropo.* Por Alfredo Gregorio, 1877.

dia com o seu trabalho manual; mas o amor, esse grande educador, abriu-lhe um campo mais vasto. Era só depois de terminado o seu labor quotidiano que começava a sua tarefa de amor. Vira muitos rapazes pobres empregados nas fundições sem ter quem por elles se interessasse, por um lado; abandonados e amestrados no vicio pelo outro. A moça compadeceu-se d'elles e disse comsigo : « Tratarei de os ganhar para Deos e para o bem. »

Logo que formou a sua resolução, tratou de a pôr em pratica. Pediu e alcançou que lhe permitissem fazer uso d'um quarto por baixo do armazem em que ella trabalhava. Inaugurou a abertura n'um domingo, em junho de 1862. Não tardou em reunir em volta de si um certo numero de rapazes da fundição, sujos e rotos, que deixavam os pateos em que costumavam gastar o seu tempo a fumar ou em grosseiros divertimentos. Ensinou-os a soletrar, a ler, a ter aceio, a serem bons e religiosos. Amava aquellas pobres crianças vagabundas e desamparadas; soccorria-as conforme podia nas suas maiores necessidades.

Não era só aos domingos que ella se empregava em cuidar d'aquellas crianças, a quem dava tambem todo o tempo de que podia dispôr durante a semana. Esta nobre rapariga, apenas acabava o seu trabalho, procurava as casas em que habitavam os seus protegidos, se casas se lhes podia chamar. Conhecia-os a todos e a sua triste historia, os perigos que corriam e as difficuldades em que se encontravam ; e tal foi influencia do seus principios christãos, das suas

maneiras attrahentes e da sua extraordinaria bondade que poude conseguir os melhores resultados. Assignalavam-se de tal maneira pela sua conducta, pelo seu amor ao trabalho e pelo recato das suas palavras entre os seus companheiros, que « os rapazes da Maria Anna » eram proverbialmente conhecidos nas fundições.

Entristece pensar, diz o Dr. Guthrie, em quantos christãos, dispondo de dez vezes mais tempo, de dez vezes mais dinheiro, mais influencia e mais educação, não têm feito a decima parte do bem que se deve a esta rapariga. Se alguem podesse invocar com justiça a conhecida desculpa: « Sou eu por ventura o guarda de meu irmão? » era de certo aquella, que mal se podia guardar a si propria; que, levantando-se todas as manhãs ao toque da chamada e correndo apressada pelas ruas ainda mudas e sombrias, dava ao trabalho muitas das horas que a metade da gente empregava em dormir. E frequente eram as noutes em que ella sahia a exercer a sua missão de caridade, a buscar os perdidos, a animar os desalentados, e a curar com as suas mãos caridosas as vivas chagas da humanidade. »

Maria Anna Clough continuou durante tres annos a sua lida generosa até que a saúde quebrantada a obrigou a ceder o seu lugar a outro; mas a semente, que ella espalhára, lançára raizes e fructificára. Em 1865, ficou instituida a Sociedade religiosa dos Rapazes das Fundições de Glasgow. Seis annos depois, tinha inscriptas 14,000 crianças, sob a vigilancia de

1500 monitores e mais de 200 patronos. Mais de 300 pessoas recrutavam crianças nas differentes partes da cidade. Eram empregados os maiores esforços para melhorar a sua posição; essa sociedade formava um laço entre a Escola do Domingo e a parochia. Ensinava-se-lhes ao mesmo tempo, lettras e religião; a temperança era a base d'esta instituição. Estabeleceram-se caixas economicas. Crearam-se tambem philarmonicas e córos. Todos os sabbados á noute davam um concerto. Empregavam-se todos os meios para afastar aquelles adolescentes da relaxação, da ignorancia e da perversidade. Á excepção dos primeiros professores seculares, todos os que trabalham para a instituição são obreiros gratuitos; trabalham por caridade. No verão as crianças vão ao campo acompanhadas pelos patronos da sociedade. Quasi sempre vão a Inverary, ao parque do duque de Argyll, Presidente Honorario da Sociedade. Foi n'uma d'essas occasiões que tivemos conhecimento d'essa pia instituição. Embora ainda conserve o nome de Sociedade dos Rapazes da Fundição, recebe hoje todas as classes de rapazes e raparigas que se dedicam ao trabalho. É difficil calcular o bem que já se tem alcançado. Oxalá existisse em todas as cidades instituição igual! Mas até hoje só existem, na Escocia, nas cidades de Greenock, Edimburgo, Dundee e Aberdeen. E Manchester, Leeds, Bradford, e as outras cidades manufactoras e tão povoadas do norte da Inglaterra? Quanto não valeria uma instituição semelhante em todos esses lugares!

CAPITULO XI

A Philantropia.

« Sis amicus Dei, fide, spe, et opere.» — Michael Scott.

« A benevolencia é o caracteristico da verdadeira nobreza. — Shakespeare.»

« Irmão, que desfalleces na estrada...Peccadora, de quem a honestidade se desvia... Antes que as forças te abandonem...ha um braço amigo que te ampara... e auxilia... » — A. Ode da vida.

« Quantos gemidos que aos nossos ouvidos não chegam! Quantos ais da viuva e dos orphãos de que nos não apercebemos ! Quantas faces banhadas de lagrimas, quantos semblantes convulsos de dôr que nós não vemos :... Alenta-se a tyrannia, o esbulho,.,. e milhares de sêres inoffensivos algemados sem dó. » — John Woolman (Quaker), 1775.

O homem tem grande difficuldade em abandonar a sua fé na força physica, como sendo necessaria para encaminhar, corrigir e educar.

A força é palpavel, dispensa o exame das causas, e dos effeitos. Dispensa igualmente todo argumento, resolve todas as questões d'um golpe. É a logica dos barbaros entre os quaes o homem que mais vale, é aquelle que tem a mão mais certa, e o golpe mais seguro.

As proprias nações mais civilisadas têm sido refractarias a perder a fé na força physica. Ultimamente ainda, os homens de brio chamavam-se entre si a desafio para concertarem as suas desavenças no campo

de honra ; e os governos, quasi todos sem excepção, acodem ás armas para ajustar as suas pendencias relativas a questões territoriaes e internacionaes. Com effeito, temos sido até hoje creados e educados n'uma tal fé na efficacia da força, a guerra tem-se identificado na historia de tal modo com os brios, a gloria, e tantos nomes illustres, que temos quasi por impossivel a conservação da sociedade, se se eliminasse a pratica da força, e a vissemos substituida pelo amor, a benevolencia e a justiça.

E, todavia, são permittidas largas duvidas sobre a efficacia da força como medida politica. Principia-se hoje a crêr que a força engendra a resistencia,e que, se por um lado os homens são dominados pela violencia, por outro desperta-se n'elles um espirito de rebeldia que de tempos a tempos rompe em impetuosidades, odios, vicios, e crimes. Essa tem sido a consequencia da politica da força empregada em todos os paizes e em todos os tempos. A historia do mundo é por assim dizer a historia da fallencia da força physica.

Estamos por ventura entrando em via mais sensata? Acaso começamos a perceber que se quizermos tornar os homens mais felizes e melhores, temos de recorrer a uma força maior e mais benefica — a força da brandura? A mansidão nunca produziu resistencia ou rebeldia, nunca deu em resultado tornar a gente peor,mas pelo contrario em muitos casos torna-a melhor. O amor é tambem uma força, que eleva e civilisa todos aquelles em quem influe. Indica fé no

homem, e sem fé nos melhores sentimentos do homem não ha methodos que consigam melhoral-o. A bondade põe a descoberto a melhor parte da natureza da cada um, desarma a resistencia, dissipa as paixões ferozes, e abranda o mais duro coração. Triumpha do mal e fortalece o bem. Este principio tem igual applicação ás nações. Já destruiu os feudos e os morgados; e se lhe não tolhermos a acção, prompto acabará com a guerra. Hoje ainda essa esperança nos parece uma utopia, mas é certo que as futuras gerações considerarão a guerra um crime tão hediondo, que deixará de ser perpetrado.

« O amor, diz Emerson mudaria a face d'este velho mundo em que vivemos ha demasiado tempo como pagãos e inimigos, e que prazer não seria ver como a grande diplomacia dos homens de Estado, a impotencia dos exercitos de mar e terra, e as linhas de defeza, seriam rapidamente substituidas pela caridade desarmada. O amor é engenhoso; introduz-se disfarçado aonde não póde entrar abertamente, usa de meios imperceptiveis—sendo elle a sua propria alavanca e a sua propria força, — para conseguir o que a violencia nunca poderia alcançar. Nunca vistes nos campos, por uma manhã de avançado outono, um pobre cogumelo, planta sem solidez, um pouco de geléa apenas, o qual com o seu trabalho constante, ousado, tranquillo, consegue romper por entre o gelo? Este é o symbolo da força constante e mansa. A virtude d'este principio na sociedade, applicado aos grandes interesses, jaz esquecido. Uma ou duas vezes foi applicado

na historia com consideravel proveito. A christandade outr'ora florescente, e hoje em decadencia, conserva ao menos vivo o nome do Amante da humanidade. Mas virá o dia em que os homens todos se amarão entre si, e em que todas as calamidades se dissolverão n'um raio de luz universal. »

A força foi nos tempos passados tristemente empregada no tratamento dos loucos, dos leprosos, dos forçados, dos galés e dos criminosos. O loucos eram agrilhoados e postos em jaulas como féras. Os leprosos eram expulsos das cidades e obrigados a viver afastados de todos os seres humanos, sendo elles humanos tambem [1]

Os forçados das galés eram obrigados a remar até morrerem de miseria. Os criminosos eram apinhoados juntos, sem distincção d'idade ou sexo, tornando-se as prisões da Europa em fócos de iniquidade. Haverá uns 400 annos, os criminosos eram entregues aos cirur-

1. O trecho seguinte foi escripto pelo fallecido poeta Heine - ultimas palavras que escreveu para dar á publicidade. — « No anno 1430, narra a Chronica de Limburgo, estava em moda tocar e cantar as endeixas mais melodiosas que jamais se havião conhecido na Allemanha, e que a todos traziam enamorados, velhos e moços, e as mulheres especialmente, de sorte que a todas horas se ouviam. O author, ajunta a Chronica, era um joven escrevente atacado de lepra, que vivia só em sitio recondito, afastado de toda convivencia. Conheceis sem duvida, amados leitores, que terrivel mal era a lepra na idade média, e como as desventuradas victimas d'esta incuravel enfermidade viviam expulsas da sociedade, sendo-lhes prohibido approximar-se de qualquer ser humano. Vagueavam, como cadaveres vivos, amortalhados dos pés á cabeça, cobertos os semblantes com capuzes, e trazendo na mão uma matraca, chamada matraca de Lazaro, com que davam noticia da sua passagem, para que todos se retirassem. Este pobre escrevente, cuja fama como poeta e cantor a Chronica de Limburgo exalta, era pois um leproso, que vivia isolado no amargo do seu infortunio em quanto a Allemanha cantava e tocava alegremente as suas endeixas... Muitas vezes nas sombrias visões da noute julgo ver o pobre escrevente da Chronica de Limburgo, meu irmão em Apollo, e o seu olhar estranho e triste pregado sobre mim d'entre as dobras do seu capuz; mas logo afigura-se-me que desapparece, e ouço morrendo em distancia como o echo d'um sonho, o molesto ruido da matraca de Lazaro.

giões de Florença e Pisa, para serem anatomisados vivos. Hoje são substituidos por animaes.

São Vicente de Paula era um philantropo notavel. Filho d'um lavrador do Languedoc, seu pai destinava-o á carreira ecclesiastica, vendendo os bois que puxavão do arado para suffragar os gastos do collegio. Um amigo de Marselha instituira seu herdeiro São Vicente, que foi por mar receber a herança. Voltou por mar tambem, e o navio em que embarcára foi depois de viva lucta capturado por tres corsarios africanos. Durante o combate, Vicente ficou gravemente ferido por uma setta. Tripulantes e passageiros foram agrilhoados com duras cadeias e tambem Vicente, que foi levado para Tunis como forçado de galés. Mas o enjôo constante que soffria tornando-o incapaz d'esse trabalho, venderam-o a um medico mouro. Ao cabo d'um anno, morreu-lhe o amo, e Vicente foi novamente vendido a um lavrador natural de Niza. Vicente reconciliou o seu amo com a religião Christã e ambos resolveram fugir juntos. Metterão-se ao mar n'um bote e aportaram em Aigues-Mortes, ao sul da França.

Pouco tempo depois, São Vicente de Paula entrou em Roma n'uma sociedade que tinha por objecto visitar os enfermos nos hospitaes, voltando sem grande demora a Paris, aonde continuou trabalhando nas mesmas obras de caridade. Entrou então como preceptor na familia do Conde de Joigny, inspector das galés ou náos rasas que serviam de prisão. Ahi o joven presbytero presenceou scenas horri-

veis, — homens amarrados aos remos trabalhando como escravos. De tal maneira se dedicou a esses infelizes e tamanho foi o resultado que alcançou, que Luiz XIII conhecendo o seu merito nomeou-o primeiro capellão das galés. N'uma occasião tomou o lugar d'um forçado que adoecêra e executou o santo o trabalho do galeote, agrilhoado com as mesmas cadeias, comendo da ração dos presos, e vivendo com elles. Não tardou o santo em ser posto em liberdade, mas os signaes dos grilhões ficaram-lhe para toda a vida. Restituido ao seu cargo, continuou a trabalhar com santo ardor. Converteu muitos forçados, e conseguiu com as suas advertencias melhorar muito as prisões e as galés.

O resto da sua vida é bem conhecido. Voltou para Paris e fundou a ordem das Irmãs da Caridade, dando por esta fórma uma nova direcção aos sentimentos de dedicação da mulher. Estas Irmãs da Caridade tem estado desde então á frente de todas as obras pias de França, e d'outras partes, — cuidam dos enfermos, ensinam os ignorantes, recolhem crianças abandonadas e são sempre as primeiras no cumprimento do bem.

Recordando-se do tempo do captiveiro, consagrou-se a reunir esmolas para a redempção dos negros captivos, e conseguiu por esta fórma remir mil e duzentos escravos. Á pilhagem dos corsarios pozeram termo finalmente as frotas combinadas da França e da Inglaterra quando em 1816 os destruirão em Argel. Sabemos dos ferros e dos calabouços da Idade Me-

dia, porém quantas historias de miseria e de crueldade nos não revelam os tribunaes modernos! Procuremos nos annaes dos pobres das nossas grandes cidades, e não deixaremos de ter frequentes occasiões de dizer com Jeremias Taylor : « isto é uma crueldade semelhante ás atrocidades dos selvagens, e differe essencialmente da misericordia de Jesus Christo!

O espirito caritativo de João Howard foi encaminhado pela primeira vez para a reforma das prisões por uma aventura pessoal que parece ter sobrevindo accidentalmente. Fôra de viagem a Portugal no tempo em que Lisboa despertava o mais vivo interesse e sympathia — fumegavam ainda as ruinas do memoravel terremoto. Pouco depois de embarcar, o navio foi capturado por um corsario francez. João Howard foi tratado muito cruelmente, privado de todo o alimento pelo espaço de 48 horas, e encarcerado no castello de Brest com os mais captivos. Lançados n'uma fetida masmorra, alli os detiveram por longas horas sem dar-lhes de comer. Por fim deitaram-lhes uma perna de carneiro que os infelizes disputaram entre si, e se viram obrigados a roer como féras. Os presos soffreram esses mesmos tratos durante uma semana, forçados a deitarem-se no chão sobre a palha humida d'aquelle lugar empestado.

Finalmente Howard, posto em liberdade, voltou para Inglaterra, mas não descansou sem alcançar a liberdade de muitos dos seus companheiros. Entrou depois em correspondencia com os presos inglezes

d'outros carceres e fortalezas do continente, vindo no conhecimento de que o mau tratamento igual ao que elle soffrera era a sorte habitual de todos os captivos.

Não tardou em occupar-se do estado das prisões inglezas durante o tempo em que exerceu o cargo de presidente da municipalidade de Bedford. Este posto é ordinariamente de apparato e de alguma representação; porém com Howard foi differente. Acceitar um cargo era incorrer na necessidade de cumprir com os seus deveres. Impoz-se a obrigação de assistir ás audiencias e seguir attentamente os julgamentos. Proferida a sentença, visitava as prisões em que eram encarcerados os criminosos, iniciando-se por esta fórma no trato barbaro e vergonhoso que soffriam os culpados. O que os seus olhos viram n'essas prisões, foi como a revelação da sua carreira futura.

As prisões d'Inglaterra, assim como as dos outros paizes achavam-se então em atrozes condições. Os presos viviam sem separação nem classificação. Juntos encerravam os relativamente innocentes e os grandes criminosos; tornando-se d'esta arte os carceres um viveiro de crimes. O homem faminto que roubára um pedaço de pão achava-se em contacto com um ladrão de profissão ou um assassino. O devedor e o falsario, — o ratoneiro e o homicida — a mulher que commettera uma falta e a rameira — todos e todas reunidos. Os juramentos, as imprecações, as blasphemias eram o concerto d'aquellas lugubres

regiões, aonde as praticas religiosas se desconheciam. N'aquelle recinto só o demonio imperava.

Howard refere n'estas singelas palavras as suas impressões relativas ao tratamento dos presos : — « Alguns a quem o juiz não reconhecêra culpados, alguns cuja apparente criminalidade não era sufficiente para a imposição d'um castigo, e outros contra os quaes não compareciam testemunhas de accusação — depois de presos pelo espaço de mezes, voltavam a ser encarcerados até terem com que pagar gratificações ao carcereiro, ao escrivão e a outros. » Observára tambem que os « ferozes crédores », que algumas vezes ameaçam os seus devedores de os fazer *apodrecer na gaiola*, fallavam a exacta verdade, porque effectivamente n'aquelles carceres immundos os homens apodreciam consumidos pelas febres. Howard calculava que, por muitas que fossem as vidas sacrificadas nas galés, perdiam-se outras tantas victimas do frio, dos miasmas, do contagio, do ar inficcionado, e da fome.

Os salarios dos carcereiros naõ eram pagos pelo publico, mas pelos accusados, ou declarados innocentes. Howard reclamou dos juizes de paz que se fixasse um salario ao carcereiro. Pediram-lhe um precedente e elle respondeu que algum encontraría. Montou a cavallo e percorreu o condado de Bedford á procura d'esse precedente. Visitou os carceres proximos e distantes. Não encontrou precedente de soldada paga ao carcereiro, mas encontrou taes miserias e torturas tão horriveis impostas aos presos, que o resolveram a

dedicar-se inteiramente á reforma dos carceres de Inglaterra e do mundo.

Em Gloucester, o castello estava nas mais atrozes condições. Tinha-se tornado n'um calabouço com pateo commum para todos os presos, homens e mulheres. O logar separado dos presos por dividas não tinha janellas, e aquelle em que dormiam os maiores criminosos era inteiramente privado de ar e de luz. Tinha-se alli desenvolvido uma febre pestilencial que dava a morte a muitos presos. O carcereiro sem salario, os devedores sem ração estipulada. Na cidade episcopal d'Ely corriam as cousas de igual maneira. Para evitar que os presos fugissem, aferrolhavam-os com cadeias no chão, de costas, e por cima umas trancas de ferro donde pendiam uns collares tambem de ferro munidos de pontas e passados aos pescoços dos malfeitores. Em Norwich, as enxovias erão subterraneas, e a palha em que os presos dormiam custava annualmente um guineu por cabeça. O carcereiro, alem de não ter salario, pagava todos os annos 40 libras de gratificação ao alcaide. Vivia do que conseguia extorquir aos presos.

Howard ia d'um lado para outro, inspirado pela sua nobre ambição. A idéa de melhorar as condições dos captivos, absorvia todos os seus pensamentos e tornára-se quasi em paixão. Não havia trabalho, perigo, ou incommodos de qualquer natureza, que o desviassem do grande objecto da sua vida. Ia d'uma extremidade d'Inglaterra á outra para investigar e dar á publicidade os repugnantes mysterios

das prisões britannicas. Frequentes vezes poz em liberdade os que estavam presos por alguma divida insignificante, e outros muitos innocentes de toda culpa. Em consequencia d'esse relatorio, a camara dos deputados nomeou uma commissão para averiguar a verdade d'essas informações. Howard compareceu carregado de notas perante a commissão. Durante o interrogatorio, um dos membros sorprehendido pela extensão e a minuciosidade das informações, perguntou a expensas de quem Howard havia viajado ; este, de attonito, quasi não poude responder.

A camara agradeceu o relatorio e proseguiu na via que Howard lhe indicára. Em 1774, um anno depois d'elle ter dado principio á sua obra, decretaram-se leis abolindo todas as gratificações, estipulando salario aos carcereiros, e determinando que todos os presos depois de absolvidos, fossem postos em liberdade. Tambem foi decretada a limpeza e ventilação das prisões, o estabelecimento de enfermarias e a edificação de carceres bem acondicionados. Howard achava-se de cama quando as ditas leis foram promulgadas ; mas apenas se sentiu restabelecido do muito cansaço que resultára dos seus excessivos trabalhos, voltou a percorrer as prisões com o proposito de averiguar se as novas leis eram executadas.

Percorrida a Inglaterra, Howard visitou a Escocia e a Irlanda, e inspeccionou os carceres n'esses paizes, que todos encontrou em iguaes condições atrozes. Publicou com o mesmo exito o resultado das suas investigações. Passou depois ao continente para se

inteirar do regimen das prisões no estrangeiro. Não poude penetrar na Bastilha de Paris; porém as mais prisões francezas, por pessimas que fossem, avantajavam-se muito ás inglezas. Quando se veio no conhecimento de que Howard se occupava em fazer indagações relativas á Bastilha, pretenderam prendel-o, mas elle conseguiu escapar-se, e vingou-se publicando o relatorio sobre as prisões do Estado, traducção d'uma obra recentemente publicada, que elle obtivera com grande custo.

Howard proseguiu a sua viagem pela Belgica, Hollanda e Allemanha. Tomou notas por todas as partes, logrando reunir apontamentos de grande importancia — resultado d'um enorme trabalho. De regresso a Inglaterra, para certificar-se de que as novas reformas haviam lançado raizes, seguiu para a Suissa na mesma missão de caridade, e alli encontrou em vigor a sciencia da disciplina das prisões. Faziam trabalhar os presos tanto em proveito proprio, como para alliviar os impostos a que obriga a manutenção das prisões.

Depois d'um aturado trabalho de tres annos durante os quaes Howard fez mais de treze mil milhas de caminho, publicou a sua grande obra intitulada: « O Estado das Prisões », que despertou grande interesse. Foi novamente consultado pela Camara dos Deputados sobre as novas medidas a adoptar para a rehabilitação dos presos. Howard recommendou as casas de correcção. Visitára uma em Amsterdam, que julgava podia servir de modelo.

Howard tornou á Hollanda para estudar a sua organisação. Da Hollanda, passou á Prussia. Atravessou a Silesia por entre as fileiras inimigas da Austria, e da Prussia. Deteve-se algum tempo em Vienna, e seguiu para Italia. Em Roma pediu entrada nos carceres da Inquisição. Mas, á semelhança das portas da Bastilha em França, foram-lhe vedadas. Todas as otras portas se lhe abriram com facilidade. Voltou para Inglaterra, atravessando a França, e fazendo quatro mil e seiscentas milhas n'essa viagem. Por toda a parte era festejado e acompanhado das bençãos dos presos. Distribuia esmolas com liberalidade. Fazia mais ainda: chamava a attenção de todos os espiritos pensadores, e de todas as almas caritativas sobre a importancia da reforma das prisões.

Era uma lida continua. Visitou novamente as prisões da Grã-Bretanha, fazendo quasi sete mil milhas. Reconheceu os bons resultados dos seus primitivos exforços. Já não existiam os abusos que primeiramente encontrára, e eram outras as condições de limpeza e salubridade. Fez nova viagem por terras extranhas para amplificar os seus conhecimentos.

Tinha visitado os carceres dos paizes do sul da Europa e agora resolvera visitar os da Russia. Entrou em São Petersburgo só e a pé. Descoberto pela policia, foi convidado a apresentar-se no palacio da imperatriz Catharina, mas Howard, declinando essa honra respeitosamente, respondeu a Sua Magestade que viera á Russia para visitar os calabouços e as moradas

dos desgraçados e não os paços e as côrtes dos reis e das rainhas.

Munido de licença superior presenceou o castigo do *knout* [1]. Compareceram os condemnados, um homem e uma mulher. O homem recebeu sessenta golpes e sua mulher vinte e cinco. « Vi a mulher, diz Howard, em tristissimo estado poucos dias depois, mas não consegui tornar a ver o homem. » Resolvido a saber o que fôra feito d'elle, Howard foi procurar o algoz, e perguntou-lhe. « Póde-se morrer em muito pouco tempo em consequencia da pena do *knout*? De certo! Em quantos dias? N'um dia ou dous. Já lhe succedeu morrer algum dos seus pacientes? Sim, Senhor. « Ultimamente? Sim, Senhor; o ultimo homem a quem infligi a pena do *knout* morreu em consequencia do castigo. E que fazeis para tornar os açoutes assim mortaes? Dar nas ilhargas um ou dous golpes que rasguem profundamente as carnes. E isso em virtude de ordens que recebeis? Sem duvida! » Assim foi desmascarada a presumpção com que a Russia se arroga o titulo de estar abolida a pena de morte no seu imperio.

« De Moscou escreveu que tinham fallecido mais de sete mil recrutas de mar e terra durante um só anno

1. O *knout* consiste n'um cabo de madeira do qual pende uma longa correia que termina em triangulo, e que de uma a outra extremidade tem um chanfro pelo qual o couro adhere a cada golpe ao corpo de paciente, rasgando-lhe as carnes de cada vez que o algoz alça o instrumento, que é de tal peso que um só golpe bem applicado, parte a espinha dorsal. Na maior parte dos casos o algoz prolonga o supplicio dando golpes leves, ficando o justiçado esfolado em vida. (Nota do traductor.)

nos hospitaes russos ». Esta affirmação de Howard, a quem reconhecemos incapaz de faltar á verdade, aviva o nosso odio contra a guerra e o despotismo. Da Russia, Howard voltou para Inglaterra, atravessando a Polonia, a Prussia, o Hanover, os Paizes Baixos. Em 1783, recorreu a Hespanha e Portugal com o mesmo proposito, e publicou os resultados da sua viagem n'um segundo appendice á sua grande obra.

Eram decorridos doze annos desde que Howard se entregára á idéa absorvente da sua vida. Fizera mais de quarenta e duas mil milhas, visitando os carceres das principaes cidades e villas da Europa, e gastára mais de 30,000 libras esterlinas em acudir aos presos, aos enfermos e aos abandonados; porém não dava por terminada a sua missão, e resolvia-se a visitar as terras assoladas pela peste com o intuito de descobrir o remedio contra esse terrivel mal. Pozera-se a caminho para Marselha atravessando a França.

Em Novembro de 1785, dirigira-se a Paris. Os francezes, recordando o seu opusculo sobre a Bastilha, prohibiram-lhe que pisasse terra franceza. Howard, disfarçado, entrou em Paris. N'essa mesma noute foi surprehendido na cama pelos agentes da policia. Uma feliz occurrencia permittiu-lhe afastal-os por alguns minutos, durante os quaes se levantou, vestiu, fugiu de casa e proseguiu o seu caminho para Marselha. Ahi foi admittido no Lazareto aonde colheu as desejadas informações.

Fez-se de véla para Smyrna então assolada pela peste

e d'ahi o ousado philantropo embarcou para o Adriatico n'um barco inficcionado, para ser sujeito á mais estricta quarentena. Apanhou a doença e fez uma quarentena de quarenta dias, durante os quaes soffreu atrozmente, só e sem conforto. Por fim restabeleceu-se e tornou para Inglaterra, visitou as suas propriedades, espalhou beneficios pela visinhança, e apartou-se dos seus humildes amigos como um pai dos seus filhos.

Trazia ainda no pensamento outra jornada que foi a ultima: queria colher mais perfeitas informações sobre a peste. Em 1789, atravessou a Hollanda, a Allemanha e a Russia de passagem para a Turquia, para o Egypto e para os estados da Barbaria; mas não poude seguir além de Khersow na Tartaria Russa aonde, na fórma do costume, visitou os presos, e contrahiu as febres contagiosas dos carceres. Alli, só e entre extranhos, adoeceu e morreu aos 64 annos d'idade. Designou a alguem que velava á sua cabeceira um lugar no cemiterio do Delfinado aonde desejava que lhe dessem sepultura, ajuntando: « Sepultai-me, collocai um relogio solar sobre a minha campa, e deixai-me esquecido ».

Mas o nome do nobre Howard, não perecerá jámais na memoria dos homens. Foi bemfeitor dos maiores desgraçados. Esquecido de si proprio, trazia sómente no pensamento aquelles de quem elle era o unico amparo e amigo. Obteve durante a sua vida grandes melhoramentos, mas a sua influencia não terminou com a vida. Continuou actuando na legislação da Inglaterra e na dos outros paizes até hoje.

Burke descreve-o da maneira seguinte : — « Percorreu a Europa inteira vivendo nas profundezas dos carceres, na infecção dos hospitaes; visitando as mansões dos pobres e afflictos; avaliando de perto as miserias; ajuizando dos desdens e humilhações; guardando a memoria dos esquecidos; soccorrendo os desamparados; accompanhando os abandonados; comparando e analysando os trabalhos e padecimentos de todos os homens de todos os paizes. Teve originalidade a sua empreza, filha do talento e da caridade. Foi uma viagem de exploração inspirada pelo amor do proximo, e já as consequencias d'essa santa lida se deixam sentir, mais ou menos, em todos as terras. »

Do tempo de Howard a esta parte, têm sido effectuadas muitas modificações no tratamento dos presos. Ao principio cooperaram sómente para essas reformas alguns espiritos escolhidos, taes como Sarah Martin, Mrs. Fry e outros. Sydney Smith refere que uma vez alcançou licença para acompanhar Mrs. Fry á Newgate. Movera-o por tal fórma aquelle espectaculo, que rompera a chorar. Alludindo mais tarde a esse facto n'um sermão, disse : — « Dá-se actualmente n'esta cidade um espectaculo que ousarei qualificar do mais solemne, mais christão e mais enternecedor dos espectaculos. Ver aquella santa mulher rodeada dos miseros presos; vel-os a elles invocando com ardor o seu Deos, consolados pela sua voz, animados com o seu olhar, agarrados á orla do seu vestido e adorando-a como o unico ser que jámais lhes tivesse amor,

lhes desse ensino, d'elles se occupasse, e lhes fallasse de Deos! Este é o espectaculo que reduz a pó as vaidades do seculo, que recorda que a hora breve da vida vai passando, e que nos devemos apromptar com boas obras para apparecer diante de Deos, que é tempo agora de esmolar, de orar, de consolar e de ir como esta santa mulher á imitação do nosso Salvador Jesus Christo ao encontro dos peccadôres, á cabeceira dos enfermos, ao lado dos tristes, luctar com as mais negras miserias da vida. »

Mrs. Fry conseguiu com perseverantes exforços levar a effeito uma reforma completa nas condições das prisões, e no comportamento das mulheres presas, de tal sorte que a commissão, no relatorio que apresentou depois de visitar a prisão de Newgate em 1818, declara, « que se os principios, que regem a administração, fossem adoptados na divisão dos homens como na divisão das mulheres; transformar-se hia a prisão n'uma casa de correcção; e em vez de tornarem os criminosos para o centro da sociedade empedernidos no vicio, e na depravação, sahiriam arrependidos e talvez viessem a ser um dia membros uteis da sociedade. »

Mrs. Tatmall, embora menos conhecida que Mrs. Fry, dedicou-se igualmente á reforma dos presos do carcere de Warwick, do qual seu marido era director. Muitos criminosos foram por ella distrahidos do vicio e encaminhados para a virtude e para o trabalho. A gente moça, rapazes e raparigas inexperientes no vicio, era o objecto da sua predilecção, e raras ve-

zes deixou de ver os seus exforços coroados de bom exito, e de os restituir á liberdade corrigidos e habilitados para prestarem serviços á sociedade.

Porém o auxilio individual pouco podia fazer no sentido de regenerar a massa total dos presos; era necessario que a legislação cooperasse para a reforma de questão tão grave. Um dos principaes objectos da legislação é prevenir o crime, afastando as occasiões, e o fim essencial da disciplina usada nas prisões é a reforma das condições moraes do individuo e restituil-o á sociedade que elle offendeu. Isto é justamente devido ao criminoso a quem muitas vezes as circumstancias hão seduzido, já pela falta de educação, já pela desigualdade das leis promulgadas pela sociedade.

Outr'ora, a sociedade vingava-se dos criminosos tratando-os como feras; hoje usa-se de maior brandura tendo em vista a sua regeneração. Os directores da Penitenciaria de Singsing, no Estado de Nova York, foram os primeiros a inaugurar a reforma no tratamento dos criminosos. Dirigiu-lhes a attenção sobre esse assumpto o relatorio de Mrs. Edmonds, que diz : « Não ter fé alguma no systema de violencia que por tanto tempo prevaleceu na sociedade, systema de atormentar os criminosos em nome da Ordem, e de appellar unicamente para o expediente de terrificar. » A sua experiencia havia-a convencido de que, por pervertidos que elles fossem, tinham ainda corações dispostos a serem movidos pela doçura, consciencias que podiam despertar á voz da razão, e aspi-

rações ao bem, ás quaes só faltavam as palavras confortativas de amor e esperança, para serem as bases d'uma permanente transformação. Em conformidade com as recommendações de Mrs. Edmonds foram pois inauguradas na prisão de Singsing novas reformas que não tardaram a dar excellentes resultados. Consistia a nova regra em castigar o menos possivel e animar todo desejo de conversão. Muitos dos criminosos anteriormente tidos por incorrigiveis, tornarão-se uteis cidadãos, e poucos foram os que recahiram nos seus primitivos habitos.

Foram sobretudo as mulheres que melhor corresponderam ao novo systema empregado. Uma das directoras dirigiu-lhes na capella uma pratica sobre o dever do dominio sobre si mesmo, e a necessidade d'uma total regeneração, se queriam escapar do soffrimento n'este mundo, e no outro. «O resultado d'esta pequena experiencia, refere a directora n'um pequeno relatorio, manifestou-se na attitude mansa e humilde das presas, na voz submissa e branda, e na obediencia alegre e prompta. Este exemplo fortaleceu-me na convicção de que, muito embora pervertidas pelo crime ou empedernidas pelo soffrimento ou pelas injustiças, quando a razão impera, não ha coração tão callejado ou obstinado que naõ attenda á doce voz da sympathia, ou tão aviltado que não responda ao chamamento do amor christão».

O capitão Pillsburg, director da cadeia de Westburg no Connecticut, tirou tambem notaveis vantagens empregando no tratamento dos criminosos um novo

systema de brandura. Era dotado d'uma coragem moral que tocava no sublime. Antes d'elle assumir o cargo de director, era empregado o methodo usual da crueldade produzindo nos presos os effeitos tambem habituaes da «malicia arraigada e pertinaz». Crescia o crime em enormidade, e a despeza das prisões tornava-se uma causa de ruina para o Estado. O capitão Pillsburg alterou completamente o systema de direcção; fez convergir todos os seus exforços para a regeneração dos presos pelas vias da brandura. Incitava-os a entrar no caminho do bem; animava-os a seguir o caminho da virtude. Libertou do aviltamento dos ferros alguns dos maiores scelerados, dizendo *que ficava por elles!* Esta maneira de obrar teve um exito sorprehendente. Captou a confiança dos presos, que desde então começarão a respeitar a regra, introduziu-se a ordem e a regularidade na prisão, e não tardaram os captivos em pagar com o seu trabalho os gastos da casa.

Conta-se d'elle um feito notavel com um dos presos. Um homem de proporções herculeas, terror do paiz e das prisões, engolfára-se mais e mais no crime durante dezesete annos. Disse-lhe o capitão Pillsburg quando elle deu entrada na cadeia, que esperava não renovasse alli as tentativas de fuga já ensaiadas n'outra parte. « Dar-te-hei todo o possivel conforto, serei teu amigo e espero de ti que não me occasionarás desgostos. Temos um calabouço destinado á prisão cellular, mas nunca fazemos uso

d'elle, e sentiria devéras ter de encerrar alli algum dos meus homens. Dou-te liberdade igual á minha se corresponderes á minha confiança». O homem, de aspecto carrancudo, conservou-se insensivel durante algumas semanas á branda influencia do capitão Pillsburg. Por fim soube-se que elle meditava um plano de fuga. O capitão chamou-o e reprehendeu-o. O homem conservou-se sombrio e silencioso. O director avisou-o da necessidade de dar entrada na prisão cellular.

O capitão, homem franzino e delgado, tomou a dianteira; o gigante ia atraz. Quando chegaram ao sitio mais estreito do corredor, voltou-se o director com a lanterna e fixou os olhos no semblante do criminoso. « Dize-me agora, « perguntou elle», se usaste commigo como eu merecia? Fiz tudo quanto de mim dependeu para o teu bem-estar; confiei em ti e tu nunca me deste a tua confiança, cogitaste dar-me um desgosto. Achas que obraste bem? e todavia não posso decidir-me em encerrar-te aqui, se me desses o mais leve indicio de gratidão... » — O homem debulhou-se em pranto. « Senhor, replicou elle, ha dezesete annos que vivo como um diabo; mas o senhor considera-me como um homem ». Vamo-nos d'aqui, ajuntou o capitão. O preso voltou á liberdade de que até alli gozava na prisão, e desde então começou a abrir o seu coração ao director, cumprindo resignadamente a sua pena e confiando ao seu amigo, á medida que lhe surgiam no espirito, as tentações que o acommettiam de quebrantar a sua

palavra, e as facilidades que julgava encontrar para pôr os seus desejos em execução.

Avisado o capitão Pillsburg de que um dos presos jurára assassinal-o, mandou por elle immediatamente para que lhe fizesse a barba encerrando-se só com elle. Ergueu então os olhos para o homem, apontou para a navalha e mandou-lhe que o barbeasse. A mão do preso tremia; entretanto sahiu-se bem da empreitada. No fim disse-lhe o capitão : « consta-me que me queres matar, porém eu julguei poder ter confiança em ti », « Deus o abençoe, senhor director », replicou o homem commovido. Tal é a força da confiança! [1]

O major Goodell, director da prisão do Estado de Auburn, em Nova-York e Mr Isaac T. Hopper, outro inspector de prisões, tiveram igual exito conseguindo regenerar os criminosos tratando-os com doçura. Dos cincoenta individuos que este homem admiravel conseguio transformar, só dous tornaram aos antigos costumes — facto bem eloquente em favor da brandura de trato [2]

1. Viagens no Occidente por Miss Martineau.

2. Não obstante a caridade usada com os criminosos em algumas prisões da União, William Tulloch, n'uma carta escripta ao *Times* em 3 de Fevereiro de 1880, lastima o tratamento que se dá aos criminosos de pouca idade n'alguns dos Estados. « Por exemplo, diz elle, um dos ultimos periodicos de Philadelphia refere uma visita ao estabelecimento de presos no Estado de Georgia aonde alguns dos criminosos trabalham n'uma mina de carvão nas mais atrozes e immoraes condições. Alojados miseravelmente, são guardados por cães de fila, e presos com grilhões. Entre elles existia um rapaz de quinze annos, que desde a idade de dez annos alli cumprira cinco de prisão, tendo sido condemnado a quarenta annos de carcere por roubo com arrombamento! O nome do escriptor, e o jornal que deu publicação a este artigo, não permitte que abriguemos duvidas da sua veracidade, pois existem nas prisões da America, abusos de igual crueldade, devidamente verificados pelos agentes do Estado. Um juiz capaz de pro-

Um dos maiores obstaculos com que tem de luctar um criminoso depois de cumprida a sua pena, é a difficuldade de encontrar emprego. Quer trabalhar, e está resolvido a viver honradamente, mas a policia conhece todos os passos que elle dá, e previne todos contra elle. Repellido por todos, volta finalmente aos seus antigos costumes. Torna-se por esta fórma quasi impossivel que um antigo preso persista honrado. Thomas Wright, o philantropo de Manchester, assignalára-se como amigo verdadeiro dos presos abandonados. Era homem sem posição nem riqueza e que sómente possuia um generoso coração.

Embora imperfeitamente educado, recebera da sua mãe no principio da vida, um ensino profundamente religioso. Chegou porém o dia em que teve de afastar-se dos braços maternos e luctar face a face com o mundo, e com os seus trabalhos, prazeres, e vicios.

A breve trecho se via rodeado dos homens e dos rapazes peiores de Manchester. Durou essa promiscuidade por algum tempo. Mas por fim, espirito e consciencia revoltaram-se contra as blasphemias dos seus companheiros. Voltaram-lhe á lembrança as lições aprendidas dos labios de sua mãe. Travou conhecimento com um joven de sentimentos pie-

ferir uma tal sentença contra uma criança de tão tenra idade, devia elle mesmo ser encarcerado, e não nas condições amenas em que eu vi um juiz Americano, preso na Pensylvania. Condemnado a dous annos de prisão por peita, tinha os seus aposentos luxuosamente mobilados e chegava-se a estranhar que um delicto alli considerado de tão pouca monta, fosse por esta fórma castigado pela lei. »

dosos e começou a frequentar regularmente os exercicios de devoção.

Aos quinze annos entrou como aprendiz n'uma fundição em Manchester ganhando ao principio cinco shillings por semana. Sobrio, sério e diligente, subiu gradualmente de posto, e na idade de 23 annos era já contramestre com o salario semanal de tres libras esterlinas e dez shillings. Nunca teve maior retribuição, mas o bem que elle conseguiu fazer mais tarde era independente do seu salario.

Dirigiu a sua attenção para as classes criminosas : ardua e difficil tarefa. O réo, depois de cumprida a sentença, raras vezes acha emprego no lugar em que antes habitava. Não ha patrões que o admittam sem attestados que elle não póde fornecer. A prisão tornou-o naturalmente mais vicioso. Pôl-o em contacto com sêres mais depravados do que elle. Vê-se forçado a frequentar os seus antigos companheiros e recomeça a sua vida de crime.

Um dia, um homem apresentou-se na fundição e admittiram-o como operario. Era trabalhador, cuidadoso e habil. Começaram a nascer desconfiança de que o homem estivera preso. Interrogado Thomas Wright sobre o caso, respondeu que não tinha d'elle conhecimento, mas que trataria de informar-se. No decurso d'aquelle mesmo dia Wright perguntou incidentalmente ao homem « aonde por ultimo estivera empregado » ? Estava fóra, respondeu elle. Finalmente, depois d'algumas perguntas mais concretas, o pobre homem, cobertas as faces de la-

grimas, confessou que estivera preso, certificando ao mesmo tempo o seu proposito de abandonar os seus antigos costumes e manifestando a esperança de resgatar o passado.

M. Wright confiou na palavra do homem. Persuadido da sinceridade das suas intenções, referiu aos patrões esta historia, e offereceu entregar-lhes 20 libras esterlinas como fiança da futura conducta do operario.

Foi acceita a proposta, mas no dia seguinte de manhã o homem havia desapparecido, porque por esquecimento deixára de ser revogada a prévia ordem de expulsão. Mandaram-o chamar á sua casa porém elle já tinha desapparecido levando comsigo todos os seus haveres n'uma pequena trouxa. Certo de que o homem se encaminhára para Bury, M. Wright seguiu-lhe a pista. Encontrou o fugitivo assentado á beira da estrada a poucas milhas de Manchester sem esperança, e succumbido. Wright estendeu-lhe a mão, levantou-o, disse-lhe que lhe conservavam o seu emprego, que tudo dependia d'elle se conservar um operario honrado e respeitavel. Voltaram juntos para Manchester, entraram juntos na officina, e o comportamento do homem justificou largamente a garantia do contramestre.

Este caso commoveu profundamente M. Wright. Comprehendeu quanto com affeição e brandura se podia fazer para salvar estes pobres criminosos do abysmo de miseria em que jaziam. Sentiu que elles

não abandonariam toda esperança de regeneração se todos os Christãos cumprissem o dever de estender uma mão amiga para os restituir ao trabalho. Este pensamento tornou-se a ideia dominante da sua vida. Considerou essa a sua missão e applicou-se a pol-a em pratica. Não tinha quem o auxiliasse, mas a sua fé era viva e trabalhou constante até triumphar.

M. Wright habitava junto á prisão de Salford e desejou ter n'ella accesso; mas não o poude conseguir. Por fim, um dos operarios da fundição, cujo pai era carcereiro, alcançou-lhe uma recommendação para o director. Foi então autorizado a assistir nos domingos aos officios da tarde, mas não a ter relações com os presos. Wright esperou com paciencia.

Um domingo de tarde, o capellão chegou-se a M. Wright á sahida da capella da prisão, e perguntou-lhe se poderia obter um emprego para um preso, proximo á sahir da cadeia e que desejava ter occasião de provar o seu arrependimento e a sua transformação. « Farei quanto este ja ao meu alcance, respondeu Wright. » Com effeito, procurou e achou trabalho para o libertado.

O director começou a franquear-lhe a entrada na prisão e autorizou-o a visitar os presos. Wright animava-os na resolução de se emendaren. Punha-os em correspondencia com as suas familias e tornava-se o amigo e bemfeitor d'aquelles infelizes. Impozera-se a obrigação de encontrar-se com os

presos depois de cumprida a sentença. Acompanhava-os ás suas casas. Ajudava-os na proporção dos seus escassos recursos, e procurava-lhes occupação. A maior parte das vezes, era bem succedido. Os patrões começaram a ter confiança em Thomas Wright. Sabiam que era um homen bom, caridoso, e incapaz de os enganar. Metteu os patrões na sua confidencia, e estes começaram a empregar regularmente os presos á sahida do carcere. Quando havia duvidas, depositava uma fiança, fructo da suas economias, — não obstante o seu parco salario de setenta shillings por semana,

Proseguia n'este caminho modesto e sem ostentação — desejando que o seu nome ficasse ignorado, receiando crear obstaculos á obra que elle emprendera, até que conseguiu em poucos annos dar collocação a perto de trezentos criminosos em via de regeneração !. — Conseguiu mesmo — de todas as cousas a mais difficil — afastar as mulheres da embriaguez. As vezes ia a algumas milhas de distancia advogar junto dos maridos a causa das mulheres e supplicar-lhes de joelhos que recebessem a esposa curada do vicio, convertida, e desejosa de voltar ao lar domestico.

Um dos seus amigos refere um caso notavel. Um homem que cumprira a pena de trabalhos forçados em Portland voltou para Manchester com uma carta do capellão para Thomas Wright. Davam-lhe o emprego de varredor. Mr Wright fêl-o promover a calceteiro com approvação de todos. Alcançou tambem que o

homem fosse admittido na escola do Domingo e nas aulas nocturnas da semana, fundadas pelo ultimamente fallecido conego Stowell, e nas quaes veio a ser professor. Tal facilidade mostrou para aprender, que o conego Stowell muito se interessou por elle; e posto que soubesse dos seus antecedentes, fel-o estudar, e a seu tempo o condemnado de Portland entrou no ministerio protestante.

Tambem se refere que um joven que ocupava um posto de confiança n'uma casa de commercio, frequentava más companhias e despendera o dinheiro do patrão. Descoberto o roubo, ia ser denunciado. O pai do joven recorreu á intervenção de Thomas Wright, o qual acudiu immediatamente ao patrão e conseguiu alcançar a promessa de que não denunciaria o delicto, e poria novamente á prova em fidelidade do mancebo. « Experimentai-o outra vez », era o conselho que Thomas Wright repetia com insistencia. O joven foi readmittido. Teve um comportamento exemplar, entregou-se mais aos negocios do que antes. Foi por fim recebido como socio e posto á frente da casa. Nunca deixou de bemdizer o nome de Thomas Wright.

Passados alguns annos, os seus trabalhos mereceram approvação official. O capitão Williams citou-o no relatorio annual do estado das prisões, dizendo : « Para provar a extensa benevolencia d'este homem humilde e de seus cooperadores, e os felizes resultados que alcançou, basta dizer que dos noventa e seis rciminosos que elle patrocinou e rehabilitou, quatro

sómente reincidiram nas antigas culpas. Como é commovedor presencear a confiança implicita que n'elle depositam os infelizes e culpados, e que elle attrahe unicamente pela sua maneira singela, despretenciosa e paternal de fazer o bem!

Havia muitos casos em que Mr. Wright não podia conseguir um emprego para os presos que acabavam de cumprir sentença. N'essas circunstancias ou lhes emprestava dinheiro do seu bolso ou fazia uma subscripção para os ajudar a emigrar. D'esta fórma concorreu para a emigração de 941 criminosos, contribuindo para que começassem vida nova em terras distantes e separados dos seus antigos companheiros. Em muitos casos, os que tinham trabalho ajudavam-o na sua caritativa empresa. Procuravam empregar os seus amigos, ou contribuiam para lhes facilitar a emigração. D'este modo a caridade engendrava a caridade.

Um d'esses miseros emigrados que partira para a America do Norte escrevia á Mr. Wright em 1864 n'estes termos: « Meu querido pai adoptivo ». Incluia duas libras esterlinas para a Obra da Rehabilitação dos homens de Londres. O emigrado que estava em via de fazer fortuna dizia: « Devo o meu bem-estar actual á vossa inolvidavel e paternal protecção. Fostes verdadeiramente o unico amigo e conselho que tive n'este mundo. Afastastes-me do vicio. Quando todos me tinham por um depravado e desviavam os olhos de mim, vós, á imitação do pai do filho prodigo da antiguidade, me restituistes á virtude e á honra-

dez, consolastes o meu coração com a esperança de dias melhores, e com conselhos paternaes infundistes na minh'alma a consolação d'uma fé viva. Deos vos abençoe, meu querido pai ! Deos vos abençoe por tantos favores. Cobrem-se me as faces de lagrimas de reconhecimento recordando quanto haveis trabalhado em favor dos vossos infelizes patricios. »

No entretanto Mr. Wright trabalhava todos os dias na fundição desde as cinco horas da manhã até ás seis horas da tarde, e algumas vezes até hora mais adiantada. Os serões e a maior parte dos domingos eram empregados na tarefa que se havia imposto : visitando os carceres, a penitenciaria, as escolas do Domingo, ou as moradas da miseria e do crime.

Contava a esse tempo sessenta e tres annos de idade e começava a perder a saúde. Não tinha economias, porque todas as dedicava a dar soccorro aos presos cuja emigração protegia. Frequentemente reduzia os seus alimentos ao minimo possivel, considerando sempre que devia todos os seus recursos aos necessitados.

O governo, reconhecendo o valor dos seus serviços, offereceu á Mr. Wright o posto de inspector das prisões com a remuneração de 800 libras por anno. Parecia que esse salario lhe permittiria pôr de parte algum dinheiro, e ao mesmo tempo alargar a esphera das suas operações. Porém elle recusou a offerta sem hesitar, allegando que seria para elle um estorvo ; porque estava convencido de que, uma vez empregado

do governo, deixaria de ser considerado pelos presos como um amigo.

Conhecida esta resolução, a gente de Manchester promoveu uma subscripção para a compra d'um titulo de renda equivalente ao seu salario annual considerado como uma decima parte do que elle economisára ao Estado. A sociedade da Real Bondade contribuiu com cem libras para a subscripção. A gente de Manchester deu o resto e estabeleceu á Mr. Wright uma annuidade de 182 libras esterlinas, total do salario que elle antes ganhava com o seu trabalho quotidiano. Unindo-se a este testemunho de deferencia, M. G. J. Watts offereceu á corporação de Manchester um quadro admiravel do « Bom Samaritano », « como tributo » da admiração e do respeito do artista pelo nobre philantropo, Thomas Wright ». Esse quadro foi collocado muito em evidencia na camara de Manchester. Esta offerta testifica ao mesmo tempo a generosidade do artista e a nobreza do caracter de quem alli se vê representado.

M. Wright proseguia nas suas obras de misericordia. Ia de cidade em cidade, como Howard, visitando os differentes carceres; inspeccionou o Asylo nocturno de Fielet Lane, as Escolas Industriaes de Red Hill, as galés e os estabelecimentos de Millbank, Pentonville, Portland, Portsmouth, e Parkhurst. Contribuiu muito para o melhoramento das Escolas dos Esfarrapados. Desejou ensinar aquellas pobres crianças a ganharem a sua vida honradamente, evitando-lhes por essa fórma o tornarem-se

viciosas. Considerava a ignorancia e o mau exemplo como as causas primeiras de todo o mal; e fez quanto poude para destruil-os com a instrucção religiosa e social. Insistia com M. Cobden, que então se occupava em introduzir um systema novo de educação nacional, para que a instrucção se tornasse obrigatoria, como sendo o principal meio de diminuir a pobreza e o crime. Além das Escolas dos Esfarrapados, instituiu as Escolas Reformatorias, as Caixas Economicas, a Brigada dos Engraxadores. Não havia boa obra a que elle não deixasse de lançar mão.

Queria ter todas as horas do dia occupadas. Era esta a sua divisa: — « Trabalhemos, trabalhemos em quanto é dia, porque não tardará a noute em chegar. »

Assim foi até o fim. Chegado aos oitenta e cinco annos de idade, diminuiram-lhe as forças com rapidez. Estava sempre disposto a receber os que desejavam falar-lhe, especialmente os pobres, os antigos presos. A vida esvaía-se-lhe gradualmente. Repetia constantemente o psalmo 23, e durante a sua doença no fim de cada dia sentia que « já faltava menos um dia para chegar á casa. »

Dera a grande batalha e estava proximo á descançar. Entregou pacificamente a alma a Deos em 14 de Abril de 1875. A sua vida foi verdadeiramente « uma vida que valeu a pena viver. »

Wright rehabilitou os criminosos provando-lhes que confiava n'elles. A confiança attráe a confiança; desenvolve os bons sentimentos occultos, e o cora-

ção não lhe fica insensivel. Á excepção dos casos extremos em que a mocidade tenha sido criada no abandono e na falta de pudor, a confiança torna-se reciproca. Pensemos sempre bem do homem. « Pensar mal, » diz Lord Bolingbroke, « é o signal evidente d'um espirito mesquinho e d'uma alma vil. » Podemos enganar-nos, é verdade; mas antes o engano do que a injustiça.

Pouco antes tinham-se fechado as portas dos edificios nacionaes ao publico inglez. Fôra prohibida a entrada aos dias da semana, admittindo-se sómente os que se apresentavam com bilhetes ou se dispunham a pagar uma gratificação aos guardas. Fechado o Musêo Britannico; fechada a Galeria Nacional, a Cathedral de São Paulo e a Abbadia de Westminster, o Castello de Windsor, a Torre, as Casas do Parlamento e todos os outros edificios publicos, as collecções de curiosidades, e as obras de arte: tudo fechado excepto para os escolhidos. Dir-se ia que, admittido o povo n'aquelles recintos, entalharia a madeira, trituraria as pedras e destruiria d'uma vez todas aquellas preciosidades.

O fallecido José Hume foi, creio eu, o primeiro homem publico que se dedicou a modificar este deploravel estado de cousas; e o primeiro musêo que conseguiu abrir ao publico, foi o Musêo Britannico. Não foi sem oposição que alcançou o seu proposito. Levantou-se a velha gritaria : a collecção ia ser damnificada, destruida; quem sabe? talvez roubada; e parecia uma ideia tão singular! Porém o

Musêo Britannico, graças á tenacidade de M. Hume, *foi* aberto ao publico, e não faltaram as predicções pessimistas. Antes da abertura do musêo ao publico, eram sómente recebidos grupos de cinco a seis pessoas a um tempo, acompanhadas por um dos guardas — especie de policia disfarçado, — prevenido contra os iconoclastas, e disposto a prender o primeiro que aproveitasse a occasião para destruir qualquer d'aquelles valiosos objectos.

Pois bem! Decidiu o Parlamento que as salas do Musêo Britannico estariam patentes aos carniceiros, aos padeiros, aos soldados, ás costureiras, ás modistas, e aos criados. E que disse Stanley (o fallecido Conde de Derby) depois da invasão dos barbaros? Veio á Camara dos Deputados (da qual era membro, e tambem administrador do Musêo Britannico) no mesmo dia da assustadora invasão; poz-se em pé, e com voz emphatica, « *Confesso que estava alarmado e assustado*, » disse « mas posso hoje affirmar que deram hontem (o primeiro dia de Maio) entrada 31,500 pessoas no Musêo Britannico e que não houve seis pennies (doze vintens) de estragos! »

Assim pois as « predicções pessimistas » não se realisaram, e ficou provado que o povo podia ser livremente admittido nas salas nacionaes para ver as collecções de antiguidades e de obras d'arte sem revolucionar a sociedade. O segredo é facil de descobrir; o povo correspondeu á confiança que n'elle se fez.

M. Hume não se deu por satisfeito. Repetia cons-

tantemente aos ouvidos do governo que se devia fazer mais confiança no povo, que se lhe devia patentear as collecções que serviriam ao mesmo tempo de distracção e de instrucção; e foi tão tenaz na sua insistencia, que alcançou a abertura ao publico da Torre, do Palacio de Hampton, da Abbadia de Westminster e de São Paulo. Accentuou-se gradualmente este movimento em favor do povo, e hoje existem parques á disposição do publico, não sómente em Londres, mas na maior parte das grandes cidades e villas manufactureiras.

Ainda no tempo da Exposição de 1851, discutiu-se gravemente no Parlamento se seria necessario cercar Londres com tropas para manter a ordem publica. Foi rejeitada a proposta, e o Palacio de Crystal não foi cercado pela força armada. E que resultou? Não se roubou nem o valor de um penny, nem objecto algum foi voluntariamente damnificado. O coronel Rowan, um dos chefes da policia metropolitana foi interrogado sobre esse ponto perante uma commissão de deputados, e respondeu que esse facto devia ser attribuido á « cordura do povo »; accrescentando que esse progresso provinha da facilidade com que nos ultimos annos se havia admittido o publico nos edificios nacionaes — n'uma palavra, da confiança que n'elle se fizera.

Esta é a verdadeira fórma d'impedir a realisação das « predicções pessimistas ». Admittir livremente o povo nos edificios aonde possa examinar as obras d'arte que são a prova mais evidente dos dons que

Deos reparte com o homem. Deixai-o contemplar as diversas fórmas da belleza — cheia de graça, de devoção ou de virtude. — Memoria d'algum sentimento genuino, d'algum sublime pensamento ou de nobre acção historica que inconscientemente eleva, dulcifica, refina e civilisa. As nossas galerias de pintura podiam por esse lado converter-se em instrumentos da mais acrisolada educação, levantando e purificando o gosto, e instruindo o espirito ao mesmo tempo. O simples facto de permittir ao povo a livre entrada n'essas galerias concorre para a educação moral. Ter fé n'um homem, — provar-lhe que acreditais na sua honradez, é fazer muito mais para conquistar o seu coração e pôr em evidencia os melhores sentimentos da sua natureza, do que empregar para com elle toda a força da lei e da authoridade. Desarmamos as más intenções d'um homem quando lhe provamos pelos nossos actos que temos confiança nos seus bons sentimentos. E é assim que o mal é vencido pelo bem.

Com effeito bastaria confiarmos mais nos homens para d'elles obtermos a manifestação de todos os bons sentimentos que n'elles existem latentes.

Concedei-lhes algumas prerogativas e elles aprenderão a usar d'ellas convenientemente. O unico remedio contra os males d'uma liberdade recentemente adquirida é a mesma liberdade. Habituai aos raios de luz o preso que sáe da sua cella, e não tardará em supportar os mais brilhantes raios do sol. Para abrandar a natureza do homem, é forçoso que este se

familiarise com doces influencias. Para fazer do homem um bom cidadão, é forçoso que lhe permittam o exercicio dos direitos e das funcções dos cidadãos. Antes d'um homem nadar, necessita ter-se mettido á agua ; antes de ser bom cavalleiro, deve ter montado a cavallo ; e antes de ser um cidadão intelligente, deve conhecer os deveres dos cidadãos. Eia pois! *confiemos no povo*! Estas palavras de ouro nunca trahirão o homem ou o partido que as pozer em execução.

CAPITULO XII

O Heroismo nas Missões.

A paciencia é o exercicio dos santos... o segredo da sua força... a amplitude do seu horizonte... o triumpho sobre os revezes da desgraça... ou os sorrisos da fortuna.» — Milton.

« Porque confiamos...
« Que n'outro mundo... de mais dilatada esphera... veremos completada... e não destruida... a porfiosa lida... em que aqui nos esforçámos.» — A. H. Clough.

« Por todas partes uma cruz...
Aonde o Christão exhala a vida...
Nasce a victoria da destruição...
Nasce da morte a alegria...
Surgem da fé, as visões...
Revertem em gloria as humilhações.
Faz-se justiça ao opprimido;...
Cumprindo-se a lei do Crucificado;...
Despreza os applausos e a fama.»

Olbig Grange.

Refere-se do Duque de Wellington que a um missionario que lhe perguntava se valia a pena prégar o Evangelho aos Indios, respondeu com a seguinte pergunta : « Qual é a vossa divisa? O Missionario respondeu : » Ir até o fim do mundo e prégar o Evangelho a todas as creaturas. » « Segui-a pois », acrescentou o Duque ; obedecei : tal é o vosso dever. »

Tem havido homens em todos os seculos para seguir os conselhos do Salvador, não obstante as

difficuldades, os odios, e os perigos a que se expunham. Christo prégou aos Judêos e aos Gentios. São Paulo foi o primeiro Missionario. Fundou igrejas no Oriente, em Corintho, Epheso, Thessalonica, e em outras partes, ficando os seus ossos em Roma, aonde fôra pregar o Evangelho.

A carreira do Missionario é a que requer maior obediencia e heroismo : sempre exposto ao perigo e á morte, vive entre selvagens, algumas vezes entre cannibaes. Não ha dinheiro que lhe pague o arrojo com que acommette os trabalhos de toda natureza, e só lhe incute animo a lembrança da obra de caridade de que está incumbido. Os chamados « livres pensadores » nada têm a offerecer-nos que valha o trabalho voluntario dos missionarios na patria e fóra d'ella. A simples negação nada ensina. Póde destruir; é incapaz de reedificar. Póde abalar os fundamentos da nossa fé e não deixar nada de pé, nada que nos santifique, eleve e fortaleça.

Mas diz-se que o homem no estado selvagem é « desprezivel ». « Como póde ser desprezivel para nós », diz o Bispo Selwyn, a quem Deos ensina que não qualifiquemos nenhum homem de nescio ou impuro? Analysemos as phrases correntes de « pobres herejes » e de « desgraçados selvagens ». Mais pobre e mais desgraçada reputo eu a gente dos paizes christãos, tão sobrecarregados de beneficios aos quaes tão mal sabem corresponder; mais pobres e mais infelizes do que todos podemos ser, nós os

vocação. Vale mais ir ter com infieis e tratal-os de irmãos e iguaes, do que arriscar-nos áquella subtil satisfação propria em que se compraz o espirito do missionario, agradecendo a Deos o não ser como os outros homens.

Quanto não devem a Santo Agostinho, primeiro missionario de Inglaterra, a nossa liberdade, a nossa integridade, a nossa instrucção e mesmo as nossas missões! Nos fins do sexto seculo, Agostinho ou Austino, foi consagrado pelo papa Gregorio e intitulado Bispo de Inglaterra. Seguiu na sua missão, e depois de atravessar a França, desembarcou em Thanet acompanhado por alguns monges. Foi recebido por Ethelberto, rei de Reus na Cantuaria. O rei desposára uma mulher christã, e influido por ella, recebeu o baptismo, sendo depois admittido na Igreja. A missão de Agostinho alargou-se por todo o paiz de tal sorte, que na hora da sua morte, em 605, a maior parte da Inglaterra reconhecia a Sé de Roma.

Todavia, o Norte da Inglaterra continuava no culto do paganismo. Edwino, chefe do paiz ao norte do Humber, contrahira esponsaes com uma princeza christã, irmã de Edbaldo, rei de Kent. A noiva encaminhou-se para o Norte acompanhado d'um padre de origem Romana, chamado Paulino. Passados annos, Edwino fez-se christão, não obstante os Nobres e Barões conservarem-se pagãos. Foi decidida uma Assembléa dos Wittenagemote para examinar as novas doutrinas. Edwino expoz os motivos que o

haviam levado a mudar de religião e pediu a cada um a sua opinião. Este facto é relatado por Bede, na sua Historia, em termos muito commovedores.

O primeiro que respondeu foi o chefe dos sacerdotes. Declarou a inhabilidade dos velhos Deoses, Thor, Odin, e Freia [1], e o seu proposito de lhes não tributar mais adoração. Em seguida, ergueu-se o chefe dos guerreiros e fallou n'estes termos :

« Recordai, ó Rei, o que algumas vezes succede nos dias de inverno quando estais assentado á vossa mesa com os vossos Nobres e Barões, quando na lareira arde um bom lume que aquece as vossas salas, ao passo que fóra bate a chuva, cáe a neve, ronca o vento. Entra então um passarinho que esvoaça pelas salas e sáe com rapidez. Esse transito momentaneo afigura-se-lhe suave, por livrar-se da chuva e dot emporal. Mas dura pouco ; o passaro desapparece n'um abrir e fechar d'olhos; fugira do inverno para tornar ao inverno immediatamente. Tal me parece a mim a vida do homem sobre a terra; tal a sua carreira momentanea comparada com a extensão do tempo que a precede, e que se lhe ha de seguir. Para nós a eternidade é obscura, atormenta-nos pela impossibilidade de a comprehendermos. Se, pois, esta nova doutrina nos ensina alguma cousa certa sobre esta materia, é da nossa conveniencia adoptal-a. »

O discurso do velho guerreiro resolveu a questão. Foi posta a votos, e a assembléa renunciou solemnemente á adoração dos seus antigos Deoses. Po-

1. Quinta-feira, quarta-feira e sexta-fecia.

rém quando Paulino, o missionario, propoz a destruição dos idolos, naõ houve um só bastante firme nas suas convicções para arrostar com os perigos d'uma tal profanação. Mas o summo sacerdote montou a cavallo, cingiu á cinta uma espada, brandiu a lança, lançou o cavallo a galope contra o templo, e á vista de todo o povo feriu as paredes e as imagens, demolindo-as. Em seguida, levantou-se um edificio de madeira no qual foi baptizado Edwino e um grande numero de companheiros. Paulino então percorreu as terras de Deiria e Bernicia, baptizando nas aguas do Swale e do Ure todos quantos queriam obedecer ao decreto da Assembléa dos Sabios.

No seculo setimo, a luz do Christianismo foi espalhada pelas terras ainda immersas nas trevas do paganismo pelos missionarios Andomar, Amando e Columba, na Gallia ; Paulino, Wilfredo e Cuthberto, em Inglaterra ; Kileau, Rudperto e finalmente Bonifacio, na Allemanha. Entrou Bonifacio na Bretanha, com o Evangelho n'uma das maõs e a regua de carpinteiro na outra. Tinha o verdadeiro espirito do trabalho, e quando depois foi para a Allemanha lá introduziu a arte da construcção.

Anschar foi em 826 com um seu companheiro para os confims do reino da Dinamarca aonde, animado pelos primeiros resultados, instituiu seminarios para missionarios. No decimo seculo estabeleceram-se na Hungria e na Polonia, na diocese de Cracovia. Ahi luctaram com grandes difficuldades, que iam d'antemão dispostos a vencer. Dedicavam-se destemidos

ao serviço dos que eram atacados da peste. Além de converterem á fé christã, juntavam dinheiro para remir os captivos do Imperio Ottomano. Quem resistiria a tanta caridade?

No decimo e no undecimo seculo havia grupos de operarios e architectos todos relacionados com a Egreja. Eram elles que edificavam as esplendidas cathedraes de todos os paizes. Punham a alma n'esse trabalho, que era para elles uma religião, e todo vida, verdade, amor, e alegria: dir-se hia musica cinzelada. Que differença dos pessimos trabalhos dos nossas dias! Vemos desmoronados os edificios modernos, ao passo que as antigas cathedraes se conservam de pé, soberbas na sua magnificencia, e impondo-se á admiração de quantos as vêem.

Diz se que a China teve missionarios Nestorianos a partir do seculo setimo, e missionarios Francezes desde o seculo duodecimo. Os missionarios protestantes só deram entrada na China no anno de 1807. Na Asia e na Africa existem apenas como guarda avançada alguns piquetes de missionarios. Na Africa começa tão sómente a alvorecer a idade heroica das missões. Mas quantas terras ainda ha por explorar?

São Francisco Xavier, Apostolo das Indias, foi o exemplo de todos. Embarcára para Gôa a bordo d'um navio portuguez, no anno de 1542, com o proposito de prégar a fé aos pagãos. Era de nobre linhagem e podia ter vivido á maneira d'outros muitos, entre luxo e prazeres. Mas tudo abandonára para se

entregar ao sacrificio, á devoção, e á caridade. Percorria as ruas de Gôa com uma campainha na mão, para chamar a si as crianças e dar-lhes instrucção. D'ahi, passou ao Cabo Comorino, a Travancore, a Malacca, e ao Japão. Desejou introduzir-se na China, mas não o poude conseguir; e finalmente morreu de febres na Ilha de Sanchão, aonde alcançou a palma do martyrio.

Tão pouco podemos olvidar Las Casas, Apostolo das Indias Occidentaes. « Na epoca », diz Arthur Helps, « em que para tudo se appellava para a força bruta e especialmente para resolver as questões religiosas, elle sustentava nas Juntas e nos Conselhos Reaes que as missões deviam viver independentes de força militar; que um missionario devia fazer o sacrificio da propria vida e confiar unicamente na protecção divina sem recorrer â assistencia do poder civil ou militar. As suas obras ainda hoje formariam o manual mais completo dos missionarios ».

Las Casas acompanhou seu pai n'uma expedição capitaneada por Colombo ás Indias Occidentaes, em 1498. Viu então a America pela primeira vez. Voltou para Hespanha, e fez uma segunda viagem a Hispaniola, aonde foi ordenado sacerdote. No cumprimento dos seus novos deveres, mostrou-se eloquente, sagaz, leal, brioso, dedicado, compassivo. Ia com os Hespanhoes d'uma parte para outra, procurando grangear a confiança dos Indios. Impediu muitas crueldades e muitas desordens; porque os Hespanhoes eram muito mais barbaros do que os In-

dios ; mas não podendo evitar algumas scenas de mortandade a que assistiu, Las Casas resolveu regressar a Hespanha e interceder pelos desgraçados indigenas. Obteve uma entrevista com o Rei Fernando, a quem relatou as injustiças e barbaridades que soffriam os Indios, e como pereciam em completa ignorancia da fé.

Mas Fernando estava já a esse tempo em idade avançada, presentia a morte proxima, e as considerações do seu espirito enfraquecido já pouco influiam. Falleceu pouco depois, e Las Casas tentou chamar a attenção e o interesse do Cardeal Ximenes, Regente do Reino, para a miserrima situação dos Indios. O Cardeal prometteu atalhar aquelles males. Designou tres padres Jeronymos para acompanharem Las Casas á America. Desembarcados em São Domingo, os frades juntaram-se ao governador e aos juizes, tornando Las Casas a Hespanha para protestar contra esse proceder ; mas o Cardeal Ximenes estava quasi a morrer. Contava o rei (Carlos V) apenas dezeseis annos, e os negocios d'Hespanha eram administrados pelo novo Regente. Las Casas conseguiu captar a sua benevolencia, mas a breve trecho expirava tambem o segundo Regente : como se a morte se empenhasse em contrariar a realisação dos desejos de Las Casas.

O bispo de Burgos recuperou a sua influencia, e Las Casas foi sepultado « nos abysmos » conforme elle proprio se expressava. Os frades Jeronymos foram chamados a Hespanha; mas o missionnario não

obteve mais socorros, e voltou para a India como ao principio. Tentou fundar uma colonia em Cumaná, aonde captou a amizade dos Indios, e esforçou-se por livral-os da crueldade dos Hespanhoes.

Porém sempre surgiam impedimentos, e a empreza de colonisação abortou. Não tinha quem o auxiliasse, e a obra que elle sonhára não era para ser levada a cabo por um só.

Las Casas decidiu-se então pela vida monastica. Permaneceu oito annos no convento dos Dominicanos de Hispaniola, vivendo na mais severa reclusão. Em seguida entregou-se á tarefa de missionar, indo primeiro ao Perú com dous dominicanos do seu convento, e voltando para o Mexico, aonde instruiu os Indios na religião Christã. Achando-se em Nicaragua, Las Casas organisou uma opposição formidavel contra o governador, obstando a que elle emprehendesse uma d'aquellas expedições no interior que causavam sempre tamanhos prejuizos aos indigenas, dando lugar ás mais atrozes crueldades. É sabido que de 4000 Indios que acompanharam uma d'essas expedições carregando fardos, só seis voltaram vivos. Las Casas expressamente refere que, quando um Indio se via impossibilitado de proseguir na jornada, minado pela molestia, pelo cansaço e pela fome, para evitar demoras, cortava-se-lhe a cabeça: meio rapido de separal-o do grupo ao qual ia preso com cadeias. « Imaginai », ajunta elle, « o que sentiriam os companheiros! »

Las Casas e os seus collegas resolveram ir a Tuzu-

latão com o proposito de converter os naturaes d'aquella terra, terror dos Hespanhoes, e denominada por estes « Terra de guerra. » Tres vezes os indigenas os haviam rechaçado. Porém os missionarios, inspirados pelos ardores da fé, determinaram invadir aquelle territorio arriscando a propria vida.

Começaram por traduzir as grandes doutrinas da Igreja em verso na lingua Quiché, e para que os Indios tomassem conhecimento da obra, relacionaram-se com quatro mercadores Indios que costumavam differentes vezes no anno levar mercadorias áquellas terras, e ensinaram-lhes a decorar com perfeição as estancias do poema, ás quaes foi appropriada uma musica que os mercadores tocavam nos instrumentos indigenas. Las Casas forneceu-lhes tambem uma variedade de objectos, taes como tesouras, facas, campainhas, espelhos, destinados a captar a attenção da gente da terra.

Os mercadores receberam do Cacique o melhor acolhimento. Á noute, quando os chefes se encontraram reunidos, os mercadores pediram um instrumento, e começaram a recitar as coplas ao som da musica, produzindo um effeito extraordinario. Repetiram-se por muitos dias estas lições em fórma de canto. O Cacique inquiriu a procedencia d'aquelles versos, e qual era a sua significação. Responderam os mercadores que provinham dos Padres. « E quem são os Padres? » Dadas as competentes informações pelos mercadores, o Cacique convidou esses homens extraordinarios a fazer-lhe uma visita. E esta foi a

astucia de que Las Casas se serviu para penetrar com os seus companheiros na « Terra da guerra. »

Seria inutil prolongar este assumpto. Bastará dizer que o Cacique abraçou a fé Christã, abateu os idolos, e d'elles fez uma fogueira, prégando a mesma fé aos seus subditos que lhe seguiram o exemplo. Las Casas e Pedro de Angulo edificaram uma igreja em Rabinal. Ahi instruiam a gente, e ensinavam-lhe não sómente cousas espirituaes, e trabalhos manuaes, senão tambem o processo mais elementar de se lavar e vestir. A gente de Coban, terra da visinhança, fez o mesmo; e assim proseguiram estes arrojados frades de triumphos em triumphos, que lhes não permittiam descanço.

Las Casas voltou para Hespanha em 1539, e alli se deteve em consequencia do seu grande conhecimento das cousas da India. Deu a esse tempo principio á sua obra intitulada « *Destruição das Indias* », que teve muito favoravel acolhimento. Foi-lhe offerecido o bispado de Cusco (em Nova Toledo). Elle, porém, recusou-o. Novamente lhe offereceram o bispado de Chiapa no Novo Mexico, e os seus superiores appellaram para a sua consciencia afim de o persuadirem a acceitar. Finalmente submetteu-se á vontade dos seus superiores. Tornou a fazer-se de véla para o Novo Mundo e estabeleceu-se em Ciudad Real, capital da provincia. A dignidade episcopal em nada alterou as suas maneiras, nem os seus costumes. Vestia o habito de monge, muitas vezes roto ou remendado. Tudo na sua casa era da maior singeleza.

Negava a absolvição a todos que compravam ou vendiam escravos contrariamente ás prescripções da nova lei. Arrostou com grandes difficuldades quando intentou abolir a escravatura. Attentaram contra a sua vida. Chamavam-lhe « o Diabo do bispo; « ou « o Ante-Christo ». Elle em nada reparava, seguia o seu caminho, contente se debellava algum erro. Por fim voltou para Hespanha em 1547, resignando então o bispado.

Las Casas tinha uma energia indomavel. Cruzou doze vezes os mares entre a Europa e a America. Esteve por quatro vezes em Allemanha para conferenciar com o Imperador. Teve uma vida sobremaneira trabalhosa; e devia ter sido de robusta constituição, porque só falleceu em Julho de 1566 na idade de noventa e dous annos, em Madrid, depois d'uma curta enfermidade.

O mesmo que Las Cases deplorava ha cem annos, devemos nós deplorar hoje — que os missionarios sejam precedidos ou seguidos de forças a pé ou a cavallo, e que os pagãos recebam a morte antes de admittidos no seio da Igreja. O amor da conquista é a causa primordial d'esta iniquidade. A partir de 1800 até 1850, 14,500,000 libras esterlinas foram consagradas pelos Inglezes ás missões christãs, evidente prova da fé, da energia, e da piedade das congregações Britannicas. Todavia, no mesmo espaço de tempo, gastámos com guerras e petrechos de guerra 1,200,000,000 libras esterlinas. Prova mais evidente ainda da nossa fé na guerra, e nas munições de guerra.

Conseguiram alguns missionarios penetrar pelo sul do Africa, e entranharem-se pelas terras dentro em direcção ao norte, não obstante se encontrarem com obstaculos innumeraveis. Viviam com os indigenas, a quem consagravam todas as forças das suas almas, e todos os affectos dos seus corações na esperança de os converter á crença nas doutrinas de amor do Christianismo. Houve homens bem educados, habituados a todos os confortos da civilisação, que supportavam as mais crueis privações, tanto mais crueis que d'ellas soffriam igualmente suas esposas e seus filhos. Não era a avidez do lucro sufficiente estimulo para manter a coragem em identicas circumstancias. Vencia o Dr Moffat quando atravessou o Rio Orange, em 1820, como missionario das tribus de Bechuana, um salario de dezoito libras esterlinas e sete shillings para si, e cinco libras esterlinas e cinco shillings para sua mulher e seus filhos.

Quando Moffat se estabeleceu entre estas tribus, não conhecia a sua lingua nem tinha quem lh'a ensinasse. Sem recordar as suas crueldades nem temer a ferocidade d'aquelles selvagens, vivia descuidado entre elles. Passeiava, dormia, caçava, descançava, comia, bebia com elles, até chegar a conhecer com perfeição o seu idioma, e depois, começou a prégar-lhes o Evangelho. Arrostou com difficuldades e trabalhos de todos generos, com ameaças de morte, e quasi sem esperanças de successo. Acabaram por crêr n'elle, e nas santas palavras que lhes dirigia. Os selvagens d'antes nús, e que desconheciam a lim-

peza, aprenderam a andar vestidos e limpos. A industria succedeu á preguiça. Começaram a construir casas e a cultivar jardins. E cuidando do espirito ao mesmo tempo que do corpo, abriram-se escolas para as crianças, e capellas para os velhos. Assim avançou rapidamente a obra da educação e da religião.

A Moffat succedeu Livingstone, seu genro, que consagrou a sua vida á mesma causa. Livingstone internou-se no centro Africano, e pisou terras nunca antes pisadas por europêos. Fez centenas de leguas entre féras e homens mais ferozes ainda, correndo grande risco de vida; mas nunca poz em duvida o triumpho do Evangelho, mesmo entre os seres mais embrutecidos. Não viveu tempo sufficiente para assistir ao começo da guerra no sul da Africa, e para saber que milhares de seres pagavam com a vida a resistencia que oppunham á annexação do seu territorio.

Os homens, ainda os mais selvagens, julgam-se uns aos outros pelas obras, não pelas palavras. Ha christãos de profissão que, á semelhança dos vendedores de moeda falsa, muitas vezes desacreditam a verdadeira religião. « Ha muitos homens da sociedade », diz o Dr Guthrie, « que em bondade de coração, doçura de caracter, e generosidade, nada desmerecem de taes christãos »; e como se poderá calar a voz do mundo quando ella diz: « O homem religioso não é melhor do que os outros; e algumas vezes é mesmo peior ? » Como resalta esta verdade

da inolvidavel resposta d'um chefe Indio ao missionario que insistia para que elle se fizesse christão. O selvagem, de topete de plumas e corpo matizado de diversa côres, ergueu-se altivo, conscio da sua superioridade, trenulos os labios de indignação, chammejante o olhar, e replicou ; — « Os christãos mentem ! Os christãos enganam ! furtam, bebem, assassinam ! Os christãos roubaram-me as minhas terras, e mataram a gente da minha tribu ! » E, voltando as costas, acrescentou — « Os christãos são o demonio, Não quero ser christão ! » Possam estas reflexões ensinar-nos a sermos circumspectos na confissão d'uma crença religiosa ? mas, uma vez manifestada a nossa fé, sejamos-lhe fiel, e pratiquemol-a com a graça Deos!

Volvamos agora os olhos para outra parte do mundo, para as ilhas da Polynesia aonde muitos missionarios têm cumprido actos de heroico valor. Tomemos, por exemplo, a vida de Jão Williams conhecido como » « Martyr de Erromanga. » A sua vida é um romance ; mas a sua infancia nada offerece de particular. Começou por aprendiz n'uma casa de quinquilharia em Londres, e do balcão passou para a fabrica. Tinha o instincto do mecanismo, e executava trabalhos em ferro que requeriam delicadeza e habilidade, Mais tarde ligou-se de amisade com alguns companheiros impios, que ameaçaram exercer uma influencia fatal sobre o seu caracter. Eram incredulos de profissão, e partidarios de Thomaz Payne. Prevaleceram porém outras influencias mais sãs ; e por fim

Williams alistou-se n'uma Sociedade de Progresso Mutuo, e tornou-se um dos mais activos professores das Escolas do Domingo.

Excitavam a esse tempo um grande interesse as missões nos paizes idolatras, e depois de graves ponderações, Williams offereceu os seus serviços á Sociedade das Missões de Londres. Acceite a sua proposta, deixou em 1810 a fabrica antes de terminar o aprendizado. Contava então vinte annos apenas. Durante o curto espaço de tempo de que lhe permittiam dispôr para estudos litterarios e theologicos, conseguiu visitar fabricas e estabelecimentos aonde aperfeiçoou os seus anteriores conhecimentos, com o proposito de ensinar artes mecanicas, juntamente com a doutrina religiosa, aos povos que ia instruir.

O Capitão Cook descobriu no Mar Pacifico muitas ilhas, habitadas por selvagens, alguns dos quaes eram relativamente bons, e outros d'uma crueldade atroz; todos porém idolatras. Estas ilhas foram por conselho do Dr Haweis, padre das Missões do Mar Pacifico, escolhidas para theatro dos primeiros ensaios. Por largos annos os missionarios exploradores trabalharam com pouco resultado; mas os indigenas finalmente começaram a abraçar o Christianismo, e n'algumas ilhas ficaram completamente esquecidas as ceremonias da idolatria.

Os missionarios pediam a miudo novos cooperadores. A Sociedade das Missões de Londres, para satisfazer a essa urgente necessidade, enviou João

Williams, não obstante os seus poucos estudos preliminares. Tinha por si a mocidade, o enthusiasmo, e a energia. Antes de encetar a viagem, tomou Williams por esposa Miss Maria Chauner, que foi a mais excellente cooperadora dos seus trabalhos. Seis mezes depois de deixar o officio, embarcou com alguns outros jovens missionarios para Sydney, d'onde seguiram para Eimêo, uma das Ilhas da Sociedade. Mr. Williams, além de auxiliar os missionarios, dedicou-se a aprender a lingua que fallavam em Tahiti; e durante esse tempo fabricou as ferragens para um barco que os missionarios estavam construindo para Pomaré, Rei do Tahiti.

Não tardou Mr. Williams em ser removido para Huahine, e depois para Raiatéa, a maior e mais central das ilhas do grupo da Sociedade, aonde os seus esforços foram logo coroados por felizes resultados. Não descuidava o objecto principal da sua missão, mas procurava ao mesmo tempo melhorar as condições physicas e moraes dos indigenas, que eram de má indole e em extremo preguiçosos. O concubinato era commum. Williáms aproveitou-se da influencia que alcançára para os fazer adoptar o casamento legal.

Em seguida incitou-os a edificar casas de habitação, começando por construir para si uma vivenda á maneira das casas inglezas para servir de modelo ás futuras construcções. Era dividida em varios compartimentos, com soalhos de madeira e paredes revestidas de cal. Nos quartos, viam-se mesas, cadei-

ras, sophás, leitos, tapetes e cortinas : quasi tudo fabricado pelas suas proprias mãos.

Os indigenas, que são faceis imitadores, não tardaram em seguir-lhe o exemplo. Auxiliados pelo missionario, construiram casas para si, e assim aprenderam a viver com a decencia e o conforto da gente civilizada. Tambem os ensinou a construir barcos; e com o fito no futuro commercio da ilha, incutiu-lhes o gosto de plantar tabaco e canna de assucar, preparando por esta fórma esses dous artigos para o mercado. Os cylindros para o moinho foram torneados n'um torno que Williams construira por sua propria não.

Lançados os indigenas n'esse campo de operações industriaes, desejou Williams encontrar mercados para aonde esses productos tivessem exportação, e conquistar pacificamente as outras ilhas do mesmo grupo para esse fim. Era de parecer que as condições civis e religiosas teriam muito a lucrar se os ilhéos estabelecessem relações commerciaes entre si; e com o proposito de alcançar esse resultado, resolveu adquirir um barco grande, porque os bateis que tinha ao seu dispôr, não serviam para o fim desejado.

Possuido d'essa ideia, e ancioso de leval-a a cabo, embarcou para Sydney em 1822, e comprou uma escuna de oitenta toneladas, chamada « Esforço » (The Endeavour). Sir Thomas Brisbane, governador da Nova-Galles meridional, offereceu-lhe vaccas, vitellos, e carneiros para propagação nas ilhas. Williams tomava sobre si a inteira responsabilidade

d'esta tentativa. A sua missão consistia em prégar, e não em commerciar; mas estava certo de que, uma vez provada a importancia d'esse trato mercantil, a Sociedade de Londres lhe não negaria auxilio.

Voltou para Raiatéa sem estorvo, e em 1823, fez-se de vela para as Ilhas Harvey com o intuito de descobrir a ilha de Raratonga, terra esplendida que escapára ás pesquizas do Capitão Cook. Só por tradição e lendas conhecia Williams a existencia d'essa desejada ilha, e depois d'uma longa exploração sem resultado, tornou Williams para Raiatéa, fazendo-se novamente ao mar, após algum tempo de descanço. Andou por muitos dias á mercê dos ventos que sopravam rijo, em direcção contraria, falhavam já os mantimentos, e o capitão chegando-se a elle disse-lhe: « Devemos abster-nos de proseguir n'esta empreza, sob pena de perecermos á fome ». Subio um indigena ao topo do mastro para olhar ao redor. Era a quinta vez que a elle subia; e d'esta vez, gritou que Raratonga estava á vista!

« Estavamos a ponto de desistir do nosso empenho », diz Williams, « quando o sol que nascia, rompendo o veu de nuvens que occultava os picos dos montes da ilha, poz fim á nossa angustia, deixando-nos ver a terra que buscavamos! E foi tão brusca a transição, e tão intensa a impressão que sentimos nos nossos peitos, que não obstante os muitos annos decorridos, guardo viva lembrança da sensação d'esses momentos de alegria, das expansões e congratulações da gente da equipagem toda tão unida com-

nosco, e não deixámos de erguer juntos uma voz de agradecimento. Áquelle que no excesso da sua bondade, « nos indicára a derrota a seguir. »

Grato acolhimento receberam o missionario e os seus companheiros (naturaes das ilhas visinhas). Não tardaram os primeiros em declarar o objecto da sua missão. Que era instruil-os no conhecimento do verdadeiro Deos. O rei aceitou gostóso a proposta, e os seus subditos o imitaram. Decorrido algum tempo, Williams deixou na ilha por missionario um dos ilhéos que levára comsigo, e voltou no «Esforço» para Raiatéa. Dispunha-se a exercer influencia sobre todo o grupo dos Navegantes e nas mais ilhas, e apparelhava-se para nova expedição, quando lhe chegou a noticia da desapprovação da Sociedade das Missões de Londres, a qual, receiosa de ver as missões tomarem um caracter profano, resolvera obstar á continuação d'essas tentativas de commercio. Ao mesmo tempo, os commerciantes da Nova Galles meridional recebiam do Governador uma ordem de fiscalisação com o fim de impedir o desenvolvimento do trato mercantil das Ilhas do Pacifico. Viu-se pois Williams obrigado a desfazer-se do « Esforço. » Carregou a escuna com os melhores productos que conseguiu obter, e mandou-o dar á véla para Sydney, dando ordens para que carga e barco fossem vendidos.

Williams estabeleceu-se em Raiatéa, tornando a Raratonga de tempos a tempos. Em 1827, ali acompanhou Mr e Mrs Pitman que iam como missionarios

e averiguaram a destruição da maior parte dos antigos idolos, e a continuação do progresso moral assim como dos sentimentos religiosos dos indigenas. Começou pois M. Williams a verter no dialecto de Raratonga differentes passagens da Biblia, porque até então os livros de que usavam os missionarios eram escriptos na lingua de Taiti. Foi applicado ao dialecto de Raratonga um systema grammatical que permittiu a traducção da Biblia para facil comprehensão dos naturaes. A instancias de Williams, pensou-se em edificar uma igreja. Elle proprio fez o plano, e auxiliado pelo trabalho e pela boa vontade dos chefes e do povo, poude ser construido em dous mezes o edificio sem um só prego nem uma unica peça de ferragem. A capella tinha accommodação sufficiente para tres mil pessoas.

Succedeu um caso original durante essa construcção. Uma manhã, chegou M. Williams sem esquadria, e pegando n'uma lasca de madeira escreveu n'ella com carvão á sua mulher que lhe mandasse a esquadria pelo portador. Em seguida chamou um dos chefes e pediu-lhe que levasse a M^rs^ Williams aquella lasca de madeira. Esta pegou-lhe e perguntou: « Que hei-de dizer? » « Nada; esse pedacinho de madeira fallará por mim. » O chefe metteu-se a caminho julgando que d'elle escarnecia. Fez porem entrega do estilhaço de páo a M^rs^ Williams a qual depois de ler, o atirou fóra e deu a esquadria ao chefe, que levantou do chão o pedaço de madeira e deitou a correr gritando: « Vêde a habili-

dade d'estes inglezes que ate ás aparas dão falla! »

Seguidamente atou um cordel lasca e pendurou-a ao pescoço, tornando-se porá alguns dias alvo da curiosa attenção da gente que ao redor d'elle se agrupava escutando com interesse a relação das maravilhas operadas pela apara de madeira.

Como não apparecesse barco em que M. Williams podesse voltar para Raiatéa, resolveu empregar o tempo em melhor proveito dos indigenas. Abriu escolas aonde lhes ensinou a lêr; mas estavam longe de aprender com facilidade igual á dos seus irmãos das Ilhas da Sociedade. Ensinou-se lhes primeiro a lingua taitiana, que lhes era completamente estranha; e só depois de M. Williams haver vertido o Evangelho de São João e a Epistola dos Galatêos no dialecto de Raratonga é que esses insulanos começaram a aprender no seu proprio dialecto, tornando-se então notaveis os progressos.

Alguns mancebos dissolutos e atrevidos formaram entre si uma conspiração com o fim de assassinar Williams e o seu companheiro, lançando-os ao mar durante a passagem de Raratonga á ilha visinha de Tahaa. Afortunadamente foi descoberta a conspiração. Os chefes reuniram-se e juntos determinaram dar á morte aos quatro conspiradores. No decurso da conversação os chefes indigenas perguntaram que linha de conducta seguiriam os inglezes em iguaes circumstancias; e foi-lhes respondido que em Inglaterra existiam leis e juizes, expressamente creados

para sentenciar sobre delictos de toda natureza, e dar-lhes o merecido castigo.

« E porque não teremos nós juizes e leis? « observaram os chefes ».

Ficou pois resolvida a creação d'um codigo, como base da justiça publica. Mr. Williams e Mr. Threlkeld compozeram-o n'uma linguagem singela e clara, e ao mesmo tempo decidiu-se a eleição d'um jury para impedir a injusta oppressão. No entretanto fóra nomeado um juiz, *pro tempore*, perante o qual compareceram os criminosos, que foram desterrados por quatro annos para uma ilha deshabitada.

Ao cabo de muitos mezes de expectativa em Raratonga, sem que acertasse de passar um só barco, Williams tomou a extraordinaria resolução de construir um barco por sua propria mão. Carecia de todos os utensilios; nem um só dos que tinha servia para esse fim. Principiou por necessitar um folle e fabricou-o. Existiam na ilha quatro cabras, uma das quaes estava dando leite; as outras tres foram sacrificadas, e depois de tres ou quatro dias de trabalho conseguiu ter um folle feito com pelle de cabra; mas em vez de avivar o fogo, o folle apagava-o. Não tardou o folle em desappàrecer. Vieram os ratos de noute, e roeram toda a pelle deixando apenas a armação. Williams, não perdendo de vista o seu proposito, reflectiu que, assim como havia bombas para tirar agua, se poderia conseguir, fundado em iguaes bases, a construcção d'uma bomba que expellisse ar em vez de agua. E após muitas difficuldades, logrou construir

uma machina que satisfazia ao seu proposito.

Com essa bomba de ar estabeleceu a sua forja : no furo d'uma grande pedra accendeu o lume, outra pedra serviu de bigorna, e com pinças de carpintaria fez os indispensaveis tenazes. Por combustivel usava de carvão feito de coqueiro, e outras arvores. Como lhe faltasse machado, rachava os troncos com uma cunha, e depois os insulanos acabavam de os derribar com pequenos instrumentos de pedra. Quando carecia d'um madeiro torcido, abatia um bambú que apresentasse a fórma desejada, ou mandava procurar no matto uma arvore curva, que rachava, obtendo assim d'uma vez dous lenhos do feitio preciso. Era pouco o ferro de que podia dispôr, e para supprir essa falta, abriu nos madeiros uns furos nos quaes introduziu umas cavilhas que ajustavam as pranchas entre si, e davam completa solidez ao trabalho.

A pellicula interna do coco serviu d'estopa para calafetar, e com os filamentos da casca lignea teceram-se calabres e cabos n'uma machina construida para esse fim. As roldanas ou moitões foram feitos de páo-de-ferro. A ancora era de madeira, e tambem se utilisou um tonel com pedras. O navio era de setenta a oitenta toneladas. Finalmente, depois de quinze semanas de trabalho foi o « *Mensageiro de Paz* » ao mar, sendo a esse tempo collocado o leme com extraordinaria difficuldade. Como faltasse o ferro para as ferragens, fizeram-se estas com um pedaço d'uma enxada, d'um machado de tanoeiro, e d'uma grande enxó. Montado o leme com estas ferragens de di-

versas origens dispoz-se o barco veleiro a navegar.

Considerando talvez perigosa a longa viagem para Raiatéa, nas Ilhas de Taiti, que ficavama 800 milhas de distancia, foi resolvido em primeiro lugar dar á vela para Aitutake, que distava apenas 170 milhas. Makéa, rei de Raratonga, acompanhava a expedição. O barco provou ser solido. A viagem para Aitutake foi levada a cabo sem outro accidente mais do que partir-se o mastro grande por causa da inexperiencia da marinhagem insulana, não obstante ter de luctar com um vento muito rijo, e um mar muito encapellado. Felizmente, Mr. Williams tinha uma bussola e um quadrante, que lhe foram de grande utilidade durante a viagem! e não houve cousa que maior surpreza causasse ao rei do que saber anticipadamente em que direcção se devia avistar terra. Não deixava de perguntar como era possivel conhecer com tal precisão aquillo que os olhos não viam; e dizia com frequencia: « Não tornarei a dar o nome de guerreiros aos homens que pelejam em terra; só os Inglezes que luctam com os ventos e as ondas do oceano, merecem ser assim chamados ».

O *Mensageiro de Paz* deteve-se em Aitutake durante oito ou dez dias, e o barco recebeu nova carga, consistindo principalmente em gado suino, nozes de coco, e *gatos!* Os porcos naturaes de Raratonga eram pequenos, e difficeis de crear; sendo importadas setenta cabeças de raça superior. É facil explicar a razão da importante carga de gatos. Abundavam os ratos em Raratonga. Era como uma

das dez pragas do Egypto. Corriam sobre as mesas, por entre a comida. Furtavam pedaços de pão e de carne. Assenhoreavam-se das cadeiras, mettiam-se nas camas. « Quando estavamos juntos em oração, » diz Mr. Willams, « assaltavam-nos por todos os lados. »

« Ratos grandes, pequenos, magros, gordos,... pardos, castanhos, escuros, negros,... graves, velhos, jovens, folgazãos,.. pais, mães, tios, primos,... peraltas, casquilhos,... familias de dez e doze,... irmãos, irmãs, maridos e esposas. »

Comiam effectivamente os ratos de Raratonga metade dos alimentos que havia. Roeram até o folle de Mr. Williams. Roeram os sapatos de Mrs. Pitman; e quando lhes faltava comida, tornavam-se cannibaes e comiam os ratinhos pequenos. Os gatos eram pois indispensaveis aos habitantes de Raratonga. Ajudados pelos porcos recentemente importados, que se tornaram muito ferozes, não tardaram em desembaraçar a ilha d'aquelle flagello.

Mr. Williams não se contentou com estabelecer-se tranquíllamente em Raiatéa aonde tudo corria já em boa ordem. Havia mais ilhas a conquistar, e resolveu conquistal-as. Havia para o occidente umas ilhas que os missionarios ainda não conheciam : as de Hapai, e de Samoa ou dos Navegantes. Elle então, cheio de vida, de valor, e d'intrepidez, embarcou no *Mensageiro de Paz*, e visitou essas ilhas aonde destruio a idolatría e estabeleceu o culto do verdadeiro Deos, como antes fizera em tantas outras partes.

« O Christianismo, « refere Mr. Williams, » não triumphou pela autoridade, senão pela sua propria força moral, pela luz que espargia ao redor de si, pelo espirito de benevolencia que soube crear; porque *a bondade é a chave que abre todos os corações*, quer dos homens civilisados, quer dos selvagens. Levados pelo carinho, abraçavam a fé sem demora, porque attribuiam essa modificação nos costumes crueis e sanguinarios, que elles antes conheciam, ao influxo benigno do Evangelho. » « Existem duas curtas palavras no nosso idioma que eu sempre admirei: ensaiar, e confiar. Ignora-se o que se póde ou o que não se póde em quanto não *ensaiamos;* e se damos coneço aos nossos ensaios, pondo em Deos a nossa *Confiança*, é certo que vemos desvanecer o que antes se nos afigurava difficuldades colossaes, e que encontramos facilidades com que estavamos longe de contar! »

Decidiu-se por fim Williams a tornar á Inglaterra. Mandou vender o *Mensageiro de Paz* em Taïti e tomou passagem a bordo d'um baleeiro que partia para Londres, aonde chegou no mez de Junho do anno de 1834. Apresentou o seu manuscripto do Novo Testamento no dialecto de Raratonga á Sociedade da Biblia Ingleza e Estrangeira, que o mandou imprimir.

Escreveu tambem uma relação dos successos mais importantes que tinham referencia á sua extraordinaria carreira de missionario[1]. A leitura d'esse trabalho,

1. *Relatario das missões das Ilhas do Mar do Sul*, com observações sobre la Historia natural das Ilhas, a Origem, a Lingua, as Tradições, e os Usos dos seus Habitantes, pelo Rev. John Williams, da Sociedade das Missões de Londres.

despertou o mais vivo interesse. William tomou a palavra em varios *meetings*, ou centros de reunião por todo o paiz. Tomou amizade com muitos dignitarios da igreja, com homens de reconhecido talento, e com membros da aristocracia. Recebeu donativos de importancia para maior desenvolvimento da missão. A Corporação da Cidade de Londres votou por unanimidade a quantia de 500 libras esterlinas para o dito fim. Subscreveu-se a totalidade de 4,100 libras, com que foi comprado o barco *Camden*, o qual em 11 de Abril de 1838 fez-se de vela de Gravesend, levando a seu bordo Mr. e Mrs. Williams, e mais dezeseis missionarios com suas esposas, que deviam desembarcar nas suas respectivas missões.

O *Camden* chegou ás Ilhas do Mar Pacifico sem interrupção. Visitadas as Ilhas da Sociedade e outras em que já havia missionarios estabelecidos, Williams dirigiu-se para outras ilhas mais ao poente, aonde se não havia dado ainda começo á instrucção dos indigenas. Seguia a expedição com felicidade, quando o *Camden* aportou em Erromanga no grupo das Novas Hebridas. Desembarcou um grupo de passageiros na Bahia de Dillon. Os insulanos, resabiados pela crueldade que havia usado para com elles a equipagem d'uma embarcação que tinha ali aportado anteriormente, vingaram-se atacando os missionarios quando saltavam em terra. Mataram Mr. Williams e o seu amigo Mr. Harris, e comeram-os.

D'esta maneira pereceu aos quarenta e quatro annos d'idade um dos homens de animo mais nobre e

dedicado. Para elle, o dever consistia em fazer bem. Espargia com liberalidade os germens do christianismo e da civilisação. Tinha uma perseverança que força alguma conseguia debellar. Nada o despersuadia de pôr em pratica as suas boas obras, sem todavia dar mostras d'impaciencia. Sabia que chegaria o tempo em que o grão que elle semeára, fructificaria. As suas obras ficariam, quando elle tivesse já desapparecido. Os mesmos cannibaes de Erromanga acabaram por abandonar o culto dos idolos e abraçar o christianismo com alegria.

Houve intrepidos e nobres trabalhadores que seguiram os passos de Williams. O Rev. Jorge A. Selwyn foi sagrado primeiro bispo da Nova Zelandia em 1841 e deu immediatamente começo aos seus deveres de missionario.[1]

Decorridos sete annos de trabalho incessante no centro mais importante da sua diocese, considerou o bispo que em cumprimento da missão que o Primaz Inglez lhe confiára, era chegado o momento de tentar evangelizar os cinco grupos d'ilhas entre a Nova Zelandia e o Equador, aos quaes se dera o nome de Malasia; e dedicou a esta empreza os doze annos seguintes da sua vida. Desde logo dividiram-se as

1. Escreveu Sydney Smith em tom jocoso n'uma das suas cartas : « O conselho que eu dei ao bispo de Nova Zelandia, quando se dispunha a receber os chefes dos cannibaes, foi que lhes dissesse », sinto profundamente, meus senhores não ter nada na minha mesa que seja do vosso agrado, mas sobre o aparador, encontrareis curas e vigarios cozidos e assados »; e se, não obstante esta precaução, os seus convidados acabarem por comel-o tambem, restava-me sómente dizer-lhe. « Espero e desejo que lhes dê uma indigestão. » Nao ha duvida que estaria de accordo commigo n'este ultimo ponto; e no todo devem ser recebidas as minhas palavras como um aviso amigavel e proveitoso. *Memorias do Rev. Sydney Smith*, 1386.

opiniões sobre a prudencia e opportunidade d'essa tentativa que a gente cautelosa alcunhava talvez com razão de romantica e pouco pratica.

Ás observações de amizade a respeito dos perigos que necessariamente havia a correr, respondia o bispo com o seguinte axioma: « que ali aonde vai o commerciante engodado com esperanças de lucros, deve ir o missionario attrahido pelo desejo de ganhar almas para Deos; » e ao mesmo tempo escrevia a seu pai: « Cumpre ao missionario affrontar os maiores perigos, e aventurar o ultimo fio da existencia. N'estas ilhas, é mister arriscar, se ha desejo de vencer. »

Eram certamente grande os riscos que ia correr principalmente porque elle prohibira o uso de qualquer arma a bordo do seu pequeno barco; e consta que um dia em Malicolo, nas Novas Hebridas, deveu unicamente, « á sua presença d'espirito, e nobreza de porte (segundo as proprias palavras do Capitão Erskine) o escapar com os seus companheiros á sorte que annos antes coubêra a Williams em Erromanga, e poucos annos depois a Patteson em Nakapu. »

A outros que lhe diziam que seria desemparar a sua diocese, e abranger demasiado, replicava que se sentia capaz de exercer inspecção e vigilancia directa sobre toda a Malasia sem que d'ahi resultasse o minimo prejuizo para a Nova Zelandia, mesmo em proveito dos trabalhos ali iniciados. O seu coração ia-se todo para aquellas ilhas remotas, e para aquelles

negros a quem amava com verdadeiro amor fraternal; e parecia-lhe que Deos na sua Providencia fazendo-o tão excellente marinheiro « o destinára a sulcar os mares, e a habitar sobre os humidos abysmos ».

O Rev. João Coleridge Patteson, — outra alma nobre e desinteressada — partiu a coadjuvar o bispo Selwyn. Tinha podido obter honrosa promoção em Inglaterra, mas preferiu dedicar-se ás missões; e embarcou em 1855 para a Nova Zelandia. Incumbiram-o de missionar os habitantes d'um grupo d'ilhas que raras vezes haviam sido visitadas depois de Cook, e que eram tidos por anthropophagos. Era o terceiro grupo ao redor da curva nordeste da Australia, e consistia nas Novas Hebridas, Ilhas do Banco, Ilhas de Salomão, e de Santa Cruz. Aos naturaes chamavam Malaios ou Ilhéos Negros, por terem côr e feições muito semelhantes aos negros.

Depois de residir por algum tempo na Nova Zelandia, para aprender a lingua da terra e a arte da navegação para dirigir a *Cruz do Sul* (Southern Cross), escuna dos missionarios, embarcou Mr. Patteson para a Ilha de Norfolk, acompanhado do bispo; e ahi para Aaiteum aonde se achava a Missão Escoceza Presbyteriana. Depois costearam a Ilha de Erromanga, aonde Williams perecêra, e era como um bosque d'uma belleza indescriptivel, e Taté, aonde os cathechistas de Samoa tinham sido mortos. O barco foi em seguida ao longo da formosa Ilha do Espirito Santo — com a sua cordilheira de 4000 pés de altura

e ancorou junto da Ilha de Remael, nadando o bispo e os seus companheiros para terra, afim de encetar relações com os naturaes da ilha que erão maoris. Varios rapazes foram levados de Remael para a Nova Zelandia aonde os educaram para cathechistas do Collegio de São João.

Fundeou depois a escuna em Mara, nas Ilhas Salomão, aonde se descobriu que os marinheiros, não obstante fallarem a linguagem maori, tinham ensinado as mais grosseiras palavras inglezas. Avistou-se seguidamente a grande ilha de Santa Cruz, cujos habitantes sahiram ao seu encontro em canôas, com inhame; porém em tão grande numero, que não foi possivel entenderem-se. A escuna deu a volta á roda da ilha e a tripulação poude admirar a magestosa apparencia do grande volcão. D' ahi tomaram para Nakapu — hoje de dolorosa memoria, porque ali pereceu o bispo Patteson. Os insulanos approximaram-se em canôas, trazendo nozes de côco e pães da artocarpia. A *Cruz do Sul* voltou para a Nova Zelandia depois de haver cruzado longo tempo diante das ilhas de Tubua, Vanikoro, e o archipelago dos Bancos.

Este era o campo em que Mr. Patteson tinha de trabalhar. Escrevendo para Inglaterra, dizia : « Não dai credito á ferocidade d'estes insulanos. Se os provocamos, é certo que commettem actos horrendos, e quasi todos são anthropophagos — o que significa que sempre depois d'uma batalha, mas só então, ha um festim de carne humana. Se, porém, os trata-

mos com prudencia e bondade, penso que corremos pouco perigo visitando as suas ilhas — isto é começando por ficar na praia a primeira vez, por chegar até uma aldeia proxima a segunda, por dormir em terra a terceira, fazer depois uma estancia de dez dias, e assim nos introduzirmos pouco a pouco. »

Descrevia o seu methodo de ensinar os insulanos. Insistia particularmente sobre a creação do homem á imagem de Deos. E n'um dos seus discursos proferidos em Sydney exprimiu-se d'esta maneira: « Este amor, depois d'engendrado no coração do homem, deve forçosamente converter-se em amor do proximo...O amor é o principio vivificante de toda a creação. Nas estrellas do céo, nas aguas prateadas do mar, nas flôres dos prados, em toda creatura de Deos, e mórmente na alma do homem, é o amor que adora e louva o grande Creador e Conservador de todas as cousas ».

« O meu querido pai, » diz « escreve ancioso sobre o caso de Denison. Ai! quantas graças não temos que dar a Deos por estarmos fóra d'essa barafunda de controversia, e vêrmos milhares d'almas suspirando pelas migalhas de verdade que ahi se desperdiçam em tão acerbas disputas. Não se trata da Igreja Alta, Baixa, Liberal ou d'outro qualquer nome, mas do ardente desejo de olvidar toda distincção, de tornar a uma ordem de cousas mais singela, conforme naturalmente resulta da convivencia com estes pagãos. »

Patteson proseguiu as suas expedições nas Ilhas

Malasias destemido e cheio de fé. Era muito apreciado tanto pelos homens como pelas mulheres. Quando estas estavam presentes sentia-se protegido e seguro. Conseguia tudo mostrando-se confiado. Foi a Tutuma entrando com agua até meia perna; d'ahi a Erromanga, e depois á Ilha de Taté, cujos habitantes eram os mais ferozes d'aquellas paragens. Ali havia dado á costa o *Real Soberano* (Royal Sovereign), sendo nove dos naufragos mortos, e comidos d'uma assentada, e os outros nove enviados a uma tribu amiga a titulo de presente.

Em 1861, John Coleridge Patteson foi nomeado bispo das Ilhas Malasias. Continuou trabalhando como antes. Viu-se muitas vezes em risco de vida. Andava entre os insulanos só e sem armas. Podiam feril-o de morte com uma setta envenenada; mas elle nem afrouxava no zelo, nem relaxava na alegria. « Louvado seja Deos ! » dizia, « não me faltam recordações que me sirvam de alento, mas principalmente Elle vê e conhece tudo perfeitamente. Vê tambem estes Malaios, e quanto mais os ama do que eu! Tenho fé que estou aqui por sua vontade, e que abençoará a sinceridade dos meus esforços. Já hoje na Malasia se vê romper a alvorada que vem alumiar as trevas da ignorancia e isto serve-me de grande consolação; que importa que a luz não venha a brilhar durante a minha vida : cumpre-me trabalhar. »

E fallando dos companheiros de labor que deviam mandar lhe, dizia : « Um homem que considere as lhas de coral e as nozes de coco sob o ponto de vista

sentimental é peior do que inutil; aquelle que vier offerecendo-se em sacrificio de nada serve; e quem considerar os serviços ou trabalhos grosseiros, indecorosos, torna-se um estorvo, e terá forçosamente de censurar o bispo vendo-o metter hombros ás obras que elle reputa humilhantes. Mas se existe alguem a quem Deos mova com sua graça e que venha em boas disposições, com quanto amor o receberemos, e como elle se sentirá feliz no cumprimento d'esta tarefa tão farta de graças especialissimas que só nós avaliamos! »

Não era a ambição que para ali arrastava esses jovens ministros da Igreja. A remuneração era de cem libras por anno, que subia com o tempo a cento e cincoenta libras. E ensinavam tudo áquelles insulanos — habitos de economia, de ordem, de pontualidade, de limpeza, e outros. Quanto não valem essas virtudes caseiras! O bispo abria collegios e aulas por todas partes. Fazia-se acompanhar de jovens malaios nas suas viagens, para aprenderem a entender-se reciprocamente. Em 1864, em Santa Cruz forêm feridos o bispo e os seus companheiros. Um d'elles, Pearce, recebeu no peito a larga farpa d'uma frecha; e Edwin Nobbs outra no olho esquerdo. Um remador, Young, ficou ferido n'um pulso. O bispo arrancou os ferros das feridas, a do peito com grande custo. Young morreu de tétano. Na hora d'expirar, dirigiu-se ao Bispo.

« Abraçai-me; que contente estou que isto me succedesse no cumprimento do meu dever. » Nobbs pe-

receu da mesma causa. Pearce, cujo ferimento fôra o mais grave, restabeleceu-se.

Embarcou depois para a Ilha de Norfolk, de Pitcairn, para as Novas Hebridas, as Ilhas de Fidji, de Salomão, de Taiti, espalhando beneficios, e recrutando novos membros para a sua grei. Imprimiu o Novo Testamento na lingua do paiz, e alguns extractos dos livros do Testamento Velho. Achando-se no dia de Natal na Ilha de Norfolk, foi acordado por um bando d'uns vinte Malaios, acompanhados por M. Bice,que vinham cantar os louvores do Deos Menino á porta do seu quarto. « Que delicioso despertar! » escreveu elle; « tinha adormecido tendo á cabeceira o Livro dos Cantares, e na memoria o cantico de M. Keble; e vieram depois as coplas já tão familiares do Canto dos Anjos, e da « Luz que alumia os Gentios » cantadas pelos nossos discipulos pagãos. Como resoavam puras aquellas vozes no silencio da noute, á claridade da lua n'um céo sem nuvens, e á tibia atmosphera d'este doce clima! Conservei-me acordado por muitas horas, considerando na transformação operada n'aquelles espiritos, e na sorte tão feliz que me coube, que em nada mereci, absorto em Deos, na sua extraordinaria bondade, e no seu infinito amor. »

Sigamol-o agora na sua ultima viagem ao archipelago de Santa Cruz. Os barcos negreiros de Queensland costeavam as ilhas com o proposito de roubar os insulanos e fazel- os trabalhar nas suas plantações Algumas das ilhas achavam-se já quasi despo-

voadas. Quatro ilhéos de Nakapu haviam sido levados pela gente de Queensland. Como a escuna do bispo fosse chegando á ilha, observou quatro canôas que giravam ao redor do recife de coral. Tomado de compaixão por aquella pobre gente, o bispo mandou deitar ao mar a lancha e n'ella se metteu com quatro homens. Chegado ás canôas, reconheceu dous chefes de quem anteriormente recebêra amigavel acolhimento e não duvidou entrar na canôa em que elles se achavam, a qual foi logo aproada para terra. Os homens da lancha viram o bispo desembarcar, e desapparecer.

A lancha ficou com as outras canôas. De repente um insulano dispara uma setta d'uma jarda de comprimento contra um dos tripulantes do barco. Outros seguem-lhe o exemplo. Os remadores da lancha picam a amarra e conseguem fugir do alcance dos frecheiros, mas dos quatro companheiros, já levavam tres feridos. E o seu bispo? Esse tinham-o morto em terra. Approximavam-se duas canôas, uma carregada de gente, outra apparentemente vazia. A primeira retrocedeu, a segunda seguia sempre para diante trazendo um vulto ao centro. Encontrou-se com a lancha, e um dos marinheiros olhando exclamou :

« São os sapatos do bispo. » Atracou a canôa ao bote, e foi removido o cadaver, envolto n'uma esteira. Desenrolada esta, viu-se o bispo com o seu placido sorriso. Trazia no peito uma folha de palmeira, sendo cinco os ferimentos recebidos.

« Morto em tão bellas circumstancias », diz Miss

Yonge « quasi que faz lembrar a lenda dos martyres da Primitiva Igreja.[1] » Todos os que o amaram e respeitaram sentiram que era aquella a morte que elle sempre ambicionára, e que elle sempre anhelára por dar a vida em cumprimento do dever. É certo que n'elle se vingaram dos quatro insulanos de Nakapu roubados pela gente perfida de Queensland. A esse feito barbaro responderam com esse cruel assassinio!

O doce sorriso que alumiava a face do bispo, infundia serenidade nos animos dos que choravam a falta d'aquelle que até ali os guiára; mas pouco tempo durou a consolação de o verem junto de si. No dia seguinte teve de ser lançado ás aguas do Pacifico o corpo de João Coleridge Patteson. Entrou no descanço eterno, morrendo como vivêra, em serviço de Deos. Acabou em paz.

Poucos annos depois, em 1875, a Ilha de Santa Cruz foi visitada por Goodenough, commandante da náo de S. M. « Perola ». Desejava ardentemente conhecer o theatro da tragica morte do bispo; não obstante ser avisado que se resguardasse da indole traidora d'aquella gente. Elle, sem embargo, desembarcou, e foi ao principio recebido com mostras de amizade. Voltou á terra segunda vez, mas tamanha desconfiança lhe causou o acolhimento dos naturaes que deu immediata ordem á sua gente para que se fizesse ao mar.

N'uma carta —a ultima que escreveu — descreve

1. Miss Yonge descreve admiravelmente a vida d'estes missionarios na sua obra : *Exploradores e Fundadores.*

elle proprio a scena. « Vi á minha esquerda um insulano entezar o arco para atirar, tomei-o por ameaça, mas senti immediatamente a setta no meu lado esquerdo. Gritei « Bótes! Bótes! » arranquei a frecha, e desci pela praia correndo. Zuniam as settas ao redor de mim. Quando logrei embarcar, o cirurgião tratou sem demora de pensar as feridas e queimal-as com pedra infernal.

E cinco dias mais tarde, accrescentava : « Vou indo muito bem; tenho apenas uma dôr nas costas que me não deixa dormir. Não sinto... » — Aqui cortou a phrase. Não poude terminar a carta.

Manifestaram-se os symptomas do tetano, e houve que perder toda a esperança de o salvar. Recebeu a noticia da gravidade do seu estado com o socego perfeito d'um homem cuja vida inteira havia sido uma longa preparação para a morte. Quiz ser removido para a tolda, e emquanto os seus amigos se agrupavam em volta do moribundo na dôr mais silenciosa, este falava-lhes com amor, e induzia-os a proseguir na sua tarefa. Entrou tranquillamente no eterno descanço, e o cadaver foi lançado ás profundezas do mar.

Assim acabou um homem que a Inglaterra mal podia dispensar. Fôra o modelo do marinheiro e do christão.

O acanhado espaço de que dispomos obsta a que mencionemos os actos heroicos d'outros missionarios christãos — dos Jesuitas no Japão, na China, na America do Norte e do Sul; dos Moravios na Groen-

landía, nos Estados Unidos e na Africa; de João Elliot, o primeiro missionario entre os Indios da America; de David Brainerd, e de Jonathan Edwards[1], seu successor; de Martyn, Heber, Carey, Marshman, na India; da familia Judson, em Burmah; de Carlos Frederico Mackenzie, o missionario martyr, na Zambezia; e de Samuel Marsden, patriarcha da christandade, na Australia.

Honra pois vos seja, valentes heroes christãos, conhecidos e desconhecidos; a vós todos que consumistes tempo e forças em propagar a unica sciencia que allivia, conforta, e salva; a todos vós que déstes a vida pela fé; e a todos os que ajudastes, os que vivem na pobreza, os que luctam pela existencia na ignorancia, e caminham para alcançarem os bens futuros, tão superiores aos bens transitorios d'este mundo!

1. Demittido o Presidente Edwards da sua igreja de Northampton (Connecticut), por ter intentado reformar a moralidade da Congregação, foi prégar o Evangelho aos Indios em Stockbridge. Ali se demorou durante seis annos, com sua mulher, digna companheira e auxiliadora dos seus trabalhos; e n'esse tempo escreveu as mais valiosas e importantes das suas obras. Vejamos o motivo da sua demissão: Alguns jovens do seu rebanho adquiriram umas publicações obscenas, e espalharam-as, infeccionando por este modo o restante do rebanho. Edwards chamou os membros principaes da sua igreja e informou-os do caso, e dos nomes das pessoas n'elle implicadas. Como quasi todas as familias da cidade tivessem uma ou outra pessoa relacionada com esse facto, o aviso do bispo foi recebido com os mais grosseiros insultos; e viu-se demittido por duzentas vozes contra vinte. D'aqui resultou a sua vida de missionario entre os Indios.

CAPITULO XIII

A caridade para com os animaes.

« Se desprezas um ser vivente... é porque lhe desconheces o valor. » — Wordsworth.

« Os soldados alegres... mataram o meu gamo... que vai morrer... Barbaros! não redundará em seu proveito... Tu nem em vida lhes fizeste mal... nem proficua lhes será a tua morte. » — Marvell.

« Nos olhos de todos os animaes existe um não sei que de humano, uma luz estranha com a qual observam esse profundo mysterio do dominio que exercemos sobre elles, um raio de intelligencia com que reclamam o parentesco com o homem... á excepção talvez da alma. » — Ruskin.

Pobres animaes que não sabem queixar-se, — passaros, cavallos e tantos outros, — todos victimas da crueldade humana. Acabaram os gladiadores romanos, ficaram as touradas da Peninsula. As mulheres de Roma compraziam-se em vêr os gladiadores soffrer e morrer nos amphitheatros publicos, e as mulheres da Hespanha batem palmas e exultam de enthusiasmo á vista de horrores dos quaes os guerreiros Inglezes se desviam com repugnancia. « É forçoso confessarmos », diz Caballero, « e confessamol-o a nosso pezar, que em Hespanha olha-se para os animaes com pouca caridade, e que nas classes baixas essa mesma pouca caridade de todo não existe. »

Não nos julguemos, porém, sem culpas n'esta ma-

teria. Ainda ha pouco um dos nossos divertimentos publicos consistia em vermos largar um cão a um touro; os combates de gallos e de texugos foram do nosso tempo, e eram frequentados pelos ricos e pobres. Em 1822, Ricardo Martin de Galway, protector dos animaes, conseguiu alcançar a promulgação d'uma lei reconhecendo os direitos dos animaes; porém dois juizes, n'um caso que se lhes submetteu, não duvidaram declarar que os touros não beneficiavam d'essa lei.

Em 1829 foi rejeitada na Camara dos Deputados, por uma maioria de 73 votos contra 28, uma proposta para a suppressão dos combates de touros com cães. Mas o sentimento foi-se educando, e esse divertimento perdeu de todo a aceitação que antes tinha nas classes elevadas. Foi só em 1835 que tão barbaro espectaculo ficou prohibido em nome da lei. A Sociedade protectora dos animaes apoiou-se na lei Martinho. Era pois reconhecido o direito dos animaes a uma protecção legal; porém, infelizmente, fizeram-se excepções; nas quaes ainda hoje se ceva a crueldade.

Por exemplo, exceptuaram-se as aves. Basta ir a Hirlingham em dia de tiro aos pombos para vêr a sorte que se lhes destina. São soltos das gaiolas e mortos á porfia tingindo com o seu sangue os vestidos das senhoras que applaudem como se estivessem assistindo a uma corrida de touros. A ave ferida, de perna partida, consegue escapar, e deixa-se cahir em lugar recondito aonde morre após longa agonia. São porventura estes os exemplos que as mu-

lheres inglezas devem legar a seus filhos e filhas?

A moda de azas de passaros empregadas nos adornos das senhoras tem sido calamitosa para estas pobres aves, mortas por toda a parte para que as « mulheres graciosas » possam satisfazer esse capricho de usar azas de passaros. O jornal *Spectator* refere a noticia d'um casamento ao qual assistiram onze jovens amigas da noiva com vestidos guarnecidos de fina pennugem de cysne e de pintarroxo. Que hecatombe de aves só para essa boda! Os pintarroxos podiam ter-se afogado no seu proprio sangue. Mas as senhoras preferem a mortandade ao sacrificio das suas phantasias.

Hoje a industria das pennas e azas de passaros attingiu tão extraordinarias proporções, que ameaça fazer desapparecer por completo algumas das mais lindas creaturas de Deos. Beija-flôres, alcyões, calhandras, rouxinoes, todos são destruidos. Um commerciante de Londres recebeu d'uma só vez uma remessa de 32,000 beija-flôres, 80,000 aves aquaticas, e 800,000 pares de azas!

Ha poucos annos foi sanccionada pelo Parlamento uma lei « para proteger as aves durante os mezes da criação »; mais tarde publicou-se outra lei « em favor da caça brava. » Mas são leis que pouco se respeitam. Mata-se ainda a caça brava para satisfazer o appetite da mulher. Uma das hodiernas novidades é o chapéo para uso ordinario, « adornado com pennas de patos bravos. » Se não têm á mão o adorno que requerem, revolvem-se as cinco partes do

mundo. A India é o paiz dos alcyões, cujas azas são das mais brilhantes côres. Matam-os, com destino ao mercado inglez. [1]

Os inglezes estão sendo o objecto do desprezo dos Norueguezes em consequencia da excessiva mortandade de caça de todo genero que se deve á passagem dos *touristes* de classes inferiores. O « *Punch* » de Christiania expressa-se da seguinte fórma a respeito dos nossos patricios :

« Vão longe os tempos em que a Inglaterra ousava tomar parte na politica : ha muito que agora dorme (talvez referindo-se ao proceder politico de Lord João Russell com relação á Dinamarca). Durante todo o verão com que Deos nos favorece, somos assaltados por essa praga de alarves inglezes que só vêm caçar, pescar, e destruir; de modo que não tardaremos em vêr os nossos campos sem passaros, e as nossas aguas sem peixes. »

Em resultado d'essa invasão de *touristes* Inglezes, o Storthing promulgou uma lei prohibindo a todo individuo estrangeiro o porte d'arma de caça, ou de ins-

1. Eis o que escreve de Kairpur um « Apaixonado da Natureza » para um periodico de Lahore: « Ha poucas noutes ia vagueando pelas margens d'um d'estes grandes lagos, quando encontrei dous homens trazendo uns cestos de feitio especial. Perguntei-lhes quem eram e o que alli faziam, e responderam-me que eram caçadores de passaros de Madras. E quaes? Alcyões, e mostraram-me pennas de duzentos alcyões, pelas quaes esperavam receber 40 R. S. quando voltassem para Madras. Disseram-me que todo o anno se empregavam na mesma occupação, que havia por todo o paiz bandos de homens empregados quotidianamente no mesmo officio e que as plumagens eram todas enviadas para Inglaterra. Como seguissem para o sul, perguntei-lhes se iam para Guzarate. Replicaram que não, que alli não era permittido aquelle trafico. Boa gente de Guzarate! Espero que n'outras terras da India Ingleza se lheá seguirá o exemplo. Porque não ha duvida que se continua por muito tempo a cruel destruição d'esta formosa ave, teremos de lamentar o total desapparecimento d'uma das mais lindas especies de aves que se conhecem ».

trumento de pesca sem autorisação. Basta que desfructemos o esplendido panorama da Noruega, sem irmos lá destruir a sua caça. Em todos os casos a lei porá cobro a essa devastação.

A captura das calhandras é enorme no nosso paiz. Em Lakenheath, no Suffolk, foram colhidas 2000 duzias de calhandras em tres dias e enviadas para Londres para rechearem os famosos pasteis de calhandras, acepipe dos finos paladares. Tem-se effectivamente vulgarisado muito essa iguaria, e inventam-se todos os meios aqui e no estrangeiro para obter quantidades fabulosas d'essas aves.

Citemos o caso d'um bom homem que conseguiu salvar um grande numero de calhandras ao passo que frustrava a expectativa dos amadores. Succedeu nas proximidades de Aberdeen, ha poucos annos, em meados do mez de Março durante um forte temporal de neve. Os campos eram um vasto lençol de neve. Os passaros cheios de frio e fome fugiam para a costa. Viam-se as calhandras adejar com aquella sua maneira peculiar quando querem pousar em terra. Ao longo das praias a terra estava negra de calhandras.

Sahiu muita gente armada com laços, pez e fuzis, e a colheita foi enorme. Era adiantada a estação, e as aves andavam já aos casaes. Pobresinhas! O rigor do tempo as obrigára a affrontar juntas os riscos da sorte! O bom do homem de quem fallamos encontrou-se com um ser brutal que offerecia á venda uma calhandra, tendo aos pés uma gaiola cheia

d'esses passaros. Era a imagem das negras jaulas de Calcuttá. As aves luctavam entre si desesperadamente na sua ancia de liberdade. O homem commovido comprou-as todas, e mandou-as recolher no seu armazem. Seguiu depois para a Secretaria da Sociedade Protectora dos Animaes na esperança de poder cohibir esse infame trafico, mas teve a decepção de ver que com quanto alguns dos nossos passaros favoritos estivessem incluidos na Lei de Protecção de caça brava, decretada no anno de 1876, a calhandra não estava comprehendida n'essa relação.

Tomou pois sobre si o dar protecção ás calhandras. Convidou os caçadores a levarem-lhe as aves vivas com promessa de lh'as pagar pelo preço offerecido pelos commerciantes da cidade. O convite foi acceite sem difficuldade, porque era obvio que no primeiro caso as aves seriam mortas e comidas, ao passo que no segundo seriam tratadas e restuidas á liberdade. Foi tal o numero de calhandras que lhe trouxeram, — passavam de mil— que além das aves em gaiolas que tinha no armazem, obteve um grande quarto no campo aonde lhes deu accomodação. A chilrada ao amanhecer era espantosa, e reuniam-se sobre a casa bandos de aves attrahidas por aquelle concerto colossal.

Passou o temporal. Sumiu-se a neve; a terra e as hervinhas reappareceram. Chegou a hora de libertar os captivos. Abertas as janellas de par em par; as aves lançaram-se para fóra em tropel, chilrando,

cantando, voando em todas as direcções. Depois, trouxeram as gaiolas do armazem para um lugar aprazivel fóra da cidade. Abriram se as portas, e o bemfeitor collocou-se de lado para assistir á fuga dos seus amiguinhos. Era curioso vêl-os. Alguns partiam como frechas, tomando um vôo muito alto, e desatavam a cantar.

« Lançando as suas notas alegres n'uma profusão de inesperadas harmonias ; » outros esvoaçavam quasi á flôr de terra, e desappareciam por entre o matto. É facil adivinhar, mas difficil exprimir a alegria do nosso amigo no cumprimento d'aquella boa acção. As calhandras fizeram os ninhos na visinhança. Ali criaram os filhos; e d'então para cá a cidade tem sido favorecido pelos cantos da calhandra: « Subindo sempre, sempre mais... Como nuvem de fogo;... Cortando o profundo azul do Céo,... sempre a voar cantando,... e sempre a cantar voando. »

O grande Leonardo de Vinci — grande na sympathia que professava por todos os animaes — grande como architecto, engenheiro militar, philosopho, e artista — usava comprar passaros engaiolados, com o fim de lhes dar liberdade. Existe um quadro em que o eximio artista está representado no acto de libertar esses alados prisioneiros que esvoaçam ao redor do seu libertador, que tem seus pés as gaiolas vasias. Póde vêr-se esse quadro nas galerias do Museu do Louvre em Paris.

Os antigos anachoretas amavam os animaes, os

seus unicos companheiros. Acostumavam os passaros fazer-lhes companhia, e as proprias féras habitavam com elles. Sentiam que nada tinham a temer. Os passaros tambem presentem o perigo quando vêem apparecer um hõmem com uma arma. Os corvos que procuram tranquillamente alimentar-se dos vermes que o arado lhes descobre, desapparecem de subito ; embora estivessem, ao passo que se alimentavam, trabalhando para a prosperidade da futura colheita.

São Francisco considerava todos os sêres viventes como seus irmãos, e não como poesia, senão como realidade. Até prégava ás aves. Falava a todos os entes vivos como se tivessem intelligencia; e comprazia-se em reconhecer em cada um vislumbres da divina perfeição. « Para um coração recto, » disse outro sabio da antiguidade, « toda creatura é um espelho de vida, e um livro de santa doutrina. »

Bem diversos são os sentimentos que prevalecem entre os frequentadores do Bass Rock no Firth de Forth, que se tem tornado o ponto de reunião favorito dos caçadores dos gansos bravos. Barcos e vapores cruzam em frente da rocha, e é uma descarga continuada por muitas horas. As aves, novas e velhas, cáem ás duzias, e quer feridas, quer mortas ali ficam abandonadas. As feridas, d'azas partidas e ensanguentadas vão, levadas na perpetua agitação das ondas, ao desamparo, e morrem em torturas impossiveis de descrever. É porém a isso que se chama « sport » ou « divertimento. »

As aves têm mais caridade do que alguns homens. Soccorrem-se mutuamente nas suas difficuldades. Eduardo Banff tendo atirado a uma gaivota, ficou na maior admiração vendo outras duas que não estavam feridas, levantar sua irmão nas azas e leval-para o mar. Eduardo podia ter morto as gaivotas, mas preferiu deixal-as cumprir essa obra de caridade, e dar uma prova de affecto digna de servir d'exemplo ao proprio homem. »

A moda das batidas tem sido importada da Allemanha. Os batedores levantam a caça ás vezes n'um matto de algumas milhas de extensão, e forçam as perdizes, os faisães, as lebres, a convergir n'um ponto determinado aonde cáem mortos aos centos. A isto tambem se chama « divertimento ». « Atrevo-me a esperar, » diz o Arcebispo de York, « que não tardará em chegar o tempo em que se considerará como uma curiosidade historica saber que houve uma epoca em que cavalheiros inglezes publicaram com satisfacão que elles e seus amigos tinham morto em dois dias duas mil cabeças de caca, as quaes haviam sido acurraladas n'uma tapada expressamente para esse fim. E além d'isso, as aves que cáem nos laços, feridas uma e outra vez, esvoaçando nas agonias do soffrimento, servem de passatempo a homens valentes, a mulheres para quem esse espectaculo é uma festa, provando uns e outros que lhes falta amor e commiseração. A tanto baixou o Cavalheirismo Inglez? Em taes crueldades se resolve o alto conceito que temos do homem? Sir Carlos

Napier abandonou a caça por não poder tolerar a ideia de fazer mal a creaturas que soffrem em silencio; e todavia foi elle o vencedor da batalha de Meeanee. Era corajoso, mas não cruel. Não podia comprehender os divertimentos que consistem em assistir aos ultimos arrancos de pobres creaturas innocentes. Achava-se o General Outram — o Bayard da India — no Egypto, aonde fôra com sua mulher buscar allivios para a debilitada saúde, e um dos seus amigos sabendo que n'aquelle dia faltava carne para o jantar, caçou uma ave. Outram não obstante os seus gostos de « *sportsman* », disse com sentimento: » Fiz voto de nunca matar uma ave. « Não a comeu quando lh'a serviram; o amigo fez presente d'ella a uma velha camponeza, e, « jantou do que havia. »

Alberto de Senna é representado nas velhas estampas acariciando uma lebre, porque frequentes vezes as protegia contra os caçadores. Representam-o meditando sobre esse espectaculo, á imitação de Thiago, o melancholico, chorando sobre o gamo agonisante. « Ha homens, » diz São João Chrysostomo », que têm cães para atacar os brutos, começando elles proprios por embrutecer-se; outros que se servem de bois e jumentos para carregar provisões, sem se importar com os que padecem fome; outros ainda que despendem grossas quantias para fazer homens de marmore, esquecendo os homens de carne a quem a miseria vai petrificando. »

Um novellista francez põe na bocca d'um in-

glez estas palavras ; « Vamos matar alguma cousa ! » Tal é a ideia que forma dos costumes inglezes ; mas esquece os seus compatriotas. Nós ainda temos passaros, posto que muitos tenham succumbido ao frio e á fome n'estes ultimos invernos, e muitos mais tenham sido mortos em caçadas e batidas. Porém as aves são ainda a gloria da nossa terra. — Gloria in excelsis ! mas em França, jazem os campos silenciosos. Não ha cantos n'aquelles ares. As calhandras já todas foram acabar na cassarola. Os passaros de bem matizada plumagem existem sómente nos chapéos das senhoras.

Pardaes, pintasilgos, pintarroxos e rouxinóes, todos têm desapparecido em proveito dos finos paladares[1].

Vejamos agora o castigo. As arvores morrendo pela raiz ; a vinha destruida pela phylloxera ; as folhas comidas das lagartas que pendem das arvores em cachos. Mataram os passaros que destruiam os vermes e a phylloxera. D' ahi uma completa ruina ameaça a França inteira. A colheita devastada ; e a vinha n'alguns districtos não dando já fructo. Taes crueldades, como as pragas, revertem contra quem as pratica ou roga. Waterton calculou que um casal

1. A França é uma terra viuva de passaros. Os olhos e os ouvidos procuram deleitar-se debalde. A Natureza lamenta-se de ter perdido os seus filhos. Quanto se diga das instituições republicanas e da propriedade do camponez, não obsta a que a Natureza lamente o desapparecimento dos seus velhos amigos : a aristocracia e o feudalismo. Se tornassem a existir em qualquer parte da França tantas aves de rica plumagem e de doces gorgeios, como em quasi todos os outros paizes se vêem e ouvem a algumas milhas da metropole, não tardariam os Francezes em comprar trajes de phantasia, e passar dias inteiros d'espingarda ao hombro, saccola á cinta, acompanhados de cães indescriptiveis, aguardando o ensejo de fazer uma victima sem grande incommodo. — *The Times*.

de pardaes destróe n'um só dia uma quantidade de vermes e insectos que bastaria para devastar meia geira de trigo novo n'uma semana.

Vemos com satisfação que têm sido tomadas algumas medidas em França debaixo da direcção do Ministro da Instrucção Publica para proteger as aves e outros animaes. Começa-se a ensinar aos rapazes, porque é sempre a gente moça que imita a crueldade, — a usar de caridade com os animaes, e com tudo o que depende do homem. Este é o methodo novamente introduzido em França, e que dará sem duvida excellentes resultados. Já hoje existem quinhentas sociedades protectoras de animaes. Na America está-se operando um movimento analogo, e já dous mil jovens estão alistados na Sociedade dos jovens Protectores dos animaes na Philadelphia. Inculca-se o bom tratamento aos animaes, ao mesmo tempo que o respeito e a submissão aos superiores.

Quanto tempo se não gasta em empilhar conhecimentos inuteis nos cerebros das crianças, e que pouco tempo se despende em ensinar-lhes a tão necessaria humanidade! Aprendem litteratura em livros que os não tornam melhores nem mais compassivos. Não se lhes incute os principios de doçura, de benevolencia e de cortezia. Educa-se-lhe a cabeça, mas não o coração. Seria talvez difficil encontrar professores para despertar os melhores e mais reconditos sentimentos das nossas almas; vale mais appellar para a força physica, que se emprega directamente, que é palpavel, que se deixa bem sentir. Os

seus effeitos immediatos são apparentes muitas vezes; mas os effeitos ulteriores, esses ficam occultos no coração; e por serem obscuros e tardíos são ordinariamente tidos em menos conta.

Euffordio, de Colonia, passando junto d'uma escola, ouviu um grito dilacerante, e abrindo a porta, rompeu pela aula dentro como uma féra, ergueu a bengala contra o mestre e o assistente, e livrou o alumno das garras d'ambos os professores, dizendo: « Que fazeis tyrannos? Aqui estais para ensinar rapazes, não para os matar. »

É indescriptivel a crueldade de que muitas vezes usam pais e professores. Exige-se que as crianças tenham aptidões, temperamento, e facílidade para aprender, iguaes ás de seus pais ou professores; e se o estudante não aprende com rapidez, conforme a dos seus companheiros, dão-lhe pancada ou sujeitam-o a outra qualquer humilhação. A gente grande esquece quanto soffrem os pequenos n'esses trances. O horizonte da criança é tão limitado, que ella não vê remedio ás suas penas; e todo se absorve na sua dôr.

« Pais, não provocai a ira nos vossos filhos, com receio que lhes desfalleça o animo. ». Se azedais a vida d'uma criança, estai certos que fomentareis na sua alma o acanhamento e a aversão. A criança tambem reconhece a injustiça, e implanta-se-lhe no coração um sentimento de amargura. Nunca recordamos sem lastima um infeliz pai que perdêra um filho das melhores esperanças, e que vivera o restante

dos seus dias roido pelo remorso da severidade de que usára com seu filho. « O meu filho, » confessou-elle a um amigo, « julgava-me cruel, e tinha sobeja razão; não sabia quanto eu lhe queria no intimo do meu peito; e agora já é tarde! »

Muitas vezes, quando ouvimos fallar em pais que castigam os filhos, pensamos que melhor acertaria o castigo nos primeiros do que nos segundos; e que nos pais recáe a culpa dos filhos herdarem os seus defeitos. A criança não forma o seu proprio caracter; nem como criança lhe sabe imprimir direcção. Se os pais permittiram que nos filhos se desenvolvesse a irritabilidade de genio, têm o dever de exercer dominio sobre si proprios, indulgencia e paciencia, para que a influencia da vida de todos os dias corrija e modifique no futuro os defeitos de origem.

Mas, " é necessario quebrar a vontade da criança ! Não ha maior engano. A vontade é a base do caracter. Sem força de vontade, não existe força de proposito. O que urge não é quebrar a vontade da criança, senão dirigil-a e educal-a convenientemente, e isto não se consegue pela força ou pelo medo. Podemos citar mil exemplos em favor d'esta asserção.

Escreveu Milton, " Para mim a educação completa e primorosa é aquella que prepara o homem para cumprir com justiça, habilidade e esmero todos os deveres de todos os empregos, publicos e particulares, tanto na paz como na guerra " Mas não é com castigos corporaes que tal se consegue. A educação é uma obra de autoridade e respeito, e não

o resultado da anniquilação da individualidade e do respeito de si mesmo. Ninguem mais considerava os seus discipulos do que o fallecido Dr Arnold, de Rugby. Tinha no mais elevado conceito a sua responsabilidade como professor. Dous são os systemas a empregar n'uma educação : o da firmeza de principios, ou o da força. Elle deu preferencia ao mais nobre dos dous methodos. Incutia ideias briosas no animo dos seus discipulos. Appellava para a sua honra. Acreditava e confiava n'elles. D'ahi nasceu o sentimento " de que era uma vergonha mentir a Arnold,porque acreditava sempre quanto lhe diziam ". Quando tinha conhecimento d'algum acto de maldade ou disturbio, erguia-se no meio dos alumnos reunidos, e dizia-lhes : « Chama-se a isto uma escola Christã? Não posso continuar aqui se tiver de empregar sempre a força e o constrangimento. Se tenho de fazer de carcereiro, prefiro dar a minha demissão ". E quando uma vez se viu obrigado a expulsar alguns collegiaes, " Este collegio não carece, " disse " de contar trezentos alumnos, ou cem, ou mesmo cincoenta, mas deve ser um collegio de moços bem educados e christãos. Era na verdade o Dr Arnold um dos mais insignes professores.

Se os pais ou mestres contam exclusivamente com castigo para sujeitar a vontade da criança, esta associará involuntariamente a ideia do dever e da obediencia com a do retrahimento e do pavor. E se conseguis associar a ideia da autoridade com a do

castigo bruto, estae certos que fizestes quanto podestes para lançar as bases d'um máo caracter, d'um máo filho, máo marido, máo pai, máo companheiro, e máo cidadão.

Pódem os pais não pensar n'isto em quanto castigam nos filhos as proprias faltas; mas não deixa de ser verdade. Não ha duvida que a autoridade que se impõe pelo castigo, conduz gradualmente á irritabilidade, á injustiça, á crueldade, á oppressão e á tyrannia.

Devemos mencionar outro perigo. A tyrannia dos professores para com os alumnos inculca n'estes o espirito de tyrannia para com os companheiros. Dar-lhes pancada, é ensinal-os a ser crueis com os que d'elles dependerem. Descuidar do que elles soffrem, é inculcar-lhes o descuido dos soffrimentos alheios. E acabam por comprazer-se em atormentar os seus companheiros de menoridade e outras creaturas que sentem, e não sabem queixar-se.

Crêmos que uma grande parte das crueldades exercidas hoje contra os animaes têm por origem os castigos physicos impostos nos collegios ou no seio das familias. Deduzimol-o d'esse bando de rapazes que vêmos maltratar um burro no campo, ou afogar um gato, ou atar uma cassarola á cauda d'um cão, uma linha a um bezouro, ou inventar varias outras crueis necedades que lhes servem de passa-tempo. Pais e mestres devem cuidar d'inculcar nos animos das crianças um benevolo respeito por tudo quanto vive e a abstenção de todo desnecessario

rigor; e sem duvida a melhor maneira d'incutir estes principios é o deixarem elles proprios d'exercer uma severidade escusada.

Dissemos — burros. São na verdade bons esses animaes. Levam pesados fardos com perfeita segurança. Na Suissa vêem-se recuas de burros levar cargas de lenha á beira dos precipicios e chegar á casa em perfeita ordem. O burro é o companheiro de trabalho do homem pobre. É considerado teimoso; o que resulta unicamente dos máos tratos que lhe dão: Pela nossa parte conhecemos burros affectuosos — trabalhadores activos e perseverantes.

Chamar aos animaes " mudos " é talvez falar com pouca exactidão. Tudo nos leva a crêr que elles communicam entre si, embora não seja com palavras. Rosnam, uivam, ou gritam. Entendem-se reciprocamente por signaes. Entendem mesmo a falla do homem. Acodem quando os chamam. Os cães, os cavallos, os elephantes, e outros animaes obedecem á nossa voz.

O cão é, de todos os animaes, o que mais confiança inspira. O cão ama, obedece, sujeita-se á disciplina, tem consciencia e até raciocinio. Lord Brougham refere a historia d'um pastor que perdêra o seu cão n'uma feira. O mastim farejou em todas as direcções e concluiu por presentir o rasto do amo, seguindo por uma estrada até chegar a uma encrusilhada aonde tres caminhos se encontravam. Farejou uma das estradas, depois a outra, e logo sem tomar o faro da terceira metteu por ella em grande carreira.

O cão deve ter raciocinado do seguinte modo ; o meu amo não tomou por este primeiro caminho, nem por este segundo; logo, deve ter tomado por esta terceira estrada : Q. E. D.

Citemos agora um exemplo como prova de que os cães têm consciencia. Sahiu uma noute um cão e, na obscuridade, investiu com uma velha e mordeu-a. A mulher gritou, e o cão soltou a presa immediatamente. Era a velhinha que cuidava d'elle! Que remorsos o animal não teve! Se fallasse, diria assim: «Mordi a minha melhor amiga, a minha desvelada protectora. Que grande bruto!» O cão de envergonhado, conservava-se escondido, e durante tres dias nem para comer apparecia. Finalmente a boa da mulher reconciliou-se com o animal, que lhe deu sobejas mostras de affecto e gratidão.

E que affectuosos são os cães! Todos conhecem a historia do fiel Bobby, que assistiu ao funeral de seu amo no cemiterio de Greyfriar, em Edimburgo. Não havia lapide que designasse o sitio em que o amo jazia sepultado, porém Bobby durante quatro annos — no verão e no inverno — por todos os rigores do tempo — alli se conservava fiel. Corriam-o a chicote; o animal voltava. Amava a seu amo mais que a si proprio. Transformou-se n'um verdadeiro esqueleto.

Tornou-se conhecido o facto pelos agentes da policia que queriam impôr uma contribuição sobre o animal. Mas elle, o pobre, não tinha quem o reclamasse. O seu amo jazia n'aquelle sepulchro.

Alguns davam-lhe de comer, outros chamavam-o á casa, porém elle não deixava o lugar aonde vira desapparecer o seu dono. Era um amor isento de todo egoismo. Decorridos quatro annos de vigia e expectativa, morreu o affectuoso animal. Fóra das portas do cemiterio de Greyfriar foi erguido um monumento para perpetuar a memoria do fiel e dedicado Bobby. Que exemplo de reconhecimento e amor!

O capitão Hall relata um incidente que sobreveio a Walter Scott na sua adolescencia e que exerceu poderosa influencia sobre o seu futuro. Um dia, atirou com uma pedra a um cão que corria para elle, e com tamanho acerto que lhe partiu uma perna. O pobre animal teve ainda coragem sufficiente para arrastar-se e lamber-lhe os pés, o que despertou no mancebo o mais amargo remorso. Nunca o perdeu do sentido, porque era um homem de bom coração. Tinha sempre ao redor de si os seus animaes favoritos. A sua benevolencia estendia-se a todo ser vivente. Escrevendo as suas novellas, tinha ao lado os seus cães, Maida, Nemrod, e Bran. Maida era o predilecto; e quando morreu, Walter Scott mandou-lhe edificar um monumento fronteiro á sua porta. No seu romance *Woodstock* fez um esmerado e affectuoso retrato do velho Maida sob o nome de Bevis.

O amor e a fidelidade do cão, são na verdade maravilhosos. Não temos os famosos Bedgellert do paiz de Galles? os São Bernardos que têm salvo tantas vidas das neves dos Alpes? os famosos cães

Rab e Nipper tão magistralmente descriptos pelo Dr John Brown? o cão de Montargis, que defendeu em vão o seu amo Aubry de Montdidier quando este era prostrado pelo seu mortal inimigo Macario,e que depois deu a conhecer quem fôra o assassino? e o cão do Duque de Richmond, immortalisado por Van Dyck, cuja sagacidade e coragem salvaram seu amo de ser assassinado?

Sir Walter Scott cita no seu diario o exemplo d'um cão que salvou seu amo de ser queimado vivo.» Lord R. Kerr,» diz Scott» disse-nos que recebêra uma carta de Lord Forbes (filho do Conde Granard, na Irlanda) na qual refere que estando a dormir em sua casa no Castello de Forbes acordou sentindo-se suffocado, e impossibilitado de qualquer movimento, conservando porém sufficiente conhecimento para aperceber-se de que a casa estava a arder. N'esse mesmo instante e quando as chammas invadiam já o quarto, saltou o seu grande cão sobre a cama, puxou-lhe da camisa, e arrastou-o para a escada, aonde o ar fresco lhe restaurou as forças, conseguindo depois livrar-se do incendio».

Este caso differe essencialmente d'outros mais communs em que os cães salvam os naufragos lançando-se á agua,elemento com que elles luctam empregando força e habilidade. Porém o elemento do fogo, esse é tão opposto á natureza do cão como á do homem.

E finalmente ha os cães de Pompeia e de Herculanum. O primeiro foi retirado das cinzas em que fôra

encontrado suffocado, morto, mas fiel ao seu posto como o soldado. Delta, o cão de Herculanum deixou após si memoria dos seus feitos valorosos. Nas excavações da grande cidade, foi descoberto o seu cadaver estendido sobre o cadaver d'um rapaz de doze annos d'idade, provavelmente na baldada esperança de defender o joven contra a lava ardente e suffocante. O rapaz pereceu, o fiel Delta tambem; mas ficou d'elle um collar com lettras que diziam os actos de coragem do animal. N'elle se lia que o cão salvára por tres vezes a vida do seu dono: — uma, das furias do mar; outra, dos mãos das ladrões; e a terceira, da bocca dos lobos.

D'onde se deduz que as tendencias moraes e intellectuaes do homem existem em alto gráo nos animaes, que estes são amoraveis, fieis, reconhecidos, conscienciosos, amigos, exactos no cumprimento do dever, e capazes da maior dedicação. Hartley, nas suas *Observações sobre o homem*, diz que nós parecemos ser em relação ao cão o que é Deos em relação ao homem; que somos por assim dizer os vice-governadores de Deos, encarregados de receber homenagem em Seu divino nome; e accrescenta, que pela mesma razão, somos obrigados a dar-lhe protecção, e a sermos seus bemfeitores.

Diz Darwin: « Nota-se alguma cousa que effectivamente parece confirmar esta opinião, no profundo amor que o cão professa a seu amo, e que vemos unido á sujeição, ao receio, e talvez a outros sentimentos. Que differentes são as expansões de ale-

gria com que o cão recebe o seu amo que regressa d'uma ausencia, ou mesmo com que o macaco acolhe o guarda que d'elle cuida carinhoso, das manifestações que um e outro tributam aos seus semelhantes! Entre iguaes, o contentamento é menos expansivo, em tudo prevalece o sentimento da igualdade [1].

Vejamos um caso em que o animal se mostrou muito superior ao homem. Um lavrador de Cumberland tinha um cão. O amo apostou que o cão conduziria de Cumberland a Liverpool — uma distancia de mais de cem milhas — um rebanho de ovelhas, só, e sem auxilio de nenhuma qualidade. Dado o arrevezado do caminho, os mais rebanhos e outros estorvos com que necessariamente se depararia na jornada e o intervallo a percorrer, devia ter-se a aposta por perdida. Todavia, decorridos alguns dias, entrava o cão em Liverpool com todo o seu rebanho. Executado o mandado, entregues as ovelhas, o pobre do animal que chegára faminto, cahiu morto nas ruas de Liverpool, victima da brutalidade do amo.

Todos se lembram da historia de Androcles e do leão. Androcles, escondido n'um covil, viu chegar um leão. Receou que a féra se lançasse sobre elle para o devorar, mas o animal vinha coxo, e dava mostras de grande soffrimento. Androcles chegou-se a elle afoutamente, pegou com as mãos na pata do leão, e arrancou-lhe uma espinha que trazia cravada nas carnes já ulceradas. O leão movido de re-

1. Descendencia do homem, 1, 68.

conhecimento deu alegres demonstrações de affecto. Passaram tempos, e Androcles foi preso e mandado para Roma aonde o entregaram ás féras. Soltaram-lhe um leão — era o mesmo que Androcles curára da ulcera na pata. O animal reconheceu Androcles, e n'um impulso de gratidão, acercou-se do seu libertador, e acariciou-o. Appiano affirma ter presenciado e observado a citada scena entre Androcles e o leão no circo Romano.

Porventura têm direitos os animaes? Direitos legaes, certamente não têm além dos que a lei lhes reconhece. Mas têm direito de viver e gosar. A justiça, diz John Lawrence, « é compassiva, e tem em conta a capacidade de sentir e soffrer. » Não se pergunta, « diz Jeremias Bentham, » se os animaes raciocinam, ou fallam, mas simplemente se soffrem. N'isso se cifra toda a questão. A consciencia dos povos mais civilisados aconselha-os a tratar os animaes com bondade, e a contribuir para que gozem de felicidade a par do homem.

Sir Arthur Helps cita um trecho de Voltaire em que este defende os direitos dos animaes.

« Como é possivel dizer ou escrever que os animaes são machinas, desprovidos de conhecimento e de sentido, iguaes em todas as operações, e que nem aprendem nem se aperfeiçoam? Pois que? Esta ave que constroe um ninho semi-circular quando o colloca junto a uma parede, e quadrado se o edifica n'um angulo, ou circular se o faz n'uma arvore, procede porventura igualmente nas suas differentes

operações? Este cão, que ha tres mezes aprende a caçar, acaso não sabe mais do que sabia quando começou o seu tirocinio? O pisco ao qual ensinais a cantar aprende porventura á primeira vez? não carece de repetidos esforços? não se engana ao principio, e não se aperfeiçôa com a pratica? »

« É porventura porque eu fallo, que me attribuem entendimento, memoria e ideias? Suppunhamos que me vêem voltar para casa com aspecto melancolico, procurar um papel com anciedade, abrir de subito a secretaria em que recordo havel-o posto, tomal-o entre as mãos, e lêl-o com visivel alegria. Não se deixará de concluir que senti dôr primeiro e prazer depois, e de deduzir que tenho memoria e entendimento.

« Concluamos pois d'igual maneira relativamente ao cão, que tendo perdido o amo, o busca pelas ruas com gritos de afflicção, e volta para casa inquieto, atormentado, sóbe, desce as escadas, fareja por todos os quartos até que encontra o dono no seu gabinete, e rompe em demonstrações de alegria : murmurios, gestos, caricias.

« Este cão tão superior ao homem na profundeza do affecto, cáe nas mãos d'um cruel curioso que o amarra sobre uma mesa de anatomia e o disseca vivo, para melhor analysar as funcções das suas veias. N'elle se encontram todos os orgãos de sensação que existem no homem. Dizei-me pois, anatomicos, se a natureza poude crear esses orgãos sensorios, no animal, e ao mesmo tempo negar-lhe a sensibilidade?

dar-lhe nervos, e prival-os de gosar ou soffrer? Vergonha seria accusar a natureza de tal debilidade ou inconsistencia.

« Mas os doutores da theologia escolastica perguntam que cousa é a alma dos animaes? pergunta que eu verdadeiramente não entendo... A quem se deve a creação de todas estas potencias? a quem a conservação de todas estas faculdades? Áquelle que faz crescer as hervas dos campos, e girar a terra em torno do sol. »

Estranho parece como um animal sem falla póde introduzir-se no coração do homem. Ebenezer Elliot expressou-se d'este modo : « Creio que se não fosse pelo meu cão e pelo meu gato, não poderia viver. » Até um gato póde prender ao lar domestico. Um rapaz que sahira do collegio não sabia o que havia de fazer comsigo. Andava preoccupado, atormentado com o desejo de desertar, de correr o mundo. Mas o velho Tabby a quem elle amava tanto? se morresse afogado, se desapparecesse? Estas considerações obrigaram-o a ficar ; e abrou com acerto, porque de pois tudo lhe sahiu bem.

Thoreau, de Concordia, em Massachusetts, igualava os antigos anachoretas no seu amor pelos animaes. Internou-se nos mattos junto a Walden Pole èm 1845, e metteu-se a construir uma casa com manifesto espanto dos esquilos e texugos. Não tardaram estes em comprehender que Thoreau lhes não queria mal; e quando elle se deitava sobre uma arvore derrocada, ou á beira d'um penedo, immovel,

aproximavam-se os esquilos, os texugos, os coatís tão perto que chegavam a tocar-lhe. Espalhou-se pelo matto a noticia de que n'aquelle descampado vivia um homem que não os queria matar. D'ahi nasceu uma affectuosa sympathia entre o homem e as aves e outros animaes, que acudiam á sua voz. As cobras enroscavam-se-lhe nas pernas. Um esquilo que Thoreau tomou d'uma arvore nas suas mãos, não quiz deixal-o, e occultava a cabeça aninhando-se-lhe junto ao seio. Até os peixes do rio o conheciam, permittindo que elle os tirasse da agua, na certeza de que lhes não faria mal.

O eremita construira a sua habitação sobre o ninho d'um arganaz; e este, aterrado ao principio, acabou por desfructar com alegria as migalhas que encontrava aos pés do solitario, correndo depois por elle acima, e privando tanto com elle que lhe subia pelo fato, pelas mangas, e girava ao redor do papel que continha a refeição de Thoreau. Se havia um pedaço de queijo, o arganaz sentava-se sobre a mão do anachoreta roendo-o, e terminado o banquete, lavava o focinho e as mãos com a ligeireza d'uma mosca, e desapparecia. Nunca soubemos d'uma tal familiaridade entre o homem e os brutos, exceptuando a privança que existia entre os antigos cenobitas e as alimarias do deserto, e que Kenelm Digby tão patheticamente descreveu na sua obra *Mores Catholici*.

Theodoro Parker, indo a atirar uma pedra a um cágado dentro d'um tanque, sentiu-se cohibido por

uma força desconhecida, e chegado á casa perguntou á sua mãe que cousa seria que assim o dominára. A mãe respondeu que era o que vulgarmente tinha por nome Consciencia, mas que ella preferia chamar-lhe a voz de Deos fallando-lhe ao coração, « Isto, » «diz Parker, » tornou-se como a norma da minha vida ; « porque, tomando por base essa observação, aceitou a verdade da voz do divino Espirito fallando ás nossas almas.

« Não possue o homem arma mais valente para submetter e educar os mais grosseiros animaes », diz o Rev. J. S. Wood, « do que uma bondade persuasiva. Una decisão inflexivel combinada com sympathia e doçura, são instrumentos irresistiveis nas mãos do homem, e não creio que haja um só animal que deixe de ceder á vontade firme d'um homem que emprehenda essa tarefa.

O cavallo « Cruiser » de celeberrima braveza, tornou-se no espaço de tres horas manso e submisso, obedecendo á menor indicação do seu domador, e deixando-se montar sem oppôr resistencia.

« Vi um dia M. Rarey cuidando de domesticar um esplendido cavallinho arabe que avançava para elle como um tigre, atirando couces, mordendo, e relinchando ao mesmo tempo.... Meia hora depois, achavam-se ambos, Rarey, e o cavallo deitados no chão : a cabeça do domador pousava sobre uma das mãos do animal, e a outra mão descansava-lhe na frente... Conseguira persuadir o cavallo de que não pretendia fazer-lhe mal; e este, pondo de lado a

cólera e o receio, deixára-se tomar de sympathia pelo homem que exigia ser obedecido sem usar de crueldade [1]. »

Grande parte dos soffrimentos, que por todos os lados impomos aos animaes, são a consequencia do nosso pouco pensar. Em Italia vêem-se scenas repugnantes. Os passaros servem de brinquedo ás crianças. Atam-lhes uma fita á perna. Se o passaro toma vôo, o menino puxa do cordel; e quando o pobresinho já não tem forças, é ordinariamente depennado vivo, e esquartelado. As crianças não entendem que um passaro, ou outro qualquer animal é uma criatura como nós somos. E se se lhes faz uma observação, respondem : « Non é Cristiano.» — Não é Christão.

Em Napoles vêem-se valentes cavallos de pequena estatura galopando, e puxando uma pesada carga de passageiros, apertadas as silhas ou arreios até lhes pôr as ilhargas em sangue. A beira das estradas jazem inutilisadas algumas d'essas pobres bestas. Ali aguardam que se curem as feridas, para voltarem a trabalhar. Via-se em certa manhã um carro aberto que descia a Strada de Roma pesadamente carregado. N'elle vinham homens e mulheres que traziam productos para o mercado, e com elles um padre tambem. O cavallo seguia a trote largo na fórma do costume. Estava molhada a estrada, o cavallo resvalou, e cahiu. Ouviu-se um grito, e homens, mulheres, couves, laranjas, padre, tudo foi cuspido

1. *O homem e o bruto*, por Wood, 1, 294-7

fóra do carro, e por sobre as orelhas do animal. Passado o primeiro movimento d'espanto, foi posto em pé o cavallo; voltaram os cestos a guarnecer a carroça, as mulheres, os homens, e o padre a tomar os seus primitivos lugares, recebeu o animal umas valentes chicotadas, e proseguiu na sua carreira pela estrada abaixo.

A escravidão está abolida em Inglaterra! Porém olhemos para os omnibus, as carruagens de praça, as carroças, e confessemos que a escravidão existe para os cavallos. Disse Thiago Howell, escrivão do Municipio na remota era de 1642, que a Inglaterra era chamada: « O inferno dos cavallos, e não sem razão. » Os trens de praça são puxados por animaes exhaustos e doentes. Observemos a cautela com que alguns descançam uma das mãos, e a precaução com que a levantam. E talvez seja pedregoso, o caminho que tenham de percorrer! Analysemos o trato do cavallo de carroça. O pobre é condemnado a uma vida inteira de trabalho acompanhado de chicotadas e pontapés, a offegar sob os pesos com que o obrigam a carregar, e a soffrer fome, calor, e frio, sem possibilidade de defesa. Finalmente vai acabar n'um matadouro.

Uma senhora caridosa, movida de compaixão pelos cavallos sobrecarregados que tinham de subir a ladeira resvaladia que conduz do Tamisa junto á Ponte de Londres, sahia diariamente com o seu criado, a espalhar areia na encosta. Vimol-a muitas vezes entre a algazarra e confusão, deitar areia debaixo dos pés dos animaes, e persistiu muitos annos

n'essa obra de misericordia. Á hora da morte não esqueceu os seus protegídos. Deixou uma quantia avultada aos seus testamenteiros com o fim de ser applicada «para sempre,» a areiar as ruas ingremes e escorregadias de Londres. Não devemos ommittir o seu nome. Chamava-se Miss Lisetta Rest, e preenchêra durante quarenta e tres annos o lugar de organista na Igreja de Allallows, Barking, Tower Street.

Que nos diria se podesse responder-nos, o cavallo de luxo ao qual perguntassemos se lhe agrada figurar no Passeio puxando uma dama formosa, ao passo que leva a bocca espumante e muitas vezes ensanguentada? Que os homens e as mulheres correm parelhas em crueldade. E todavia, essas damas, vão a reuniões aonde se combate a vivisecção, e protestam contra a crueldade usada para os animaes![1]

1. Citemos a seguinte carta do *Times* de 28 de Abril de 1880:

« Illmo. Senhor — Movido da compaixão que me inspiram os soffrimentos dos que padecem sem defesa, peço-lhe um lugar nas columnas do seu jornal para dar publicidade a este protesto contra as torturas que hoje diariamente se impõem aos cavallos de tiro, em especial aos da mais fina raça. Além do bridão, usam pôr-lhes um freio, que é por si só um martyrio. Hontem passou por mim em Bond Street um luxuoso landau puxado por uma parelha de cavallos baios soberbos. Iam de cabeça empreada, comprimida pelo bridão singularmente curto, e o cavallo de mão lançava da bocca *uma espuma vermelha*. Será possivel, pensei eu, que esse joven par que dentro do landau se paveneia, tenha conhecimento de taes tormentos? Para quem, como nós, seja observador attento, e estuda a maneira de proporcionar a esses animaes todo o possivel bem-estar, estes espectaculos são verdadeiramente afflictivos. A nossa experiencia permitte-nos julgar n'um rapido golpe de vista se elles estão ou não opprimidos. Infelizmente nada nos passa desapercebido e os nossos passeios são ordinariamente amargurados por espectaculos d'essa natureza, boccas ensanguentadas, linguas inchadas e denegridas com a pressão do freio, cabeças engatadas anormalmente, e outras provas evidentes de padecimento. A que causa se deverá attribuir este cumulo de barbaras invenções? A ignorancia, á indifferença, ou á mais desapiedada maldade? Deixai-me que invoque a commiseração de quem possue cavallos seus, em favor d'esses animaes que são das mais nobres criaturas formadas por Deos, e ao mesmo tempo dos sêres mais uteis ao homem e mais dedicados ao seu serviço ».

O homem tem conseguido escravisar o cavallo, o burro, o camêlo, o rangifer e outros animaes. Obedecem-lhe; puxam suas pesadas cargas; trocam a vida livre dos campos por uma vida de penar e de trabalho. Dão gemidos e couces, mas é porque lhes põem o freio, os castigam com o latego, ou os amarram com cadeias. N'uma tarde de corridas em Liverpool, houveram de ser mortos cinco cavallos depois da carreira. Tres tinham o espinhaço partido, e dous as pernas quebradas.

« Algumas vezes considero, » diz Sir Arthur Helps, » que a domesticação do cavallo foi para o mundo uma desgraça. O cavallo é o animal que peores tratamentos tem recebido do homem; e essa conquista naõ tem precisamente sido uma vantagem para a humanidade. Excessivas foram, já nas eras mais remotas, as violencias para que o cavallo contribuiu. A elle devemos uma grande parte da arte de roubar « dos seculos tenebrosos ». Tambem tem sido o principal instrumento das mais cruentas guerras. Tivesse o homem de puxar ladeira acima pelas carretas de artilharia, duvido que se não rebellasse, e o commandante que houvesse de manobrar a pé durante toda uma campanha, não tardaria em desgostar-se de guerras. [1]

No livro de Job, escripto ha 3400 annos, lemos uma descripção do cavallo de batalha. « Déstes, Senhor, fortaleza ao cavallo? Revestistes a sua cabeça da magestade do trovão?... O seu sopro é vigoroso.

1. *Os Animaes e os seus domadores*, p. 20.

Escarva a terra do valle, e exulta d'encontrar-se tão robusto; avança ao encontro dos exercitos, impávido não furta o corpo ao golpe da espada; aventa o sangue da batalha a longingua distancia... distingue a vozeria do campo.» Virgilio na Terceira Georgica escripta seculos depois, cita tambem o cavallo de batalha:

«O fogoso corcel, quando ao longe escuta o alegre som das trombetas e o tropel do campo, alça as orelhas, e estremece; move-se inquieto, escarva a terra, e aguarda impaciente o promettido combate».

Os cavallos de batalha representados nos frisos do Parthenon de Athenas, hoje existentes no Musêo Britannico, e os Marmores de Elgin provam a estima em que os Gregos tinham esses nobres animaes. Vão a galope partir para a guerra. Sabemos que mais tarde a conquista do Mexico e do Perú foi devida em grande parte á presença do cavallo. Os indigenas consideravam o guerreiro a cavallo como um deos; fugiam do seu alcance, e pereciam aos milhares. Todavia n'essas terras a civilisação desenvolvêra-se sem o auxilio do cavallo. Quando os Hespanhoes invadiram o paiz, encontraram milhares de casas bem construidas, e todas com jardins. « Duvido, » diz Sir Arthur Helps, « que houvese um só Mexicano tão mal alojado como milhões dos nossos patricios ainda hoje estão ». D'ahi, a pergunta que tantas vezes ocorre. É certo que fazemos progressos na marcha da civilisação? que valemos mais do que os Gregos, os Romanos, ou os Mexicanos nos melhores tempos da sua illustração?

CAPITULO XIV

Humanidade com os Cavallos
Eduardo Fordham Flover

« A sua alma era a essencia da bondade... E as nossas vozes de louvor... são como rios nascidos d'um manancial... que corre perennemente... sem esgotar jamais. . o melhor dos seus thesouros. « — Shakespeare.

« Ora, quem ama... o homem, a ave, a féra... Melhor ora, quem melhor ama... todas as cousas,.. as miudas, e as grandes... Porque o Deos bom que nos ama... a todos nós creou, e amou. » — Coleridge.

« A perfeição da arte da cavallaria consiste na apreciação das jerarchias na escala animal... Talvez não exista na Iliada cousa mais profunda em significação — como não existe em toda a litteratura trecho mais compassivo, e que melhor engrandeça o mysterio da vida infima — do que os versos que descrevem o sentimento dos cavallos dos deoses pela morte de Patrocles, e as consolações que Jupiter lhes dispensou. » — Ruskin.

Quanto não devemos ao cavallo que tanto goso proporciona! No auge da juventude e da belleza não ha mimo que não receba do seu dono. Homens, mulheres, e adolescentes, todos lhe querem; todos o admiram quando passa a trote ou galopando. O cavallo serve-nos por largo tempo com fidelidade; puxa as nossas pesadas cargas; evita ao homem fadigosos trabalhos. Mas tambem lhe chega a hora da escravidão.

O cavallo de carroça é castigado com empuxões chicotadas, e obrigado a puxar cargas superiores

ás suas forças ; o cavallo de luxo tem de supportar a mordaça do freio e de soffrer mil torturas ; o dos trens de aluguer trabalha sem descanço, pelo tempo mais rigoroso e até lhe faltarem de todo as forças. Por um lado as pedras agudas, por outro o estacionar largas horas em charcos amollecem-lhe os cascos e originam-lhe enfermidades que, se lhe não causam morte immediata, dão com elle no matadouro aonde acaba o seu penar.

No sul da França dá-se-lhe fim d'outro modo. O *Courrier du Centre* refere que os especuladores de Bordeos estão tentando fazer fortuna com a repugnante sanguesuga. Construiram depositos de agua estancada nas margens do Garonna e n'elles deitaram muitas sanguesugas. A esses charcos vão parar todos os cavallos velhos, e impossibilitados da provincia. As sanguesugas, aos milhares não tardam em chupar o sangue dos cavallos. Um espectador d'essa atrocidade narra em termos vigorosos os esforços desesperados dos animaes mettidos á força no lamaçal, perdendo sangue por todos os lados, e procurando com frenesi sacudir as bichas que lhes pendem dos olhos, da bocca, do nariz, e de todas as partes mais sensiveis, até que, exhaustos pela perda de sangue, desapparecem para sempre no atoleiro.

D'esta maneira perecem todos os annos dezoito a vinte mil cavallos em Bordeos.

A França deve, pois, ser outro « inferno dos cavallos », como a Inglaterra. Vejamos porém o que se passa na nossa terra. Não são todos como o Duque de Welling-

ton, que concedeu dias de paz e abundancia ao intrepido corcel que contribuiu para alcançar a sua ultima victoria. Ordinariamente os cavallos são torturados em quanto servem, e engeitados quando se tornano inuteis. Miss Braddon cita « os fogosos animaes que mordem os freios n'aquelle eloquente martyrio com que a moda consegue dar á vida d'uma parelha de cavallos o valor de trezentas libras, mil vezes mais intoleravel do que a do burro do vendedor ambulante. » Ha pouco, uma senhora escreveu para o periodico *Truth* (Verdade) descrevendo os tormentos a que vira exposta uma parelha de cavallos que estacionava em Regent street.

« Observei », dizia « uma victoria e uma parelha de cavallos parados na rua, junto ao passeio. Estava o bridão por tal fórma apertado, que os pobres brutos não podiam fechar a bocca, e causava tamanha angustia vêr aquelle soffrimento, que me dirigi ao cocheiro perguntando-lhe se poderia soltal-as um pouco. Consegui apenas que o homem me respondesse : « Estão já acostumados ; é assim que a senhora gosta de os vêr. » O cavallo de mão indicava soffrer mais ; fazia inuteis esforços para livrar-se d'aquelle tormento ; e jamais olvidarei a anciedade do seu olhar. »

Eduardo Fordham Flower é quem mais tem contribuido para alliviar a sorte dos cavallos de tiro ; e póde-se-lhe bem chamar o « Missionario dos cavallos. » Tem gasto tempo, trabalho e dinheiro em luctar pela suppressão do tyrannico bridão. Tomou a peito essa empresa, tem escripto opusculos e convocado reuniões

em todo o paiz. Não adoçava as suas expressões. N'uma reunião publica convocada pela Baroneza Burdett Coutts, comparou esse instrumento de tortura, o bridão, á antiga gola de ferro dos primitivos soldados; e declarou que os que o empregavam raras vezes eram cocheiros de profissão, mas homens e senhoras de classe mais elevada, que deviam ir parar á cadeia! M. Flower tem em sua casa uma sala a que chama Camara de Tormentos », em que os freios estão expostos em fileira como protesto contra a crueldade do homem. M. Flower tambem tem advogado calorosamente a abolição da escravatura, conforme se verá da historia seguinte, embora receemos não dar-lhe o vivo colorido com que elle esmalta a descripção da sua vida passada.

Nascera M. Flower em Hertford, em 1805; e fôra o ultimo d'um grupo de cinco irmãos. Seu pai, que já era proprietario, comprára a herdade de Marden Hill, que distava tres milhas e meia de Hertford, para onde toda a familia foi habitar em 1808. O joven Eduardo tinha predilecção por todos os animaes. Aos cinco annos começou a montar a cavallo. Tinha um cavallinho de Shetland ao qual déra o nome de « Moyses. » Ia todos os dias a cavallo ao correio. O cavallinho era o seu maior amigo. Brincavam juntos como dous companheiros.

Teve outro cavallinho quando cumpriu seis annos d'idade. Seu tio, Eduardo King Fordham, comprou-lhe um lindo presente : selim, arreios, e chicote. Um dia que sahira com seu pai, castigou o cavallo por

que este se assustára d'uma cousa que vira na estrada. Seu pai chamou-o. « Ned, porque castigaste esse cavallinho? » Porque se assustou. « Pois não vês que o ias metter n'uma grande cova? » E tomando-lhe das mãos o chicote, deu-lhe uma chicotada nas costas. « Sabe-te bem? » Não, senhor, « respondeu o menino, « sabe-me muito mal. » « Pois então Ned, nunca castigues um cavallo sem que seja de absoluta necessidade. »

Pouco depois sobreveiu-lhe um desastre. Foi ver trabalhar a nova machina de debulhar; metteu os dedos nos dentes da roda e teria infallivelmente perdido o braço, se um machinista não parasse a machina instantaneamente e d'esse modo lh'o salvára, perdendo ainda assim a cabeça d'um dedo, o que o obrigou a um longo tratamento. Durante esse tempo não podia ler nem escrever. Hertford ficava apenas a tres milhas de distancia, mas como Eduardo não gostasse de aprender, seu pai não queria obrigal-o a ir á escola.

De Marden ia muitas vezes seu pae a Londres; e no caminho mandava a seu filho « desprender os bridões » o que, segundo elle refere, o ensinou a observar os máos effeitos dos freios e bridões.

As herdades de Marden Hill e West End, mil geiras de campo, não prosperavam. M. Flower tinha sido mal succedido em pretender criar carneiros merinos, que ali se não davam. O estado da agricultura em Inglaterra era tambem pouco favoravel depois da guerra de França. Jorge, o filho primogenito, fôra enviado

aos Estados Unidos para inteirar-se das condições do paiz, e d'ali escrevêra a seu pai que aquella era a terra mais rica e prospera do mundo. « Venha para cá, « dizia », e verá que não ha de arrepender-se. »

M. Flower vendeu as suas propriedades de Inglaterra, no anno de 1817, e dispoz-se a emigrar com a sua familia para os Estados Unidos. O pequeno Flower contava a esse tempo doze annos. Seu pai fretou dous barcos em Liverpool para transportarem os seus haveres. Além da familia iam cem homens e mulheres, incluindo ganhões, ferreiros, ferradores, um pastor, um cocheiro, e varios criados. Tambem levava duas vaccas, doze cabeças de gado ovelhum, uns porcos de raça ingleza, seis casaes de cães de caça, e dous cães escocezes de caçar veados. Os barcos fizeram-se á vela de Liverpool para a America em Março de 1818.

Uma das embarcações (a *Anna Maria*) dirigiu-se para Nova York e a outra para Philadelphia. Em Nova York desembarcou toda a familia para ver as maravilhas da grande cidade. Como o pequeno Flower e seu pai seguissem pelo caminho de Broadway, encontraram-se com William Cobbett em mangas de camisa. M. Flower tinha representado em politica um papel importante, e os dous reconheceram-se e conversaram sobre o estado das cousas da Inglaterra e da America.

O *Anna Maria* sahiu para Philadelphia a encontrar-se com a segunda embarcação, da qual já os ganhões, operarios, criados e gado tinham desembar-

cado. Philadelphia era a esse tempo uma bonita e aceiada cidade de Quakers (Tremedores) pouco populosa, e não muito afastada das terras deshabitadas do lado do poente. Não havia estradas além de cincoenta milhas de Philadelphia, cujos habitantes ainda então não tinham levantado o emprestimo para construcção de estradas e canaes, que elles depois se negaram a pagar. Decorridos poucos dias, começou M. Flower a organisar a expedição para os lados do occidente, aonde em Wabash, no Illinois, seu filho primogenito comprára uns extensos terrenos, 20.000 geiras de campo. Alugou tres grandes carros cobertos, puxado cada um a seis cavallos, e para os criados tres carros tirados por dous cavallos.

A caravana encetou a jornada em Maio de 1818. A àmenidade do tempo tornava sobremaneira agradavel aquella expedição. O paiz estava ainda pouco explorado. Evitando internar-se nas màttas virgens, à récua de bestas tirando os carros seguia pelo caminho já trilhado. Como não houvesse estalagens nem outros lugares em que os viajantes podessem receber agasalho durante a noute, dormiam todos nos carros guardados pelos seus grandes cães. De tempos a tempos atravessavam uma aldeia, berço d'uma futura cidade, e forneciam-se de novos mantimentos armazenando o pão e os viveres que ainda restavam. Foi Gettysburg um d'esses lugares, então pacifico e desconhecido, mais tarde theatro d'uma das mais sangrentas batalhas dos tempos modernos. Os emigrados seguiram para Chambersburg aonde atravessa-

ram os montes Alleghanys. O declive da serra era muito ingreme, e houve que dar descanço aos cavallos repetidas vezes. Não conseguiam adiantar mais de dez ou doze milhas por dia.

Vencida esta difficuldade, continuaram para Pittsburg, aonde encontraram o rio Ohio. Não havia barcos, mas M. Flower resolveu não obstante ir rio abaixo até o seu destino. Construiu tres jangadas sobre as quaes embarcou homens, carros, cavallos, carneiros, bois, cães, e tudo mais. As jangadas deslisavam tranquillamente, costeando lugares e villas, até alcançarem Cincinnati então sem importancia e hoje cidade em grande progresso. Ali descançaram por algum tempo tornando depois a seguir pela costa ao sul de Indiana, até Louisville. Detiveram-se em Lexington. M. Henry Clay vivia ali a esse tempo. M. Flower travou conhecimento com elle, e Mr. Clay querendo ser util offereceu-se para cuidar das vaccas e das crias, para que fruissem das pastagens até que M. Flower podesse mandar por elles.

Começaram então os Flowers a comprehender que cousa era a escravidão. As aguas do Ohio corriam por entre os Estados livres e os Estados captivos. D'um lado, Kentucky, do outro a Indiana e o Illinois. Os escravos cruzavam muitas vezes o rio procurando libertar-se, mas eram perseguidos, e levados novamente para o captiveiro.

Uma manhã, M. Flower ouviu vozes dilacerantes que vinham da adega subterranea. Ergueu-se prom. ptamente da cadeira, acudiu precipitadamente, es-

preitou, e viu o amo que açoutava barbaramente uma rapariga negra. Abriu a porta de subito, collocou-se entre a escrava e o dono, e provocou-o a que désse outro golpe na negra. Por aquella vez escapou a victima. O dono ameaçou vingar-se de M. Flower, mas não converteu a ameaça em acção. M. Flower nada soffreu.

Tornou a pôr-se em marcha a caravana, em direcção á fazenda aonde os emigrados tencionavam estabelecer-se, a qual era situada ao oeste de Wabash, em Edward County, no Illinois. Atravessaram de caminho o lugar de Harmonia creado por Jorge Rapp e seus imitadores allemães. Consistia n'um certo numero de barracas de madeira, n'uma igreja, n'uma escolà, n'um moinho de agua, e em algumas fabricas. Essas construcções foram mais tarde compradas por Roberto Owen, e os Rappitas mudaram-se para Economy, junto a Pittsburg [1].

Seguiram todos para o barco de passagem a leste de Wabash. O paiz era ainda inteiramente deshabitado. Viram sómente o barqueiro, e esse mesmo fel-os

1. Diz-se dos Rappitas que pouca paridade têm as tendencias mysticas de seus membros que vivem isolados na crença millenaria da proxima vinda ao mundo de Jesus-Christo, com o bom senso pratico de que dão prova, e o seu viver governado. Não são Espiritualistas como os Tremedores. O Padre Rapp inculcou-lhes as praticas christãs « os devêres da humildade, a singeleza de costumes, as dedicação, o amor do proximo, o trabalho regular e constante, a oração, e o exame da propria consciencia. » Como tivessem por artigo de fé a communidade de bens, á semelhança dos primitivos christãos, todos estavam igualmente obrigados a trabalhar com as proprias mãos. « Como cada um de nós trabalha para todos », disse um d'elles a Nordhoff, viajante allemão, « e como o interesse do individuo é o interesse da communidade, não ha lugar a egoismo, nem tão pouco a desperdicio. Fomos creados com ideias economicas. Desperdiçar, é peccado. Vivemos com simplicidade, e cada um de nós tem quanto lhe basta para comer e vestir, e ninguem carece d'outra cousa. « Gostam de flôres, de musica, assim como de pintura e esculptura. A casa do Padre Rapp continha varios quadros de muito merito; e ambem tinha uma bibliotheca; mas, segundo referiam ao viajante », a Biblia é o livro que mais lêmos. »

esperar, mas por fim appareceu. Os negocios n'aquellas regiões não eram ainda tratados a vapor. Conseguiram passar o rio gastando muito tempo; e depois d'um curto descanço, fizeram-se ao norte cortando pelos prados. E que prados tão formosos! vastos campos cobertos de relva e de delicadas flôres, sob um véo de neblina argentea que se estendia muito ao longe. Á noute as borboletas em quantidade infinita voavam na escuridão. A relva dos campos crescia tão alta, que encobria os cavallos e os cavalleiros. A caravana ia guiada pela bussola, porque não havia outro meio de se guiar senão pelas constellações de Céo. A « Ursa Maior » lá estava encaminhando-a para o norte.

Depois de andadas mil milhas ora por estradas e atalhos mal trilhados, ora em jangadas, iam emfim chegando á casa, no remoto Occidente. Além não havia mais do que prados e desertos, em que de longe em longe surgiam alguns Indios e ratoneiros. Dirigiram-se para Piankishaw, antes pertencente aos Indios, e d'onde os Shawnees acabavam de sahir. Era difficil encontrar habitação n'aquelle remoto districto. Mas metteram mãos á obra com vontade; os ganhões e ferreiros abateram as arvores mais altas da floresta proxima, e com um trabalho regular e constante, conseguiram construir uma barraca para a familia e os criados de M. Flower, que entretanto dormiam nos carros. Depois os homens construiram barracas para si; e formou-se como uma aldeia. Mas a fria morte em todas partes se encontra. O joven Flower

foi o primeiro a abrir uma cova n'aquelle apartado sitio para receber o primeiro cadaver, o do filhinho do seu irmão mais velho.

E como dar de comer aos vivos ? A estação já não comportava o amanho da terra. Estava-se no mez de Julho. Acabadas as provisões, começou-se a sentir o aperto da fome. De longe em longe matava-se um veado, que dava para algum tempo; mas havia mais de cem pessoas a sustentar, e o veado não bastava; porque poucas eram as vezes em que se ouvia uma voz alegre reclamar alviçaras para o caçador de um gamo.

A fome, augmentando sempre, obrigou a colonia a procurar alimento em lugares apartados. O pequeno Flower foi acompanhado d'alguns homens buscar viveres a Shawney Town, que ficava a sessenta milhas de distancia, gastando dous dias na ida. De noute davam descanço aos cavallos, e ouviam os uivos dos lobos que a braveza dos cães continha afastados. Em Shawney Town tiveram a felicidade de obter farinha de trigo e alguns presuntos, com que voltaram para casa. Os cavallos tinham de atravessar a nado o Little Wabash, e só com grande trabalho se conseguiu que a agua não chegasse aos viveres. Depois de atravessado o rio, accenderam uma grande fogueira, seccaram as roupas, aqueceram-se, deixaram os cavallos aquecer-se tambem, e deitaram-se no chão preparando-se para dormir. Ao amanhecer, montaram as cavalgaduras, e tomaram o caminho de casa a galope. É facil imaginar a alegria com que foram recebidos.

D'est'arte foram luctando. Depois de habitarem por algum tempo no barracão de madeira, foi designado o sitio para uma casa, e começou-se a construcção de Park House (casa do Parque). O joven Eduardo foi a a Lexington buscar sua mãe que ali vivera durante epocha mais trabalhosa para a colonia, e agora ia reunir-se á sua familia que se agrupava alegre ao redor d'ella. Entretanto tinham-se construido novas aldeias n'aquella região: Warrington, composta de barracas de páo; e o principio da cidade de Albion, hoje capital do Condado de Eduardo.

Contava Eduardo já quatorze annos e meio quando seu pai pensou em tratar da sua educação. Tinha-se estabelecido um mestre d'escola n'uma das barracas de Warrington. « Agora, Ned, » disse-lhe seu pai, « que tens dado provas d'intelligencia e juizo, é tempo de fazermos alguma cousa para ti. Irás á escola aonde farás por aprender. A escola ficava muito longe; e Eduardo, para cortar caminho, mettia-se, quando o tempo estava bom, por um pantano aonde se reuniam muitos perús bravos. O estudante ia acompanhado do seu cão e da sua espingarda. De passo para a escola matou uma vez um perú esplendido que levou de presente ao professor. Este exultou com a perspectiva de ter um bom perú assado para o jantar, e Ned ganhou-lhe d'esse modo as boas graças.

No dia seguinte propoz-se offerecer ao mestre um veado. O professor sahia a caçar com elle, e ambos caçavam constantemente. Affluiam em casa do mestre

d'escola perús, veados, e mais caça, em que este se deleitava; mas a educação de Eduardo fazia poucos progressos. Elle effectivamente odiava o estudo, e preferia caçar. Um dia, em casa, fizeram-lhe repetir a taboada. Eduardo repetiu: " Duas vezes dous, tres; duas vezes quatro, cinco; duas vezes cinco, oito." " Basta, " proferiu a mãe; tudo isso são asneiras. Volta para a escola."

Porém o professor seguia caçando com o discipulo. Ned nunca estudava. Seu pai examinou-o outra vez sobre arithmetica. Achou-o na mesma: " Duas vezes dous, seis; duas vezes tres, oito. Tinha ido seis mezes á escola, e esse fôra o resultado. Seu pai decidiu-se a trazêl-o para casa, e confiar-lhe a vigilancia do gado. Foi essa a unica instrucção que recebeu na America.

Eduardo continuava sempre a caçar veados, o que era de primeira necessidade para a alimentação. Um dia sahiu a caçar a pé com alguns amigos. Não tardou o seu cão em dar com o rasto d'um veado, seguiu-lhe a pista, e parou esperando pelo dono. Os amigos tinham ficado em distancia. Depois d'uma larga carreira por entre o matto, o cão deu signal, e Eduardo matou o animal. Era já tarde, estava a vinte e cinco milhas de casa, deu vozes pelos companheiros, mas nenhum se achava proximo do seu alcance; iam já caminho de casa. Desejoso de conservar o seu veado, assentou-se aos pés d'uma arvore e adormeceu com o cão ao lado. De subito acordou com os uivos dos lobos que, tendo farejado a presa,

se dispunham a devoral-a. Eduardo fez fogo uma e outra vez para os afastar, mas continuou sentindo-os mover-se e uivar de quando em quando na noute escurissima. Por fim raiou a manhã por entre as folhas das arvores, e Eduardo erguendo-se encaminhou-se para casa com muita fome por ter passado trinta horas sem comer.

Quando os Flowers chegaram ao Illinois havia alli muitos ursos negros e pardos." Uma manhã, conta Mr Flower, atravessando a cavallo um campo de milho para ir ao bosque visinho cortar arvores, vi de subito erguer-se diante de mim um urso corpulento, que fugiu mettendo-se por um charco. Iam commigo quatro homens e os meus cães. Fui em seguimento da féra acompanhado por tres dos homens. Os cães corriam adiante. O urso colheu-os e matou-os n'um horrivel amplexo. Nós fomos para elle com os nossos machados, e após lucta renhida, matámol-o, trouxemol-o para casa, e comemol-o: o que de muito nos valeu durante o inverno.

Outra vez, á bocca da noute, indo Eduardo a cavallo e levando na garupa a espingarda, começou o seu cão a ladrar a alguma cousa que via approximar-se. Estava então junto a Prairie, proximo a um pequeno bosque. Ergueu a vista e julgou divisar um animal grande que se vinha chegando, e ao acercar-se observou que era um homem a cavallo. « Sois Inglez ? » gritou o homem « Sim, sou ! » « Então aonde ides? » « Vou para minha casa. Vinde commigo e n'ella recebereis agasalho. » É que n'aquella

extensa solidão dos bosques ou dos prados qualquer pessoa era bem vinda e a todos se dava franca hospedagem.

Depois de despender grandes sommas, conseguiu-se a modificação completa do local. Vastos campos de trigo, numerosas manadas, recompensavam com a sua louçania e fertilidade o excessivo trabalho e a vigilancia constantemente exercida para proteger a colheita e o gado dos acommettimentos de animaes de todas as especies. Eduardo Fordham tomava parte activa n'este labutar, e foi sem duvida esta continua lida em tão curtos annos, e não o mestre de escola de Warrington, que contribuiu para formar a notavel energia do seu caracter e ensinal-o a não parar diante de nenhuma difficuldade, nem hesitar diante de estorvo algum que podesse ser removido pela lucta e pela perseverança.

A verdade é que Mr. Flower commettera um erro comprando tão extensos terrenos em sitio tão afastado de todo commercio. A região era completamente deshabitada, e só passados vinte annos começaram os emigrados a avançar para o Occidente na proximidade de Wabash. Albion ficava a cem milhas de distancia da feitoria, de modo que Mr. Flower luctou com os maiores embaraços para vender a sua colheita e o seu gado. No entretanto os emigrados iam-se approximando, e muitos d'elles estabeleceram-se perto de Albion. Muitos dos negros forros, por haverem comprado a alforria, foram viver na cidade, que começou a prosperar. Alguns dos emi-

grados inglezes não foram bem succedidos e viram-se forçados a voltar para Inglaterra. Entre estes contava-se Mr. Hooklam e sua mulher (hoje livreiros estabelecidos em Bond Street, Londres) que haviam emigrado e tentavam fixar a sua residencia na America. Um diao joven Flower, indo visital-os, encontrou-os matando uma gallinha. Á vista do sangue, a dama perdeu os sentidos. Abandonaram os seus projectos e voltaram para Inglaterra.

Outra grande difficuldade com que os Flowers tinham de arrostar eram os escravos forros ou não. O rio Ohio separava o Estado livre do Illinois do Estado captivo de Kentucky. Havia muitos escravos a quem a benevolencia dos donos permittia comprar a liberdade. Os da parte occidental de Kentucky atravessavam o rio e estabeleciam-se ordinariamente na nova cidade de Albion. Mas havia tambem avultado numero de escravos, além do rio, possuidos por donos que os tratavam com fera crueldade : maridos, mulheres e filhos separados violentamente e vendidos indistinctamente em todos os Estados captivos. Muitos d'elles, homens e mulheres, fugiam a seus donos, atravessavam os rios e escondiam-se nos pantanos e bosques para adquirirem a liberdade. Outros atravessavam o Ohio a nado e refugiavam-se em Albion. Outros encaminhavam-se para o norte até alcançarem a terra livre do Canadá.

Os donos dos escravos perseguiam estes com cães de caça e conseguiam muitas vezes alcançal-os, açoutando-os depois com dobrada crueldade. Passado

algum tempo, cruzon o Ohio um bando de negreiros com intenção de agarrar queasquer negros livres ou escravos e fazel-os descer o rio para os vender em Nova Orleans. Um dos negros escravos foi alugado por Mr. Flower. Era um grande e bello negro, servo fiel e homem excellente. Mr. Flower disse-lhe um dia : « Tu deves ser escravo, ou compraste a alforria? » Não senhor, respondeu o escravo; mas o meu amo castiga-me tanto e trata-me tão mal que tive de fugir. » Não tardou o dono em apparecer com a sua gente, encontrando-o a trabalhar na fazenda de Mr. Flower. Prendeu-o immediatamente, algemou-o e arrastou-o comsigo.

Porém o escravo tornou a fugir e a refugiar-se na fazenda de Mr. Flower. Voltou exhausto de fome e máos tratos. « O meu senhor vem ahi atraz de mim » disse elle. O joven Flower metteu o homem n'um poço, tapando-o com umas taboas. Deitava-lhe pão de quando em quando para dentro. O dono do escravo batia o matto todo em volta e não conseguia encontral-o. O joven Flower arrancou o homem do seu escondrijo, forneceu-o abundantemente de pão e disse-lhe que fugisse para escapar á morte. O escravo encaminhou-se para o norte dirigindo-se para o Canadá, mas antes de ter atravessado o rio, já os seus perseguidores lhe seguiam a pista. Tornaram a agarral-o, a algemal-o e d'esta vez entregaram-o á « justiça ». Elle declarou ao dono que não tornaria a ser escravo e que, a troco do propria vida, se negava a acompanhal-o; de modo que, quando o official de

diligencias foi prendel-o como desertor, o escravo puxou por uma pistola que trazia occulta e deu-lhe um tiro. O fugitivo foi enforcado immediatamente. Davam-se duzias de casos iguaes a este. Mr Flower mostrava-se indignado por succederem taes factos n'uma terra que se prezava de livre. Começou a pensar em deixar a fazenda, mas tinha empregado tanto capital em estabelecer-se e cultivar aquelles terrenos que foi aguentando. Os negreiros iam em augmento, vinham em bandos á procura de pretos e resolveram pôr Flower fóra do Estado. Elle porém oppoz dura resistencia. Os magistrados formavam n'esse tempo uma corporação muito curiosa. Um dia Mr Flower foi á casa de M. De Pugh, o magistrado que mais proximo ficava da sua fazenda, para fazer assignar uns documentos, e encontrou-o completamente nú assentado sobre a cama. « Parece-me, » disse « que não tenho outro remedio do que vestir-me ». E levantando-se assignou os papeis. Mr Flower travou conhecimento com outro magistrado M. Moses Michel, que mais tarde lhe prestou um serviço como adiante referimos.

« Orçava pelos dezoito a dezenove annos, » refere M. Eduardo Flower, e voltando uma tarde para casa acompanhado d'um amigo, ambos aborrecidos e fatigados por termos andado o dia inteiro, já nas proximidades de casa, chegámos a um ponto do bosque em que ouvimos uma forte disputa dentro do matto. Ouvi estas palavras: « Não largo estas redeas em quanto tiver sopro de vida. » Era a voz de meu pai! Acu-

dimos instantaneamente e encontramol-o seguro ás redeas d'um cavallo em que montava um dos nossos pretos livres. « Se não largais, » dizia um dos negreiros, » dou-vos um tiro. » Saltei n'elle incontinente e dei-lhe um golpe de machado. O meu companheiro acommetteu o outro negreiro, e cortou-lhe quasi um braço. Salvámos meu pai, e os negreiros desappareceram por entre o matto.

« Moses Michel, o magistrado, mandou immediatamente que fossem presos. Nós suppunhamos que os negreiros tinham atravessado o Wabash com um fito determinado, e resolvemos ir sobre elles. Eu puz-me á frente da expedição, e o magistrado foi em nossa companhia. Por alta noute nos pozemos a caminho, e chegámos ao Wabash ao alvorecer. Dirigimo-nos ao barqueiro e soubemos que os negreiros não tinham passado o rio. Tornámos atraz, atámos os cavallos a umas arvores, e seguimos pelo espaço d'uma milha ao seu encontro. Esperámos algum tempo, e por fim ouvimol-os que vinham a cavallo. Distinguia-se o quebrar das folhas e dos ramos seccos. Vinham approximando-se e já os divisavamos; o magistrado mandou que apontassemos para elles. Todos nos preparámos de mão no gatilho.

« O magistrado adiantou-se. » Entregai-vos! disse, ou fazemos fogo! Estão todos presos á minha ordem. » Os negreiros pararam e consultaram-se entre si. « Nada, nada! » exclamou o magistrado, « entregai-vos immediatamente, senão estais mortos. Vamos, despi-vos e deixai-vos prender. » Os negreiros

entregaram as armas, tiraram as roupas e deixaram-se algemar.

Eram oito ao todo. Iamos caminho de Albion a vinte milhas de distancia para os entregarmos á justiça. Porém o magistrado disse-me :

« Julgo que levamos gente demais : ha dois homens que me não parecem máos e que podereis soltar com alguns bons conselhos! Effectivamente soltámol-os e démos-lhe liberdade. Sondámos os animos de dois outros homens que nos prometteram não tornar a tomar parte em taes emprezas. Tambem os deixámos ir. Estavam agora os presos reduzidos a quatro: os que tinham luctado mais para roubar o negro livre. Esses quatro foram julgados, sentenciados e condemnados a dous annos de prisão com trabalhos forçados na penitenciaria da Vandalia. » D'esta maneira se poz fim ao trafico de negros nas margens do Ohio, e os poderosos esforços de Mr. Flower e da colonia ingleza obstaram a que o Illinois se tornasse em Estado escravagista.

Entretanto os negreiros sedentos do sangue do joven Flower projectaram assassinal-o. Fôra-elle de toda a colonia quem trabalhára com mais actividade e energia para destruir o commercio abominavel da escravatura, e tanto elle como a sua familia tinham de soffrer-lhe as consequencias. Succedeu que Jack Ellis, o matteiro e caçador, teve conhecimento d'essas intenções. Flower aprendera a caçar com Jack, que o acompanhava nas suas montarias a travez dos montes e bosques. Jack dedicava profunda amizade

ao seu joven amo. Travou casualmente relações com os negreiros e teve conhecimento do que tramavam contra Eduardo. Já antes, achando-se o mancebo assentado junto ao lar, haviam disparado um tiro contra elle. Uma noute entrou pela janella uma bala que acertou no espelho que ficava por detraz da sua cabeça. Ergueu-se a familia inteira, correu para a porta; mas já os negreiros tinham desapparecido.

O odio subia de ponto. Uma noute, Jack Ellis confiou á irmã de Eduardo que os negreiros tinham resolvido acabar a todo transe com a vida do seu irmão. « A minha opinião, disse, é que Ned saia d'aqui immediatamente, se quer escapar ao perigo que o ameaça. » Seguiu-se o conselho de Jack. No dia seguinte de manhã, Mr Flower pae fez levantar Eduardo da cama muito cedo, partiram ambos para Inglaterra, e aqui começa a tragedia. Duas noutes depois, quando a sua partida não era ainda divulgada, vieram seis negreiros á porta perguntar por Mr Flower Junior. A escuridão era tão intensa que não se podia reconhecer pessoa alguma. Ricardo, primo de Eduardo, e que muito se lhe parecia, sahiu á porta. Os homens acommetteram-o com machados e deixaram-o morto. Pobre Ricardo! a sua morte foi muito sentida, mas os assassinos nunca foram descobertos.

Eduardo, ao afastar-se de casa, mandára que fechassem o seu cão predilecto, « Little Penn », que tinha sempre junto d'elle, dormia e caçava com elle. O cão não queria separar-se do seu dono; conseguiu escapar-se, seguiu o rasto do amo até á barca

e entrou para dentro. Pozeram-o fóra entregando-o nos braços do irmão de Flower, mas quando o bote largou, o cão saltou ao Ohio. O barco não podia deter a sua marcha e a ultima cousa que Flower viu, foi o cão nadando pelo rio acima, perdendo-se na distancia.

Eduardo e seu pai embarcaram para Inglaterra n'um brigue de 150 toneladas. Eram os unicos passageiros. Desembarcaram em Liverpool, em 1824, d'onde quasi sete annos antes haviam largado, e grandes eram as mudanças desde então. Eduardo, de adolescente de treze annos, tornára-se n'um robusto mancebo de quasi vinte. Vinha ainda vestido de roceiro, com collete de caça com franjas, calças de coiro, polainas negras, sapatos de couro crú e um grande casacão. Não tardou em vestir-se com trajos mais civilisados.

Pouco depois seguiram juntos para Barford, no Warwickshire, e passado algum tempo foram visitar Benjamin Flower, editor d'uma folha de Cambridge, que tinha duas filhas, Elisa e Sarah Flower, autora esta da formosa composição que se canta em todas as igrejas. « Attrahi-me mais e mais a vós, ó meu Deos. » Decorridos mezes, foi Eduardo para New Lamark na Escocia a encontrar-se com Roberto Owen, então considerado como grande philantropo. Voltando a Londres, aonde se achava seu pai, manifestou-lhe a sua intenção de ficar em Inglaterra para receber alguma educação. Surprehendeu-se o pai, mas o filho não desistiu do seu proposito; todavia, sem divulgar

o seu segredo, — o amor — que era o que alli o prendia. Seu pai annuiu em dar-lhe 2000 libras esterlinas do capital da America, de cuja renda teria de viver; e se de tal se arrependesse, lá estava a sua casa na America para onde a todo tempo poderia voltar. Depois de ver seu pai, partio de Liverpool, voltou para New Lamark com Roberto Dale Owen. Ahi fez os seus primeiros estudos litterarios, embora a educação pratica que recebera além nas florestas virgens lhe veio a ser muito mais util no decurso da vida. Habitou durante duas semanas em casa de Roberto Owen e depois em quartos alugados. Um dia quando ia a sahir, encontrou um homem que lhe perguntou o caminho para New Lamark, ao que elle respondeu: « Eú vos acompanharei, pois é alli que eu vivo. » Os dous entraram em conversação e tornaram-se muito amigos. O forasteiro era o Dr. André Combe, de Edimburgo, que ia observar pessoalmente a maravilhosa educação dada aos rapazes e raparigas da feitoria de New Lamark. O Dr. Combe jantou com o joven roceiro, que relatou abertamente a sua historia e as suas intenções de « começar a sua educação. » « Pois comprae a grammatica de Murray, » respondeu o Doutor, « e começai a ler immediatatamente. Lêde as melhores obras e reflecti sobre ellas, cousa que não vos será difficil. »

Flower continuou durante seis mezes os seus estudos em New Lamark, e tanto estudou que perdeu a saúde. Grande era com effeito a differença entre estar assentado n'um quarto pequeno, cançando-se a

aprender e a escrever palavras, e correr as vastas planicies do extremo Occidente aspirando a brisa embriagante d'aquella purissima atmosphera. Por fim sahiu de New Lamark e seguiu de Edimburgo para Londres, a pé, por villas e cidades que todas eram para elle motivo d'admiração. Habitou como discipulo durante seis mezes com o Dr. Kelly de Trinity Square, com quem se aperfeiçoou em arithmetica, algebra e outros ramos da instrucção superior. Chegára agora aos vinte e um annos disposto a encetar a vida do commercio. Foi para Birmingham e entrou como empregado n'uma casa de commissão de trigo com o salario de cem libras esterlinas por anno, e tão bons serviços prestou, que dous annos depois subiam os seus emolumentos a 400 libras. Desposou então uma mulher de caracter nobre e affectuoso, seguindo-se depois uma vida aprazivel. Estabeleceu-se em Stratford sobre o Avon, tornando-se um dos principaes fabricantes de cerveja da localidade. Foi administrador da cidade durante quatro annos e Juiz de Paz do Concelho de Warwick, sendo em todas as partes estimado e respeitado. Dava a todos franca hospitalidade na sua casa e acolhia com preferencia os seus amigos da America que no verão acudiam numerosos. Organisou e levou a cabo o terceiro centenario de Shakespeare, em 1864, da maneira bizarra que lhe era propria.

N'esse anno foi acommettido de paralysia e retirou-se do commercio. Conservára, porém, toda a sua energia e força de vontade. Em 1865 soffreu outro ataque, fi-

cando leso d'um lado. No emtanto propoz-se a deputado pelo circulo do Warwickshire do Norte. Perdeu a eleição, mas não se deu por vencido. Propoz-se novamente por Coventry, em 1872, tornando a ser derrotado. Victima d'outro ataque da mesma doença, em 1869, perdera o conhecimento da lingua ingleza e tivera que recomeçar a aprender os principios elementares da grammatica, taes como substantivos, adjectivos, adverbios, etc.

Foi para Roma aonde melhorou de saúde e depois para ao sul da França, Por todas partes observou a crueldade com que eram tratados os cavallos, as mulas e os burros; e quasi chorava de compaixão. Quando voltou para Londres em 1873, começou a trabalhar para melhorar a sorte dos cavallos, especialmente no que tinha relação com peias e bridões. Comprou um cavallo preto, que anteriormente tinha soffrido todas essas torturas e começou por livral-o de taes supplicios. Escreveu uma carta para o *Times*, á qual Sir Arthur Helps, ultimamente fallecido, mandou dar publicidade; e foi devido á insistencia de Flower que Sir Arthur escreveu a sua obra intitulada : *Os Animaes e os seus donos*. Indo a uma reunião da Sociedade Protectora dos Animaes, encontrou á porta uma duzia de carruagens cujos cavallos estavam parados durante horas consecutivas cruelmente açaimados com bridões e freios. Subiu a interpellar a commissão que lhe não deu ouvidos, e o presidente expulsou-o da sala.

Elle, porém, persistiu na sua ideia. A elle não

punham mordaças; escreveu cartas a todas as folhas diarias, que todas as publicaram. D'est'arte moveu a opinião publica em favor da sua causa. Depois publicou o seu opusculo *Freios e Bridões*, e espalhou-o por todo o paiz. Seguiu-se-lhe *Cavallos e Jaezes* como consequencia do primeiro folheto, que teve igualmente prodigiosa extracção. Mr Flower descreve d'esta maneira o modo de arrear a parelha d'uma equipagem de luxo : « Põe-se-lhe o apertado bridão para o cavallo levantar o pescoço; a gamarra para o forçar a ter a cabeça baixa, antolhos que lhe tolhem a vista, o rabicho que tem de ser apertado e prende as cabeças dos animaes ás caudas. O cavallo, para conseguir algum allivio quando está parado, estende as mãos, firmando-se nos pés, n'uma forçada postura que lhe causa uma inflammação que o aleija. O bridão, collocando a cabeça n'uma posição violenta, comprime a trachéa e os orgãos respiratorios causando ronqueira e outras enfermidades. Correias muito curtas ferem as orelhas, apertam demasiado, exercendo uma pressão incommoda, e quando o cavallo dá mostras de estar molesto sacudindo a cabeça, castigam-o augmentando o numero de correias, pois que raras vezes o cocheiro se dá ao trabalho de examinar qual seja a causa d'esta irritabilidade.

« A moda é poderosa, mais poderosa, receio, do que a caridade; entretanto nutro boas esperanças. A moda já hoje não exige que os cavallos soffram o córte das caudas e crinas; podem pois os actuaes

tormentos ter tambem um fim. Se alguns dos campeões da moda se unissem a homens e mulheres de bom senso e de sentimentos caritativos, não tardariamos em apagar esta nodoa da nossa civilisação. Prezo-me de erguer a minha debil voz em favor d'esta causa; e agradeço do fundo d'alma a todos (e são muitos) os que se offereceram a auxiliar-me e a animar-me. Perseverarei na minha tarefa e, não obstante a minha avançada idade, tenho fé que hei de viver bastante para merecer este epitaphio sobre a minha campa:

« Aqui jaz um dos homens que trabalhou para abolir o uso do bridão. »

Mr. Flower dirige-se especialmente ás mulheres como se estas fossem as mais crueis no tratamento dos animaes que não se queixam "Accusam-se," diz elle, asmulheres de gostar de ver os cavallos empinados e com o pescoço alçado. É de certo por não conhecerem a graciosidade dos movimentos naturaes e livres d'um cavallo formoso e bem tratado. Olhae, Senhoras, para a bocca dos vossos cavallos, não dae ouvidos aos vossos cocheiros que insistem na barbara necessidade dos bridões, dos freios apertados e do uso exasperante do chicote. Estudae a delicada organização dos animaes a quem deveis tanto prazer e conforto, e elles saberão agradecer os vossos cuidados. »

O resultado da propaganda de Mr. Flower tem sido de acabar com trinta por cento das torturas impostas pelos bridões, devido á caridade d'alguns homens humanitarios. Resta conseguir que as mulheres carido-

sas ponham fim ás demais crueldades. « Deve-se luctar com a ignorancia, os preconceitos, a moda e em muitos casos com voluntaria crueldade. Prezo-me de ter effectuado muitas conversões, e espero seguir perorando e escrevendo, com o auxilio da minha mulher provavelmente, aborrecendo os meus amigos e o publico até conseguir destruir n'um paiz que se gloría de civilisado o espectaculo hoje tão frequente de cavallos espumando e debatendo-se na agonia dos tormentos causados pelo freio, o bridão e o chicote. Ide ao Parque ou ás ruas de maior elegancia, e observae os cavallos açaimados, parados ou em movimento, e vereis que a minha descripção da "Tortura" não pecca por exagerada; e os donos das equipagens, ricamente ataviados, sorriem sem consciencia dos soffrimentos que impõem, e o cocheiro descuidado está satisfeito por ter faculdade de tyrannizar as desgraçadas victimas da sua ignorancia, impaciencia e vaidade.

Lord Leigh escreveu pouco depois a Mr Flower: « Felicito-vos pelo triumpho que haveis alcançado, e confio que dentro em pouco será cousa tão rara ver um cavallo com um bridão como é hoje vermos um soldado equipado á moda antiga; e quando chegar esse dia feliz, tereis a satisfação de sentir que servistes a causa dos pobres cavallos tanto quanto Wilberforce defendeu em seu tempo a sorte dos pobres escravos. »

Mr. Flower não se satisfez com proteger os cavallos de carruagem senão tambem os de carroça. Aos setenta e cinco annos, em que celebrou as suas bo-

das de ouro, escreveu, auxiliado por sua esposa, *As Pedras de Londres*, muito differentes das *Pedras de Veneza* de Ruskin. Como prefacio collocára o retrato de Macadam, o grande aperfeiçoador das estradas. Porém os principios de Macadam já ha muito que estavam esquecidos. As ruas de Londres eram calçadas com grandes pedras; e sangraría o coração de Macadam se lhe fosse possivel ver o seu systema posto em execução por gente ignorante, connivente com empreiteiros de má fé. No tempo de Macadam as pedras tinham de passar por uma argola de duas pollegadas, não podiam ter mais de seis onças de peso, e deviam ser partidas em angulos que unidos formavam um corpo firme compacto e impermeavel. Mas as pedras são hoje grandes como o punho; como poderão os infelizes cavallos de carroça puxar pela sua pesada carga por ruas tão impraticaveis? Esta consideração impressionou de tal sorte o animo de Mr. Flower que d'ella resultou a publicação do seu opusculo. Acommetteu os administradores constrangendo-os a ouvir as suas queixas. Clama a voz da equidade no deserto. Esperemos que a de Mr. Flower não bradará por muito tempo em vão!

Em nosso conceito, Mr. Flower foi um verdadeiro amante de todos os seres — racionaes e irracionaes. Durante a guerra entre os Estados do Norte e do Sul da America, percorreu a sua terra proferindo discursos em favor da abolição da escravatura na Africa.

Permaneceu fiel aos principios que adquirira no

Illinois. Fallecido seu pai na America ao tempo que ardia a guerra civil, escreveu um jornalista americano: « Ninguem deu prova de maior heroismo do que elle durante a lucta renhida que assignalou a ousada tentativa de legalisar a escravatura no Illinois em 1823. Nós, no dia de hoje, entre os horrores da guerra civil, mal comprehendemos a ferocidade e as barbaras façanhas d'aquelle conflicto. E tão iguaes eram as forças dos dous partidos em que se dividiam os Estados, que o voto da colonia ingleza, consentaneo com os seus instinctos de liberdade, fez inclinar a balança tornando-se um punhado de inglezes obstinados a derradeira esperança contra a injustiça e oppressão, cujo triumpho teria talvez destruido para sempre a constituição livre e republicana da America. »

Esperemos que se avivará a memoria d'estes factos quando chegar a occasião de gravar o epitaphio sobre a campa de Eduardo Fordham Flower. Possa elle assistir ainda ao termo dos soffrimentos impostos aos cavallos, contra os quaes tão ousadamente luctou durante o curso da sua vida.

CAPITULO XV

A Responsabilidade.

« O justo que fallece..... deixa uma luz que illumina. as sombras do caminho... com sobrenaturaes clarões. » — LONGFELLOW.

« Porque a lyra... da sua casta musa... celebra sómente nobres feitos... nem uma ideia immoral... ou corrupta... nem uma linha sequer... que a derradeira hora... quizera apagar. » — LORD LITTLETON *sôbre Thomson.*

« Instrue-te como se a vida fôra eterna,... vive como se a morte fôra amanhã. » — ANSALUS DE INSULIS.

O dever começa com a vida e acaba com a morte; comprehende toda a nossa vida; ordena-nos que façamos o bem e prohibe-nos que façamos o mal, começa com a educação das crianças; manda que as sustentemos, instruamos, e eduquemos e que com o nosso exemplo as dirijamos no caminho do bem.

O dever nos acompanha no decurso de toda a nossa vida. Existe no lar domestico, e abrange uma área illimitada. Tem o amo deveres para com os servos, e os servos deveres para com o amo. Temos deveres para com os nossos patricios, a nossa patria e o nosso governo. O cumprimento de todos esses deveres involve uma enorme responsabilidade. Não ha vida realmente honesta, se falta o sentimento d'esta verdade e se não se obra com energia em consequencia d'esse principio.

Na sociedade os direitos sociaes exigem ser observados. Desapparecido o sentimento da responsabilidade, caminha a sociedade para a sua perda. « A raça humana », diz Sir Walter Scott, « pereceria se deixasse de existir o mutuo auxilio. A partir do momento em que a mãe liga a cabeça do recemnascido até a hora em que uma mão amiga limpa o suor da frente moribunda, não podemos viver sem auxilio. Portanto, todos nós, que carecemos de assistencia, temos o direito de pedil-a ao nosso proximo, e nenhum dos que têm na sua mão a possibilidade de prestar soccorro, póde negal-o sem iniquidade. »

Em obras anteriores tentámos provar a efficacia do bom exemplo, cujo valor é cousa inestimavel. Incorremos, pois, na maior obrigação de dar o melhor exemplo que podemos. O exemplo é mais eloquente do que o preceito : é o melhor cinzelador dos caracteres. Uma vida honesta é a melhor doutrina. Não ha herança que se avantaje á d'um nobre exemplo, nem dom mais valioso que um homem possa legar á posteridade.

Tudo isto requer fé, energia, modestia, e desprendimento. Todos nós estamos sujeitos a tentações que todas podemos vencer pela fé e pela energia. O dever ordena que sejamos castos e affectuosos. A justiça oppõe-se ao egoismo, á oppressão e á crueldade. A fé em Deos envolve o convencimento de que o bem deve dominar o mal em toda circumstancia. « O triumpho do bem sobre o mal, » diz Mr. Erskine de Ellon, é a conversão dos máos; a transformação das

trevas em luz, e das vias tortuosas em caminhos rectos.

Pódem os melhores e mais valentes ter momentos de duvida e fraqueza — pódem sentir abalar as columnas em que se firma a sua fé; porém, se com effeito são os melhores e mais valentes, não tardam em despertar do seu entorpecimento, recorrendo aos primitivos principios. Devemos crer que o universo é sabiamente regido e que todos temos de nos conformar com a sua ordem, que não podemos alterar; que tudo quanto faz a Providencia é bem feito; ver no proximo um irmão a quem devemos amor e carinho, e procurar fazer bem mesmo áquelles que desejariam fazer-nos mal.

O systema da negação não póde ter adeptos convencidos. A negação é impotente; derriba, mas não edifica. Destróe o que o homem tem de melhor, anniquilando a fé e a esperança. O mal não póde ser supprimido com palavras triviaes; carece de ser combatido pela bondade verdadeira, activa e constante.

A propria sciencia deve á fé os seus triumphos. Não foi a negação que levou Newton a arrancar á natureza o segredo da gravitação. Foi a fé que animou Kepler, Dalton e Faraday nos seus trabalhos. «Não foi o scepticismo, senão a fé, refere o professor Pritchard, » que guiou o velho Herschell, hora por hora nas suas fastidiosas mas uteis observações, alimentado por sua irmã, e sem descanço, até concluir o seu telescopio, certo de que viria a revelar-lhe os mysterios da abobada celeste. E movido por igual

sentimento é que o seu privilegiado filho se retirou para o extremo sul, aonde terminou a obra de seu pai, deixando para sempre escripta nos escudos da sua fama esta divisa: *Cœlis exploratis*!

A negação conduz-nos simplemente ao descoroçoamento e á desesperança. É a descrença de tudo: da fé em Deos, da fé no dever, da fé no homem, da fé em tudo excepto em nós mesmos e em nossos prazeres. Afóra isto, tudo é paixão, confusão, egoismo, escuridão em que a individualidade desapparece e a alma perde o seu norte. Devemos avaliar o merito da nossa vida pela actividade com que caminhamos nas vias do Senhor, e com que acatamos os seus designios; e esse é o caminho em que encontraremos a liberdade, essa liberdade sem a qual não ha vida para o homem.

Um individuo que jazia enfermo, perguntou a sí proprio. « De que terá servido a minha vida? terei dado allivio a algum coração? consolado alguma pena? creado a felicidade d'alguma familia? cumprido algum bem? Terei contribuido para o melhoramento da sociedade? » E como fossem negativas todas as respostas, o homem ergueu-se transformado e soube encontrar frequentes occasiões de praticar o bem. A vontade e a resolução que lhe faltavam, encontrou-as na lei de Deos. A religião é o laço do eterno amor. O amor maior do que a esperança, maior do que a fé, é a unica cousa que Deos requer de nós, e em que consiste o cumprimento de todos os nossos deveres.

O amor do dever suaviza a agrura do caminho da

vida Ajuda-nos a conhecer, a aprender e a obedecer. É a força com que vencemos as difficuldades, resistimos ás tentações, levamos a cabo as nossas emprezas, e permanecemos honrados, affectuosos e leaes. A experiencia ensina que somos o resultado do nosso proprio trabalho.

Luctamos contra as más tendencias, trabalhamos por inclinar-nos para o bem, e pouco a pouco nos tornamos n'aquillo que ambicionamos. O esforço de cada dia torna a lucta cada vez mais facil. Colhemos o que semeámos.

Para alcançarmos superioridade, devemos tomar por exemplo o mais perfeito modelo. A tentativa é por si só um progresso, embora não consigamos alcançar uma perfeita imitação. O caracter faz sentir sempre a sua influencia. Podemos ser pouco cultos, parcos em habilidades, carecer de fortuna e de posição na « Sociedade »; porém, se o nosso caracter fôr de boa lei, é certo que predomina e impõe respeito. As nossas faculdades poucas vezes são gastas pelo uso, antes se enferrujam por negligencia. A actividade e a energia são o brilho e a belleza da vida do homem.

« Sei, diz Perthes » que uma imaginação viva é o sal da vida, sem o qual a natureza é um cadaver; mas quanto maior é o dom, maior é a responsabilidade. « E a um joven : » Ide com fé e esperança; tal é o meu conselho de ancião sobrecarregado com o peso e os ardores da vida. Devemos trilhar sempre as vias da virtude sem nunca nos afastarmos d'ellas; para o que temos de resignar-nos alegremente ás vicissi-

tudes d'esta vida inconstante... O fim elevado e sobrenatural d'esta vida não prohibe que a passemos com alegria; antes deve ser assim, pois d'outra fórma nos faltaria a necessaria energia.

A juventude é a epoca do desenvolvimento. É a primavera do homem. O joven entra na sociedade e toma diversas direcções. Se foi cuidadosamente educado pelos seus pais, se estes lhe inculcaram um elevado conceito do valor e da dignidade do homem, terá de manter o lustre da sua honra e não commetterá acção nenhuma de que elles se envergonhassem. Sentir-se ha profundamente grato a esse homem e a essa mulher honrados que lhe transmittiram um nome sem macula representando seculos de trabalho e probidade. « Tornai-vos dignos de vossos pais », era uma das maximas de Periandro, um dos sete sabios da Grecia. Nas suas virtudes se reflectem os mortos como n'um espelho; succede com as familias como com os inviduos : é a constante perseverança que lhes conserva o lustre do seu bom nome. Mas se o espirito e o coração do adolescente deixou de ser cultivado, se n'elles não vemos flôres nenhumas de esperança, então encaramos o seu futuro com terror ou mesmo com desespero.

As palavras e os exemplos têm sempre muita authoridade nos animos da gente moça, a quem arrastam para o bem ou para o mal. Porque não ha cousa, quer palavra, quer exemplo que para sempre fique esquecida ou perdida. Não commettemos iniquidade sem que o castigo não siga de perto. A transgressão ás

leis da eterna justiça é conhecida do mundo inteiro. Podemos não ligar importancia ás nossas palavras ou acções, porém nem umas nem outras são transitorias, senão eternas. Uma palavra má ou ociosa nunca perece. Póde levantar-se contra nós no futuro, vinte, cem annos mais tarde e muito tempo depois da nossa morte. « O homem », diz Jesus Christo, terá de responder por toda palavra ociosa no dia do juizo ; porque pelas palavras será justificado, e pelas palavras condemnado ». Ruins actos e ruins exemplos são de sigual immortalidade. Nunca perecem. Têm uma influencia persistente. Transmittem-se como uma herança. Perde-se a vida, mas a lembrança do homem ficou, e ficarão os seus actos que nada póde desfazer. Diz Thomás de Malmesbury : « Qualquer acção do homem é o principio de uma tão larga cadeia de consequencias, que se lhes não pode calcular o alcance. « Todo o atomo », diz Babbage, « conserva as boas ou más impressões que philosophos e sabios lhe communicaram combinados de mil modos com tudo quanto ha de mais indigno e vil. O ar é uma vasta bibliotheca em cujas paginas estão gravadas *para sempre* todas as nossas palavras e acções ».

Não ha, portanto, palavra obra ou pensamento que não influa no destino do homem. Qualquer vida, bem ou mal vivida, arrasta comsigo uma longa serie de consequencias que se estendem ás futuras gerações. Tudo isto deve engendrar no homem a consciencia da responsabilidade que involvem os seus

pensamentos, palavras, e obras. « Eis um folheto », diz o Doutor Chalmers « intitulado : Os ultimos momentos do Conde de Rochester — e feriu-me a lembrança da enormidade do mal que póde resultar da propagação d'uma leitura perniciosa ».

Peores são as más leituras do que as más palavras. Influem, como as acções, poderosamente no animo e na vontade das vindouras gerações. O livro vive quando já o seu autor está desfeito em pó. O autor pernicioso vive para sempre na sua raça. O seu livro continua espalhando o vicio, a immoralidade e o atheismo.

« A arte da imprensa, diz Frederic Schlegel, uma das artes de maior proveito e honra, tem-se prostituido pela rapida e universal circulação de peçonhentos folhetos e libellos. A ella se deve a inundação de composições, umas frivolas e outras torpes, todas contrarias aos sãos principios e á finura do gosto. É um mar de vãos conceitos e ruidosas torpezas em que o espirito do seculo se agita, correndo o grave risco de perder completamente de vista a bussola da meditação e a estrella polar da verdade ». (1)

E mais adiante : « Desunidos pelas suas opiniões, os homens separam-se ainda mais pelos seus interesses. A cobiça é o motor da sua vida. Têm por ventura, familia, patria ? Têm-se a si mesmos e nada mais. Os sentimentos generosos, a honra, a fidelidade, a religião, tudo quanto inflammava os animos dos nossos antepassados são hoje palavras vãs...

1. *Historia da Litteratura*, II, 39.

O calculo é a sua unica occupação. A palavra consciencia causa-lhes medo e espanto ».

Eis o juizo que Schlegel forma da responsabilidade dos autores. São responsaveis do bem e do mal que inculcam. O livro sordido dá entrada nas nossas bibliothecas, nas nossas casas. São algumas vezes muitos engenhosos; attrahem pelo estylo que adorna a corrupção das suas theorias. Burke disse que o vicio envernizado perde metade da peçonha », mas é uma affirmação malvada. O vicio grosseiro póde revoltar-nos, mas a sordidez brunida, ataviada de palavras scintillantes deleita mais o nosso entendimento. Vejamos por exemplo aquella novella immunda entre as mãos d'aquellas jovens. O estylo fascina, e occulta as obscenidades e o veneno moral que elle contém. Começa muitas vezes n'um assassinio para acabar em deshonestidade e adulterio ; como se estes escriptores se esmerassem unicamente em patentear a podridão. Os mais scepticos d'estes autores são mulheres inglezas.

Ha tambem o livro que nos traz n'uma constante hilaridade, signal evidente d'um cerebro ôco. Triste espectaculo esse das miserias moraes, do bem escarnecido, do mal preconisado. Como differe do bom livro, ou da boa novella? Não do livro mellifluo, mas do livro sadio, casto, animador. Disse Lockhart de seu sogro Scott », podemos calcular quanto devemos a uma longa serie de livros pelos seus trinta annos de publicação d'um prestigio sem igual, e todos inculcando maximas elevadas e moraes, anima-

das d'um espirito solido e vigoroso : o desprezo das paixões mesquinhas, vingativas ou voluptuosas; uma caridade igualmente distincta da frouxidão de principios e da rigorosa austeridade ; uma perspicacia demasiadamente aguda para admittir o cynismo ; um carinho que nunca degenera em sentimentalismo, obedecendo em pensamentos, opiniões, sentimentos, e estylo a um principio sempre energico e puro, com impulso e sabor viril ; estimulando sempre quanto ha de bom e generoso nas nossas naturezas e repellindo quanto n'ellas existe de pequeno e egoista ».

É pomposo o encomio, porém merecido. Congratulado Sir Walter Scott, ao declinar da vida, pelo Dr Cheney pela pureza das suas novellas, respondeu : « Estou tocando ao termo da minha carreira. Não tardarei em desapparecer da scena. Hei sido talvez o autor mais fecundo do meu tempo; e é para mim uma grande satisfacção pensar que nem trabalhei por abalar a fé, nem por corromper principios, e que não escrevi uma unica linha que quizera apagar na minha ultima hora. » Podia dizer-se o mesmo d'esse Apostolo do Povo que se chamou Carlos Dickens. « Conheço, « disse o Bispo de Manchester, » a mór parte das obras de M. Dickens, e tanto quanto me lembro não contêm uma só pagina ou uma unica sentença eivada de impureza e apta a suggerir um pensamento torpe ou vicioso. Creio que os seus trabalhos têm sido ferteis em beneficios para o nosso povo. Descobrem sob grossei-

ras apparencias virtudes singelas e efficazes. Ensinam as grandes lições da sympathia christã; e posto que Carlos Dickens não fosse em tudo o que nós poderiamos desejar, ou o que poderia ter sido, não nos compete a nós julgal-o. Não sabemos a que provas Deos o sujeitaria, e que difficeis circumstancias teria que atravessar na vida. Mas eu entendo que nós, Inglezes, devemos profunda gratidão ao nosso grande romancista pelo muito que elle fez para elevar e purificar o homem na classe em que mais carece de ser purificado e elevado. »

O bom, assim como o máo livro, sobrevive muito ao autor. Um livro escripto ha dois mil annos póde decidir d'uma vida. A voz d'além tumulo póde prender a attenção e transformar o caracter. Por outro lado, os livros viciosos levantam a voz e impellem a juventude ao crime e á deshonra. Os seus autores influem d'além tumulo e espalham a corrupção e a infamia pelo mundo inteiro.

Um livro é uma voz viva; é um espirito errante na superficie da terra. Continúa a ser o pensamento vivo d'uma alma que de nós dista pelo espaço e pelo tempo. A humanidade passa, os monumentos desfazem-se em pó. O que fica e sobrevive é o pensamento. Que é feito de Platão? Ha muito que se tornou em cinzas, mas os seus pensamentos e acções sobrevivem.

O máo livro é um veneno que nunca cessa de distillar peçonha. *Litterae scriptae manent.* Os autores perversos, mesmo da sua campa assassinam as almas

de geração em geração. Um bom livro é um thesouro, ao passo que um máo livro é um espirito malevolo. O bom livro ensina a rectidão, a verdade e a bondade, em quanto que o máo livro ensina o vicio, o egoismo, e a descrença. Os autores vão-se e as obras ficam. Esse convencimento deve inculcar nos autores o vivo sentimento da perenne responsabilidade das suas obras.

Um amigo intimo de Wordsworth falla do poeta da seguinte maneira. « Quando por ultimo o vi, vergava sob o peso de profundos desgostos domesticos, e começava tambem a curvar-se com as enfermidades da velhice. » Hoje, dizia elle, pouco me importa o que o mundo póde julgar de mim e das minhas obras poeticas; mas ha uma ideia que me consola nas tristezas dos meus velhos annos, e é que nada do que eu escrevi desde a minha mocidade contém uma unica linha que eu quizera riscar, por favorecer as torpes paixões humanas. Isto dá-me um grande gosto; quando eu partir d'este mundo, a ninguem poderão prejudicar as obras minhas que ficarem. »

Não terminaremos este capitulo sem darmos uma fabula do russo Kriloff, o Russo que tem sido util a escriptores em mais d'uma occasião. A fabula intitula-se: « O Autor e o Ladrão. »

« Lá no nebuloso reino das trevas, compareceram ao mesmo tempo dous peccadores diante dos juizes para serem julgados. Um d'elles era salteador de estradas, que por fim viera parar ás galés; e o

outro um escriptor de fama que infundira nas suas obras um veneno subtil, que preconisára o atheismo e prégára a immoralidade com voz meliflua como a da sereia, e perigosa como a da Sereia. No Averno, as ceremonias judiciaes são breves, sem delongas desnecessarias. A sentença foi pronunciada incontinente: suspensos dous enormes caldeirões por duas tremendas correntes, foi em cada um d'elles collocado um dos peccadores. Por baixo do ladrão, levantou-se uma grande fogueira accesa pela propria mão d'uma das Furias, e os tectos das salas infernaes estalavam com a intensidade das labaredas que subiam a grande altura. O supplicio do escriptor parecia ao principio menos cruel. A fogueira que debaixo d'elle foi accesa, começára em reduzidas proporções, porém ia em augmento ao passo que ardia.

« Decorreram seculos e o lume não se apagou. Por baixo do salteador extinguira-se a chamma, havia muito tempo; por baixo do Escriptor d'hora em hora crescia. Vendo que os seus tormentos não abrandavam, começou este a dar vozes contra os deoses injustos; que o mundo inteiro enchera da sua fama e que a liberdade da sua penna já fôra sufficientemente castigada; que não pensava ter maiores culpas do que o alteador. Então appareceu-lhe uma das tres filhas da noute. Silvavam serpentes por entre os seus hirsutos cabellos e trazia nas mãos varas ensanguentadas.

« Malvado! » exclamou, atreves-te a accusar a Providencia? Ousas igualar-te ao salteador? Os seus

crimes em nada se comparam aos teus. As atrocidades que elle commetteu acabaram com a sua vida. Porém tu? — Ha muito que os teus ossos estão carbonisados, e todavia cada sol que nasce descobre novos males, dos quaes és a causa. A peçonha dos teus escriptos não sómente não esmorece, mas toma incremento e cresce em malicias ao passo que decorrem os annos. Olha!» e fez-lhe ver o mundo n'um relance; « Vê os crimes e as miserias que tu causas. Vè aquellos filhos que deshonraram as suas familias e levaram os seus pais ao desespero. Quem lhes corrompeu o espirito e o coração? Tu! Quem trabalhou por romper os laços da sociedade, ridiculisando e tratando de ninharias a santidade do matrimonio, o direito da autoridade e da lei, attribuindo-lhes a desventura da humanidade? Tu! Por ventura não divinisaste a descrença, á qual chamaste luz? Não pintaste o vicio e a paixão com as mais vividas e attrahentes côres? Olha ainda! — o paiz inteiro pervertido pela tua doutrina, assassinios, roubos, discordias, rebeldias que o arrastam á perdição. Tua é a culpa de todas essas lagrimas vertidas, de todo esse sangue derramado. E ainda blasphemas os deoses! Quantos males resultarão ainda da leitura das tuas obras? Continua pois soffrendo, porque aqui mede-se o castigo pelo delicto. Taes foram as palavras da irada Furia. E tapou o caldeirão com estrepito. » (1)

(1) *Kriloff e as suas Fabulas.* Por W. R. S. Ralston, M. A.

CAPITULO XVI

O Fim.

« Dissolvido tudo na penumbra da morte... desmoronados os tremulos pilares... tomai, Senhor, esse pó em vossas mãos... e transfigurai-o. » — O. Wendell Holmes.

Ouço o que tu não ouves... Uma voz que me chama... Vejo o que tu não vês... Uma mão que por acenos... me convida. » — Tickell.

« O vida! O morte! Ó mundo! Ó tempo!... O campa em que todos nos sumimos... transformai em gozos sublimes... as lagrimas que em teu seio se escondem.

« A vida é nossa, em quanto vivemos. Perdemol-a como o sol que desapparece na sua rapida carreira; e sem que o vejamos mover... E só em pó se converte; e o nosso sol sumir-se-ha nas sombras da morte. »

O adolescente entra na vida com alegria e enthusiasmo. O mundo esmaltado de brilhantes côres alarga-se-lhe diante da vista como uma paizagem banhada pelo sol. Não tarda o tempo em esmorecer-lhe-o enthusiasmo. O frescor da alvorada não condiz com os ardores do dia ou os gelos da noute. Passa a juventude, amadurecem os annos, e finalmente tem de conformar-se com a velhice.

Acaba como viveu. As palavras e as acções são irrevogaveis. Formam um todo com o individuo, e passam á posteridade. O nosso passado nos está sempre presente. « O mal » diz Jeremias Taylor,

« convida-nos com um sorriso, traz mel nos labios, « ena face uma irradiante luz. » Chegado á idade madura, se o homem máo não reforma os seus costumes, aguarda a velhice com temor e desespero.

Pelo contrario, os bons principios são um escudo impenetravel. « A verdadeira religião », diz Cecil, « é a vida, a saúde e a educação da alma; n'ella encontramos a força necessaria para toda boa palavra ou acção.

Todos havemos de seguir viagem, e os sitios em que vivemos chegarão a desconhecer-nos. A invisivel mensageira está sempre á espreita, — « a mensageira, diz Carlyle, « que arrasta comsigo os activos e os ociosos, que ceifa o homem entregue aos seus prazeres ou occupações, o transforma, e leva. » « O pobre Eduardo, » diz Balzac, « foi detido a meio caminho da vida. Já começou a mandar as suas equipagens e os seus jockeys como embaixada ao mais poderoso soberano do orbe terrestre, a morte.

A todos alcança. Cada dia damos uma enxadada na nossa cova. A ampulheta é o emblema da vida. Cáe a areia grão por grão e depois segue-se o silencio, a morte. Os mesmos monarchas passam sobre os tumulos dos seus antecessores para serem coroados; e novamente passam sobre elles para descerem á campa.

Achando-se Wilkie no Escorial admirando o famoso quadro de Ticiano que representa a Ultima Ceia, disse-lhe um velho monge jeronimo : « Ha perto de sessenta annos que estou diariamente em presença d'esta pintura. No decurso d'este periodo têm des-

apparecido os meus companheiros uns após outros; todos os que me avantajavam em annos, todos os que eram d'idade igual á minha, e muitos ou quasi todos os que contavam menos annos do que eu. As gerações têm passado e todavia as figuras n'esse quadro ahi jazem immutaveis! Tanto olho para ellas, que algumas vezes penso que somos nós as sombras e ellas a realidade». Porém chegou o dia em que o velho monge tambem desappareceu.

Os velhos têm de deixar lugar aos jovens, e estes a outros mais jovens do que elles. Abatidos pelos longos annos, pouco mais fazemos do que vegetar, tornamo-nos pesados ao proximo e a nós mesmos, e o peor é que cada dia anciamos mais pela prolongação da vida.

« Quando vejo ao redor de mim », diz Perthes, « muitos homens de avançada idade, acóde-me á memoria a exclamação de Frederico Magno aos seus granadeiros, que hesitavam em avançar para uma morte certa, « Pois que, cães? pretendeis viver sempre? »[1]

O grande Cyro mandára gravar sobre a sua campa estas palavras: « Ó homem! quem quer que tu sejas, e d'onde quer que tu venhas (porque sei que has de vir), eu sou Cyro, fundador do Imperio Persa; não cobices o punhado de terra em que descança o meu corpo. » Alexandre Magno, visitando esse tumulo, sentiu-se fortemente impressionado com tal epitaphio, que tão bem definia a incerteza e as vicissitudes das

1. *Vida de Perthes*, II, 473.

cousas terrenas. O tumulo foi profanado, e Alexandre condemnou á morte o autor da profanação.

As unicas palavras sensatas de Xerxes, das quaes se conserva memoria, foram as que proferiu á vista do milhão de homens armados de que se compunha o seu exercito, que nem um só de todos elles viviria mais cem annos. Este pensamento indica um rapido momento de luz e de sentimento[1].

Pericles, nos ultimos instantes da sua vida, disse que ao passo que todos o elogiavam por cousas que outros poderiam ter feito como elle as fizera, ninguem tinha em conta o que havia de mais meritorio na sua existencia : « Que nenhum atheniense por sua culpa tivera de vestir-se de luto. »

Os homens cujos desejos são illimitados e as ambições desmedidas, entregam-se ao desespero. Alexandre lamentava a falta de reinos para conquistar. Mahmoud, o Ghizneride, primeiro conquistador mahometano da India, deplorava igualmente a falta de victorias a ganhar. Sentindo-se morrer, mandou que lhe trouxessem todos os seus thesouros de ouro e pedrarias, e vendo-os, desfez-se em pranto como uma criança. « Ai de mim! » exclamou: « Quantos riscos corri, quantas fadigas de corpo e de espirito soffri para adquirir estes thesouros, e quantos cuidados para os conservar! E vou agora morrer e deixal-os! » Deram-lhe sepultura no seu palacio, aonde dizem que o seu espirito vinha errar tristemente.

1. V. *As mortes santas*, cap I, sec. por Jeremias Taylor, no que se refere á morte de Nino o grande monarca assyrio.

Igualmente ao infeliz fabricante de Manchester, que accumulára uma immensa fortuna, trouxeram uma pilha de soberanos novos que collocaram sobre a colcha da cama; e elle, com os olhos arregalados acariciando-os, colhia-os a punhados e deixava-os cahir um a um deleitando-se em ouvil-os tinir. Depois de morto, ficára tão rico como o mendigo que pedia á sua porta.

Pavorosa foi a morte de Carlos IX de França, que ordenára a degolação dos Huguenotes na memoranda noute de São Bartholomêo, e fôra atormentado por essa sinistra recordação nos ultimos momentos da sua vida. « Não sei o que isto seja », dizia elle ao medico Ambroise Paré, que o assistia », mas sinto-me arder em febre estes dias. Ando como allucinado. A toda hora, quer esteja a dormir, quer acordado, vejo-me perseguido por cadaveres cobertos de sangue e de aspecto horrendo. Oxalá que eu tivesse poupado a vida aos innocentes e aos imbecis. » Finára-se dous annos depois d'essa espantosa carnificina, e não deixando de trazer presentes no espirito aterrado os horrores do dia de São Bartholomêo.

Sydney Smith achando-se de visita no castello Howard, parou com Sir Samuel Romilly nos degráos do portico; e olhando para o esplendido panorama que se desenrolava aos seus pés, demorou a vista por algum tempo no mausolêo de familia que d'alli se divisava, e exclamou erguendo os braços : « Ai! estas são as cousas que tornam custosa a morte! »

Quando o Cardeal Mazarino soube que lhe não davam mais de dous mezes de vida, começou a percorrer as suas magnificas galerias repletas de obras exquisitas de arte, e exclamou : « Tenho pois de separar-me de tudo isto ! Quanto trabalho para accumular todas estas cousas que não tornarei mais a ver ! » Brienne approximou-se, e o Cardeal deu-lhe o braço, dizendo : «, Sinto-me muito cançado, já quasi não vejo ». Tornou, porém, aos seus lamentos : «Vêde, amigo, aquella soberba pintura de Correggio, aquella Venus de Ticiano e aquelle quàdro incomparavel de Hannibal Caravaccio ! E tenho de separar-me de todas estas maravilhas ! Adeus, queridas pinturas, que eu amava tanto e que tão caro me custaram !» (1)

Ha, porém, cousas peores do que a morte. Não é essa a maior das calamidades. A morte nivela, mas ennobrece. O amor resiste á morte. Para o dever cumprido, a morte é um descanço : para a falta de probidade a morte é um pavor. » « Louvo a Deos », disse Sir Harry Vane antes de ser executado em Tower Hill, « por não ter desertado a justa causa pela qual eu padeço. » A Sir Walter Raleigh disse o algoz que lhe ia decepar a cabeça, que a voltasse para o nascente. « Pouco importa a postura da cabeça, « replicou elle, comtanto que a do coração esteja recta. »

A cabeceira d'um grande marechal moribundo teciam o elogio das suas victorias e do numero de bandeiras que tomára ao inimigo ». « Ah ! » disse o

1, *Palestras da segunda feira*, II, 249 por Sainte-Beuve.

velho guerreiro, « de que pouco servem todos esses feitos que intitulais *gloriosos*! Todos juntos não valem um copo d'agua dado pelo amor de Deos. »

Sir John Moore, ferido de morte no campo de batalha de Corunha, disse ao medico que acudia em seu auxilio. » Não, não! A mim já me não podeis servir; ide aos soldados, a quem podeis ser util. » As ultimas palavras de Nelson foram: « Graças a Deos, cumpri com o meu dever, cumpri com o meu dever! « Filho, » disse Walter Scott a seu genro quando estava para morrer: » sê bom, virtuoso, religioso; sê bom. Só isso te servirá de conforto quando para ti chegar esta hora. »

« Pratica e o bem! » foi a ultima recommendação de Samuel Johnson á hora da morte.

Kant viveu até aos oitenta annos conservando o pleno uso das suas faculdades até o fim. Durante a sua ultima enfermidade fallava muito no seu proximo fim. » Não receio a morte » dizia, « porque sei morrer. Certifico-vos que se soubesse ser esta a minha ultima noute, diria: « Deos seja louvado! Mas, que outra cousa seria, se eu tivesse causado a desgraça do meu semelhante! »

A Kant tambem se attribuem estas palavras : « Rouba e ao homem a Esperança e o Somno, e fal-o heis o ser mais desditoso d'este mundo. Tornar-se-ia o pesado fardo da vida superior ás nossas debeis forças, as quaes sómente anima a viva esperança de gosar a terra promettida n'esta ardua ascensão do Pisgah. »

Ha um modo unico de entrarmos na vida, e mil maneiras diversas de despedirmo-nos d'ella. A vida encerra-se entre o nascimento e a morte. Deos dá-nos o ser e acusto dia das chaves da vida com liberdade de obrar, de trabalhar, de amar o proximo e de cumprir o nosso dever para com elle.» A religião julga-se pelo dever cumprido », disse Jeremias Taylor. A religião é mais uma vida divina do que uma divina sciencia. No paraiso começamos por ver antes de amar; mas aqui sobre a terra, devemos amar primeiro, e o amor abrirá os nossos olhos, e os nossos corações, e então veremos, descortinaremos e comprehenderemos. »

Para encararmos o futuro com tranquillidade, devemos trabalhar com valor dia por dia. A firme esperança d'uma segunda existencia, em que toda lagrima será enxugada, é que infunde a sufficiente coragem para arrastarmos com as penas e os trabalhos da vida. O verdadeiro thesouro que o homem conserva depois da morte é o bem que tiver feito ao seu proximo em vida. D'elle se dirá depois de morto, « que herança deixa? « Mas os anjos que o julgarem sómente lhe perguntarão », Que boas obras precederam a sua chegada? »

Tudo tem fim debaixo do sol. O livro tem a ultima linha, o sermão a ultima phrase, o discurso o ultimo periodo, a vida a ultima obra, a morte, as ultimas palavras : « Livrai, Senhor, a minha alma d'este carcere, para que eu possa louvar o vosso nome, » foram as ultimas palavras de S. Francisco de

Assis. *Hic jacet*, é a inscripção sepulchral que a todos e a tudo se applica. E os secretissimos arcanos de todos os corações serão descortinados finalmente, no ultimo dia.

Assim é o tempo, que nos toma a credito... a juventude, a alegria e tudo quanto somos ou temos... e só nos paga com a velhice e o pó... quando depois de concluida a carreira... nos encerra na sombria e silenciosa campa... de cuja campa, terra e cinza... o Senhor por fim nos fará resurgir.

WELLCOME LIBRARY INSTITUTE

PARIS. — IMP. E. DESFOSSÉS, 13, QUAI VOLTAIRE. — 77371-6-20

